3500

ST FARI/S1

Sofia Barreiros Macedo de Faria

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O optimismo na Educação: uma abordagem para o Ensino Superior

Um estudo nos cursos de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico do 1° ciclo

ISPA

11758

Lisboa 2004

ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Centro de Documentação

Reg. nº: 15758

Data: 20/04/05

Tel.: 21 831 17 50 • bibispa@ispa.pt

Sofia Barreiros Macedo de Faria

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O optimismo na Educação: uma abordagem para o Ensino Superior

Um estudo nos cursos de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico do 1° ciclo

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

Tese de dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Mestrado em Psicologia Educacional

Orientadoras:
Professora Doutora Helena Marujo
Professora Doutora Glória Ramalho

Lisboa 2004

"Ela (a utopia) está no horizonte;
Avanço dois passos e ela afasta-se dois passos;
Avanço dez passos e o horizonte distancia-se
de mim dez passos;
Posso ir tão longe quanto quiser;
Nunca lá chegarei;
Para que serve então a utopia?
Para isso mesmo: para avançarmos."

Eduardo Galeano

AGRADECIMENTOS

"Não serve de nada tentar" disse a Alice, "uma pessoa não consegue acreditar em coisas impossíveis."

"Permita-se afirmar que não tem tido muita prática", disse a Rainha. "Quando eu tinha a sua idade, treinava sempre meia-hora por dia. Chegou-me a acontecer ter acreditado em pelo menos seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço."

Lewis Caroll

Assim eu me poderia chamar Alice, como a Professora Doutora Helena Marujo poderia ser a Rainha.

Por isso gostaria de agradecer-lhe a sua orientação e o seu apoio dado neste trabalho, mas principalmente o ter conseguido reavivar o meu lado optimista.

À Professora Doutora Glória Ramalho um enorme agradecimento pela ajuda e apoio no tratamento estatístico dos dados, pela sua disponibilidade e sugestões em relação á organização e conteúdo da tese, mesmo não estando completamente dentro da temática.

À Mestre Fátima Perloiro pela grande simpatia, abertura e amabilidade em me ter autorizado a utilizar a escala ELOT-versão portuguesa revista.

Aos meus colegas e amigos de sempre pelo incentivo, pela força e por acreditarem em mim.

A toda a minha família, aos meus dois filhos Mariana e Rodrigo, pela compreensão perante a falta de disponibilidade e pela atitude de espera, ao Jorge, meu marido pelo incentivo e força para conseguir ultrapassar mais um percurso da minha vida académica e profissional e aos meus pais pela confiança, valorização e crença na evolução do pensamento.

Um obrigada muito, mas muito especial à minha irmã, Cláudia, pelas horas gastas, a disponibilidade quase total, o apoio incondicional e a demonstração de que a nossa amizade é e sempre será para o resto das nossas vidas.

Aos estudantes que responderam aos questionários muito obrigada, pois sem eles a realização deste trabalho não teria sido possível.

Agradeço também à Instituição que serviu de base a este estudo e aos membros da Direcção pela disponibilidade prestada e todo o apoio dado.

A todos os outros que não tendo nomeado, contribuíram duma forma indirecta para a conclusão deste trabalho, muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado aborda o tema da educação para o optimismo no Ensino Superior. A primeira parte deste trabalho consiste num enquadramento teórico do tema, que se inicia com uma breve perspectiva histórica sobre a Psicologia Positiva, seguindo-se uma abordagem aos conceitos de optimismo e pessimismo, fazendo-se ainda uma breve referência à origem do optimismo e do pessimismo e ao bem-estar subjectivo. Por fim faz-se a ligação destes conceitos à educação, principalmente no Ensino Superior, e termina-se com uma revisão sobre os instrumentos existentes para avaliar o optimismo e o pessimismo.

A segunda parte deste trabalho é composta por dois estudos efectuados a alunos dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1º ciclo de uma Escola Superior de Educação. No primeiro estudo, que teve como objectivo principal verificar as diferenças e semelhanças apresentadas pelos alunos ao nível do grau de optimismo/pessimismo entre os 4 anos de cada um dos dois cursos, foi aplicada a escala ELOT – versão adaptada para a população portuguesa, em dois momentos distintos, no início e no final de cada ano, de cada curso. No segundo estudo, que teve como objectivo relacionar o factor pessoal de optimismo/pessimismo dos alunos com o contexto e compreender quais os factores que poderão promover o desenvolvimento do optimismo na formação dos jovens profissionais de educação, foram entrevistados os cinco alunos mais optimistas e os cinco alunos mais pessimistas de cada ano, de cada curso, em dois momentos distintos, no início e no final do ano lectivo, tendo sido efectuada uma análise de conteúdo destas entrevistas.

Pode-se concluir que em relação ao primeiro estudo o padrão dos níveis de optimismo e pessimismo, embora se tenha mantido constante durante as duas aplicações, não foi igual nos dois cursos. O curso de Educação de Infância apresentou uma quebra em relação aos níveis de optimismo a partir do 2º ano, ao contrário do curso de Professores do Ensino Básico do 1º ciclo, que apresentou valores semelhantes entre os 4 anos do curso.

Em relação ao segundo estudo concluiu-se que os alunos dos dois cursos valorizam e estão abertos às questões relacionais e afectivas na relação pedagógica, o que nos abre portas para repensarmos a formação inicial de forma a podermos caminhar para uma educação para o optimismo.

ÍNDICE

Índice de Quadros 8
Índice de Figuras 13
1. Introdução 15
2. Psicologia Positiva: uma perspectiva histórica 17
3. Optimismo e pessimismo: diferentes abordagens aos conceitos 23
3.1. Optimismo pessoal e social 27
3.2. Optimismo como "disposição interna" ou expectativa positiva face ao futuro 28
3.3. Optimismo e pessimismo irrealista 29
3.4. Pessimismo defensivo e o optimismo estratégico 31
3.5. Optimismo ou ilusão positiva 33
4. As origens do optimismo e do pessimismo: herdados ou adquiridos? 34
5. Bem-Estar Subjectivo 36
6. Optimismo e sua correlação com algumas variáveis sócio-demográficas 39
6.1. Optimismo e género 39
6.2. Optimismo e estado civil 39
6.3. Optimismo e a quantidade/qualidade das relações sociais 40
6.4. Optimismo e religião 40
7. Optimismo e pessimismo na educação: um enquadramento para o Ensino Superior 41
8. Optimismo e pessimismo: uma avaliação dos constructos 55
8.1. LOT e LOT-R 55
8.2. OPS– Optimism and Pessimism Scale 58
8.3. ELOT 59
8.4. Escala de optimismo de Barros de Oliveira 61
8.5. Síntese relativa aos instrumentos de avaliação 62
9. Estudo 1: Aplicação da escala ELOT (versão portuguesa) aos estudantes de uma Escola Superior de Educação dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo 64
9.1. Metodologia 64
9.1.1. Objectivos 64
9.1.2. Caracterização da amostra 64
9.1.3. Procedimentos 66
9.2. Resultados 66
9.2.1. Curso de Educação de Infância 66
9.2.2. Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo 70
9.3. Discussão dos resultados 74
10. Estudo 2: Realização de uma entrevista para avaliação do optimismo/pessimismo numa Escola Superior de Educação 78
10.1. Metodologia 78
10.1.1. Objectivos 78
10.1.2. Caracterização da amostra 78

10.1.3. Procedimentos 78
10.2. Resultados 90
10.2.1. Curso de Educação de Infância 90
10.2.2. Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo 141
10.3. Discussão dos resultados 181
11. Conclusão e Recomendações 191
12. Referências Bibliográficas 193
13. Anexos

Índice de Quadros:

Quadro 1: Lista de "forças" (*in* Seligman & Peterson, 2000) 19
Quadro 2: Esquematização das três dimensões dos estilos explicativos face a acontecimentos da vida (*in* Perloiro, 2002) 25
Quadro 3: Itens do Life Orientation Test (Scheier & Carver, 1985) 56
Quadro 4: Valores obtidos quanto à dimensionalidade do LOT (*in* Chang et al., 1994, p. 150) 57
Quadro 5: Análise comparativa de valores de consistência interna do LOT em diversos estudos (*in* Perloiro, 2002) 57
Quadro 6: Itens do Revised Life Orientation Test (Scheier et al., 1994) 58
Quadro 7: Indicadores de consistência interna do ELOT em três estudos (*in* Perloiro, 2002) 59
Quadro 8: Médias, desvios padrão e fidedignidade estimadas para as sub-escalas de optimismo e pessimismo do ELOT (N=425) (*in* Chang et al., 1997, p. 436) 60
Quadro 9: Itens do Extended Life Orientation Test (Chang et al., 1997) - versão portuguesa (Perloiro, 2002) 60
Quadro 10: Características sócio-demográficas dos 628 sujeitos que responderam ao inquérito (escala ELOT) 65
Quadro 11: Média e desvio padrão, mínimo e máximo das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos para o curso de Educação de Infância 67
Quadro 12: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de optimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Educação de Infância (1ª aplicação) 67
Quadro 13: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de pessimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Educação de Infância (1ª aplicação) 69
Quadro 14: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de optimismo das duas aplicações para o curso de Educação de Infância 70
Quadro 15: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de pessimismo das duas aplicações para o curso de Educação de Infância 70
Quadro 16: Média, desvio padrão, mínimo e máximo das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo 70
Quadro 17: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de optimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo (1ª aplicação) 71
Quadro 18: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de pessimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo (1ª aplicação) 72
Quadro 19: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de optimismo das duas aplicações para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo 72
Quadro 20: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de pessimismo das duas aplicações para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo 72

Quadro 21: Características socio-demográficas dos 80 sujeitos que responderam ao guião de entrevista 79
Quadro 22: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 91
Quadro 23: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade" 92
Quadro 24: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 93
Quadro 25: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 94
Quadro 26: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 95
Quadro 27: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 101
Quadro 28: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade" 102
Quadro 29: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 103
Quadro30: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 104
Quadro 31: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 105
Quadro 32: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimista do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 116

Quadro 44: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 144
Quadro 45: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 145
Quadro 46: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 146
Quadro 47: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 152
Quadro 48: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade" 153
Quadro 49: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 154
Quadro 50: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 155
Quadro 51: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 156
Quadro 52: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimista do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 163
Quadro 53: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade" 164
Quadro 54: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 165

Quadro 55: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 166
Quadro 56: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 167
Quadro 57: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes" 172
Quadro 58: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade" 173
Quadro 59: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade" 174
Quadro 60: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade" 175
Quadro 61: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade" 176

Índice de Figuras:

Figura 1: Valor médio do optimismo e pessimismo obtido em cada uma das aplicações, para cada uma das variáveis sócio-demográficas consideradas. (optim.1: pontuações de optimismo na primeira aplicação; optim.2: pontuações de optimismo na segunda aplicação; pess.1: pontuações de pessimismo na primeira aplicação; pess.2: pontuações de pessimismo na segunda aplicação) 68

Figura 2: Valor médio do optimismo e pessimismo obtido em cada uma das aplicações, para cada uma das variáveis sócio-demográficas consideradas. (optim.1: pontuações de optimismo na primeira aplicação; optim.2: pontuações de optimismo na segunda aplicação; pess.1: pontuações de pessimismo na primeira aplicação; pess.2: pontuações de pessimismo na segunda aplicação) 73

Figura 3. Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Caracterização dos respondentes", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; desvaloriz.=desvalorização das competências; valoriz.=valorização das competências; pessim.def.=pessimismo defensivo) 110

Figura 4: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A=Tipo de influência; B=Influência da família; C=Influência dos professores; D=Influência dos colegas; E=Professor como figura de referência. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; profess.=professores; exp.vida=experiência de vida; inex.=inexistente) 111

Figura 5: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A= Influência dos professores; B=Influência do ambiente; C=Influência dos colegas; D=Influência do curso em geral. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente) 112

Figura 6: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Ligação à Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A=Aspectos valorizados; B=Auto-realização; C=Laços com a Universidade; D=Experiências positivas em grupo; E=Momentos de forte envolvimento; F=Momentos mais convidativos à acção; G=Formas de maior comprometimento. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente; rec.hum.=recursos humanos; rec.amb.=recursos ambientais; qual.ens.=qualidade de ensino; academ.=académico) 113

Figura 7: Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Percepção da Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; distrib.=distribuição; rec.desp.=recursos desportivos; localiz.=localização; acont.ac.=acontecimentos académicos; administ.=administração) 114

Figura 8. Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Caracterização dos respondentes", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; desvaloriz.=desvalorização das competências; valoriz.=valorização das competências; pessim.def.=pessimismo defensivo) 135

Figura 9: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A=Tipo de influência; B=Influência da família; C=Influência dos professores; D=Influência dos colegas; E=Professor como figura de referência. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; profess.=professores; exp.vida=experiência de vida; inex.=inexistente) 136

Figura 10: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A= Influência dos professores; B=Influência do ambiente; C=Influência dos colegas; D=Influência do curso em geral. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente) 137

Figura 11: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Ligação à Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A=Aspectos valorizados; B=Auto-realização; C=Laços com a Universidade; D=Experiências positivas em grupo; E=Momentos de forte envolvimento; F=Momentos mais convidativos à acção; G=Formas de maior comprometimento. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente; rec.hum.=recursos humanos; rec.amb.=recursos ambientais; qual.ens.=qualidade de ensino; academ.=académico) 138

Figura 12: Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Percepção da Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; distrib.=distribuição; rec.desp.=recursos desportivos; localiz.=localização; acont.ac.=acontecimentos académicos; administ.=administração) 139

1. Introdução

"Ai daqueles que não
morderam o sonho
e de cuja loucura
nem mesmo a morte
os redimirá"
Paulo Leminski

Há mais de 200 anos que nos países do ocidente os conceitos de optimismo e pessimismo são parte integrante da forma de pensar. No entanto, só nos últimos anos a investigação científica veio a crescer de forma visível nesta área, fazendo-se salientar trabalhos conceptuais e empíricos de inegável qualidade, de onde se destacam os escritos de Martin Seligman, Charles Carver e Michael Scheier.

A psicologia tem contribuído largamente para o estudo dos processos mentais e do comportamento humano com o objectivo de promover o bem-estar psicológico das pessoas. Tem actuado tratando problemas e controlando factores de risco, prevenindo desajustamentos ou promovendo o bem-estar e o desenvolvimento saudável dos indivíduos (Perloiro, 2002).

Como refere Seligman (1992 *in* Barros de Oliveira, 1998) estamos no momento histórico para fazer uma viragem fundamental: que a psicologia, que até há pouco tempo se centrava e se preocupava em pesquisas direccionadas para o que está mal, para os problemas, para aquilo que não funciona, para aquilo que é negativo, se vire e se abra para uma perspectiva da saúde e não da doença, e que invista naquilo a que se veio a convencionar chamar a psicologia positiva. Esta defende a ideia de que é urgente estudar as virtudes e as forças humanas, tais como o optimismo, o bem estar, a felicidade, a esperança, a satisfação, as competências sociais, a criatividade, etc.

A psicologia positiva possui três áreas de estudo específicas: o estudo das experiências positivas subjectivas; o estudo dos traços individuais; o estudo das instituições que promovem os dois aspectos anteriores (Seligman e Peterson, 2000). O optimismo surge nesta classificação como um traço positivo individual e embora este estudo vá incidir sobre ele, parece-nos pertinente tentar relacioná-lo com o terceiro aspecto, ou seja, compreender de que forma as instituições, em particular as académicas, aqui entendidas enquanto espaços de formação pedagógica, contextos de aprendizagem, influenciam e desenvolvem este traço individual nos indivíduos.

Não existe no entanto, ainda, uma única definição de optimismo e pessimismo que seja generalizadamente aceite. As noções mais divulgadas de optimismo e pessimismo são a definição de Scheier e Carver (1985) que os considera como expectativas generalizadas de resultados positivos ou negativos, e a definição de optimismo como estilo explicativo de Peterson e Seligman (1994). O optimismo é ainda geralmente definido como um atributo positivo, ou uma tendência para um indivíduo esperar que lhe aconteça o melhor na vida (Goodman et al., 1997).

Até aqui o estudo do optimismo tem-se revelado muito importante quando relacionado com os efeitos benéficos que tem sobre a saúde física e mental. Segundo Anderson

(1996) os estados emocionais são a consequência mais plausível dos efeitos do optimismo e do pessimismo. A existência de atitudes e cognições optimistas protege da depressão e do "burnout" (Scheier e Carver, 1991; Aspinwall e Taylor, 1992; Vickens e Vogeltanz, 2000; Brissete et al., 2002). Segundo Chang (1995 *in* Brissete et al., 2002) o optimismo está positivamente relacionado com a resistência à adversidade, a resolução de problemas e a reestruturação cognitiva, com uma maior rede de amigos e com uma melhor percepção de suporte social.

Outro aspecto importante diz respeito à relação estreita que existe entre optimismo e educação. Através dos estudos realizados por Marujo et al. (1999) tem ficado demonstrado que é possível e urgente trabalhar a área do optimismo na educação do indivíduo, mas é também necessário trabalhar esta questão do educar para o optimismo ao nível da formação de professores/educadores. No caso do presente trabalho, defende-se a extensão desta importância aos estudantes universitários, que estão ainda num processo de construção e de aprendizagem, mas que serão em breve professores e educadores profissionais.

Segundo estes autores "vivemos numa cultura e num momento histórico que enche a vida com o drama e as teias baças da desgraça, que faz alarido com as maldades, as incompreensões e os insucessos" (Marujo et al., 2001, p. 13). Deverá caber à escola, enquanto espaço de construção do ser e não apenas do saber desenvolver uma nova cultura.

Segundo Alves (2003, p. 13) "o mestre nasce da exuberância da felicidade. E por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão os professores deveriam ter coragem para dar a resposta absurda: sou um pastor da alegria..., mas é claro, somente os seus alunos poderão atestar a verdade da sua declaração..." Aqui se considera, em consonância, a pertinência, quiçá urgência, de educar para o optimismo aqueles que serão educadores, numa clara relação intergeracional, de onde o mestre sai da sua mais forte actuação de modelo e construtor na relação privilegiada que vive com os formandos ou alunos. Consideramos esta ligação particularmente promissora, tanto mais quanto estes estudantes serão educadores e professores das fases mais precoces da vida: a escolaridade básica ao nível do 1° ciclo, e a pré-escolaridade.

Seligman, no seu livro de 1991, intitulado "Learned Optimism" defende que o optimismo se aprende; concepção que irá cimentar no livro "Optimistic Child", onde apresenta um programa de educação – o PENN – nesta área. Junto dos adultos, Marujo e colaboradores (1999) têm igualmente questionado, no âmbito do optimismo, o que fará o sistema de educação formal, nomeadamente a escola, pela educação do optimismo, supondo-o então passível de ser aprendido e desenvolvido. Esta é uma questão que nos interessa estudar, nomeadamente na formação de professores/educadores.

Assim, este trabalho compõe-se de dois estudos. O primeiro, onde se aplicou a escala ELOT (Extended Life Orientation Test), na sua versão portuguesa e adaptada para a população (Anexo A), em dois momentos distintos, Novembro e Maio do ano lectivo 2003/2004, a uma amostra de 628 sujeitos, com idades compreendidas entre os 19 e 40 anos, alunos duma Escola Superior de Educação, a frequentarem as licenciaturas em Educação de Infância e Ensino Básico 1° Ciclo, do 1° ao 4° ano de cada curso. Este estudo teve como objectivo verificar quais as diferenças e semelhanças apresentadas

pelos alunos ao nível do grau de optimismo/pessimismo entre os quatro anos dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1° Ciclo.

O segundo, onde se fez uma entrevista (Anexo B), a 10 alunos de cada ano dos dois cursos em estudo (os 5 mais optimistas e os 5 mais pessimistas de acordo com os resultados obtidos no ELOT), em dois momentos distintos, Dezembro e Junho do ano lectivo 2003/2004. Este estudo teve como objectivo relacionar o factor pessoal de optimismo/pessimismo dos alunos com o contexto (escola, curso, disciplina, professor), e compreender quais os factores que poderão promover o desenvolvimento do optimismo na formação dos jovens profissionais de educação.

Esta recolha de dados permitiu caracterizar um conjunto de indivíduos quanto aos seus níveis de optimismo e pessimismo. Tais factores foram também relacionados com diversas variáveis sócio-demográficas, tais como: idade, género, estado civil, situação profissional, residência, composição do agregado familiar, frequência de cursos anteriores e religião. O facto de este estudo ter sido realizado ao longo dos quatro anos de cada curso permitiu avaliar quais as diferenças apresentadas pelos alunos em termos de optimismo/pessimismo. Por outro lado, o facto de o estudo se ter realizado em dois cursos com currículos semelhantes (Anexo C) permitiu a comparação da evolução dos factores em estudo ao longo do percurso de formação dos alunos.

Este trabalho está organizado de forma a que numa primeira parte se possa ter acesso a um enquadramento histórico do optimismo e da sua relação com a psicologia positiva. Seguidamente faz-se uma revisão da literatura sobre definição de conceitos de optimismo, pessimismo e educação para o optimismo e sobre a sua relação com as variáveis sócio-demográficas. Numa terceira parte, procura-se relacionar estes conceitos com o contexto educativo académico, e reflectir sobre a sua importância na formação de professores/educadores, nomeadamente nos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo. Depois surge uma quarta parte, onde se faz uma introdução às metodologias utilizadas para avaliar o optimismo e se apresentam os instrumentos de avaliação mais utilizados. Finalmente, é apresentada toda a parte metodológica, com os respectivos dados encontrados, as pontes com a conceptualização teórica e uma síntese das principais conclusões. Termina-se com propostas para futuras investigações e sugestões de acção no campo da psicologia positiva e do optimismo na educação.

2. Psicologia Positiva: uma abordagem histórica

"É a forma como escolho
ver o mundo que cria o
mundo que eu vejo"
Joan Lunden

Na sequência da 2ª Guerra Mundial a psicologia transformou-se numa ciência dedicada à cura. Concentrou-se em reparar os estragos usando um método de compreensão do funcionamento humano enquadrado no sentido da doença/cura. No início deste século, no entanto, a viragem para o enfoque numa psicologia positiva pretendeu provocar uma mudança de paradigma no sentido de não só se preocupar apenas em reparar as piores coisas da vida, mas também em construir as suas melhores qualidades.

Situando-nos a um nível subjectivo, a área de actuação da psicologia positiva versa sobre experiências positivas e pessoais, tais como bem estar, satisfação, felicidade, e construções do pensamento sobre o futuro, tais como o optimismo, a esperança e a fé.

A um nível dos traços positivos individuais, podemos situá-la na área das capacidades pessoais positivas tais como a capacidade de amar, a vocação, a coragem, competências interpessoais, sensibilidade, perseverança, capacidade de perdoar, originalidade, talentos escondidos e sabedoria. Elevando a um nível alargado de grupo ou instituições podemos falar em virtudes cívicas que nos tornam melhores cidadãos, tais como responsabilidade, altruísmo, civismo, moderação, tolerância e trabalho ético.

Este movimento da psicologia positiva iniciou-se com Seligman, quando da sua eleição para membro da presidência da Associação Americana de Psicologia. Aquilo que a psicologia positiva nos tenta mostrar é a ideia de que a psicologia não serve apenas para estudar a doença, as fragilidades e as mazelas, mas serve também para estudar as virtudes e a vontade de vencer. Tratar não é só reparar o que está mal, é também ajudar a construir aquilo que está bem. A psicologia não é só sobre a doença e a saúde, é também sobre o trabalho, a educação, o amor, o crescimento e o divertimento.

Esta nova perspectiva aponta para uma mudança da psicologia que passa a centrar-se no estudo do que funciona ao invés daquilo que não funciona, a estudar as mais-valias que existem nas pessoas ao invés de procurar as suas fragilidades, a identificar o que as pessoas têm de melhor, ao invés de procurar os problemas. Em relação ao meio envolvente pretende-se estudar quais são os elementos que possibilitam o crescimento ou o fortalecimento ao invés dos factores de risco.

Em Julho de 2000 inicia-se o "Telos Taxonomy Project", apoiado pela Fundação Meyerson e dirigido por Peterson e Vaillant, com o objectivo de estabelecer vários critérios que explicitassem o que se entende por "forças", tendo Seligman (2002) defendido o seguinte:

1. As "forças" deverão ser características do tipo traço, no sentido de representarem o máximo divisor comum nas situações, deverão ser estáveis ao longo do tempo. São mais do que ausência de stress ou de problemas;
2. As "forças" deverão ser apreciadas enquanto presentes, e desejadas enquanto ausentes. Uma "força" será algo que é valorizado por si mesmo, apesar da ausência dos seus benefícios;
3. Os pais tentam inculcar "forças" nos seus filhos. Por exemplo, quando se pergunta aos pais o que desejam para os seus filhos, geralmente respondem que sejam boas pessoas, honestos, prudentes, etc. A maior parte dos pais não dirá que aquilo que deseja para os filhos é que não tenham problemas de psicopatologia;
4. A sociedade em geral pretende proporcionar instituições e rituais vários que cultivam as "forças";
5. As diferentes culturas providenciam modelos, mitos e literatura que ilustram a presença marcante de determinadas forças;
6. Há sujeitos priveligiadamente relacionados com as "forças": crianças prodígio que mostram mais cedo do que é normal a emergência de determinada "força" ou então que a exibem com maior saliência;
7. Para fazer parte da taxonomia "força resiliente" tem de ser positivamente avaliada de uma forma transcultural.

Quadro 1: Lista de "forças" (*in* Seligman e Peterson, 2000)

Categoria das "forças"	Descrição das "forças"
"Forças" cognitivas (virtudes possíveis através do conhecimento, quer semântico quer prático)	1. Curiosidade/interesse 2. Gosto pelo saber/conhecimento 3. Racionalidade/julgamento 4. Originalidade/sinceridade 5. Inteligência pessoal, inteligência emocional, inteligência social
"Forças" emocionais (virtudes que levam às emoções positivas num contexto apropriado)	6. Apreciação da beleza e excelência/admiração/gratidão 7. Esperança, optimismo/orientado face ao futuro 8. Amor à vida/prazer
"Forças" da vontade (virtudes da acção, que possibilitam actividade positiva mesmo quando não se obtêm dividendos ou mesmo face à adversidade)	9. Coragem/integridade 10. Diligência/perseverança
"Forças" relacionais e cívicas	11. Bondade/generosidade 12. Responsabilidade/justiça/tolerância 13. Humor/capacidade para se divertir 14. Capacidade para amar e ser amado 15. Cidadania/dever/lealdade/colaboração 16. Liderança
"Forças" da coerência (virtudes de ordem superior ou integrativas)	17. Honestidade/autenticidade 18. Integração/equilíbrio/temperança 19. Auto-controlo e auto-regulação 20. Sabedoria/prudência 21. Espiritualidade/objectivo de vida/fé/religiosidade

Nesta classificação as "forças" cognitivas e emocionais dependem mais dos talentos e capacidades inatas do que as "forças" relativas à vontade de carácter relacional e cívico e de coerência que parecem exigir um maior esforço pessoal para serem alcançadas. Serão estas últimas as "forças" mais significativas, pois segundo os autores será a falha de uma delas que leva ao desequilíbrio de um pessoa.

Poderá então parecer estranho a psicologia não se ter interessado mais por esta área da psicologia positiva, pelos aspectos afirmativos em vez dos negativos. No entanto, segundo Seligman (2002), em primeiro lugar, as experiências negativas têm associadas um carácter de maior urgência, enquanto que, quando a nossa adaptação ao mundo corre bem, não é preciso intervir. Ou seja, a valorização do negativo tem, num determinado nível, um valor de sobrevivência superior ao positivo. Aquilo que aprendemos ao longo dos anos é que não são os modelos da doença que nos aproximam da prevenção dos problemas sérios. Na verdade a maior força de actuação na prevenção vem de um perspectiva baseada na construção sistémica de competências e não na reparação das incompetência.

Alguns outros autores também defendem o valor adaptativo de alguns destes conceitos estudados pela psicologia positiva. Um exemplo disso é-nos apresentado por Cyrulnik (2003) quando fala do conceito de resiliência como sendo um processo de um conjunto de fenómenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro de um contexto afectivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. O resiliente tem de fazer

apelo aos recursos interiores, tem de lutar para não se deixar arrastar pelo declive natural dos traumatismos que o fazem cansar-se de lutar, de agressão em agressão, até que uma mão estendida lhe ofereça um recurso exterior, uma instituição social ou cultural que lhe permita sair da situação.

Em segundo lugar, Seligman (2002) a explicação para o facto atrás referido está relacionada com os aspectos culturais. Os países quando estão em guerra, ou vivendo situações criticas, estão mais concentrados em estratégias defensivas e de protecção do que em estratégias de construção e progresso.

Na perspectiva de Cyrulnik (2003) se se pensar que uma pessoa só pode desenvolver-se ligando-se com outra, então a atitude que o irá ajudar a reequilibrar-se deverá aplicar-se na descoberta dos recursos internos impregnados no indivíduo, tanto como nos recursos externos dispostos ao seu redor.

O simples facto de constatar que um certo número de crianças traumatizadas resiste às provações, e por vezes mesmo, as utilizam para se tornarem ainda mais fortes, pode explicar-se não em termos de super-homens ou de invulnerabilidade, mas associando a aquisição de recursos internos afectivos e comportamentais durante os primeiros anos com a utilização de recursos externos sociais e culturais. Observar como nos comportamos permite compreender a resiliência que cada indivíduo apresenta perante os imprevistos encontrados durante o seu desenvolvimento.

Esta nova atitude perante as provações da existência convida-nos a considerar o sofrimento como um desafio. Será que se pode proceder de outro modo que não seja enfrentá-lo?

O termo psicologia positiva tem percorrido um caminho dificil. Aquilo que é positivo e alegre á muitas vezes conotado como de valor inferior. Actualmente, quando se fala de temperamento evoca-se mais um choque de vitalidade, uma disposição para experimentar as coisas do mundo, para exprimir a raiva ou o prazer da vida. Já não é um destino ou uma submissão às leis da Natureza. É uma força vital informe que nos leva a encontrarmos uma coisa, uma sensorialidade, uma pessoa ou um acontecimento. É o encontro que nos forma, quando se enfrenta o objecto a que se aspirava. É claro que o temperamento é um comportamento, uma maneira de ocupar um lugar no seu meio ambiente.

Se pensarmos na forma como as pessoas avaliam as qualidades de outras, as figuras pesadas, sérias e cinzentas são muito mais percepcionadas como inteligentes, do que figuras divertidas, simpáticas, alegres e com sentido de humor. Chega-se ao ponto de se poder considerar que alguém com humor possa ser considerado como um "pateta". Segundo Freud (1905 *in* Cyrulnik, 2003) a essência do humor reside no facto de se pouparem as dificuldades a que a situação deverá dar lugar e de nos colocar acima destas manifestações de sofrimento devido a um gracejo. A dificuldade deverá ter sido dolorosa, visto que o acontecimento foi cruel. Porém a maneira de a representar, contando-a ou mimando-a, modifica o sofrimento e transforma-a em sorriso.

É preciso um outro para representar a peça. São precisos parceiros para darem réplica e espectadores para validarem os nossos esforços. Quando as figuras de vinculação não desencorajam as crianças, constata-se que os bebés com humor são aqueles, que, mais

tarde, se tornarão os jovens mais criativos e mais divertidos devido aos acontecimentos insólitos que se verificarem (Cyrulnik, 2003).

Na opinião de Lourenço (2000) ainda está muito vincada a ideia de que o verdadeiro poeta, o músico, ou pintor, corresponde a alguém deprimido, enquanto que o eterno superficial corresponde aquele que for verdadeiramente alegre. A expressão psicologia positiva pode associar-se à ideia de astrologia que "supostamente" poderá trazer muito amor, dinheiro e saúde para as pessoas.

Torna-se então importante salientar o facto de que há no humor uma intenção terapêutica que se assemelha um pouco à função da recusa – fazer crer a si mesmo que a coisa não é grave. Este logro é uma falsificação criadora que põe a dor à distância. Se conseguir pôr em cena a tragédia que me tortura, se vos arrancar um sorriso, uma emoção amigável ou uma mímica de interesse, deixarei de desempenhar o papel aflitivo da pobre criança vítima perdida. Pelo contrário, ao convidar-vos a participarem num sorriso, ligar-nos-emos como nos ligam as emoções partilhadas (Cyrulnik, 2003).

Freud (1927 *in* Cyrulnik, 2003) já observara a existência destes comportamentos de desafio perante um real demasiado penoso. Fazer a economia de uma despesa de sentimento ou sorrir no meio das lágrimas, permite pôr a dor à distância. O humor não é a troça da ironia, nem a negação da agressão, nem sequer a transformação de um sofrimento em prazer. Ao fazer sorrir o indivíduo actua sobre o seu sofrimento e transforma o seu destino em história; ao modificar a imagem que tem de si, modifica o sentimento que experimenta em si mesmo.

Será preciso fazer apelo a todos os meios de defesa - visto que se prevê que, neste século XXI, as exclusões se vão agravar – tais como o momento político para lutar contra os crimes de guerra, o momento filosófico para criticar as teorias que os preparam, o momento técnico para reparar as feridas e o momento resiliente para retomar o curso da existência.

Ao tentar entender a psicologia positiva com um postura séria, ponderada e reflectida Seligman (2002) teceu os seguintes comentários:

1. A psicologia positiva não surge como oposto daquilo que poderíamos pensar ser a psicologia negativa. Nem tudo na vida é dicotómico e o facto de existir a psicologia da saúde não implica que tenha de existir a psicologia da doença;
2. A psicologia positiva não pretende tirar mérito a todas as outras correntes da psicologia baseadas em modelos mais do tipo médico e de resolução de problemas; pretende apenas contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Assenta num paradigma de construção de possibilidades, estudando aquilo que são as principais qualidades e virtudes humanas que servem de protectores ao aparecimento de problemas;
3. A psicologia positiva explica uma parte do comportamento humano mas não pretende explicar tudo;
4. Os diversos constructos, estudados pela psicologia positiva, apresentam quase todos evidência significativa das suas consequências positivas. No entanto não se deve cair na tentação de concluir que são bons em todas as circunstâncias. Deve ser dada particular atenção às variações, quanto à cultura, quanto ao contexto específico, quanto à fase do ciclo de vida, quanto às outras características de personalidade.

Segundo Norem e Chang (2002) é importante não esquecer que a psicologia positiva, tal como qualquer outro tema estudado pela psicologia, pode ter prós e contras. Ao enquadrar o optimismo e o pessimismo nesta corrente actual, salientam que o pessimismo defensivo e o pensamento negativo fazem parte da psicologia positiva, na medida em que surgem por vezes associados a um melhor desempenho e a resultados positivos. Seligman (2002) apela assim para o cuidado que devemos ter para que a nossa contribuição a favor da psicologia positiva enquanto ramo da ciência seja crítica e eficaz, e alerta para a necessidade de que a investigação seja adequada e rigorosa.

O tema desta tese vai ao encontro desta necessidade de investigação na área da psicologia positiva, relativamente ao campo da educação. Em relação ao ensino da psicologia positiva Seligman foi também o pioneiro e começou a leccionar uma disciplina com este nome. Nela desenvolveu um conjunto de procedimentos próprios, por exemplo, cada estudante era convidado a escrever uma página de um texto com a sua reflexão sobre o artigo e a preparar-se para a sua discussão. Na aula todos se apresentavam pessoalmente e se referiam aos aspectos mais positivos que achavam possuir, os outros comentavam as histórias que ouviam. Na semana seguinte fazia-se a partilha e discussão acerca dos pensamentos de cada aluno resultantes da leitura dos textos. Este tema deu azo à realização de um trabalho prático em que cada aluno tinha que fazer na semana que se seguia um acto de bondade e algo que lhe desse prazer, e depois escrever sobre isso. Seligman refere que os resultados foram surpreendentes e que as actividades que proporcionavam prazer, quando comparadas com as actividades de amabilidade e bondade, tornavam-se quase desprezáveis. Os alunos descobriram que depois de efectuarem um genuíno acto de bondade face a outra pessoa o resto do dia lhes corria melhor, e ficavam diferentes de uma forma em que nada se comparava com os impactos obtidos nas actividades de prazer.

Aquilo que aprendemos ao longo dos anos é que não são os modelos da doença que nos aproximam da prevenção dos problemas sérios. Na verdade, a maior força de actuação na prevenção vem duma perspectiva baseada na construção sistemática de competências e não na reparação das incompetências.

Temos descoberto que é a vontade humana que actua na prevenção contra a doença mental, tão presente na coragem, no acreditar no futuro, no optimismo, etc. O maior investimento num verdadeiro trabalho de prevenção será o de criar uma ciência baseada na vontade humana, cuja missão será a de perceber e aprender como fortalecer estas virtudes em adultos, nas crianças e jovens.

Assim, nos programas propostos por Seligman (2002) de "Aprender o optimismo" ensinam-se as crianças e os adultos a reconhecerem os seus pensamentos mais catastróficos e levam-se a transformá-los em desafios construtivos através do pensamento.

Segundo Cyrulnik (2003) a vida é demasiado rica para se reduzir a um único discurso. Deve escrever-se como um livro, ou como na história do patinho feio que se transforma em cisne:
"Depois dirigiu-se para eles, com a cabeça baixa para lhes mostrar que estava pronto a morrer. Foi então que viu o seu reflexo na água: o patinho feio e pardo tinha-se metamorfoseado num soberbo cisne branco"

Hans Christian Andersen

3. Optimismo e Pessimismo: diferentes abordagens aos conceitos

"Você vê coisas e pergunta-se:
"Porquê?" Mas eu sonho coisas
que nunca aconteceram e pergunto:
"Porque não?".
George Bernard Shaw

A nossa vida é composta e influenciada por variadíssimos aspectos e certamente um deles passará pelas expectativas positivas ou negativas que temos em relação ao futuro. O optimismo é frequentemente percepcionado como sendo um atributo positivo. Como exemplo disto apresentamos um breve episódio sobre um optimista e um pessimista quando defrontados com a mesma realidade:

"Um optimista e um pessimista resolvem encontrar-se para dar um passeio num parque público. Num sábado bem cedo, ambos acordam e arranjam-se para o encontro.
O optimista levanta-se ansiando ter um dia lindo; o pessimista, com o seu negativismo do costume, prepara-se para mais um dia "péssimo".
Quando se encontram o optimista cumprimenta o seu amigo pessimista e diz: "Está um dia espectacular! Aposto que vamos ver coisas magníficas!"
O pessimista, murmura qualquer coisa inaudível, e pensa: "Duvido que haja alguma coisa magnífica para ver".
Ao longo do caminho vêem um jovem a oferecer-se para carregar os sacos de compras de uma senhora idosa...
O optimista diz: "Sim senhor! Olha aquele rapaz tão simpático. Ainda dizem que a juventude de hoje não presta."
"Deves estar a brincar" responde o pessimista. "Não tarda nada, desata mas é a fugir com os sacos!".
Entretanto aparecem dois cães aos saltos na brincadeira, seguidos por algumas crianças...
"Que belo quadro, não achas?"
"Belo? Desculpa lá! Acho inacreditável que deixem andar cães à solta no parque! Estou farto de pisar caca de cão. E as criancinhas? Onde é que estarão os pais? Aposto que nem sabem onde é que elas andam."
Mais tarde cruzam-se com uns músicos de jazz a tocar atraindo as pessoas à volta...
"Olha que espectáculo! Têm imenso talento", pensa o optimista "acho que merecem uma moeda por esta música maravilhosa."
"Estás doido!" Diz o pessimista agarrando-lhe no braço "Isto é uma autêntica farsa! De certeza que o dinheiro é para a droga! Tenho ouvido imensas histórias do género. Fazem uma fortuna à custa de patetas com tu!" Mais adiante vislumbram um casal de namorados envolvidos num beijo apaixonado...
"Desculpa lá" Agora não me vais dizer que isto não é bonito de se ver! Faz-me lembrar os meus tempos de juventude. Ao menos o romantismo está bem e recomenda-se"

"Achas isto bonito? É indecente! Deviam ser proibidas estas manifestações de afecto em público. Isto deixa-me perfeitamente enojado!"
Ao fim da tarde, já em casa os dois amigos recebem cada um, uma chamada de um amigo que mora longe. Em ambos os casos o tema de conversa foi o modo como passaram o dia.

O optimista diz ao amigo, "Foi um dia fantástico. Só queria que visses a quantidade de gente simpática que encontrei hoje no parque! Respirava-se alegria e boa vontade por todo o lado..."
Para o pessimista, o relatório é bem diferente. "Sorte a tua morares onde moras," diz ele ao amigo, "dei hoje uma volta pelo parque e nem dá para acreditar na selva em que aquilo se tornou!"

(*in* Perloiro, 2002 p. 18)

O ser humano tem como uma das suas preocupações, o facto de pensar sobre o futuro. Os psicólogos iniciaram já há algum tempo o estudo sobre o poder do optimismo e do pessimismo na crença e antecipação do futuro. Como investigações pioneiras, dentro desta temática, podemos encontrar os trabalhos de Carver e Scheier (1985), onde o optimismo é ilustrado por aquelas pessoas que esperam que lhes aconteçam coisas boas. O optimismo e o pessimismo diferem na forma como o indivíduo enfrenta os problemas e os desafios e na forma como lida com as adversidades. Como ilustração desta ideia, temos a imagem de um copo meio cheio, ou meio vazio (Furnham, 1977); perante a mesma realidade um optimista dirá que ainda tem meio copo, enquanto que o pessimista dirá que já só tem meio copo. Os conceitos estão ligado à ideia das expectativas generalizadas de resultados positivos ou negativos que as pessoas fazem do futuro.

Temos também os trabalhos de Seligman e Maier (1967) com animais e os estudos de Seligman (1975) sobre desamparo aprendido nos seres humanos, onde está presente a ideia de que os problemas psicológicos seriam antecedidos de uma sensação de não se conseguir controlar ou prevenir acontecimentos negativos. Trata-se aqui, segundo Seligman, de atribuições causais que estariam na origem dos distúrbios psicológicos. Devido ao facto da avaliação das variáveis psicológicas estar dependente de um quadro de referência teórico, mesmo ligeiras diferenças nos modelos conceptuais levam a diferenças significativas na operacionalização dos conceitos. O optimismo e o pessimismo não são excepção a este facto (Chang, 2000).

Na perspectiva de Peterson e Seligman (1994) o optimismo é visto como um estilo explicativo. Ainda segundo Goodman e colaboradores (1997) o optimismo é considerado como um atributo positivo ou uma tendência para um indivíduo esperar que lhe aconteça o melhor na vida. O optimismo é encarado como sendo uma característica da personalidade, um estilo cognitivo sobre como o sujeito processa a informação quanto ao futuro, ou ainda uma expectativa generalizada de um resultado positivo. Contrasta com o pessimismo e a depressão (Barros de Oliveira, 1998). Segundo Chang (2000) o optimismo pode ser visto para além dos projectos e objectivos individuais, pois representa a forma como vivemos as nossas vidas, quer como indivíduos, quer como membros de um colectivo.

Assim, o optimismo pode ser conceptualizado essencialmente sobre duas perspectivas teóricas: como uma expectativa face ao futuro e como um estilo explicativo daquilo que de mau ou bom nos acontece.

Poder-se-á no entanto tentar estabelecer uma relação entre expectativa e estilo explicativo. Alguns investigadores referem que as pessoas podem esperar consequências bastante negativas de um dado acontecimento mesmo quando têm um estilo explicativo do tipo optimista (Abramson et al., 1989; Zullow, 1991; Hammen e Cochran, 1981 *in* Chang, 2000).

Existe assim uma sobreposição entre a atribuição causal e o estilo explicativo. A teoria da atribuição é uma teoria da personalidade que procura explicar como decidimos, tendo por base amostras de comportamento de um indivíduo, e quais são as causas específicas do seu comportamento (Feldman, 1999 *in* Perloiro, 2002). Na perspectiva de Seligman (1991 *in* Peterson, 2000), existem três dimensões num estilo explicativo: a permanência, ou seja, permanente *versus* temporário relativamente ao tempo; a extensão, ou seja, a generalização *versus* a especificidade da situação; a personalização, ou seja, a internalidade/causa pessoal *versus* externalidade/causa exterior face ao acontecimento (ver Quadro 2).

Quadro 2: Esquematização das três dimensões dos estilos explicativos face a acontecimentos da vida (*in* Perloiro, 2002).

Optimista	**Situação positiva**	**Situação negativa**
Permanência:	"vai durar muito tempo"	"é temporário"
Extensão:	"vai alastrar-se a outra áreas/global"	"é localizado"
Personalização:	"eu fui a causa"	"não fui eu a causa"
Pessimista	**Situação positiva**	**Situação negativa**
Permanência:	"é temporário"	"vai durar muito tempo"
Extensão:	"é localizado"	"vai alastrar-se a outra áreas/global"
Personalização:	"não fui eu a causa"	"eu fui a causa"

O pessimista tenderá a ver os acontecimentos negativos como originados pessoalmente, generalizados e permanentes. O optimista vê o mesmo acontecimento como sendo específico, tendo origem exterior e sendo temporário (Marujo et al., 1999).

Um estudante que teve uma má nota no teste e que explica o acontecimento por haver muito barulho na sala, tem um estilo explicativo optimista porque a justificação é do tipo específico e temporário. Existe uma razão para esperar o pior dos resultados no teste. É uma explicação do tipo optimista. Expectativa e estilo explicativo não são portanto a mesma coisa dado que pode não existir qualquer correlação entre expectativa negativa e estilo explicativo negativo (Perloiro, 2002, p. 26).

Segundo Marujo e colaboradores (2001) o que diferencia o optimista do pessimista é o estilo explicativo respectivo, ou seja, a forma como interpreta as experiências da vida. Todas as pessoas passam por acontecimentos positivos e negativos. A diferença está na forma como são vistos e explicados. O pessimista tenderá a ver os acontecimentos negativos como originados pessoalmente, tendencialmente generalizados e permanentes. Por exemplo, ao ter uma nota negativa num teste o aluno pessimista dirá que ele (causa pessoal) tem sempre nota negativa (generalização) a matemática. Não há nada a fazer (permanência). O optimista vê o mesmo acontecimento como sendo específico, tendo origem exterior e sendo temporário. Assim, ao ter nota negativa dirá que aquele teste (especificidade) era muito difícil (causa não pessoal), mas o próximo vai correr-lhe melhor (temporário). A situação é recíproca para os acontecimentos positivos: o optimista tenderá a descrevê-los de uma forma permanente, originados por si e generalizados no tempo (ex. os meus alunos tiveram tão boas notas neste teste porque eu (pessoal) sou (permanente) um óptimo professor. De certeza que no próximo vão ter outra vez óptimas notas (generalização). No caso do pessimista, vai explicar os acontecimentos como temporários, impessoais e específicos (ex. os meus alunos tiveram tão boas notas desta vez porque eles (impessoal), neste teste (específico) se assustaram e estudaram. Para o próximo teste aposto que vão voltar a baixar as notas (temporário).

O estilo explicativo pode ser medido através do ASQ – Atributional Style Questionnaire, desenvolvido em 1982 por Peterson e colaboradores. Nos últimos 10 anos diversas investigações têm sido realizadas utilizando versões do ASQ, como é o caso do E.ASQ (Metalsky et al., 1987; Peterson e Villanova, 1988). No entanto este instrumento só inclui acontecimentos negativos, permitindo avaliar os estilos explicativos apenas para acontecimentos negativos. Outra forma de medida é denominada por CAVE – Content Analysis of Verbatim Explanations, que permite efectuar uma análise de conteúdo identificando o estilo explicativo subjacente a determinada narrativa e foi elaborado por Peterson e colaboradores em 1999 (Peterson, 2000).

São diversas as implicações práticas de que um padrão optimista ou pessimista introduz na forma de pensar. Um estilo explicativo optimista ou pessimista pode favorecer ou dificultar a forma como o sujeito lida com os problemas. Vários estudos com crianças e adultos mostram que os pessimistas estão mais predispostos para desenvolver depressões, do que os optimistas. Segundo Seligman (1992, p. 108) "as adversidades afundam os pessimistas em desânimo e desespero, ao passo que os optimistas arregaçam as mangas e procuram formas de contornar os obstáculos".

O optimismo e o pessimismo podem também considerar-se conceptualizações do tipo "guarda-chuva". Na verdade referem-se frequentemente a conceitos diferentes, que por vezes necessitam uma qualificação quanto ao tipo (por exemplo optimismo ingénuo), ou outras vezes qualificam outro conceito (por exemplo estilo explicativo pessimista). De todos estes conceitos, o conceito de optimismo e pessimismo disposicional, definido como a tendência geral para esperar que o melhor ou pior aconteça, parece ser aquele que melhor reflecte o entendimento coloquial dos termos. Mesmo assim estes conceitos são mais complexos do que parecem devido ao facto de inicialmente se pensar que optimismo e pessimismo seriam dois pólos de uma mesma dimensão.

Os estudos mais recentes apontam para a ideia de que o pessimismo não corresponde ao conceito oposto do optimismo. O oposto de optimismo é falta de optimismo, o que é diferente de pessimismo (Marshall et al., 1992). Da mesma forma, o oposto de pessimismo é falta de pessimismo, o que é diferente de optimismo (Robinson-Wheler et al., 1997). Assim sendo, existem razões para se acreditar que o optimismo e o pessimismo representam duas dimensões unipolares e não dois pólos de uma mesma dimensão.

Para se chegar aqui tem de se ter em conta o estudo do optimismo enquanto indutor de determinados resultados e o estudo do optimismo enquanto um processo. Aspinwall et al. (2001) verificaram que o optimismo está associado a uma maior, e não menor, atenção à informação negativa relevante para o próprio, e também a um desligar e desistir mais rápido quando confrontado com a resolução de um problema sem solução. Concluem afirmando que estes factos sugerem duas propriedades que não teriam sido identificadas analisando o estudo do optimismo como um único traço. São elas:

1) o optimismo não é mantido através do ignorar de informação negativa, antes pelo contrário, os optimistas estão atentos à informação de algum risco;
2) o optimismo parece ser flexível; os optimistas variam o seu comportamento face às propriedades dos objectivos dos problemas que têm.

3.1. Optimismo pessoal e social

Este trabalho aborda na sua vertente prática o optimismo e o pessimismo enquanto variável disposicional e social. Frequentemente os autores que se debruçam sobre este tema distinguem dois tipos de optimismo – o pessoal (disposicional) e o social (situacional). Segundo Scheier e Carver (1985), entende-se por optimismo pessoal uma expectativa generalizada de um resultado positivo referente à pessoa, ao seu comportamento ou saúde. O optimismo social remete para o ter-se expectativas positivas relativamente a questões específicas ou de âmbito social e/ou ecológico (droga, violência, poluição, etc.).

É no entanto de salientar o facto de que estas duas expressões de optimismo podem não andar juntas. Muitas vezes os acontecimentos político-sociais tendem a gerar pessimismo, e são muitas vezes dramatizados nos meios de comunicação social, e no entanto o optimista tende a manter-se confiante a seu respeito e a respeito do mundo, utilizando assim os seus mecanismos de defesa contra o pessimismo (Schweitzr e Schneider, 1997 *in* Barros de Oliveira, 1998).

Segundo Barros de Oliveira (op. cit.), em geral tendemos a ser mais realistas a respeito dos outros e das diversas circunstâncias do que de nós mesmos, o que poderá sugerir a hipótese de que o optimismo pessoal é menos realista do que o social.

Um outro aspecto relaciona-se com o facto de as pessoas tenderem a ser mais optimistas face a assuntos mais pessoais (ver Taylor, 1989; Weinstein, 1980, 1982, 1984), do que em outros domínios da vida de carácter social. A diferença entre estes dois domínios – pessoal e social – parece estar relacionada com a percepção que o sujeito tem sobre a sua capacidade de controlo relativamente a determinado acontecimento.

Segundo estudos de Schweitzer e Schneider (1997) verificaram-se diferenças significativas na distribuição dos valores do optimismo social e do optimismo pessoal. As pessoas descreviam-se a si mesmas como socialmente pessimistas mas também como pessoalmente optimistas. Os baixos níveis de optimismo social podem estar relacionados com a conotação pessimista e negativa que a maior parte dos media imprime às notícias veiculadas. Pode também estar relacionado com a percepção de controlo que existe face à situação. Julgamos ter mais controlo sobre a nossa vida pessoal do que sobre os aspectos políticos, económicos e sociais. Assim tendemos a separar o tipo de expectativa que fazemos em relação a assuntos pessoais e sociais.

Os mesmos autores, através de uma análise das propriedades estruturais da escala de optimismo social que utilizaram, identificaram três áreas:
1) desenvolvimento económico, qualidade de vida, economia, etc.; 2) segurança pessoal, consumo de drogas, crime, etc.; 3) aspectos relacionados com a dinâmica evolutiva, recursos naturais, poluição, etc.

Schweitzer e Schneider (1997) observaram também, no que se refere à influência da idade nos níveis de optimismo social, mas não nos níveis de optimismo pessoal, que na amostra por eles estudada os indivíduos entre os 41 e os 50 anos eram pessimistas, enquanto que indivíduos entre 51 e os 60 anos eram razoavelmente optimistas. Esta diferença era maior nos homens, com valor médio de respostas no LOT (Life Orientation Test) (Scheier e Carver, 1985) de 20.5 para os homens do grupo dos 41 aos

50, e 35.0 para os homens entre os 51 e os 60 anos. Segunto Taylor (1989) e Schweitzer e Schneider (1997) as pessoas tendem a ser mais optimistas face a assuntos pessoais do que sociais. Nestes últimos estudos de Schweitzer e Schneider os resultados obtidos podem dever-se ao facto de os mais velhos terem um papel social mais activo e percepcionarem-se como mais intervenientes socialmente do que os mais novos, ou então devido a um factor tipo de acomodação, ou seja face a um panorama pouco positivo relativamente ao futuro da sociedade, as pessoas podem habituar-se a esta condição e não a avaliaram de forma negativa.

3.2. Optimismo como "disposição interna" ou expectativa positiva face ao futuro

Scheier e Carver (1992) têm estudado o optimismo como uma variável da personalidade, representando um tipo de disposição individual, a qual denominam de "dispositional optimism". Este conceito é considerado como sendo uma expectativa global do que de melhor irá acontecer no futuro e de que as coisas negativas são raras. Relaciona-se com a forma como os indivíduos se orientam face a objectivos definidos com valores desejáveis. Num estudo realizado por Gonzales e Zimbardo (1985 *in* Taylor e Brown, 1988), verificou-se que a maioria dos indivíduos se classificam como orientados face ao presente e ao futuro (57%), mas sobretudo em relação ao futuro (33%) por oposição com aqueles que se consideraram apenas orientados face ao presente (9%) ou face ao passado (1%).

Existem outros constructos ligados com expectativas face ao futuro como é o caso da esperança. No entanto, o conceito de optimismo e esperança são diferentes quando se cruzam com a forma como a conceptualização das expectativas influencia os comportamentos.

Segundo Snyder e colaboradores (2001), no que diz respeito ao optimismo, não é valorizado o papel da auto-eficácia, pois consideram que o mais importante é a expectativa global face ao futuro e não o modo como a pessoa pensa (acção). Em relação à esperança, esta envolve dois tipos de expectativas: a acção e o planeamento.

Salienta-se assim, para a compreensão do optimismo, o modelo de auto-regulação do comportamento (Scheier e Carver, 1982 *in* Roysamb e Srype, 2002), baseado na ideia de que todo o comportamento humano tende a fazer esforços destinados a alcançar objectivos, com acções reguladoras associadas que os permitem atingi-los. O optimismo tem um efeito moderador na forma como as pessoas lidam com obstáculos e quando confrontadas com esses obstáculos, os optimistas terão maior probabilidade do que os pessimistas em persistir nos seus esforços para os superar (Scheier e Carver, 1985; Smith et al., 1989). Um exemplo confirmatório desta concepção veio de um estudo realizado nos Estados Unidos com 1052 adultos, dos 18 anos em diante, onde se avaliou o grau de optimismo da população face ao futuro do país, colocando a seguinte questão: "What is your outlook for the United States during the next 20 years? Would you say it is very optimistic, optimistic, pessimistic or very pessimistic?" As respostas levaram-nos a concluir que a população americana desde 1978 até 2000, se tem modificado no sentido de maior optimismo e menor pessimismo. No ano de 2000 foram poucos os que disseram ter uma visão pessimista do futuro dos EUA (20%).

Segundo os mesmos autores Scheier e Carver (1985), o optimismo disposicional derivado do modelo comportamental de auto-regulação, indica-nos que as acções são influenciadas pelas expectativas acerca das consequências dessas mesmas acções. Estas expectativas parecem influenciar a vida afectiva das pessoas e são considerados como características estáveis dos indivíduos ao longo do tempo.

3.3. Optimismo e pessimismo irrealista

"Podemos dizer que este paradoxo -
ser realista, e ao mesmo tempo ser guiado por
objectivos demasiado elevados – é o cerne
da questão moral.
Kurt Lewin

Apesar de se falar sobre optimismo, não se pode avançar para a falsa ideia de que ele será a resposta para todos os males da sociedade, nem se pretende cair num optimismo ilusório, imposto a todo o custo que ultrapasse um realismo saudável. "Pretende-se um optimismo realista e flexível, contrariamente a um optimismo irrealista e/ou cego" (Seligman, 1992 *in* Barros de Oliveira, 1998, p. 290).

Segundo os estudo de Scheier e Carver (1985) algumas vezes a razão para o pessimismo é o facto de as pessoas terem aspirações irrealistas muito elevadas para com elas mesmas. Exigem-se perfeição dificilmente atingível, e como resultado desenvolvem dúvidas sobre a sua adequação à realidade. Esta tendência deve ser contrariada tentando estabelecer objectivos mais realistas e identificar quais as situações que têm de ser aceites em vez de as tentarem mudar.

Segundo Weinstein (1989 *in* Peterson, 2000) o optimismo irrealista tem a ver com a percepção que a pessoa faz dos seus riscos pessoais face à doença. Quando as pessoas eram confrontadas com a possibilidade de se depararem com problemas, apresentavam uma maior tendência para pensar que os acontecimentos negativos ocorriam com maior frequência aos outros do que a si mesmos, assim como os acontecimentos positivos teriam maior probabilidade de acontecer aos próprios do que aos outros.

Quando as pessoas fazem previsões sobre si mesmas, podem ser muito optimistas em relação aos acontecimentos ou riscos futuros, tendo a percepção de que as coisas positivas são mais prováveis de lhes acontecerem do que as coisas negativas. Por exemplo, as pessoas optimistas tendem a acreditar que têm uma maior probabilidade que os outros em terem filhos dotados, em conseguirem um primeiro emprego melhor (Weinstein, 1980), e em desempenhar melhor as tarefas futuras (Crandall et al., 1955 *in* Shepperd et al., 1996). As mesmas pessoas também acreditam que são mais felizes, mais confiantes, mais trabalhadoras, e menos solitárias no futuro, do que as pessimistas (Perloff, 1987).

Esta visão irrealista sobre o futuro pode ter a ver com o desejo de obter um controlo pessoal, um pensamento egocêntrico, ou com o facto de que a predição optimista é sentida como gratificante (Perloff, 1987; Weinstein, 1984 *in* Shepperd et al., 1996). Regon et al. (1995 *in* Barros de Oliveira, 1998) referem que se pode ser irrealista a respeito de si mesmo e não ser a respeito dos outros, e que o optimismo irrealista é mais

uma forma de auto-engrandecimento do que um viés da positividade pessoal. O processo psicológico que sustenta este viés da percepção de si mesmo relativamente à do tipo de auto-engrandecimento está mais na linha dum "self" do tipo independente, que por sua vez é influenciado pela cultura.

Dum ponto de vista positivo, expectativas favoravelmente irrealistas parecem reforçar a motivação e a persistência em tarefas e parecem também estar associadas a ajustamentos psicológicos positivos para enfrentar acontecimentos. Do lado negativo, parece existirem certas evidências para a existência de um desapontamento provocado pela desconfirmação das predições optimistas. Em resposta a esta desconfirmação, as expectativas podem tornar-se mais pessimistas, mas este efeito parece estar ligado apenas com a tarefa em si e ocorre num curto espaço de tempo. Tal significa que o optimismo irrealista geralmente não aparece para contrariar uma resposta a uma experiência específica de desconfirmação (Buehler et al., 1994 *in* Armor e Taylor, 1998).

Segundo Weinstein (1993 *in* Taylor e Brown, 1994) existiriam no início dos anos 90 cerca de 120 estudos sobre o fenómeno do optimismo irrealista em populações normais. Estes estudos demonstram a existência de percepções de invulnerabilidade e visões optimistas relacionados com riscos e acontecimentos de vida futuros.

Num futuro próximo as investigações irão centrar-se em estudar as funções do optimismo irrealista, a sua ligação com o optimismo disposicional e com os aspectos culturais. No que diz respeito às funções do optimismo irrealista, este tem sido estudado sobre duas perspectivas: como uma forma de auto-protecção que leva à desvalorização da vulnerabilidade pessoal e como uma forma auto-reguladora que facilita performances relativas a objectivos e projectos pessoais (Taylor, 1983).

Outra questão que tem sido discutida conceptualmente e investigada prende-se com a ligação entre optimismo irrealista e optimismo disposicional. Segundo Dadidson e Prkachin (1997 *in* Perloiro, 2002) foram realizados dois estudos com o intuito de estudar os efeitos destas variantes do optimismo nos comportamentos de pessoas que sofriam de doença coronária. No primeiro estudo, o optimismo por si só não esteve relacionado com a prática de exercício ao longo do tempo, ao passo que o optimismo irrealista esteve relacionado com a sua diminuição. Os doentes que tinham valores elevados de optimismo e de optimismo irrealista foram aqueles que exibiram um maior decréscimo da prática de exercício, enquanto que aqueles que tinham valores altos de optimismo e baixos de optimismo irrealista foram os que mostraram maior aumento da prática de exercício ao longo do tempo. Este estudo mostrou que o optimismo disposicional e o optimismo irrealista não são definitivamente a mesma coisa. Em ambos os estudos as duas variáveis aparecem positiva mas não fortemente correlacionadas, tendo o valor obtido sido de 0.27 para $p<0.5$. Os autores concluíram que as duas variáveis interagiam de forma a predizer alguns comportamentos destes doentes.

Um outro estudo realizado por Heine e Lehman (1995) veio relacionar o optimismo irrealista com os aspectos culturais. No seu estudo verificaram que os estudantes ocidentais tendem a ser mais frequentemente optimistas irrealistas do que os estudantes japoneses. Os estudantes canadianos expressaram uma tendência para acreditar que os acontecimentos positivos teriam maior probabilidade de lhes acontecer a eles, enquanto

que os estudantes japoneses expressaram o contrário (maior probabilidade de acontecer aos outros). Os autores classificaram esta tendência como sendo um pessimismo irrealista e concluem que o optimismo irrealista serve como uma estratégia auto-protectora para os ocidentais.

A relação entre cultura e optimismo pode estar relacionada com o predomínio do individualismo ou do colectivismo de determinado grupo étnico ou país. O conceito de individualismo/colectivismo possui quatro vertentes – colectivismo vertical (conformismo, sacrifício dos desejos pessoais), colectivismo horizontal (ênfase nas relações e nos outros), individualismo vertical (competitividade e poder) e individualismo horizontal (autonomia) (Perloiro, 2002). Segundo Kasser e Ryan (1993, 1995) e Ryff e Singer (1998), o individualismo vertical e o colectivismo vertical deverão estar associados a um bem-estar negativo, enquanto que o colectivismo e individualismo horizontal deverão estar associados a um bem-estar positivo.

De acordo com Chang (2001), nas culturas individualistas o "self" é percepcionado como independente dos outros, e nas colectivistas o "self" é definido através da relação com os outros. Nas culturas colectivistas poderá haver uma maior tendência para que as expectativas face ao futuro sigam padrões de um grupo e não ideais específicos do próprio, dado que existe maior conformismo, sacrifício dos desejos pessoais e maior centramento na relação com os outros.

Segundo Armor e Taylor (1998) a definição de que o optimismo é a doutrina ou a crença de que tudo é bonito, incluindo aquilo que é feio, tudo é bom, especialmente aquilo que é mau, e tudo o que é errado é certo está apenas em parte correcta. O optimismo pode ver aquilo que é feio como menos feio, aquilo que é mau como menos mau, e aquilo que é errado como menos errado, mas ao mesmo tempo ter uma ideia positiva relativamente aquilo que é feio, mau ou errado. As pessoas parecem manter expectativas favoráveis à medida que conseguem encontrar as directrizes de resolução da situação e dependendo do grau do seu auto-conhecimento. As expectativas optimistas parecem ser mais flexíveis, servindo assim as necessidades dos dois estados. Esta flexibilidade permite às pessoas o serem realistas quando precisam de o ser, mas optimistas quando não o precisam; como consequência, as pessoas podem ser adeptas da auto-regulação do seu comportamento enquanto mantém alegremente expectativas optimistas que são vistas como irrealistas apenas aos olhos dos outros.

3.4. Pessimismo defensivo e optimismo estratégico

"Pessimismo... é, sumariamente,
jogar pelo seguro. Não é possível
perder; pode-se sempre ganhar.
É o único ponto de vista em que
nunca se fica desapontado."
Thomas Hardy

Existem diversos estudos sobre o pessimismo defensivo e o optimismo estratégico, donde se salientam os realizados por Cantor e Norem. Tem-se abordado a questão do pessimismo como sendo similar à questão do ser canhoto. Durante muito tempo o esquerdino estava do lado negro e o dextro do lado luminoso. No entanto, agora

sabemos que querer mudar o facto de se ser canhoto não resulta e nem sequer é necessário. Os canhotos são capazes de fazer tudo o que os dextros fazem, apenas o fazem de maneira diferente. Comparativamente, falar sobre pensamento negativo e determinadas circunstâncias é diferente de falar como sendo o oposto do pensamento positivo. Os pessimistas defensivos também pensam de forma diferente. Mesmo que as coisas sejam mais difíceis para eles do que para os optimistas, eles são igualmente capazes de fazer aquilo que se propuseram realizar ou atingir. Eles não precisam de tratamento para o seu pessimismo defensivo, assim como os canhotos não precisam de se transformar em dextros. Na realidade, o pessimismo defensivo é já o tratamento para a ansiedade que os rodeia. Como dizia Bob Dylan "um homem é bem sucedido se conseguir acordar de manhã e deitar-se à noite, e no entretanto tenha conseguido fazer aquilo que queria realmente fazer".

Segundo Norem (2001) entende-se o pessimismo defensivo como sendo uma estratégia cognitiva na qual os indivíduos estabelecem expectativas baixas de vir a alcançar determinado objectivo, independentemente de já terem sido bem sucedidos numa situação anterior. Esta estratégia funciona como uma espécie de almofada que ajuda a suportar um possível fracasso. As pessoas que utilizam este tipo de estratégia gastam uma energia mental muito grande a reflectir sobre todos os maus resultados possíveis e previamente à confrontação com a situação stressante sentem-se ansiosas e com perda de controlo. Mas, enquanto pensam em tudo o que pode correr mal, podem ir eliminando algumas hipóteses de alguma coisa falhar. Esta actividade dá-lhes uma sensação de controlo que ao fim de um tempo lhes diminui a ansiedade (Perloiro, 2002). Por exemplo, imaginemos um aluno que tem de apresentar oralmente um trabalho na presença da turma e do professor. Ele sente receio desse confronto e fica muito ansioso antes de enfrentar esse público, mesmo já tendo tido experiências em que o seu desempenho foi bom. Como um verdadeiro pessimista defensivo irá imaginar todo o tipo de possíveis problemas com que se poderá deparar mas, ao faze-lo, pode empreender acções concretas para as evitar, como por exemplo ensaiar a sua apresentação, escrever o seu discurso, imaginar o que lhe podem perguntar, etc. Assim sente-se com controlo da situação, o que por sua vez lhe reduz a ansiedade.

Um outro estudo realizado por Norem (1996 *in* Norem e Chang, 2001) comparou, durante vários anos, dois grupos de mulheres estudantes universitárias, que apresentaram elevados níveis de ansiedade com a diferença de que um dos grupos utilizava sobretudo a estratégia dos pessimistas defensivos e o outro grupo não. No início do estudo, os grupos foram comparados entre si e não apresentaram diferenças significativas, quer quanto à auto-estima, quer quanto à ansiedade, e às características de personalidade ou de desempenho escolar. Ao fim de alguns anos, a autora verificou que aquelas que eram pessimistas defensivas tinham melhorado os seus níveis de auto-estima, enquanto que o outro grupo só com características ansiosas não tinha melhorado. Assim sendo, o pessimismo defensivo poderá ser visto como um mecanismo adaptativo nas pessoas que apresentam ansiedade elevada.

3.5. Optimismo ou ilusão positiva

"Em vez de amor, dinheiro ou fama,
deêm-me a verdade"
Thoreau

"Devemos seleccionar a ilusão
que se aproxima mais do nosso
temperamento, e abraçá-la com
Paixão, se quisermos ser felizes"
Connolly

O conceito de ilusão positiva cruza-se com o conceito de optimismo uma vez que ambos integram expectativas positivas – o primeiro mais ligado com o próprio sujeito, e o segundo com aquilo que poderá acontecer no futuro. Alguns autores, como é o caso de Davidson e Prkachin (1997) referem que têm sido atribuídos diferentes nomes a fenómenos similares do optimismo irrealista, como é o caso das ilusões positivas de Taylor e Brown (1988). A ideia que vigorava era a de que quanto menor fossem os enviesamentos e as ilusões em relação a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, melhor seria a percepção da realidade (Maslow, 1950; Jahoda, 1953 *in* Taylor e Brown, 1994).

Em 1988, com as investigações de Taylor e Brown, defendia-se a ideia de que as percepções que as pessoas tinham face a diversos domínios da vida eram positivamente enviesadas e que essas ilusões positivas promoviam o bem-estar psicológico.

Taylor e Brown (1994 *in* Perlorio, 2002) tentam justificar a sua concepção utilizando os seguintes argumentos:

1. O conceito de ilusão positiva não significa que a pessoa tenha uma auto-concepção mais positiva do que negativa, mas sim que a pessoa tende, de forma consistente, a ver-se a si mesma mais positiva do que aos outros. Como isto é ilógico (não é verdade que sejamos melhores que todas as outras pessoas) denominam este aspecto como uma ilusão;
2. A questão não está em saber se as pessoas deprimidas têm ou não uma percepção rigorosa da realidade, mas sim se os adultos saudáveis e normais têm uma percepção rigorosa da realidade. Segundo os mesmos autores, a investigação na área da cognição social tem mostrado que as pessoas mentalmente saudáveis têm uma capacidade invejável de distorcer a realidade, que pode provocar uma ilusão que é passível de se ilustrar como a promoção de uma visão optimista do futuro.
3. As auto-percepções de auto-engrandecimento, ilusão de controlo e optimismo irrealista são aspectos presentes no pensamento de pessoas absolutamente normais.

Assim, é importante recordar que o optimismo irrealista, com as suas características de viés perceptivo pode, por exemplo, fazer com que algumas pessoas exibam comportamentos negligentes face à sua própria saúde (exemplo dado mais atrás) mas, no entanto, as ilusões positivas tendem a ser benéficas como vimos agora.

4. As origens do optimismo e do pessimismo: herdado ou adquirido

"Filho de peixe sabe nadar"
(provérbio popular)

"Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és"
(provérbio popular)

Segundo Scheier e Carver (1985) ao estudarmos o optimismo, e se o analisarmos numa perspectiva de processos provocados ou de confiança e dúvida *per si*, podemos perspectivá-lo como sendo uma qualidade da personalidade. Por exemplo, muitos traços da personalidade são influenciados geneticamente. Será o optimismo um deles?

O resultado de estudos feitos com gémeos (Schulman et al., 1993) sugerem que o optimismo, quer seja aceite em termos de expectativas generalizadas ou em termos de um estilo explicativo, está sujeito à influência genética. Como é sempre verdade no que concerne à hereditariedade, mantém-se a dúvida se o optimismo é só por si herdado ou se está mais relacionado com alguns aspectos de temperamento biológico. O optimismo está relacionado, quer com o neuroticismo, duma forma negativa, quer com a extroversão, duma forma positiva, e ambas estas qualidades são conhecidas pela sua origem genética. No entanto, parece que o optimismo e o pessimismo são distintos destes temperamentos, e pode ser que a hereditariedade observada no optimismo seja um produto desta associação.

Outra influência nesta visão de optimismo *versus* pessimismo aprendido ou adquirido pela vida é a experiência vivenciada durante a infância. Muitas teorias insistem em manter a perspectiva de que a infância é um momento importante para a formação da personalidade. Por exemplo, a teoria psicosocial de Erikson defende que as crianças que experienciam os acontecimentos como sendo previsíveis estabelecem uma relação de confiança com a vida, enquanto que as que experienciam o mundo como imprevisível, desenvolvem um sentimento de desconfiança.

Os estudos em adultos sobre a vinculação mostram a sua importância nas relações que se estabelecem durante a sua vida. A insegurança nos adultos em estabelecer este processo de vinculação está relacionada com o pessimismo. Esta afirmação sugere a possibilidade do optimismo depender em parte do facto da experiência precoce ser vivenciada como securizante (Scheier e Carver, 1985).

Quer o optimismo, quer o pessimismo, tenham origem genética ou na experiência precoce, são qualidades da personalidade fundamentais para a formação da pessoa. Elas influenciam a forma como as pessoas se orientam perante os acontecimentos ao longo da vida e como definem a natureza da realidade que vivenciam.

As investigações realizadas em gémeos monozigóticos e dizigóticos suecos (Plomin et al., 1992) mostraram existir um padrão de resultados mais similar entre os monozigóticos. Há níveis de correlação significativos de optimismo em gémeos monozigóticos, mas não em gémeos dizigóticos, e os dados estimaram ser cerca de 25% o peso da hereditariedade sobre o desenvolvimento do optimismo e do pessimismo.

Em contrapartida, os estudos de Schulman e colaboradores (1993) referem quatro formas através das quais o optimismo pode ser aprendido:

1. Relação com o criticismo dos adultos face aos comportamentos das crianças;
2. Relação com a influência ambiental em que as crianças aprendem a comportar-se baseando-se nas reacções da mãe;
3. Relação com a existência de traumas na vida da criança e o momento em que acontecem;
4. Relação com a terapia.

Segundo Chang (2001), a verdade é que se sabe ainda hoje pouco sobre as origens do optimismo e do pessimismo, ainda que a correlação entre o optimismo dos pais e dos seus filhos adultos seja de cerca de R=0.12. Esta fraca correlação leva o autor a colocar a hipótese do optimismo estar muito mais dependente do contexto e da educação do que da influência genética.

Na perspectiva da aprendizagem social, o optimismo aprende-se por modelagem. Se os pais forem optimistas terão filhos optimistas e vice-versa. Seligman e colaboradores (1989) ilustram bem esta abordagem quando dizem que um estilo explicativo optimista dos pais se correlaciona com o dos filhos, referindo a mãe como principal responsável por esta influência. Também verificaram que o estilo explicativo para acontecimentos negativos de crianças entre os 8 e os 13 anos se correlaciona significativamente com os estilos explicativos da mãe, mas não do pai. As mães optimistas e as pessimistas mostram diferentes comportamentos em relação aos seus filhos quando estes fazem alguma tarefa (por exemplo, quando o filho se depara com uma dificuldade face a uma tarefa, as mães que tranquilizavam os filhos e lhes davam confiança tinham filhos mais optimistas).

Reforçando esta perspectiva temos os estudos de Fincham e colaboradores (1992) e de Hasan e Power (2002), que encontraram relações significativas entre os estilos explicativos das mães e dos seus filhos, o que pode revelar a existência de aprendizagem das atribuições causais através da observação e das explicações que ouvem a mãe dar ao que acontece na vida.

Contrariamente, os acontecimentos negativos, no caso de abusos ou conflito parental, aparecem correlacionados com um estilo explicativo pessimista (Seligman et al., 1986 *in* Starck e Boswell, 2000).

Peterson e Bossis (1991) fizeram dois estudos na mesma linha dos anteriores: um relativo à opinião de jovens adultos sobre os estilos educativos dos seus pais e outro em 90 adultos cujas mães tinham sido entrevistadas quando os seus filhos tinham 5 anos. Em ambos os estudos, aqueles que exibiam estilos atribucionais do tipo optimista tinham tido pais que lhes haviam proporcionado suporte, transmitiam confiança, que não eram restritivos e que haviam promovido a autonomia.

Dweck e colaboradores (*in* Starck e Boswell, 2000) avançam com a ideia de que as crianças interiorizariam as atribuições que os professores faziam relativamente aos seus sucessos e aos seus falhanços. Verificaram também que as raparigas tinham explicações mais do tipo pessimista para os seus falhanços do que os rapazes, e que isto era consistente com as diferenças que os professores faziam face ao género nas atribuições.

Mais recentemente, Hasen e Power (2002) estudaram as correlações dos valores de optimismo e pessimismo entre mães e filhos. Os participantes neste estudo foram 81 crianças com média de idade de 10.3 anos e as suas mães com média de idade de 39.7 anos. Os resultados mostram que o pessimismo das mães está correlacionado com o pessimismo dos filhos, mas não o optimismo. Sendo assim, deixa-nos uma porta aberta para a elaboração de programas de educação para o optimismo.

Segundo Marujo e colaboradores (2001, p. 14) "que sentido faz ser professor se não se andar entusiasmado com a vida... não deveríamos ser nós, que ensinamos os outros, a comportarmo-nos como mensageiros da esperança? Torna-se assim necessário iniciar uma nova era em que se respire positividade e êxito, se construam e se partilhem histórias bem conseguidas e se criem maneiras de cada um se embrenhar nos pequenos grandes sucessos de cada dia, ao mesmo ritmo compulsivo com que hoje se afunda nas impossibilidades".

Uma investigação realizada por Marujo (1994) que envolveu 2209 crianças e jovens portugueses de ambos os sexos do 3° ao 12° ano de escolaridade, veio mostrar que o negativismo e o mal-estar dos sujeitos estava associado a experiências escolares e à desumanizada pressão para o sucesso. Demonstrou também que existem factores relacionais e comportamentais com um grande impacto nos alunos, que por sua vez se ligam com o clima existente na escola. Parece existir uma excessiva preocupação em relação ao futuro escolar e profissional, reforçando assim a necessidade de obtenção de sucesso escolar em detrimento do desenvolvimento pessoal, emocional e relacional.

O optimismo que se pretende alcançar é um optimismo realista e interveniente, não uma alegria pateta e desenraizada. Não é um acreditar que tudo vai correr bem sem nada fazer, esperando a acção mágica de uma qualquer sorte. O sujeito deverá ser participante activo da sua própria vida e acreditar que ter interpretações, crenças e expectativas optimistas determinará maior positividade naquilo que lhe acontece, porque esperar e procurar o melhor leva-lo-á a tomar passos concretos, que o transportarão para mais perto dos seus sonhos (Marujo et al., 2001).

As qualidades do optimismo e do pessimismo influenciam as experiências subjectivas das pessoas quando se confrontam com os problemas, assim como influenciam também a forma de agir e de lidar com esses mesmos problemas.

5. Bem-Estar Subjectivo

"A tua gravidade:
o justo peso de que
dispões para rir"
Luiza Neto Jorge

Este conceito de Bem-Estar Subjectivo (BES) na perspectiva de Myers (2000) traduz-se pela felicidade e satisfação com a vida. Encontramos também outras definições tais como a de Diener (2000) que afirma que a felicidade é o bem estar subjectivo; segundo Mroczeck e Kolarz (1998) as pessoas diferem nos seus níveis de felicidade, também conhecida como bem estar.

Tentando explorar um pouco mais a fundo o significado de bem estar subjectivo podemos começar por referenciar a definição apresentada por Diener (1984 *in* Neto et al., 1990) onde o bem estar subjectivo se centra nos próprios julgamentos da pessoa e não em critérios que o investigador possa achar importantes. Alguns estudos posteriores vieram trazer ao BES a existência de uma multidimensionalidade, nomeadamente os realizados por Lucas e colaboradores (1996) e por Diener e colaboradores (1999). Esta multidimensionalidade seria concretizada por três factores: afectividade positiva (quantidade de afectos positivos que uma pessoa experimenta); afectividade negativa (quantidade de afectos negativos que uma pessoa experimenta); satisfação com a vida (avaliação cognitiva).

Assim sendo, na perspectiva de Diener um aspecto afectivo poderá ser por exemplo "Eu sinto-me bem com a minha vida" e um aspecto cognitivo poderá ser por exemplo "Eu acho que os diversos aspectos da minha vida, família, trabalho, educação etc. são satisfatórios".

Tudo depende da forma como se define o estado de felicidade. É certo que o ser humano procura por princípio o caminho para atingir a felicidade e o bem estar. Mas a natureza do Homem – ser relacional- faz com que o bem estar próprio passe a ser o bem estar dos outros, para que isso lhe permita crescer espiritualmente e sentir-se responsável na construção do mundo em que vive.

Nesta perspectiva o bem estar é relativo, e os indicadores de bem estar variam de pessoa para pessoa. Segundo Neto e colaboradores (1990) bem estar, satisfação e qualidade de vida dependem das expectativas de cada pessoa e portanto de padrões de comparação. Para uns pode significar ter uma família, amigos, etc. para outros pode ser ter poder, prestígio e ainda para outros pode ser apenas não haver guerra e ter algo que comer.

Segundo os estudos de Diener, um BES elevado pode conduzir a consequências positivas. As pessoas felizes parecem ser mais sociáveis e criativas, vivem mais tempo, ganham mais dinheiro e são melhores cidadãos no seu local de trabalho.

Reforçando esta questão, Diener e Fujito (1994) já referiam que bem estar subjectivo é a denominação científica para a forma como as pessoas avaliam a sua vida. O conceito de bem estar inclui diversas avaliações sobre a nossa vida – pode incluir auto-estima, alegria, auto-gratificação, etc. O mais importante é que é a própria pessoa que de acordo com os seus critérios e referências faz a avaliação da sua vida.

Um outro estudo apresentado por Brickman e Campbell (1971 *in* Diener, 2000) defende uma teoria baseada no princípio da adaptação, ou seja, quanto mais satisfazemos as nossas necessidades e alcançamos os nossos desejos mais aumentam as nossas expectativas. Rapidamente criamos habituação a um determinado nível ou estado e isso deixa de ser suficiente para nos tornar felizes. O mesmo sucede pela negativa: quando nos deparamos com o infortúnio ficamos infelizes, mas passado algum tempo adaptamo-nos e essas circunstâncias negativas passam a não ter tanta influência.

Segundo Aro e Nurmi (1997), num estudo longitudinal realizado com 256 alunos universitários durante três anos, com o objectivo de tentar cruzar as relações entre jovens adultos, a sua situação de vida, a sua história de vida e o bem estar subjectivo,

ficou demonstrado que nesta fase do desenvolvimento as pessoas constroem objectivos pessoais e esses objectivos ligam-se na sua maioria a questões como educação, ocupação e família. Ficou também demonstrado que aqueles alunos que apresentavam interesse por estes objectivos no 1° ano da universidade, mantinham-no passados dois anos. Mesmo quando confrontados com grandes transições pareceram conseguir orientar as suas vidas. Aqueles que mencionaram como prioritários objectivos pessoais referenciaram mais tarde menos acontecimentos positivos, enquanto que aqueles que estavam mais interessados em constituir família foram confrontados com menos acontecimentos negativos. Observaram também que aqueles sujeitos que eram solteiros tornavam-se mais interessados em objectivos pessoais do que aqueles que eram casados. Estes resultados demonstram que as circunstâncias de vida das pessoas parecem ter uma relação directa na forma como vão fortalecer o padrão de vida em que se envolveram. Estes resultados sugerem que os objectivos que as pessoas estabelecem, a situação de vida e as transformações que estão a enfrentar formam uma espécie de adaptação que é feita passo a passo.

Um dos maiores objectivos deste estudo foi o de avaliar a extensão para a qual diferentes tipos de objectivos estavam associados com o bem estar subjectivo. Estas associações podem ser consequência de dois processos:

1) de acordo com a teoria do "lifespan" ou ciclo de vida pode-se assumir que os objectivos pessoais que dizem respeito às várias tarefas graduais que se vão dando ao longo do desenvolvimento e exigências situacionais fornecem a base para uma socialização de sucesso e subsequentemente o bem estar;
2) os caminhos pelos quais as pessoas avaliam as suas situações de vida em termos de bem estar subjectivo influenciam os tipos de objectivos que eles constroem.

Os resultados deste estudo mostraram evidência de ambas as tendências. Também encontramos alguma evidência de um ciclo cumulativo negativo. Baixa auto-estima parece levar a estabelecer objectivos que têm a ver com dificuldade de relacionamento mais tarde. No entanto, durante o período de dois anos foi também encontrada uma associação com um diminuir da auto-estima e um aumento da depressão. No entanto, trabalhar com dificuldades relacionais sugeriu ser uma tarefa típica para jovens adultos. Os resultados sugerem que estes objectivos parecem estar associados com um baixo bem estar subjectivo.

No final as descobertas deste estudo estão de acordo com as teorias que evidenciam o papel das várias etapas do desenvolvimento e a transição institucional no desenvolvimento da personalidade. Parece que cada etapa de vida e o meio apresentam sempre um conjunto de regras normativas para as pessoas que vivem nela, consequentemente concentrando o trabalho nestas tarefas permite fornecer a base para uma socialização de sucesso e subsequentemente para o bem estar subjectivo.

Podemos ambicionar o não fazer nada, o descansar, mas rapidamente comprometemos esta visão e decidimos ser pais, ser voluntários, ser bons profissionais, ser pessoas disponíveis e carinhosas. Já referenciava Diener (2000) que outras variáveis poderão estar em jogo nesta adaptação, para além das atrás mencionadas, como por exemplo o optimismo e os sentimentos de auto-realização.

Para concluir, Brickman e Campbell (1971 *in* Diener, 2000) defendem a ideia de que todos tendemos a longo prazo para esta teoria da adaptação. Segundo Diener (2000)

parece existir uma tendência para o positivo porque os seres humanos estão predispostos a vivenciar a afectividade positiva se nada de realmente mau lhes acontecer.

6. Optimismo e sua correlação com algumas variáveis sócio-demográficas

6.1. Optimismo e género

Os estudos realizados por Scheier e Carver (1985) e por Plomin e colaboradores (1992) têm demonstrado a não existência de diferenças significativas nos valores de optimismo e de pessimismo, quanto ao género masculino e feminino. Mais recentemente, um estudo feito por Goodman e colaboradores (1997) também veio de encontro às conclusões obtidas nos estudos anteriores, não encontrando diferenças significativas quanto ao sexo numa amostra de 156 adolescentes (71% raparigas e 29% rapazes) com idade média de 16.3 anos. No entanto, um estudo realizado por Chang (1996) sobre diferenças culturais entre optimismo e pessimismo observou diferenças nos valores entre homens e mulheres, mas apenas na amostra de americanos caucasianos e não nos asiático-americanos. Os valores observados foram superiores nos homens (M=23.78) do que nas mulheres (M=21.41). Também o pessimismo obteve diferenças significativas nas mulheres (M=22.54) e nos homens (M=18.35). Um outro estudo realizado em Portugal por Barros de Oliveira (1998), com uma amostra de 742 estudantes do ensino secundário e do ensino superior, verificou também a não existência de diferenças significativas, embora tenha surgido uma tendência para maior optimismo nos rapazes do que nas raparigas.

6.2. Optimismo e estado civil

Foi realizado um estudo por Today e Gallup (*in* Perloiro, 2002) onde se colocava a questão de tentar saber qual a posição optimista dos casados e não casados em relação ao futuro do seu país, neste caso, EUA. Verificou-se que 82% dos indivíduos casados são optimistas (78 homens e 85 mulheres) comparativamente com 73% dos não casados (74 homens e 72 mulheres). Podemos observar que os casados são mais optimistas do que os não casados. Se pensarmos que relativamente à satisfação com a vida os casados são os mais satisfeitos de todos, e que o optimismo é uma variável que se correlaciona fortemente com a satisfação com a vida, é provável que os casados também sejam mais optimistas do que os solteiros ou divorciados.

Um outro estudo realizado por Perloiro (2002) feito a 27 casais portugueses, vem demonstrar que 63% das pessoas afirma ter mudado as suas características optimistas ou pessimistas após o casamento, o que nos leva a colocar a hipótese de que as relações afectivas próximas e mantidas no tempo irão influenciar os níveis de optimismo e de pessimismo. Este estudo conclui também que a maioria das pessoas, 52.8%, diz ter-se tornado depois do casamento mais optimista, 33.7% diz ter ficado na mesma e 9.4% diz ter ficado mais pessimista. Os 9.4% das pessoas que disseram terem-se tornado mais pessimistas são todas mulheres. A constatação do optimismo se correlacionar positivamente com o bem estar social leva-nos a pensar que após o casamento o aumento dos níveis de optimismo é, em parte, a causa desse mesmo bem estar (Perloiro, 2002).

6.3. Optimismo e a quantidade/qualidade das relações sociais

Segundo Helweg-Larsen e colaboradores (1999 *in* Chang, 2001) ser pessimista tem custos sociais elevados, ou seja, quando se diz que alguém é pessimista elaboramos um julgamento que associa a essa pessoa traços de tristeza e depressão. Segundo Brissete e colaboradores (2002), relativamente à influência do optimismo nas relações sociais em geral, pelo menos no que respeita a estudantes universitários, verifica-se que aqueles que são mais optimistas têm uma rede de amigos maior e uma melhor percepção de suporte social.

Segundo Brissete e colaboradores (2002) o optimismo parece ter efeitos sobre o desenvolvimento de redes sociais. No seu estudo verificaram que no fim do primeiro semestre, aqueles que tinham maiores níveis de optimismo tinham um maior número de amigos, redes de suporte social mais extensas e um melhor ajustamento face ao meio, pois utilizavam mais estratégias de re-enquadramento positivas e mostravam ter um crescimento do tipo positivo.

Um outro estudo realizado por Park e colaboradores (1997) sobre o papel do pensamento construtivo e do optimismo na adaptação psicológica e comportamental numa amostra de 221 mulheres grávidas, permitiu concluir que o pensamento construtivo se encontrava fortemente correlacionado com o optimismo, e que os maiores níveis de pensamento construtivo e de optimismo estavam relacionados com menores níveis de stress. Verificaram também que apenas o pensamento construtivo tem influência directa sobre o ajustamento psicológico e comportamental, com a chamada de atenção para o facto de que este pensamento construtivo, mais do que um moderador, é um modelador. Assim, o optimismo opera através do pensamento construtivo com as seguintes características: a aceitação de si mesmo e dos outros; a não personalização excessiva do que acontece na nossa vida; a não demasiada sensibilidade à desaprovação, ao falhanço ou à rejeição; a não permanência na ruminação dos azares anteriores.

6.4. Optimismo e religião

Há quase um século que a psicologia se tem preocupado em estudar os efeitos da religião nos crentes. No entanto, estes estudos centravam-se em perceber qual a influência dos aspectos comportamentais e emocionais nos indivíduos com uma determinada fé num Deus. Num estudo realizado por Durkheim (1951 *in* Sethi e Seligman, 1993) constatou-se que grupos fundamentalistas, assim como alguns grupos moderados, nomeadamente os católicos, que defendiam uma aceitação incondicional da fé, tinham uma taxa de suicídio menor do que os grupos liberais.

Em 1925, Malinowski (*in* Sethi e Seligman, 1993) sugere que existia uma relação positiva entre participar em actividades religiosas e bem-estar emocional. Mcclure e Loden (1982) dizem que mais tempo passado em actividades religiosas está correlacionado com um aumento de felicidade e satisfação.

Num estudo realizado por Sethi e Seligman (1993) comparou-se o estilo explicativo dos membros pertencentes a nove religiões. A amostra era composta por 623 indivíduos pertencentes a religiões diferentes que foram divididas em três categorias – os fundamentalistas (judaísmo ortodoxo, calvinismo e islamismo); os moderados (judaísmo conservador, catolicismo, luteranismo e metodismo) e os liberais (judaísmo

reformado). A idade dos sujeitos variava entre os 18 e os 65 anos. Concluíram que o optimismo de membros individuais de uma religião é superior nos fundamentalistas do que nos moderados, que por sua vez são mais optimistas que os liberais. Por outro lado, verificaram que a esperança religiosa, a influência da religião no dia-a-dia e o envolvimento religioso era significativamente superior para os fundamentalistas do que para os moderados, e maior para os moderados do que para os liberais.

Segundo Argyle (2001) a religião tem um efeito modesto na felicidade, sendo no entanto este efeito mais marcado nas pessoas mais velhas. Com o estudo de Inglehart (2000), através da análise conjunta de diversos dados do Eurobarómetro provenientes de 14 países diferentes com uma amostra total de 163000 pessoas, verificou-se que aquelas que diziam ir à missa uma vez por semana (85%) estavam mais satisfeitas com a vida do que aquelas que só iam ocasionalmente (82%) e que nunca iam (77%).

Podem hoje em dia referir-se três razões diferentes para explicar como a religião influencia a satisfação com a vida. A primeira pode ter a ver com o facto de receberem maior suporte social as pessoas que são membros de uma religião ou igreja. A segunda será aquilo que as pessoas reportam como sendo "estar perto de Deus", "ligação especial com Deus", "ter uma imagem de Deus como um amigo". A terceira forma de influência é a que advém através das crenças. Ellison (1991 *in* Argyle, 2001) mostrou que ter crenças firmes, às vezes designadas como certeza existencial, se correlacionava directamente com a satisfação com a vida, quer as pessoas fossem ou não praticantes da religião. Seligman (1988) defendeu a ideia de que a perda de um sentido para a vida leva a elevadas taxas de depressão, pois encontrar um significado para a vida requer sempre uma vinculação com algo maior do que o próprio eu.

7. Optimismo e pessimismo na educação: um enquadramento para o ensino superior

" A ciência, a ciência, a ciência...
Ah, como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
ante a riqueza da emoção"
Fernando Pessoa

Segundo Novoa (1992) a história da formação de professores pode ser contada como uma história de incapacidade "para melhorar significativamente a formação científica e as competências profissionais dos professores" (p. 62). Na opinião de Campos (1995) não existem muitos estudos recentes da avaliação do actual sistema de formação de professores. Os problemas que têm sido apontados evidenciam a necessidade de prestar mais atenção à qualidade da formação existente, à sua adequação às necessidades de educação das crianças e dos jovens e ao seu papel na construção da profissão docente; questionam o lugar principal que tem sido ocupado pela formação inicial e levam a criar maiores expectativas em relação à formação contínua. É neste contexto que importa situar o futuro das Escolas Superiores de Educação.

Segundo Hergreaves (1994), através dos tempos aprendemos muito sobre o pensamento dos professores e os tipos de ensino que podem ser eficazes na sala de aula, do ponto de vista educativo. Ultimamente aprendemos também sobre o modo como eles pensam

enquanto ensinam, como planificam e tomam decisões. No entanto sabemos bastante menos acerca do modo como sentem quando leccionam, das emoções e desejos que motivam e moderam o seu trabalho. É fundamental que se identifique, se avalie e se desenhe diversidade de modelos de reestruturação, criando assim alternativas que possam ser aplicadas pelos professores aos seus locais de trabalho, em vez de se representarem imposições às quais devem submeter-se.

Numa perspectiva de Popper (1992) só há um caminho para a ciência – encontrar um problema, ver a sua beleza e apaixonar-se por ele, até que se encontre um outro problema ainda mais fascinante. Mas mesmo que se encontre a solução, poder-se-á descobrir a existência de toda uma família de problemas, para cujo bem estar se poderá trabalhar, com um sentido, até ao fim dos nossos dias.

Toda a mudança implica uma escolha entre caminhos a seguir. A compreensão dos contextos, dos processos e das consequências da mudança ajuda-nos a clarificar e a questionar as escolhas. As opções que fizermos dependerão deste entendimento, mas também da criatividade das nossas estratégias e da orientação dos nossos valores.

Os professores sabem que o seu trabalho está a mudar, assim como o contexto no qual o desempenham. Algo vai ter de ceder – "Poderá ser a qualidade da aprendizagem na sala de aula, poderá ser a saúde, a vida e a força dos próprios professores ou poderão ser as estruturas e as culturas básicas da escolaridade, reinventadas em função dos objectivos e das pressões pós-modernas. As regras do mundo estão a mudar. Está na hora de as regras do ensino e do trabalho dos professores também mudarem." (Hergreaves, 1994, p. 296).

Segundo Marujo e Neto (2004), se existem escolas que induzem depressões, outras promovem o bem estar. Assim sendo, o clima emocional da escola não é só feito pelos outros, mas também por cada um de nós. Aqueles professores para quem as aulas são um prazer necessitam de ter estes sentimentos e saberes conscientes, para poderem repeti-los, ou provocar mudanças. É urgente criar escolas em que as emoções vividas são sobretudo positivas, e não manter a escola como um espaço de insegurança, sem regras ou limites, sem valores, nem esforço de trabalho.

Na escola, as emoções são o motor de toda a acção e comunicação, porque ensinar e aprender são processos afectivos. O professor que ensina com paixão e dá a volta de forma positiva às dificuldades vai induzir um rastilho de qualidade pedagógica e relacional que envolverá outros e se alastrará.

Algumas das características do optimismo são a capacidade de estar à espera de melhor, acreditar no futuro, esperar o máximo dos outros, ter confiança em si para atingir as metas, viver com esperança, interpretar de forma positiva cada acontecimento. É uma leitura do passado, que se revê no presente e se projecta no futuro. A pedagogia do optimismo e da esperança é o cuidar o que antecipamos da vida e dos outros. É darmos valor aos nossos pensamentos. Temos algo extraordinário que consiste na capacidade de examinar os processos cognitivos e emotivos, para provocar mudanças que nos levem para construções do aluno e de nós mesmos mais saudáveis.

Segundo Damásio (2003) as emoções cujo desencadear é aparentemente misterioso não se confinam às emoções sociais inatas. Existe uma outra classe de reacções cuja origem

não é consciente mas é formada pela aprendizagem durante o desenvolvimento individual. Se não tivéssemos a experiência de corpo em estados aprazíveis e que consideramos bons e positivos no enquadramento geral da vida, não teríamos qualquer razão para considerar nenhum pensamento como feliz ou triste. Os sentimentos não são supérfluos. A complicada "escuta" que executam na profundidade de cada um de nós é muito útil. A magia está em descobrir as circunstâncias nas quais os sentimentos podem ser um árbitro e de combinar circunstâncias e sentimentos de forma que eles possam guiar o comportamento. A consciência significa a presença de uma mente com um "eu" e permite-nos enriquecê-la através de recordações da nossa experiência individual. Quando enfrentamos um momento novo na vida influenciamos esse momento com as circunstâncias das alegrias e tristezas passadas, bem como as circunstâncias imaginárias do nosso futuro antecipado. Devemos procurar a alegria, por decreto assente na razão, mesmo que a procura pareça tola e pouco realista (Damásio, 2003).

Segundo Goleman (1995) ter inteligência emocional pressupõe possuir capacidades como a empatia e a habilidade para interpretar a natureza das situações sociais e sentimentos dos outros. Por extensão, o optimismo como dimensão importante que é da vida emocional, passou a estar integrado nas Ciências Sociais e Humanas e nas práticas educacionais e organizacionais.

"A esperança nada mais é do que uma alegria inconstante que emerge da imagem de qualquer coisa do futuro ou passado, sobre cujo resultado temos alguma dúvida" (Espinosa *in* Damásio, 2003, p. 322).

Segundo Freire (1984) a pedagogia que defendemos também é uma pedagogia utópica. Devido a este facto, está cheia de esperança, já que ser utópica não significa que seja idealista ou impraticável, mas sim que está comprometida numa constante denúncia e anunciação. A pedagogia não tem sentido sem uma visão do homem e do mundo. Formula uma concepção científica e humanista que encontra a sua expressão numa praxis diagonal na qual professores e alunos juntos, no acto de analisar uma realidade desumana, a denunciam, anunciando ao mesmo tempo a sua transformação em nome da libertação do homem.

Esta pedagogia seria uma espécie de acção cultural objectivando a liberdade, através de um diálogo verdadeiro e construtivo, onde o amor possa manifestar-se em atitudes de solidariedade, cooperação e fraternidade, possibilitando, através da acção e reflexão, o surgimento de uma nova consciência – consciência de si, do mundo, da vida.

Num sistema aberto a sua inteligibilidade deve ser encontrada, não apenas no próprio sistema, mas também na sua relação com o meio, e atender a que esta relação não é uma simples dependência, é constitutiva do sistema. Contrariamente, o paradigma da simplicidade põe ordem no universo e expulsa dele a desordem. A simplicidade vê quer o uno, quer o múltiplo, mas não pode ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo. Com esta vontade de simplificação, o conhecimento científico consagra-se à missão de revelar a simplicidade escondida por detrás da aparente multiplicidade e da aparente desordem dos fenómenos. Segundo a teoria dos astrofísicos, o universo começa com uma desintegração, e é a desintegrar-se que se organiza (Morin, 1990).

Segundo Freire (2002), partindo do conceito de homem como ser cultural, tudo o que pensarmos objectivando este ser humano como fim, terá de convergir para a cultura.

O aluno humano requer um professor humano, que exerça não apenas a profissão de pedagogo, mas a profunda profissão de homem. E neste espaço pedagógico, o diálogo a ser cultivado ocupa todas as áreas relacionais. Podemos aqui estabelecer uma ligação com o princípio da esperança. Esperança no futuro, na mudança, na utopia. Fabricar utopia significa compreender e reconhecer a importância do desejo de mudança que conduz à previsão e ao desejo de outra situação. A utopia é um sonho possível, é um pretender e poder realizar transformações. A esperança está também no sermos capazes, embora com os pés assentes no real, de lançar o olhar para além do horizonte e construir dentro de nós um novo homem, e em torno desse homem, um novo mundo.

A relação pedagógica implica necessariamente o uso e abuso do diálogo. O homem dialógico tem fé nos homens antes de se encontrar frente a frente com eles. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros das suas reais e concretas intenções. Não pode existir se a palavra descaracterizada não coincide com os actos. Não há um diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. O pensar crítico, ou seja, a não aceitação da dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma sólida solidariedade (Freire, 2002).

Segundo Morin (1990), ser sujeito é colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do eu. A complexidade individual é tal, que quando nos colocamos no centro do nosso mundo, também colocamos aí os outros. Ser sujeito é ser autónomo, sendo ao mesmo tempo dependente. É ser provisório, inseguro, é ser quase tudo por si e quase nada pelo universo.

O conhecimento em forma de palavra, de ideia, de teoria é o produto de uma reconstrução mediada pela linguagem e pelo pensamento, e por isso mesmo, passível de erro. Este conhecimento admite interpretações, o que introduz o risco de erro no interior da subjectividade de quem conhece, da sua visão do mundo, dos seus princípios de conhecimento. A projecção dos nossos desejos ou dos nossos medos multiplica os riscos de erros. Poderia pensar-se na possibilidade de eliminar o erro recusando toda a afectividade. Mas o mundo humano, o desenvolvimento da inteligência, é inseparável do da afectividade, ou seja, da curiosidade, da paixão. Não há um estado superior da razão que domina a emoção, mas um circuito intelecto↔afecto. A educação deve assim dedicar-se à identificação das origens dos erros, de ilusões e de cegueiras.

No entanto, são as ideias que nos permitem conceber as carências e os perigos da ideia. Perante este paradoxo, devemos travar uma luta contra as ideias, mas apenas o podemos fazer com a ajuda dos ideais. Nunca devemos esquecer de manter as nossas ideias no seu papel mediador e devemos impedi-las de se identificarem com o real. Apenas devemos reconhecer como dignas de fé as ideias que comportem a noção de que o real resiste à ideia. Esta é a tarefa a ter contra a ilusão.

O conhecimento do conhecimento, que contém a integração do conhecedor no seu conhecimento, deve aparecer à educação como um princípio e uma necessidade permanente. Devemos compreender que na busca da verdade, as actividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das críticas, e os processos reflexivos inseparáveis dos processos de objectivação (Morin, 2002). "Se pudesse existir um progresso de base no séc. XXI seria que os homens e mulheres não fossem mais os brinquedos inconscientes não só das suas ideias mas das suas próprias mentiras. É um dever capital da educação armar cada um para o combate vital pela lucidez." (Morin, 2002, p. 38).

É importante percebermos que a tríade existente entre a razão-afectividade e o impulso não é estável, e pode ser rotativa. Todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertença. Compreender o humano é compreender a sua unidade na diversidade, a sua diversidade na unidade. A educação deverá ilustrar este princípio de unidade/diversidade em todos os domínios.

Sendo assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana.

Como as possibilidades sociais estão relacionadas com as possibilidades cerebrais, nada pode assegurar que as nossas sociedades tenham esgotado as suas possibilidades de melhoria e de transformação e que tenhamos chegado ao fim da História. A possibilidade antropológica, sociológica, cultural, espiritual de progresso restaura o princípio de esperança, mas sem certeza científica. O que contém o pior perigo contém igualmente a melhor das esperanças: é o próprio espirito humano, e por esta razão o problema da reforma do pensamento tornou-se vital. O pensamento deve preparar-se para enfrentar a incerteza.

O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E é aqui que se deve centrar a educação do futuro: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Esta compreensão permite aprender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o seu ambiente, o local e o global, o complexo e o simples, o objectivo e o subjectivo.

A prática mental de auto-exame permanente de si mesmo é necessária porque a compreensão das nossas próprias fraquezas ou falhas é a via para a compreensão das do próximo (Morin, 2002).

Mas a educação pode ajudar a sermos melhor e, senão mais felizes, fazer-nos aprender a assumir a parte prosaica e viver a parte poética das nossas vidas. Segundo Montaigne (*in* Morin, 2002) a primeira finalidade do ensino é a de que mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia.

Reforçando o que anteriormente se disse, a educação deveria convergir para tornar a escola num espaço de compreensão. Explicar não é suficiente para compreender. A compreensão surge-nos quando concebemos os humanos como sujeitos, o que nos torna abertos para os seus sofrimentos e alegrias. Isto implica uma pedagogia conjunta agrupando diferentes áreas, permitindo ao sujeito confrontar-se com a iniciação à lucidez.

A reforma introduziu as ciências modernas nos departamentos que ela criou, a possibilidade de fazer coexistir as duas culturas na Universidade, a cultura das humanidades e a cultura científica. A universidade deve adaptar-se à sociedade e a sociedade deve adaptar-se à universidade. Não se trata apenas de modernizar a cultura. Mas também de culturizar a modernidade. No entanto, existe ainda a pressão sobre-adaptativa que empurra a conformar o ensino às últimas receitas sobre o mercado, a reduzir a cultura humanista. Existe também ainda a disjunção entre cultura humanista e cultura científica. A reforma da universidade não seria capaz de se contentar com uma democratização do ensino e da generalização do estado de estudante. É uma reforma no

sentido de promover a nossa aptidão em organizar o conhecimento, ou seja, a pensar (Morin, 2002).

Um pensamento que isola e separa, é necessário substituir por um pensamento que distinga e religue. Um pensamento redutor, é necessário substituir por um pensamento do complexo. Existe um conhecimento que é compreensivo e que se fundamenta sobre a comunicação, a empatia. Compreender contém um processo de identificação e de projecção de sujeito a sujeito. A compreensão, sempre intersubjectiva, necessita abertura e generosidade.

Em termos de projecto pedagógico podemos chegar a um impasse: não se pode reformar a instituição sem ter previamente reformado os espíritos, mas não se pode reformar os espíritos se previamente não se reformarem as instituições.

Como sempre, a iniciativa só pode vir de uma minoria, à partida incompreendida, por vezes perseguida. Depois opera-se a disseminação da ideia, que ao difundir-se se torna activa.

Freud dizia que existem três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. O ensino deve voltar a ser, não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas uma tarefa de salvação pública, de transmissão. Necessita do que não está indicado em nenhum manual, mas como dizia Platão, do desejo, prazer, amor pelo conhecimento e amor pelos aprendizes.

Hoje somo vítimas de dois tipos de pensamento fechado: o pensamento parcelar que recorta o complexo do real em fatias de salsicha, e o pensamento que parte em puzzle o tecido da terra-Pátria. Precisamos de pensar a complexidade (Morin, 2002).

Segundo Mairena (*in* Morin, 2002, p. 23) "A finalidade da nossa escola é de ensinar a repensar o pensamento, a des-saber o sabido e duvidar da sua própria dúvida, o que é a única maneira de começar a acreditar em qualquer coisa".

Segundo Feitosa (1993), a verdadeira tarefa da ciência, na busca da compreensão do mundo, é procurar aproximar-se da verdade de todas as coisas, com a única certeza de que cada nova descoberta nos traz uma série de problemas insuspeitos. A descoberta de que a nossa ignorância se evidencia e cresce com o saber, e o número de questões é sempre superior ao de respostas, estimula a aventura científica e liberta o cientista da certeza das explicações definitivas. O conhecimento científico é dinâmico. Acontece através da procura e resolução de problemas. A descoberta e o conhecimento são espaços abertos.

O espaço aberto dá lugar a uma mudança de paradigma. Exige uma revolução antecedida por um período de crise onde as anomalias excessivas tornem insuportáveis o confronto com o paradigma aceite. Só então é que a comunidade científica se dispõe a procurar ou aceitar outro paradigma. Esta procura passa por três fases, a da motivação, uma vez que rompe com a estabilidade e a monotonia teórica das comunidades científicas, a da invenção, traduzindo-se na procura do paradigma que dê solução às questões geradoras da crise, e da aceitação, que é o retornar à ciência normal.

Segundo Thomas Kuhn (p. 110) "O significado das crises consiste exactamente no facto de que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos."

Ainda segundo Feitosa (1993), alguns hábitos intelectuais que foram úteis podem, com o tempo, encravar a pesquisa, transformando-se em obstáculos epistemológicos, pois chega uma altura em que o espírito prefere o que confirma o seu saber àquilo que o contradiz, em que prefere respostas a questões. Na educação surge a tarefa de pôr a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber firmado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico. A relação entre o académico e o profissional apresenta uma inversão de influências que espelha esta desorientação existente. Quando o académico deveria orientar, determinar e influenciar a prática profissional, alimentando-a e estimulando-a com questões que a impulsionassem ao desenvolvimento e à pesquisa, é justamente a prática profissional cristalizada, repetitiva, monocórdica e acéfala que condiciona o académico, dificultando-lhe o avanço e o comportamento científico.

Reforçando esta ideia, refere Sergio (*in* Feitosa, 1993, p. 171) "O homem é um ser eminentemente praxico precisamente porque nunca está terminado. Enquanto vive, ele é sempre uma tarefa para si próprio, e daí que ele seja um ser previsor: vive para o futuro e não para o presente."

Segundo Thomas Kuhn (2000, p. 182) "Embora o mundo não mude com uma mudança de paradigma, depois dela o cientista trabalha num mundo diferente"

A esperança é de facto um acto cognoscitivo, o conhecimento do que ainda não é, do que está para vir, uma pré-ciência, com base no ainda não realizado, mas possível. Mas tudo isto acontece porque a esperança é mediada por um sujeito (Feitosa, 1993).

Segundo Sérgio (1999), é na praxis, ou seja, na integração de todos os saberes, que melhor podemos sintetizar a unidade expressiva da pessoa humana. A vida universitária supõe teoria, sentido das articulações e capacidade selectiva. Para tanto, necessário se torna um trabalho de grupo, com especialistas que saibam o valor da pesquisa em função do todo.

Mas o homem é também um ser de desejo. Segundo Freud (*in* Sérgio, 1999), a extinção do desejo traria consigo a morte, ao suprir as tensões que constituem a vida.

Segundo Goleman (1995), o valor educativo das ciências não é só racional, é também emoção poética, ao ocorrer a dúvida, anseios e problemas perpétuos. A ciência é tanto um exercício intelectual, fundado no nexo lógico das hipóteses, dos testes, dos métodos, dos discursos, como uma expressão de sentimentos e de emoções... até pela simples razão de que a inteligência, sem emoção, mantém a lucidez, mas rouba-nos o desejo.

Na perspectiva de Toffler (2001), nos últimos 300 anos a sociedade ocidental foi apanhada por uma erupção de mudança que longe de diminuir, parece estar a tornar-se ainda mais violenta. A aceleração da mudança não se limita a afectar sociedades ou nações; é uma força concreta que se infiltra profundamente na vida pessoal, obriga-nos a representar novos papeis e coloca-nos frente a frente com o perigo de uma nova doença psicológica chamada "choque do futuro".

A mudança começa por acontecer no exterior, mas vai gerar uma mudança análoga no interior. A natureza destas mudanças interiores é tão profunda que à medida que o impulso acelerativo adquire velocidade, põe à prova a nossa capacidade para viver dentro dos parâmetros que definiram o homem e a sociedade. Já o psicanalista Erik Erikson (*in* Toffler, 2001) nos dizia que na sociedade presente o curso natural dos acontecimentos é precisamente o facto de o ritmo de mudança dever continuar a acelerar-se até aos limites ainda não alcançados da adaptabilidade humana e institucional.

Ainda segundo Toffler (2001), embora muitas universidades tenham alargado a variedade dos cursos, continuam agarradas a complexos sistemas standardizados baseados em exames, graus, etc. Estes sistemas abrem caminhos básicos que todos os estudantes têm de percorrer. Se é certo que os professores estão a multiplicar rapidamente o número de caminhos alternativos, não o é menos que o ritmo da diversificação está longe de corresponder à rapidez desejada pelos estudantes. Não se trata apenas de uma questão de automóveis ou detergentes mais variados. O impulso social para a diversidade e para a crescente possibilidade de escolha individual afecta o nosso ambiente mental e material.

O aumento de distúrbios de personalidade, neuroses e simples problemas de depressão psicológica na nossa sociedade indica que já é difícil a muitos indivíduos criar um estilo pessoal inteligente, equilibrado e razoavelmente estável. Estamos perante um aumento tentador e, ao mesmo tempo, inquietante de liberdade.

Está a surgir uma ordem social nova e muito mais fragmentada. Uma ordem superindustrial. Baseia-se em comportamentos mais diversos e efémeros e nós ainda não aprendemos a uni-los, a formar com eles um todo. O superindustrialismo não precisa de homens-massa, idênticos e despersonalizados, mas sim de pessoas muito diferentes umas das outras, precisa de indivíduos e não de robôts. E criá-los-á. A espécie humana, em vez de ser amalgamada numa conformidade monótona, tornar-se-á socialmente mais diversa do que jamais foi (Toffler, 2001).

A única maneira de conservar o equilíbrio durante a revolução superindustrial, será enfrentar invenções com invenções, conceber novos reguladores de mudança pessoais e sociais. O indivíduo necessita de novos princípios para cadenciar e planear a sua vida, assim como um tipo de ensino inteiramente diferente. Podemos iniciar a nossa batalha para evitar o choque do futuro pelo nível mais pessoal. Podemos, por exemplo, proceder periodicamente a uma introspecção, examinar as nossas reacções físicas e psicológicas à mudança, desligar por momentos o ambiente externo para nos concentrarmos na avaliação do interno. Um factor ignorado, que afecta o desejo de aprender, pode bem ser o nível de estimulação cognitiva da vida do indivíduo no momento: por exemplo, esta expressão "não me chateiem com novos factos" é uma frase que se utiliza muitas vezes, de brincadeira. Mas a brincadeira disfarça um desejo verdadeiro de não ser sobrecarregado com novos dados.

O importante de qualquer tentativa individual para fazer frente à mudança acelerada é descobrir uma maneira de não sair da escala adaptativa e também encontrar o ponto óptimo em que se possa viver com a máxima eficiência. A procura desse óptimo talvez seja afinal aquilo que se chama a busca da felicidade.

Por exemplo, não temos literatura acerca do futuro, mas temos literatura que não consiste apenas nas grandes utopias, mas também na ficção científica contemporânea. Se considerarmos a ficção científica como uma espécie de sociologia do futuro, reveste-se de um grande valor, pois é uma força que provoca no cérebro o hábito de antecipação. Criar esta curiosidade e esta consciência é uma das principais tarefas do ensino. Utilizando a mudança com imaginação para canalizar a própria mudança, não só evitaremos o trauma do choque do futuro como também humanizaremos os amanhãs longínquos (Toffler, 2001).

Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação confronta-se com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social.

A profissão pedagógica não pode nem consegue ser constituída por um conjunto de técnicas, caso contrário o acto pedagógico seria separado da vida. A profissionalidade pedagógica não é susceptível de ser fundamentada a partir de um tipo qualquer de tecnologia pedagógica. Se assim fosse implicaria ver o aluno como um mero objecto grosseiro. Em vez de pedagogos e agentes da educação, os professores seriam tecnocratas do ensino.

A profissão pedagógica requer a formação da personalidade total do professor. O pedagogo leva consigo a sua formação objectivada em competências sociais e culturais e transporta-as para as relações e situações pedagógicas. É aqui que reside a autenticidade com que se apresenta aos seus parceiros (Giesecke, 1989 *in* Campos, 1995).

As situações pedagógicas são como os momentos da vida: são únicas e não se repetem. Por isso a actuação pedagógica é sempre criativa e nunca uma simples repetição de acções passadas. Segundo Giesecke (1989 *in* Campos, 1995) não há situações pedagógicas, mas tão-somente situações nas quais é possível a actuação pedagógica.

A formação e actuação do professor ligam-se com duas competências - uma social e outra cultural (Giesecke, 1989 *in* Campos, 1995). A social tem a ver com a capacidade de organizar o ensino e os grupos de aprendizagem, de funcionar como auxiliar de aprendizagem, de estruturar situações e relações pedagógicas. A competência social não vale por si só, se não estiver ligada a uma competência cultural. É esta competência que dá sentido e que confere especificidade e exige diferenciação à competência social.

O acto pedagógico comporta momentos de acção e momentos de reflexão. Por reflexão entende-se a tomada de consciência das experiências adquiridas na acção e como um alargamento sistemático do reportório das noções, princípios e conceitos, reportório este como sendo a história da formação e da vida do pedagogo. Assim sendo, segundo Bento (*in* Campos, 1995) o acto pedagógico pede professores formados não como generalistas complexados ou idiotas especializados, mas sim capazes de enraizarem a sua especialidade e profissionalidade em largos horizontes abertos ao mundo.

Na perspectiva de Campos (1995), no momento actual, não só se questiona o lugar principal que tem sido ocupado pela formação inicial, como existem dúvidas sobre o modelo dominante, o modelo integrado, que está na base da criação dos cursos

específicos de formação de professores. Segundo Estrela (1999) assistimos a uma desvalorização da formação inicialmente associada a práticas demasiado transmissivas e normativas, pouco consentâneas com um novo conceito de profissionalismo.

Segundo Bidarra (2002) um dos problemas que se regista neste domínio da formação de professores refere-se à demasiada adesão a um modelo de tipo transmissivo que é aquele que menos favorece a modificação das representações, competências e disposições pessoais, assim como a existência de uma dissociação no espaço e no tempo entre formação teórica e prática pedagógica, que possibilita a expressão do fenómeno do optimismo irrealista, uma vez que incute nos estudantes a ideia de que ser professor é algo fácil de se fazer.

Nos estudos apresentados por Bidarra (1994) efectuados nos ramos Educacionais da Faculdade de Letras e da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, permitiram analisar questões relativas à percepção do grau de transmissividade das práticas de formação e da modificação das representações do processo de ensino-aprendizagem e às expectativas relativas ao desempenho futuro. Verificou-se que quer os estudantes da FLUC, quer os estudantes da FCTUC, percepcionam o modelo de formação psicopedagógica como um modelo essencialmente transmissivo. No que concerne à relação entre percepção da transmissividade do modelo de formação e percepção das modificações nas representações relativas ao processo de ensino-aprendizagem e à concepção do bom professor, os resultados obtidos nas duas amostras reafirmam a hipótese segundo a qual existe uma relação inversa entre a percepção da transmissividade e a percepção das modificações nas representações, ou seja, quanto maior é o grau de normatividade atribuído ao modelo de formação, menor é o grau de modificação nas representações percepcionadas pelos sujeitos. Do mesmo modo, reafirmamos a hipótese do optimismo irrealista, aqui mostrada em expectativas francamente positivas nos sujeitos, nas duas amostras, relativamente ao seu desempenho futuro significativamente superiores às capacidades relativas à classificação nas disciplinas de formação psicopedagógica, o que demonstra uma medida indirecta de desvalorização da preparação profissional.

Segundo um estudo realizado por Weinstein (1988) em profissionais com experiência e profissionais acabados de formar, pôde-se observar que os mais antigos apresentavam um grau de optimismo mais elevado do que os outros. Estes sujeitos eram mais optimistas baseando-se nas suas capacidades de ensinar alunos de diferentes culturas, em manter a disciplina, em estabelecer regras, no que concerne à família, e em lidar com as diferenças individuais. No entanto, é interessante observar que com excepção dos itens relativos aos estudantes de diferentes culturas, estas tarefas são todas percebidas como extremamente problemáticas para os professores em início de carreira.

O optimismo irrealista foi mais elevado nos itens relacionados com aspectos de organização e gestão, como por exemplo manter a disciplina, estabelecer e reforçar as regras e os procedimentos na sala de aula, conseguir manter alunos a trabalhar quietos e sossegados durante as tarefas. Mais uma vez isto reflecte uma discrepância entre as expectativas e as percepções dos professores em início de carreira, que geralmente percebem a gestão da sala de aula (disciplina) como o problema mais sério. Os sujeitos com mais experiência eram mais optimistas do que aqueles sem experiência. Estes resultados baseiam-se no argumento de que expectativas irrealistas contribuem para criar uma experiência de choque para muitos professores em início de carreira. Daí, na

perspectiva de Weinstein (1989), surge como principal implicação para a formação de professores a necessidade de reflectir sobre esse optimismo irrealista de modo a conduzir a expectativas mais realistas e a ter em conta as diferentes dimensões do ensino.

Segundo Perrenoud (1988), surge como principal implicação para a formação de professores a necessidade de reflectir sobre esse optimismo de modo a conduzir a expectativas mais realistas e a ter em conta as diferentes dimensões do ensino, o que não deverá confundir-se com realismo conservador.

A existência deste optimismo irrealista pode trazer graves implicações na educação dos professores. Se os alunos acreditarem que ensinar é relativamente fácil, eles estarão pouco motivados para se entregarem à tarefa de se prepararem para esta profissão (Book *et al.*, 1983; Lanier e Little, 1986). Segundo Weinstein (1988), para todos os professores, é fundamental que os alunos estejam motivados para a aprendizagem. É no entanto fundamental que se ponderem alternativas de apoio aos alunos de forma a desenvolver expectativas mais realistas sobre a sua futura experiência profissional.

Segundo Closets (2002) aprender é um esforço, ou seja, o investimento é forçosamente pessoal. Os mestres podem-nos orientar, os métodos ajudar-nos, os professores instruir-nos, mas se queremos saber não há nada que nos possa dispensar de fazermos por nós próprios o caminho a percorrer. Aprender é também um enriquecimento, não do ter mas do ser. É uma aventura, ou seja, uma viagem arriscada para gente que não desiste à primeira dificuldade; para uns serão imagens, para outros será uma história.

Na opinião do autor para se ganhar riqueza interior é preciso gente que nos desperte a alma de "fadas" que difundam à volta a curiosidade, que incentivem o gosto por estudar e a felicidade de saber. Se não for assim, numa sociedade de incultos diplomados, talvez não haja mais desempregados, mas de certeza haverá mais infelizes.

Segundo Marujo e colaboradores (1999), se nos aventurarmos um pouco pela nossa história podemos observar que Portugal é um país vincado, marcado por um clima depressivo e pessimista. Existia uma onda que valorizava o sofrimento, a vitimização e a resignação. Embora com a queda da monarquia em 1910 tivesse surgido uma visão mais esperançada do povo e do país, as marcas do pessimismo continuaram a persistir.

Num estudo realizado por França (1993) sobre valores europeus e identidade cultural, concluiu-se que o povo português vive globalmente insatisfeito e infeliz, tenso e desanimado, desconfiado, preocupado com o futuro e no que concerne à relação educativa apresenta valores negativos.

Na perspectiva de Marujo e colaboradores (op. cit.), é urgente gerar uma mudança. Uma transformação na educação. Para isso é primordial começar pelos actores que podem iniciar estas mudanças, que são os professores. É sabido que os professores funcionam como modelos para os seus alunos. Ora tendo como provado que o optimismo traz mais saúde mental e física e maior felicidade, o professor tem de se educar e de educar os outros para o optimismo.

Como dizia Alvez (2003) "Porque o destino do ser humano é ser feliz... porque a alegria é possível!"

É no entanto interessante observarmos que na perspectiva de Assman (1998), o ambiente pedagógico tem de ser um lugar de fascinação e invenção. Não inibir, mas propiciar aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos. Porque a aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo o conhecimento tem uma inscrição corporal. Que ela venha acompanhada de sensações de prazer não é, de modo nenhum, um aspecto secundário. É preciso reintroduzir na educação o princípio de que toda a morfogénese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer.

Ainda segundo Assman (op. cit.) re-encontrar a educação significa colocar a ênfase numa visão da acção educativa como produção de experiências de aprendizagem. A vida "vive-se", "gosta-se". Por isso os professores deveriam analisar de que forma a vida dos alunos é uma vida concreta que, no seu mais profundo dinamismo vital e cognitivo, sempre gostou de si, ou pelo menos tentou e volta a tentar gostar de si. A não ser que a educação cometa o crime de anular essa dinâmica vital de desejos de vida, transformando os alunos em meros receptáculos instrucionais. O reencantamento da educação requer a união entre sensibilidade social e eficiência pedagógica. O compromisso do professor deve manifestar-se na excelência pedagógica e na colaboração para um clima de esperança no próprio contexto educativo.

Pedagogia é encontrar-se e seduzir-se reciprocamente com experiências de aprendizagem. A temporalidade pedagógica não se deve medir apenas cronologicamente em horas, dias, meses e anos, mas como tempo vivo que se avalia pelos resultados do emergir de experiências de aprendizagem – tempo de informação instrucional, tempo de apropriação personalizado de conhecimentos, tempo de inovação criativa, tempo para desenvolver a auto-estima, tempo de dizer sim à vida, tempo de organizar esperanças.

Os tempos subjectivos costumam estar inscritos rigidamente no tempo das instituições. O tempo institucional deveria estar sempre ao serviço de um clima institucional que estimule a sincronização entre tempos cronológicos e tempos vivenciados.

Shakespeare escreveu sobre as diferenças subjectivas dos sentidos de tempo e das maneiras como estão intimamente ligadas aos nossos projectos de vida mais gerais. Em "As you like it" apresenta-nos esta conversa entre Rosalind e Orland:

Ros: Por favor dizeis-me que horas são?
Or: Deveríeis antes perguntar-me que altura do dia é; não existem relógios na floresta.
Ros: Então não existe nenhum amante verdadeiro na floresta, pois de contrário o suspirar a cada minuto e o gemer a cada hora descobriria o pé preguiçoso do tempo tão bem como um relógio.
Or: E porque não o pé ligeiro do tempo? Não seria isso igualmente apropriado?
Ros: De modo algum senhor. O tempo viaja a ritmos diversos com pessoas diversas. Dir-vos-ei com quem o Tempo caminha a passo lento, com quem anda a trote, com quem galopa e com quem se mantém imóvel...
Or: Com quem caminha a passo lento o Tempo?
Ros: Com um padre que não conhece o Latim e com um homem rico que não teve a gota; pois um dorme facilmente porque não consegue estudar e o outro vive

alegremente porque não sente qualquer dor; um sem o peso da aprendizagem improdutiva e inútil, o outro não conhecendo qualquer sofrimento de pesada e tediosa penúria. É com estes que o Tempo caminha a passo lento.
Or: Com quem galopa ele?
Ros: Com um ladrão a caminha da forca, pois embora caminhe tão suavemente quanto os pés lhe permitem acha que chegou lá demasiado cedo.
Or: Com quem se mantém imóvel?
Ros: Com os advogados em tempo de férias, pois dormem entre os períodos de funcionamento do foro e não se apercebem de como o Tempo se move.

(*in* Hargreaves, 1994, p. 112)

A criação de condições de aprendizagem requer que a temporalidade institucional seja colocada em função da produção de tempo vivo, ou seja, ao serviço de um tempo que se revele fecundo para a construção do conhecimento e para alentar a sensação de alunos e docentes de que eles efectivamente se encontram inseridos num tempo pedagógico. A vivência do tempo torna-se mais saborosamente consciente (Assman, 1998).

Jorge Luís Borges (*in* Alves, 2003) declara que estudou a vida inteira, menos nos anos em que esteve na escola. É de facto difícil amar disciplinas representadas por rostos e vozes que não querem ser amados.

Na banda desenhada de Charlie Brown existe um pequeno trecho em que ele explica a um amigo a importância das escolas e diz: "Sabes porque temos de tirar boas notas na escola? Para passarmos do 1° ciclo para o 2° ciclo. Se tirarmos boas notas no 2° ciclo, passamos para o secundário e se no secundário tirarmos boas notas passamos para a universidade, e se nesta tirarmos boas notas conseguimos um bom emprego e podemos casar e ter filhos e mandá-los à escola, onde eles vão estudar um monte de coisas para tirar boas notas e...".

Nietzsche (*in* Alves, 2003) também afirmava que "o que as escolas realizam é um treino brutal com o propósito de preparar um vasto número de sujeitos, no menor espaço de tempo possível, para se tornarem usáveis e abusáveis, ao serviço do governo."

Usemos a velha história do príncipe que se transforma num sapo, por um feitiço feito por uma bruxa. O príncipe ficou enfeitiçado. Mas o feitiço – assim nos ensinaram na escola – é coisa que não existe. Só acontece nas histórias. Mas é engano, pois o feitiço acontece mesmo. O que é o feitiço? É quando uma palavra entra no corpo e o transforma. O príncipe ficou possuído pela palavra que a bruxa falou. O seu corpo ficou igual à palavra (Alves, 2003).

Esta é também a nossa própria história. Desde que nascemos que nos vão dizendo palavras. Elas entram no nosso corpo e ele vai-se transformando. Ora educação é isto – o processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros puseram em mim. Citando Fernando Pessoa "Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim". O corpo é um corpo enfeitiçado, porque aprendeu as palavras que lhe foram ditas e esqueceu-se de outras que agora permanecem malditas.

Segundo Barthes (*in* Alves, 2003) "há uma idade em que se ensina aquilo que se sabe. Vem, em seguida, uma outra, quando se ensina aquilo que não se sabe. Vem agora,

talvez, a idade de uma outra experiência: aquela de desaprender. Deixa-me, então, ser possuído pela força de toda a vida viva: o esquecimento."

Esquecer para lembrar. Já a psicanálise não tem interesse por aquilo que se sabe. O sabido, lembrado, aprendido, é a realidade sapal, o feitiço que precisa de ser quebrado.

Dizia Alberto Caeiro "Procuro despir-me do que aprendi. Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu".

Usamos Alves (2003) para dizer que esta poderá ser uma boa imagem para um mestre: fazer esquecer para fazer lembrar. A universidade mói os sujeitos assim como o moedor pica a carne. Dentro de alguns anos os alunos estarão formados. Serão profissionais. E o que é um profissional senão um corpo que sonhava e que foi transformado em ferramenta? As ferramentas são úteis. Necessárias. Mas – que pena – não sabem sonhar.

Ainda se observa hoje nas instituições que gastar tempo a pensar em música, jardinagem, etc. é uma doença a ser evitada a todo o custo, em benefício do controle da qualidade do pensamento, ou seja, é o cortar as asas da imaginação, da esperança, dos sentimentos, do optimismo. É no lugar onde a palavra faz amor com o corpo que começam os mundos.

Mas perante esta realidade não é de admirar que as pessoas passem as suas vidas com a estranha sensação de que não era bem aquilo que desejavam. Elas foram transformadas em alguma coisa diferente dos seus sonhos, e essa traição condenou-as à infelicidade (Alves, 2003).

Segundo Valéry (*in* Alves, 2003, p. 76) "o pensamento é, em resumo, o trabalho que faz viver aquilo que não existe!".

Na Idade Média os pensadores só se atreviam a falar se solidamente apoiados nas autoridades. Continuamos a fazer o mesmo, embora os textos sagrados sejam outros. Também as universidades têm os seus papas, os seus dogmas, as suas ortodoxias. O segredo do sucesso na carreira académica está em aprender a fazer tudo o que o seu mestre mandar (*in* Hargreaves,1994).

No entanto, na perspectiva de Giddens (1990), tem-se verificado que uma forte orientação para o cuidado, equilibrada com outras finalidades, está fortemente associada a climas de escola positivos que promovem o sucesso dos alunos.

Claramente, a atitude dos professores não é um problema privado, antes pelo contrário deveria ser abordado partindo da reconstrução da cultura do ensino, as relações de trabalho que concedem aos professores, orientações, apoio e aprendizagem profissional e que podem envolvê-los activamente na definição de finalidades ambiciosas, estabelecendo ao mesmo tempo limites realistas para aquilo que fazem

Agora o que se deve desejar é aprender a dançar. "Para se aprender a pensar é preciso primeiro aprender a dançar " (Zaratustra *in* Alves, 2003, p. 89). Quem dança com as ideias descobre que pensar é alegria. Se pensar provoca tristeza é porque o aluno só sabe marchar. A ciência constrói-se, não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia

dos que sonham. Todo o conhecimento começa pelo sonho. Mas sonhar é uma coisa que não se ensina. Nasce das profundezas do corpo.

Os profissionais da educação pensam que o problema da educação resolver-se-á com a melhoria das oficinas – mais verbas, mais artefactos técnicos. Não percebem que não é aí que o pensamento nasce. O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança. Tudo começa com um acto de amor. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os professores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor – intérpretes de sonhos (Alves, 2003).

8. Optimismo e pessimismo: uma avaliação dos constructos

" A razão de ser como sou
deve-se ao facto de não ser
como deveria ser"
José M. Capelo

O optimismo e o pessimismo têm vindo a ser estudados, cada vez mais profundamente, por diferentes autores, como pudémos verificar anteriormente, tornando-se urgente elaborar instrumentos de medida que pudessem avaliar e tornar científicos estes estudos. Ou seja, falar de optimismo e pessimismo não podia mais significar algo banal ou mesmo utópico, mas sim algo de concreto, credível e mensurável. Assim sendo, construíram-se algumas escalas para avaliar estes dois constructos, e como em todos os processos de investigação científica foi-se aperfeiçoando cada vez mais o instrumento de forma a enriquecer o conhecimento sobre esta temática. A leitura efectuada sobre o tema do optimismo deu-nos a conhecer diversos instrumentos de análise. Dos vários instrumentos recolhidos os que mais se salientam, quer pelo número de vezes que são referidos na literatura, quer pelas suas características metrológicas, são o LOT (Scheier e Carver, 1985), o LOT-R (Scheier et al., 1994) e o ELOT (Chang et al., 1997). Analisaremos em seguida cada um deles.

8.1. LOT e LOT-R

O LOT (Life Orientation Test) (Scheier e Carver, 1985) é uma escala que contém 12 itens, 4 dos quais medem o optimismo e 4 medem o pessimismo. Sendo os restantes 4 "filler"itens, ou seja, itens com a função de confirmar a veracidade das respostas (Quadro 3). A escala de resposta é tipo Lickert com 5 pontos. Os maiores valores correspondem a maiores níveis de optimismo.

Existe alguma dificuldade em criar limites para as dimensões do optimismo e do pessimismo. Como vimos, a visão de Scheier e Carver (1985) defende que o optimismo é o oposto do pessimismo: ou se é optimista ou se é pessimista. Ultimamente, alguns estudos vêm pôr um pouco em causa esta perspectiva, defendendo que optimismo e pessimismo poderão ser e representar duas dimensões parcialmente independentes (e.g. Fisher e Leitenberg, 1986, Mrocczeck et al., 1993 *in* Chang et al., 1997).

Quadro 3: Itens do Life Orientation Test (Scheier e Carver, 1985)

Item	LOT	Optimismo	Pessimismo
1	I am always optimistic about my future	OPT	
2	In uncertain times I usually expect the best	OPT	
3	I always look on the bright side of things	OPT	
4	I something can go wrong for me, it will		PESS
5	It's easy for me to relax	Filler	
6	I hardly ever expect things to go my way		PESS
7	I enjoy my friends a lot	Filler	
8	It's important for me to keep busy	Filler	
9	I rarely count on good things happening to me		PESS
10	I am a believer in the idea that every cloud have a silver lining	OPT	
11	I don't get upset too easily	Filler	
12	Things never work out the way I want them to		PESS

OPT=optimismo; PESS=pessimismo. Esta escala é apresentada em Inglês visto não haver ainda tradução para a língua portuguesa.

Tendo por base a questão da unidimensionalidade ou da bidimensionalidade dos dois conceitos, através de um estudo mais recente realizado por Chang e colaboradores (1994), utilizando métodos de análise factorial do tipo confirmatório e do tipo exploratório, numa amostra de 389 estudantes universitários, constatou-se uma prevalência do modelo baseado nos dois factores (um correspondendo ao optimismo e outro ao pessimismo), em detrimento do outro modelo unidimensional, que tinha sido anteriormente proposto e medido através do LOT. Com a ajuda de outros estudos feitos nesta área (e.g. Fischer e Leitenberg, 1986; Dember et al., 1989; Marschall et al., 1992), as conclusões obtidas através do estudo de Chang e colaboradores (1994) vêm pôr em causa a validade da visão mais tradicional e unidimensional do optimismo e do pessimismo.

Scheier e Carver (1985) obtiveram dados controversos da análise factorial da escala. Fizeram uma análise factorial de componentes principais (Correlação de Pearson, eigen-values >1, rotação ortogonal e oblíqua) das respostas ao LOT dadas por 624 estudantes do ensino superior que resultou na emergência de dois factores que correspondiam aos itens positivos e aos itens negativos do LOT. Este procedimento por si só, parecia indicar a existência de dois factores. No entanto, fizeram uma outra análise factorial confirmatória, com o método da máxima verosimilhança ("maximum-likelihood"), utilizando a correlação de Pearson, e concluíram que tanto a solução um factor como a solução dois factores se ajustavam aos dados, o que foi visível através do índice de Qui-quadrado ("Goodness-of-fit test"). Contudo, um "Nested test" revelou que a melhor solução era com dois factores. Acabaram assim por concluir que o LOT deveria ser considerado unidimensional devido a duas razões:

1) todos os seus itens saturavam pelo menos 0.50 no primeiro factor sem rotação;
2) uma correlação relativamente elevada foi encontrada entre dois factores (R=0.64).

(*in* Perloiro, 2002)

No entanto segundo Chang e colaboradores (1994) a correlação de 0.64 entre os dois factores não é suficientemente forte para se concluir que o LOT é unidimensional.

Quadro 4: Valores obtidos quanto à dimensionalidade do LOT (*in* Chang et al., 1994, p. 150)

Medida		**X^2**	**df**	**p**
LOT (global)	1 factor	209.21	20	<0.001
	2 factores	18.13	19	.514
Optimismo	1 factor	0.63	2	.729
Pessimismo	1 factor	1.13	2	.568

Quadro 5: Análise comparativa de valores de consistência interna do LOT em diversos estudos (*in* Perloiro, 2002)

Estudos	**Amostra**	**Média de idades**	**Alfa total**	**Alfa OPT**	**Alfa PESS**	**Correlação OPT+PESS**	**Teste-reteste (LOT)**
Brissete, Scheier e Carver (2002)	89 est.	17.9 (17-20)	.78				
Hasan e power (2002)	81 mães	39.7				-.63***	
Roysamb e Strype (2002)	I-1583 II-686	18 18	.72 .67	.62 .64	.71 .69	-.32 -.28	.74 .67
Chang (2002)	I-93 (AA) II-255 (AC)	18.9 18.4		.72 .75	.76 .77		
Robinson-Whelen et al. (1997)	I-113 (PC) II-111 (NPC)	56 61.5		.80 .74	.82 .81		
Plomin et al. (1992)	Adultos idosos					-.02	
Mroczeck et al. (1993)	389 est.					-.28	
Chang, D'Zurilla e Maydeu-Olivares (1994Marshal et al. (1992))	346 543	19.5		.71	.82	-.54	
Marshal et al. (1992)	624 est.	20 19		.69 .63	.74 .74	-.39 -.37	
Scheier e Carver (1985)			.76			-.64	.79

*** (P<0.001); AA=asiático-americanos; AC=americanos caucasianos; PC=prestadores de cuidados a doentes; NPC=não prestadores de cuidados; est.=estudantes; OPT=optimismo; PESS=pessimismo

O LOT-R (Revised Life Orientation Test) (Scheier et al., 1994) é uma versão revista do LOT com 10 itens, 6 de teste e 4 "filler" itens (Quadro 6). Na sua essência o LOT-R eliminou alguns dos conteúdos do LOT. Assim como o LOT, o LOT-R, segundo os seus autores, mede apenas a unidimensionalidade dos dois conceitos.

Quadro 6: Itens do Revised Life Orientation Test (Scheier et al., 1994)

Item	LOT-R	Optimismo	Pessimismo
1	In uncertain times I usually expect the best	OPT	
2	It's easy for me to relax	Filler	
3	If something can go wrong for me it will		PESS
4	I'm always optimistic about my future	OPT	
5	I enjoy my friends a lot	Filler	
6	It is important for me to keep busy	Filler	
7	I hardly ever expect things to go my way		PESS
8	I don't get upset to easily	Filler	
9	I rarely count on good things happening to me		PESS
10	Overall, I expect more good things to happen to me than bad	OPT	

OPT=optimismo; PESS=pessimismo. Esta escala é apresentada em Inglês visto não haver ainda tradução para a língua portuguesa.

8.2. OPS – Optimism and Pessimism Scale

Existe um outro instrumento que tem sido utilizado na avaliação dos constructos de optimismo e pessimismo, o OPS (Optimism and Pessimism Scale) (Dember *et al.*, 1989), que é composto por 56 itens que medem o optimismo e pessimismo, ligando-os aos aspectos positivos e/ou negativos da vida, dando assim um sentido mais amplo ao campo de estudo. Dos 56 itens, 18 avaliam o optimismo, 18 avaliam o pessimismo e os restantes 20 são "filler" itens.

Foi verificado por Chang e colaboradores (1994) que o OPS era uma escala multidimensional, talvez pelo facto de nesta escala ter sido dado um sentido mais lato quer aos itens relativos ao optimismo, quer aos relativos ao pessimismo. Estes resultados podem ser questionados na medida em que poderão estar a sobrepor outros constructos, tais como satisfação com a vida, moral, humor e auto-estima. Outro aspecto interessante foi o facto de Chang e claboradores (1994) terem verificado e emergência de dois factores quando analisaram os itens do OPS que mais estavam relacionados com a definição de optimismo e pessimismo como expectativas positivas ou negativas generalizadas face ao futuro. O factor de correlação entre estas duas dimensões emergente da análise do OPS foi de –0.45. A bidimensionalidade do OPS, bem como a do LOT, foi avaliada por Chang e colaboradores (1994), utilizando uma análise confirmatória com o método dos mínimos quadrados ponderados, utilizando o LISREL 7 (Joreskog e Sorbom, 1989, 1990). Outro aspecto interessante reside no facto dos estudos que encontraram mais claramente a existência da bidimensionalidade no LOT terem utilizado amostras com pessoas mais velhas, como é o caso do de Plomin e colaboradores (1992). Esta constatação está de acordo com a literatura em desenvolvimento cognitivo do adulto, sugerindo que os mais jovens têm uma forma de pensar em que abordam um problema sempre de forma muito dualista e aceitam mais facilmente uma visão da realidade do tipo "preto ou branco" do que os adultos (Labouvie-Vief, 1992 *in* Robinson et al., 1997).

8.3. ELOT

Os estudos de Chang e colaboradores (1997) vieram reforçar a necessidade de se caminhar para uma perspectiva bidimensional em relação ao estudo sobre o optimismo e o pessimismo. Os autores tiveram como objectivos criar um novo instrumento, o ELOT (Extended Life Orientation Test), composto pelos itens do LOT e do OPS que melhor ilustram a ideia de optimismo como expectativas positivas ou negativas generalizadas em relação ao futuro. Foi também sua intenção avaliar a validade discriminativa da utilidade de medidas separadas de optimismo e pessimismo como preditores de critérios externos de bem estar psicológico.

De forma a avaliar a garantia e validade da bidimensionalidade do optimismo e do pessimismo, Chang e colaboradores (1997) seleccionaram os itens do LOT (Scheier e Carver, 1985) e do OPS (Dember et al., 1989) que melhor reflectiam a definição de optimismo e pessimismo como expectativas generalizadas de resultados positivos ou negativos.

Chang e colaboradores (1997) mostraram, à semelhança com outros estudos, a confirmação da bidimensionalidade do optimismo e do pessimismo. No entanto, as correrlações interfactoriais do seu estudo foram ainda superiores às dos outros estudos anteriores. Por exemplo Marshall et al. (1992) e Chang e colaboradores (1994) identificaram correlações de –0.45 a –0.54, enquanto que neste estudo (de Chang et al., 1997) a correlação entre as duas sub-escalas de optimismo e pessimismo foi de –0.65 (ver Quadro 7).

Quadro 7: Indicadores de consistência interna do ELOT em três estudos (*in* Perloiro, 2002)

Estudos ELOT	**Amostra**	**Média de idades**	**Média OPT**	**Média PESS**	**Alfa OPT**	**Alfa PESS**	**Correlação OPT+PESS**	**Teste-reteste (LOT)**
Chang (1996)	I-111 AA II-111 AC	18.9 18.9	21.33 22.20	25.88 21.14	.88 .86	.93 .90		.73 .84
Marshall et al. (1992)							-0.45 -0.54	
Chang, Maydeu-Olivares e D'Zurilla (1997)	425 est.	18.7	21.73	22.51			-0.65	

AA=asiático-americanos; AC=americanos caucasianos; PC=prestadores de cuidados a doentes; NPC=não prestadores de cuidados; est.=estudantes; OPT=optimismo; PESS=pessimismo

De modo a verificar a melhor adequação do ELOT a um modelo uni- ou bi-factorial, este foi estudado numa amostra de 425 alunos universitários (151 homens e 274 mulheres) com média de idades de 18.7 anos (Chang et al., 1997). Verificou-se que o modelo de factor único não explicava os dados obtidos: $\chi^2(90, N=425)=218.03$, $p<0.001$. Contudo, uma solução baseada na existência de dois factores permitiu explicar os resultados obtidos (Oblique, two factor independent clusters): $\chi^2(89, N=425)=113.46$, $p=0.401$. A correlação entre factores foi de –0.796 (Perloiro, 2002).

Quanto ao estudo de consistência interna do ELOT, ou seja, a medida em que todos os itens do instrumento medem o constructo (Chang et al., 1997), foram obtidos alfas de

0.77 para a sub-escala de optimismo e 0.89 para a sub-escala de pessimismo. A estabilidade foi também testada através do Teste-reteste e os valores obtidos encontram-se no Quadro seguinte.

Quadro 8: Médias, desvios padrão e fidedignidade estimadas para as sub-escalas de optimismo e pessimismo do ELOT (N=425) (*in* Chang et al., 1997, p. 436).

ELOT	Nº itens	Média	DP	Ómega	Teste-reteste
Optimismo	6	21.73	3.69	0.81	0.73
Pessimismo	9	22.51	6.57	0.92	0.84

O instrumento ELOT é composto por 21 itens organizados em duas dimensões: 6 avaliam o optimismo (sub-escala OPT) e 9 avaliam o pessimismo (sub-escala PESS); os restantes 6 itens são "filler" itens (Quadro 9). Os 15 itens de teste foram retirados do LOT e do OPS, em que 7 itens são do LOT (1, 3, 4, 5, 8, 9 e 12) e 8 do OPS (2, 5, 17, 20, 23, 31, 47 e 49). As respostas são dadas numa escala de Lickert que vai de 1 (concordo fortemente) a 5 (discordo fortemente). Esta escala surge em língua portuguesa porque foi adaptada em 2002 por Fátima Perloiro, junto de uma população de 227 sujeitos estudantes da licenciatura de enfermagem e de fisioterapia e profissionais de saúde, pelo que se apresentam os itens, contrariamente às anteriores, em Português.

Quadro 9: Itens do Extended Life Orientation Test (Chang et al., 1997) - versão portuguesa (Perloiro, 2002)

Item	ELOT (versão portuguesa)	Optimismo	Pessimismo
1	É sempre bom ser franco(a)	Filler	
2	É melhor não criar demasiadas expectativas, dado que provavelmente irei ficar desapontado(a)		PESS
3	Em momentos de incerteza eu geralmente espero o melhor	OPT	
4	Raramente espero que aconteçam coisas boas		PESS
5	Se alguma coisa me puder correr mal, correrá concerteza		PESS
6	Eu tento sempre ver o melhor lado das coisas	OPT	
7	A honestidade é sempre a melhor política	Filler	
8	Sou sempre optimista em relação ao meu futuro	OPT	
9	É importante para mim manter-me ocupado	Filler	
10	Quase nunca espero que as coisas me corram bem		PESS
11	Quando começo algo novo, espero ser bem sucedido	OPT	
12	As coisas nunca correm da forma como eu quero		PESS
13	Não fico perturbado com demasiada facilidade	Filler	
14	Se tomo uma decisão sozinho(a), tenho quase a certeza que se irá tornar uma má decisão		PESS
15	Querer é poder	OPT	
16	Raramente conto com a possibilidade de me acontecerem coisas boas		PESS
17	É sensato lisonjear pessoas importantes	Filler	
18	É melhor esperar o pior: assim quando acontece já não custa tanto		PESS
19	Geralmente as coisas no fim acabam sempre bem	OPT	
20	Se houver 50% de probabilidades de acertar, eu escolho sempre a resposta errada		PESS
21	Aquilo que nos acontece de negativo tem sempre um aspecto positivo	Filler	

OPT=optimismo; PESS=pessimismo

Tal como Barros de Oliveira (1998) sugeriu, pensamos que terá todo o interesse esta adaptação feita da escala LOT para a escala ELOT e a sua aplicação, de forma a se obter uma perspectiva de um optimismo individual/social e cruzar esta perspectiva a um optimismo situacional, tentando confrontar as duas dimensões. Esta questão, frisada por Barros de Oliveira em relação à dimensão social, tem a ver com o problema que se tem colocado face aos instrumentos utilizados para tentar medir a esfera social, ou como ele refere, a desejabilidade social. Qualquer escala deste género é susceptível de ser respondida enviesadamente, conforme a resposta julgada melhor socialmente.

Segundo Phares (1978, p. 272) a "desejabilidade social" não é uma identidade que as escalas possuem ou não possuem", mas depende da situação em que é passada a escala e das necessidades ou objectivos que influenciam os sujeitos por ocasião das respostas. Existe um questionário de desejabilidade social, adaptado de Marlowe e Crown (1961), mas cuja instabilidade apresentada na análise factorial e no coeficiente de consistência não permite dar-se-lhe o crédito necessário para avaliar este constructo da desejabilidade social. O problema relativo à dimensão pessoal não se coloca na opinião do autor, uma vez que existem, como vimos anteriormente, instrumentos perfeitamente capazes de avaliar com segurança este constructo.

8.4. Escala de optimismo de Barros de Oliveira

Esta escala pretende medir o optimismo disposicional e pessoal e consiste num conjunto de quatro questões para responder em formato Lickert com cinco modalidades, desde totalmente em desacordo a totalmente de acordo. As questões que compõem a escala são:

1. Encaro o futuro com optimismo.
2. Tenho esperança de conseguir o que realmente desejo.
3. Faço projectos para o futuro e penso que os realizarei.
4. Em geral considero-me uma pessoa optimista.

Esta escala foi estudada anteriormente e depois da redução de alguns itens e após análise factorial foram excluídos os itens com saturações inferiores a 0.50. Esta escala foi aplicada a um conjunto de 742 jovens portugueses e Cabo Verdianos, alunos do Liceu e universitários, com uma média de idade de 19 anos.

Fazendo uma comparação com as questões do ELOT, LOT e LOT-R, que avaliam também o optimismo e o pessimismo é possível verificar que a questão 1 é em conteúdo quase uma sobreposição da questão 8 do ELOT, e a questão 4, embora formulada de forma diferente, corresponde à questão 10 do LOT-R ("overall, I expect more good things to happen to me than bad").

As saturações dos itens para a amostra global do estudo de Barros de Oliveira (1998) foram superiores a 0.73. A consistência interna da escala foi verificada através do coeficiente de alfa de Cronbach que apresentou o índice de 0.75 na amostra global. Para testar a validade concorrente da escala, Barros de Oliveira (1998) solicitou aos sujeitos que no final respondessem à questão "Considero-me uma pessoa optimista?" tendo verificado uma correlação positiva entre a resposta positiva a esta questão e os resultados elevados obtidos na escala. O autor refere que a escala apresentada, pela

análise factorial e pelo índice de consistência e ainda pela sua validade concorrente, apresenta, apesar da sua brevidade, razoáveis qualidades psicométricas que lhe permitem avaliar o optimismo pessoal/disposicional.

8.5. Síntese relativa aos instrumentos de avaliação

O LOT é o instrumento mais referido na literatura e o mais utilizado para avaliar a variável optimismo. A partir de 1994, quando Scheier e colaboradores elaboraram o LOT-R (versão revista do LOT) os investigadores passaram a utilizar ambas as versões. No entanto, o ELOT, instrumento que deriva do LOT e do OPS, tal como referimos, foi aquele que, por medir também o optimismo e o pessimismo, e os considerar como duas dimensões distintas e não como pólos opostos de uma mesma dimensão, tem sido defendido por diversos autores como medida por excelência (Marshal et al., 1992; Chang e McBride, 1996; Robinson-Whelen et al., 1997). Por isso mesmo, e pelo facto de estar traduzido e adaptado para a população nacional pareceu-nos o instrumento mais adequado ao nosso estudo.

O estudo de validação do ELOT-versão portuguesa, realizado por Perloiro (2003) começou por um pedido de autorização ao investigador Edward Chang, autor do ELOT, para adaptar o instrumento à língua portuguesa. O instrumento foi traduzido e posteriormente analisado. Foi testado numa amostra de 227 sujeitos, estudantes e profissionais de enfermagem e de fisioterapia, com média de idade de 22.2 anos. A análise de correlação inter-itens dentro da cada sub-escala e entre cada item e o score total, permitiu concluir que todos os itens do optimismo se correlacionam de forma positiva e significativa com o valor total de optimismo, tendo todos valores superiores a 0.53 ($p<0.01$). Quanto à sub-escala pessimismo, todos os itens se correlacionam de forma positiva e significativa com o score de pessimismo, tendo todos valores superiores a 0.52 ($p<0.01$).

Os valores de consistência interna do ELOT são na globalidade bons e semelhantes aos obtidos noutros estudos com este instrumento (Marshall et al., 1992; Chang, 1996; Chang et al., 1997). A consistência interna para a sub-escala de pessimismo (0.83) é boa e maior que para a sub-escala de optimismo (0.68). Os valores de correlação dos itens com o score total também são melhores na generalidade na sub-escala de pessimismo, relativamente à sub-escala de optimismo.

Quanto à validade concorrente da sub-escala optimismo do ELOT com a escala de optimismo de Barros de Oliveira (1998), Perloiro (2002) constatou ser boa, com valores de $R=0.654$ e de $R=-0.598$ para a sub-escala pessimismo, que confirmam a sua validade interna.

De forma global, como constatou Perloiro (2002), esta versão do ELOT reúne as condições necessárias para ser uma medida válida e fidedigna do optimismo e do pessimismo e deve ser entendida como uma medida bidimensional.

Como se verifica, ainda não se encontra completamente resolvida a questão da unidimensionalidade ou bidimensionalidade dos conceitos de optimismo *versus* pessimismo. No entanto, o aparecimento da escala ELOT veio possibilitar a análise destes dois constructos separadamente, e da sua utilidade como instrumento para avaliar

o optimismo e o pessimismo em diferentes populações. Em segundo lugar, veio permitir analisar vários tipos de optimistas e pessimistas, o que poderá ser útil para estudos mais aprofundados sobre o optimismo e o pessimismo, por exemplo através de uma abordagem mais centrada no comportamento cognitivo poderemos examinar as relações entre os antecedentes e os consequentes nos que mantêm as expectativas optimistas *versus* as pessimistas, apesar e durante diferentes situações (Chang et al., 1996).

Tendo em conta que todos os estudos nesta área se direccionaram essencialmente para a área da saúde, será de todo o interesse tentar correlacionar também o optimismo com a dimensão social, nomeadamente a que se liga com a educação no ensino superior.

9. Estudo 1: Aplicação da escala ELOT (versão portuguesa) aos estudantes de uma Escola Superior de Educação dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo

9.1. Metodologia

9.1.1. Objectivos

1) Verificar quais as diferenças apresentadas pelos alunos ao nível do grau de optimismo/pessimismo entre os 4 anos dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico do 1° Ciclo.
2) Relacionar estes factores com as variáveis sócio-demográficas: idade, género, estado civil, situação profissional, residência, composição do agregado familiar, frequência de cursos anteriores e religião.

Questões:

Relativamente ao primeiro objectivo colocam-se as seguintes questões:

- Será que existem diferenças ao nível do grau de optimismo/pessimismo entre os alunos de cada ano, de cada curso?
- Será que existem diferenças ao nível do grau de optimismo/pessimismo dos alunos entre o início e o fim de cada ano? e entre o início e o fim de cada curso?

Relativamente ao segundo objectivo coloca-se a seguinte questão:

- Qual a relação entre as variáveis sócio-demográficas e o grau de optimismo/pessimismo apresentado pelos alunos?

9.1.2. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por um total de 628 alunos de uma Escola Superior de Educação. Entre estes, 353 frequentam o Curso de Educação de Infância, 76 no 1° ano, 81 no 2° ano, 84 no 3° ano e 112 no 4° ano; 275 frequentam o curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo, 22 no 1° ano, 33 no 2° ano, 84 no 3° ano e 136 no 4° ano (Ver Quadro 10).

Seguidamente apresentam-se as variáveis sócio-demográficas que caracterizam a amostra em estudo.

a) Idade

A amostra na sua maioria é bastante jovem. A maior parte dos sujeitos tem uma idade compreendida entre os 18 e os 23 anos, tanto no Curso de Educação de Infância (70%), como no Curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo (63%). Para a descrição das características etárias da amostra optou-se pela divisão em três grupos: o primeiro grupo dos 18 aos 23 anos, correspondente ao fim da adolescência e início da vida adulta; o segundo grupo dos 24 aos 32 anos, que corresponde a uma etapa da vida já com autonomia financeira e emocional; finalmente o terceiro grupo, com idades acima dos 32 anos, pelo facto de termos pouco sujeitos deste nível, mas alguns apresentarem uma grande décalage em relação ao grupo anterior, com mais de 40 anos.

Quadro 10: Características sócio-demográficas dos 628 sujeitos que responderam ao inquérito (escala ELOT).

curso	ano	Idade			sexo		f.o.c		e.t.t.		zona res.			est. civil		religião		
		18-23	24-32	+32	f	m	s	n	s	n	Li	Se	ou	sol	ca	n	cp	c np
Educ.	1	64	12	0	74	2	7	69	12	64	16	58	2	69	7	22	18	36
	2	67	14	0	79	2	8	73	13	68	15	61	5	77	4	18	17	46
	3	55	28	1	82	2	13	71	14	70	23	55	6	76	8	13	22	49
	4	60	47	5	110	2	18	94	19	93	38	60	14	102	10	19	31	62
	total	246	101	6	345	8	46	307	58	295	92	234	27	324	29	72	88	193
1° ciclo	1	18	2	2	19	3	6	16	5	17	4	18	0	20	2	7	3	12
	2	25	8	0	28	5	6	27	8	25	6	25	2	28	5	8	7	18
	3	54	26	4	76	8	11	73	19	65	17	59	8	71	13	20	16	48
	4	77	55	4	125	11	15	121	38	98	15	108	8	119	17	20	27	89
	total	174	91	10	248	27	38	237	70	205	42	210	18	238	37	55	53	167

curso	ano	com quem vive					
		pais	soz	col	esp	esp+ fil.	out
Educ.	1	60	3	2	3	3	5
	2	61	4	5	2	2	7
	3	64	2	7	2	5	4
	4	78	7	8	5	5	9
	total	263	16	22	12	15	25
1° ciclo	1	15	1	1	0	2	3
	2	26	0	3	1	3	0
	3	60	3	3	4	9	5
	4	94	8	8	8	7	11
	total	195	12	15	13	21	19

opt=optimismo; sexo: f=feminino, m=masculino; f.o.c=frequência de outro curso: s=sim, n=não; e.t.t.=estatuto de trabalhador estudante: s=sim, n=não; zona res.=zona de residência: Li=Lisboa, Se=Setúbal; ou.=outros distritos; est. civil=estado civil: sol=solteiro, ca=casado; religião: n=não, cp=crente praticante, cnp=crente não praticante; com quem vive: soz=sozinho, col=colegas, esp=esposo, esp+ fil. =esposo /filhos; out=outras situações.

b) Género

Esta amostra apresenta um predomínio do sexo feminino sobre o masculino. No caso do curso de Educação de Infância tem-se 98% do sexo feminino e 2% do sexo masculino; no caso do curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo tem-se 91% do sexo feminino e 9% do sexo masculino.

c) Frequência de outro curso

A maioria dos sujeitos não apresenta frequência de cursos anteriores; apenas 13% apresentam frequência de outro curso no caso dos Educadores de Infância e 14% no caso dos Professores do 1° Ciclo.

d) Estatuto de Trabalhador Estudante

Os sujeitos que apresentam uma actividade profissional são 17% no curso de Educação de Infância e 25% no curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo.

e) Zona de residência

Para esta categoria optou-se por agrupar os sujeitos segundo o distrito de residência. Sendo assim, verifica-se que na sua maioria os sujeitos residem no distrito de Setúbal (66% Educadores de Infância; 76% Professores do 1° Ciclo) ou de Lisboa (26% Educadores de Infância; 15% Professores do 1° Ciclo), o que se prende com a localização da escola onde estão a estudar.

f) Estado civil

A maioria dos sujeitos é solteiro (92% Educadores de Infância; 87% Professores do 1° Ciclo).

g) Religião

No caso dos dois cursos pode-se observar que na sua maioria os sujeitos são crentes (80% Educadores de Infância; 80% Professores do 1° Ciclo), mas destes crentes pode-se verificar que 69% no curso de Educação de Infância e 76% no curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo são não-praticantes.

h) Com quem vive

A maioria dos sujeitos vive com os pais (75% Educadores de Infância; 71% Professores do 1° Ciclo).

9.1.3. Procedimento

Neste estudo, procedeu-se à aplicação da escala ELOT (versão portuguesa) em dois momentos distintos: um no início do ano lectivo, em Novembro; e outro no final desse mesmo ano lectivo, em Maio. A aplicação foi feita por turmas, dentro da sala de aula, a cada um dos anos de cada curso, tendo sido claramente referida a opção de poderem não querer participar no estudo, e sendo salvaguardada a confidencialidade das respostas. A análise dos resultados foi essencialmente quantitativa, tendo incidido na comparação da diferença das pontuações de optimismo e pessimismo entre os 4 anos em estudo, para cada um dos cursos, e para cada uma das variáveis sócio-demográficas estudadas. Para o cálculo das pontuações de optimismo e pessimismo foi efectuada a soma dos valores das respostas (1-5) relativas aos itens associados ao optimismo e a soma dos valores das respostas (1-5) relativas aos itens associados ao pessimismo para cada questionário (ver Quadro 9 e Anexo D). A partir destes resultados foram obtidos os totais de optimismo e pessimismo relativos a cada sujeito, de cada ano e curso.

9.2. Resultados

9.2.1. Curso de Educação de Infância

No Quadro 11 são apresentados os valores médios das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos na primeira e na segunda aplicação, relativos a cada ano do curso de Educação de Infância.

Como se pode observar no Quadro 11, os níveis de optimismo são superiores no 1° e no 4° ano do Curso de Educação de Infância, observando-se uma quebra nos anos intermédios, mais acentuada no 2° ano. Por outro lado, os níveis de pessimismo são mais elevados nos anos intermédios, especialmente no 2° ano. Este padrão é comum às duas aplicações.

Quadro 11: Média e desvio padrão, mínimo e máximo das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos para o curso de Educação de Infância.

Ed. Inf.		Optimismo				Pessimismo				
	Ano	média	dp	mín.	máx.	média	dp	mín.	máx.	N
1ª aplicação	1	22.17	3.35	14.00	30.00	20.56	5.60	11.00	37.00	76
	2	20.78	3.41	13.00	29.00	23.84	5.77	14.00	41.00	81
	3	21.96	3.78	13.00	29.00	22.09	5.88	10.00	34.00	84
	4	22.74	3.04	12.00	30.00	19.55	5.06	9.00	35.00	112
2ª aplicação	1	21.77	4.21	12.00	30.00	21.75	6.84	9.00	37.00	76
	2	20.56	3.58	12.00	29.00	24.12	5.98	13.00	40.00	81
	3	21.51	3.31	15.00	30.00	21.13	5.97	9.00	36.00	84
	4	22.88	3.54	14.00	30.00	19.25	5.65	9.00	32.00	112

Com o objectivo de se verificar se as diferenças observadas entre os 4 anos do curso são significativas efectuamos uma análise de variância (ANOVA) às pontuações individuais de optimismo obtidos na primeira aplicação, relativos a cada ano, após verificados os pressupostos relativos à escala de mensuração das variáveis que são intervalares e à igualdade das variâncias (Teste de Levene). Nesta análise foram também consideradas as variáveis sócio-demográficas em estudo com o objectivo de verificar se as diferenças obtidas se deviam apenas ao factor ano ou a qualquer outra das variáveis utilizadas (Quadro 12).

Quadro 12: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de optimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Educação de Infância (1ª aplicação).

Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	2751.05	1	2751.05	241.11	0.000 (s)
Ano	156.27	3	52.09	4.57	0.003 (s)
Estado civil	19.84	2	9.92	0.87	0.420 (ns)
Género	14.52	1	14.52	1.27	0.260 (ns)
Idade	3.42	2	1.71	0.15	0.861 (ns)
Outro curso	12.00	1	12.00	1.05	0.306 (ns)
Trab. Est.	1.45	1	1.45	0.13	0.721 (ns)
Zona Res.	76.50	8	9.56	0.84	0.570 (ns)
Religião	15.35	2	7.68	0.67	0.511 (ns)
Vive com	38.32	5	7.66	0.67	0.645 (ns)
Erro	3856.57	338	11.41		

s=significativo; ns=não significativo

Da observação dos resultados obtidos na análise de variância verifica-se que as diferenças obtidas em relação à pontuação de optimismo entre os quatro anos do curso de Educação de Infância são estatisticamente significativas ($p<0.01$).

Com o objectivo de determinar entre que pares de anos as diferenças são significativas efectuamos um teste à posteriori (Test Tukey) tendo-se verificado que o decréscimo observado no nível de optimismo do 1º ano para o 2º ano é estatisticamente significativo ($p<0.05$) e o aumento observado entre o 2º ano e o 4º ano também é estatisticamente significativo ($p<0.01$).

Relativamente às outras variáveis sócio-demográficas (Figura 1) não se observaram diferenças significativas para nenhuma delas.

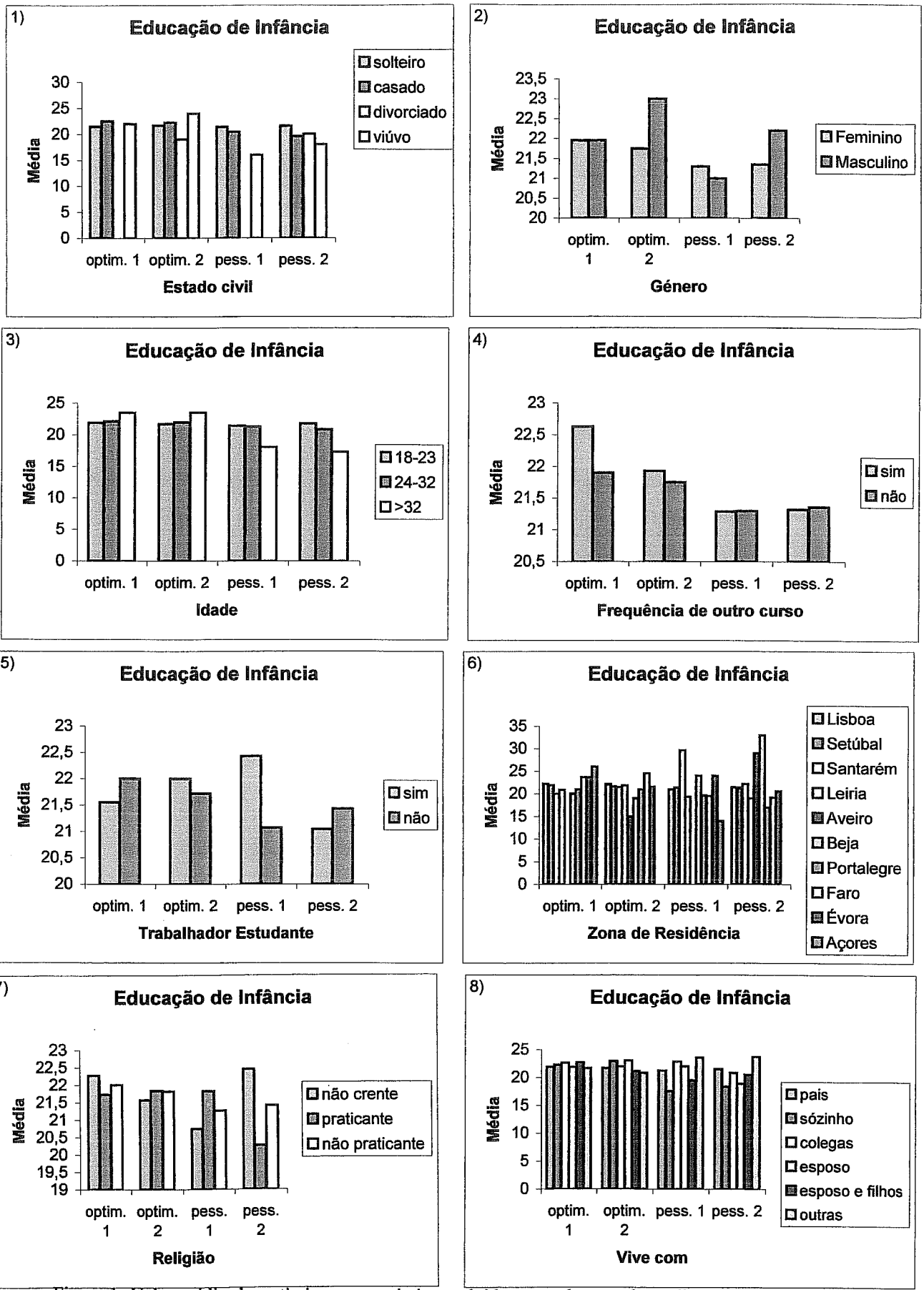


Figura 1: Valor médio do optimismo e pessimismo obtido em cada uma das aplicações, para cada uma das variáveis sócio-demográficas consideradas. (optim.1: pontuações de optimismo na primeira aplicação; optim.2: pontuações de optimismo na segunda aplicação; pess.1: pontuações de pessimismo na primeira aplicação; pess.2: pontuações de pessimismo na segunda aplicação).

Em relação à diferença dos níveis de pessimismo entre os 4 anos do curso de Educação de Infância (Quadro 13), verifica-se que na primeira aplicação as diferenças obtidas em relação à pontuação de pessimismo entre os quatro anos do curso de Educação de Infância são estatisticamente significativas ($p<0.001$) (Análise de variância-ANOVA-após verificados os pressupostos relativos à escala de mensuração das variáveis que são intervalares e à igualdade das variâncias - Teste de Levene).

Com o objectivo de determinar entre que pares de anos as diferenças são significativas efectuámos um teste à posteriori (Test Tukey) tendo-se verificado que o aumento observado no nível de pessimismo do 1° ano para o 2° ano é estatisticamente significativo ($p<0.001$) e os decréscimos observados entre o 2° e 3° anos para o 4° ano também são estatisticamente significativos ($p<0.001$ do 2° para o 4°; $p<0.05$ do 3° para o 4°).

Quadro 13: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de pessimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Educação de Infância (1ª aplicação).

Factor	**Soma dos quadrados**	**df**	**Média dos quadrados**	**F**	**p**
Intercepção	1886.18	1	1886.18	64.32	0.000 (s)
Ano	805.09	3	268.36	9.19	0.000 (s)
Estado civil	63.32	2	31.66	1.07	0.343 (ns)
Género	0.86	1	0.86	0.03	0.864 (ns)
Idade	27.86	2	13.93	0.47	0.624 (ns)
Outro curso	2.10	1	2.10	0.07	0.790 (ns)
Trab. Est.	140.08	1	140.08	4.75	0.029 (s)
Zona Res.	344.92	8	43.12	1.46	0.170 (ns)
Religião	33.19	2	16.59	0.56	0.570 (ns)
Vive com	473.41	5	94.88	3.21	0.008 (s)
Erro	9964.49	338	29.48		

s=significativo; ns=não significativo

Relativamente às outras variáveis sócio-demográficas, verifica-se que na primeira aplicação os factores "Trab. Est." e "Vive com" também apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Da observação da Figura 1 verifica-se que em relação ao factor "Trab. Est." os sujeitos que têm este estatuto são os que apresentam maior grau de pessimismo e em relação ao factor "Vive com" são os sujeitos que vivem com pais, outros familiares ou colegas que apresentam maiores níveis de pessimismo.

Finalmente efectuámos a comparação dos valores de optimismo e pessimismo obtidos em cada uma das aplicações no sentido de averiguar se existe alguma alteração ao longo do ano lectivo (ANOVA para Medidas Repetidas – Quadro 14 e Quadro 15), não se tendo observado diferenças estatisticamente significativas entre as duas aplicações em relação ao valores obtidos para cada ano em estudo (factor "evolução"), ou seja, o padrão obtido manteve-se nas duas aplicações.

Quadro 14: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de optimismo das duas aplicações para o curso de Educação de Infância.

Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	328129.8	1	328129.8	25662.17	0.000 (s)
Ano	438.0	3	146	11.42	0.000 (s)
Erro	4462.5	349	12.8		
Evolução	9.3	1	9.3	0.78	0.379 (ns)
Evolução*ano	10.7	3	3.6	0.30	0.826 (ns)
Erro	4168.3	349	11.9		

s=significativo; ns=não significativo

Quadro 15: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de pessimismo das duas aplicações para o curso de Educação de Infância.

Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	320373.4	1	320373.4	9236.823	0.000 (s)
Ano	1989.2	3	663.1	19.117	0.000 (s)
Erro	12104.8	349	34.7		
Evolução	0.4	1	0.4	0.013	0.909 (ns)
Evolução*ano	100.8	3	33.6	1.020	0.384 (ns)
Erro	11489.2	349	32.9		

s=significativo; ns=não significativo

9.2.2. Curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo

No Quadro 16 são apresentados os valores médios das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos na primeira e na segunda aplicação, relativos a cada ano do curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo.

Quadro 16: Média, desvio padrão, mínimo e máximo das pontuações de optimismo e pessimismo obtidos para o curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo.

1 ciclo		Optimismo				Pessimismo				
	Ano	média	dp	mín.	máx.	média	dp	Mín.	máx.	N
1ª aplicação	1	22.00	2.60	14.00	25.00	19.95	4.05	10.00	27.00	22
	2	22.18	3.42	16.00	29.00	19.52	4.68	13.00	30.00	33
	3	21.58	3.51	13.00	30.00	21.00	5.54	10.00	41.00	84
	4	21.66	3.80	13.00	30.00	20.85	5.96	9.00	45.00	136
2ª aplicação	1	22.59	4.14	12.00	29.00	19.45	5.67	11.00	33.00	22
	2	22.42	3.48	16.00	30.00	19.88	5.99	9.00	33.00	33
	3	21.51	3.31	15.00	30.00	21.68	6.66	10.00	37.00	84
	4	22.84	3.54	14.00	30.00	19.95	6.59	9.00	37.00	136

Como se pode observar no Quadro 16, os níveis de optimismo são praticamente constantes nos 4 anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo. Por outro lado, os níveis de pessimismo apresentam também valores muito semelhantes entre os 4 anos do curso, com um ligeiro acréscimo no 3° ano. Este padrão é comum às duas aplicações, embora na segunda aplicação se detecte um ligeiro aumento dos níveis de optimismo no 2° e 4° anos relativamente aos níveis apresentados na primeira aplicação.

Com o objectivo de se verificar se as diferenças observadas entre os 4 anos do curso são significativas efectuámos uma análise de variância (ANOVA) às pontuações individuais de optimismo obtidas na primeira aplicação, relativas a cada ano, após verificados os pressupostos relativos à escala de mensuração das variáveis que são intervalares e à igualdade das variâncias (Teste de Levene). Nesta análise foram também consideradas as variáveis sócio-demográficas em estudo com o objectivo de verificar se as diferenças obtidas se deviam apenas ao factor ano ou a qualquer outra das variáveis utilizadas (Quadro 17).

Quadro 17: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de optimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo (1ª aplicação).

Factor	**Soma dos quadrados**	**df**	**Média dos quadrados**	**F**	**p**
Intercepção	4755.66	1	4755.66	403.00	0.000 (s)
Ano	9.22	3	3.07	0.26	0.854 (ns)
Estado civil	6.72	2	34.36	2.91	0.056 (ns)
Género	89.80	1	89.80	7.61	0.006 (s)
Idade	13.05	2	6.52	0.55	0.576 (ns)
Outro curso	11.61	1	11.61	0.98	0.322 (ns)
Trab. Est.	116.57	1	116.57	9.88	0.002 (s)
Zona Res.	33.40	6	5.57	0.47	0.830 (ns)
Religião	20.40	2	10.20	0.86	0.423 (ns)
Vive com	103.05	5	20.61	1.75	0.125 (ns)
Erro	2973.73	252	11.80		

s=significativo; ns=não significativo

Da observação dos resultados obtidos na análise de variância verifica-se não existirem diferenças significativas em relação à pontuação de optimismo entre os quatro anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo.

Observa-se no entanto que na primeira aplicação os factores "Género" e "Trab. Est." apresentam diferenças significativas. Da observação da Figura 2 verifica-se que em relação ao factor "Género" os homens apresentam maior nível de optimismo que as mulheres, e em relação ao factor "Trab. Est.", os sujeitos que têm este estatuto apresentam valores de optimismo mais elevados.

Em relação à variação dos níveis de pessimismo entre os 4 anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° Ciclo (Quadro 18) (Análise de variância-ANOVA-após verificados os pressupostos relativos à escala de mensuração das variáveis que são intervalares e à igualdade das variâncias - Teste de Levene), verifica-se que na primeira aplicação não se obtiveram diferenças significativas em relação à pontuação de pessimismo entre os quatro anos do curso.

Relativamente às outras variáveis sócio-demográficas (Figura 2) também não se observaram diferenças significativas para nenhuma delas.

Quadro 18: Resultados da ANOVA aplicada às pontuações de pessimismo relativamente a todas as variáveis em estudo para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo (1ª aplicação).

Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	31412.19	1	3412.19	112.74	0.000 (s)
Ano	67.38	3	22.46	0.74	0.528 (ns)
Estado civil	53.66	2	26.83	0.89	0.413 (ns)
Género	4.04	1	4.04	0.13	0.715 (ns)
Idade	25.36	2	12.68	0.42	0.658 (ns)
Outro curso	53.01	1	53.01	1.75	0.187 (ns)
Trab. Est.	31.22	1	31.22	1.03	0.311 (ns)
Zona Res.	135.81	6	22.63	0.75	0.612 (ns)
Religião	158.00	2	79.00	2.61	0.076 (ns)
Vive com	127.55	5	25.55	0.84	0.520 (ns)
Erro	7627.34	252	30.27		

s=significativo; ns=não significativo

Efectuámos a comparação dos valores de optimismo e pessimismo obtidos em cada uma das aplicações (Anova para Medidas Repetidas – Quadro 19 e Quadro 20), não se tendo observado diferenças estatisticamente significativas entre as duas aplicações em relação ao valores obtidos para cada ano em estudo (factor "evolução"), ou seja, o padrão obtido manteve-se de Novembro para Maio.

Quadro 19: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de optimismo das duas aplicações para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo.

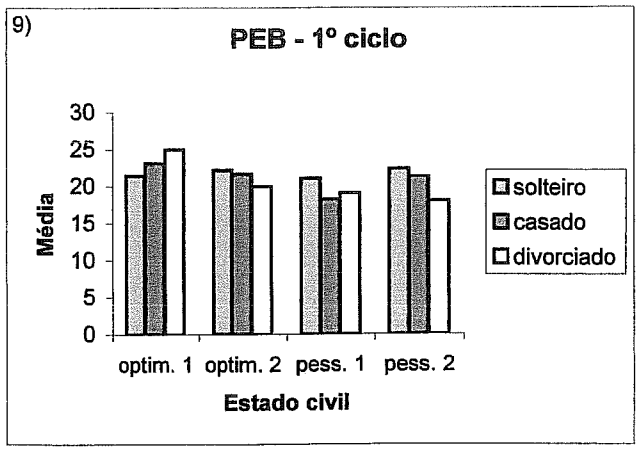
Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	164476.1	1	164476.1	13884.74	0.000 (s)
Ano	60.1	3	20.0	1.69	0.169 (ns)
Erro	3210.2	271	11.8		
Evolução	19.8	1	19.8	1.47	0.227 (ns)
Evolução*ano	43.5	3	14.5	1.08	0.359 (ns)
Erro	3648.4	271	13.5		

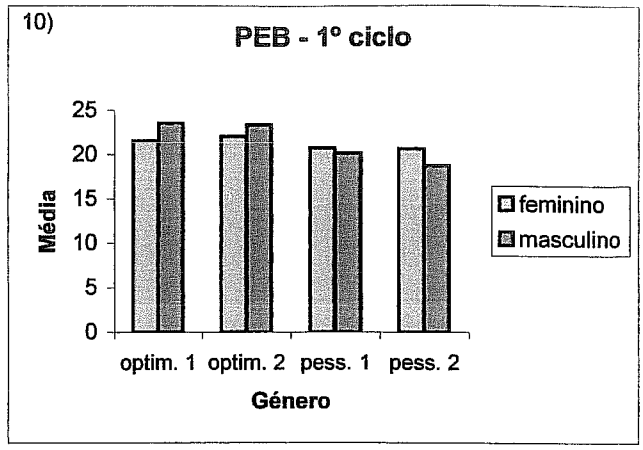
s=significativo; ns=não significativo

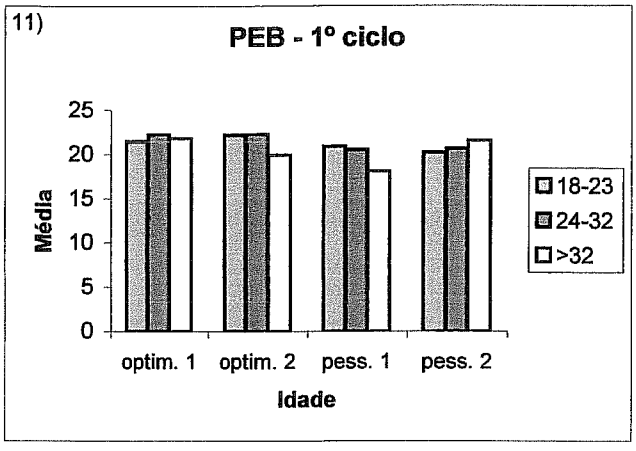
Quadro 20: Resultados da Análise de Variância para Medidas Repetidas aplicado às pontuações de pessimismo das duas aplicações para o curso de Professores do Ensino Básico 1º Ciclo.

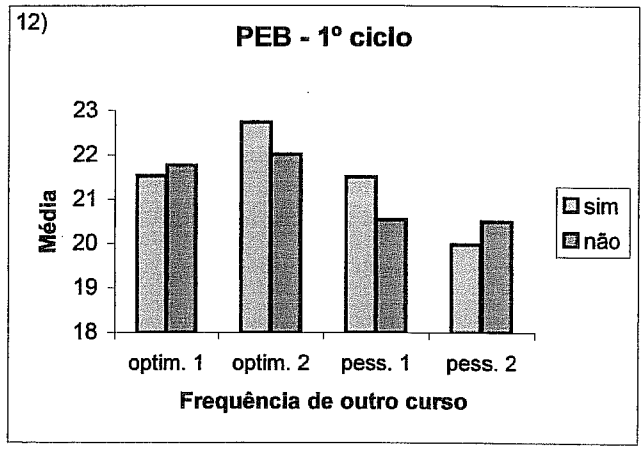
Factor	Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	p
Intercepção	138587.2	1	138587.2	3673.219	0.000 (s)
Ano	190.2	3	63.4	1.680	0.171 (ns)
Erro	10224.6	271	37.7		
Evolução	0.7	1	0.7	0.020	0.889 (ns)
Evolução*ano	72.2	3	24.1	0.684	0.563 (ns)
Erro	9537.6	271	35.2		

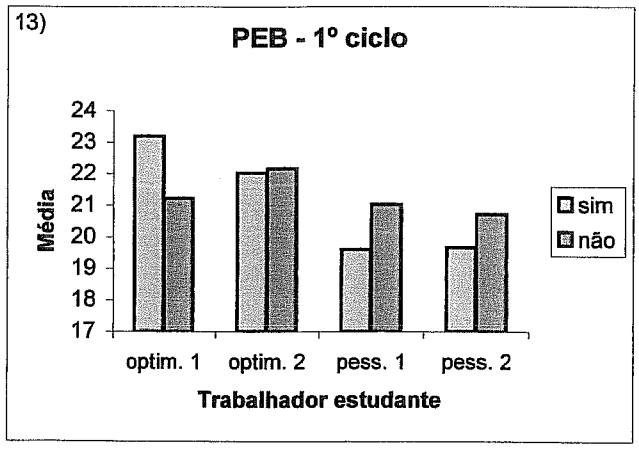
s=significativo; ns=não significativo

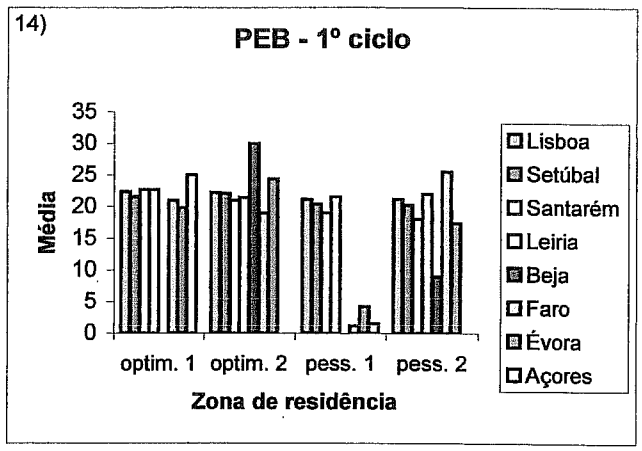


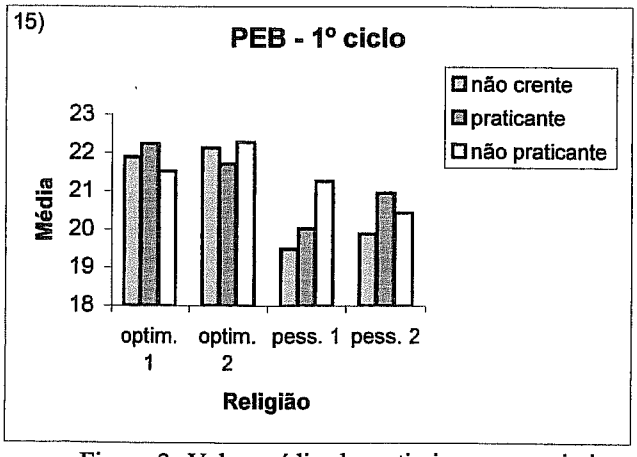












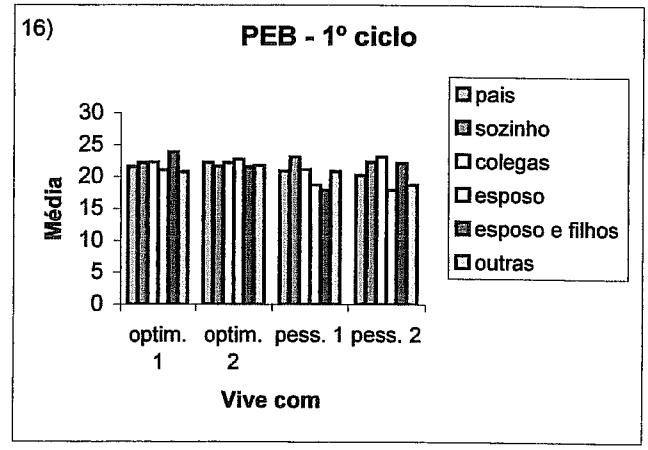


Figura 2: Valor médio do optimismo e pessimismo obtido em cada uma das aplicações, para cada uma das variáveis sócio-demográficas consideradas. (optim.1: pontuações de optimismo na primeira aplicação; optim.2: pontuações de optimismo na segunda aplicação; pess.1: pontuações de pessimismo na primeira aplicação; pess.2: pontuações de pessimismo na segunda aplicação).

9.3. Discussão dos resultados

Neste capítulo procuraremos fazer algumas inferências a partir das diferentes sínteses elaboradas ao longo da descrição dos dados relativos ao primeiro estudo, de modo a confrontar esses mesmos dados com o enquadramento teórico que fizemos na primeira parte.

Por uma questão de coerência interna iremos organizar a apresentação deste capítulo seguindo aquilo que considerámos serem os objectivos deste estudo:

1) Verificar quais as diferenças apresentadas pelos alunos ao nível do grau pessoal de optimismo/pessimismo entre os 4 anos dos cursos de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico 1° ciclo.

- Será que existem diferenças ao nível do grau de optimismo/pessimismo entre os alunos de cada ano de cada curso? E entre o início e o fim de cada ano de cada curso?

O padrão de evolução do optimismo e do pessimismo, como podemos verificar nos resultados apresentados, não é igual nos dois cursos. No caso do curso de Educação de Infância registou-se, em relação aos níveis de optimismo, que estes foram superiores no 1° e 4° ano (22.17 e 22.74/ 21.77 e 22.88 em cada uma das aplicações), o que nos pode levar a pensar que de alguma forma se cruzam com o efeito das expectativas face ao curso. No 1° ano temos o entusiasmo pelo facto de ter conseguido entrar no ensino superior e por outro lado por ser uma novidade. No 4° ano, por já estar a terminar o percurso que se propôs (atingir objectivos) e por outro lado confrontar-se com a perspectiva de poder começar a exercer tudo aquilo que aprendeu ao longo do curso. No entanto, poder-se-ia esperar que o padrão de evolução fosse crescente ao longo dos 4 anos o que não se verificou, pois nos anos intermédios existiu uma quebra nos valores do optimismo, especialmente no 2° ano (20.78/20.56 em cada uma das aplicações), o que nos pode levar a pensar que as motivações iniciais do 1° ano se foram esbatendo à medida que tomavam um conhecimento mais profundo com o curso, com os conteúdos programáticos, com os colegas, com os professores e com a Instituição. A mesma quebra continua a existir no 3° ano (21.96/21.51 em cada aplicação), embora duma forma mais atenuada, talvez pelo facto de estar mais próximo do 4° ano, o que significa em termos, quer simbólicos, quer reais, o terminar do curso. Este padrão manteve-se comum nas duas aplicações da Escala ELOT (ver Quadro 11 dos resultados), o que nos pode levar a afirmar que a frequência do curso ao longo de cada ano não teve uma influência significativa nos níveis de optimismo pessoal dos alunos.

No que diz respeito ao curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, os níveis de optimismo são diferentes à medida que os alunos avançam no ano do curso. Esta diferença é mais marcante no que diz respeito ao 2° ano (22.18/22.42 em cada aplicação) e ao 4° ano (22.66/22.84 em cada aplicação). Este padrão leva-nos a supor que quer as expectativas, quer as motivações dos alunos, foram correspondidas, chegando mesmo a haver influência de factores inerentes ao próprio curso.

Estes resultados foram inesperados, uma vez que se esperaria que o padrão apresentado nos dois cursos fosse semelhante, tendo em conta que os planos curriculares respectivos também são semelhantes.

Esperar-se-ia também que a Instituição tivesse uma maior influência ao nível do optimismo pessoal dos alunos, esperando-se que os valores obtidos na 2ª aplicação mostrassem diferenças mais significativas do que aquelas que foram encontradas.

Será que o contexto social tem pouca influência nos níveis de optimismo pessoal? Ou será que este contexto específico tem pouca influência a este nível? O que nos leva a outra questão que é a de que então a que se devem as diferenças encontradas nos dois cursos? Parece que para os alunos do Ensino Básico 1° ciclo o contexto teve uma influência positiva ao nível do optimismo, mas o mesmo não se verificou para os alunos do curso de Educação de Infância, ou seja, no segundo caso o contexto teve uma influência negativa em relação aos níveis de optimismo.

No que diz respeito aos níveis de pessimismo, no caso do curso de Educação de Infância, são mais elevados nos anos intermédios (2° ano: 23.84/24.12; 3° ano: 22.19/21.13), o que confirma os resultados anteriores relativos ao optimismo. Parece que os alunos apresentam uma quebra no 2° e 3° anos que se mantém constante ao longo de todo o ano.

No que diz respeito ao curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, os níveis de pessimismo apresentam valores constantes ao nível dos 4 anos (ver Quadro 16 dos resultados) e das duas aplicações. O facto de não ter existido um aumento significativo dos níveis de pessimismo, mas sim dos níveis de optimismo, poderá levar-nos a pensar que o optimismo e o pessimismo pessoal poderão não se encontrar desligados do optimismo e do pessimismo social.

Os resultados relativos aos dois cursos mostram-nos que os níveis de optimismo e pessimismo pessoal apresentam um padrão com tendência a não sofrer grandes alterações, pelo menos ao longo de um ano, no caso de cada curso. No entanto, encontramos algumas diferenças nesses mesmos níveis que nos podem remeter para duas questões:

A) Os níveis de optimismo e pessimismo pessoal podem ser influenciados pelo optimismo e pessimismo social;

Seguindo a perspectiva de Taylor (1989) e Weinstein (1984) as pessoas tendem a ser mais optimistas face a assuntos mais pessoais do que em outros domínios da vida de carácter social. A diferença entre estes dois domínios – pessoal e social – parece estar relacionada com a percepção que o sujeito tem sobre a sua capacidade de controlo relativamente a determinado acontecimento.

Na mesma linha encontramos os estudos de Schweitzer e Schneider (1997) que apontam para a ideia de que julgamos ter mais controlo sobre a nossa vida pessoal do que sobre os aspectos sociais. Assim, tendemos a separar o tipo de expectativa que fazemos em relação a assuntos pessoais e sociais.

Ainda segundo Barros de Oliveira (1998) tendemos a ser mais realistas a respeito dos outros e das diversas circunstâncias do que de nós mesmos, o que poderá sugerir a hipótese de que o optimismo pessoal é menos realista do que o social.

B) Os níveis de optimismo e pessimismo pessoal não têm necessariamente de se manterem fixos ao longo da vida;

Podemos encontrar esta perspectiva através dos estudos realizados por Chang (2001) que afirma que o optimismo parece estar muito mais dependente do contexto e da educação do que da genética.

2) Relacionar o grau pessoal de optimismo/pessimismo com algumas variáveis sócio-demográficas.

- Qual a relação entre as variáveis sócio-demográficas e o grau de optimismo/pessimismo apresentado pelos alunos?

No caso do curso de Educação de Infância é interessante verificar que os resultados obtidos mostram-nos que não se observaram diferenças significativas para nenhuma das variáveis sócio-demográficas estudadas (Estado Civil, Género, Idade, Frequência de outro curso, Estatuto de Trabalhador Estudante, Zona de resid~encia, Religião, Vive com). No entanto, em relação aos factores "Trabalhador Estudante" e "Vive com os pais", são aqueles que apresentam maior grau de pessimismo (ver gráfico 5 e 8 da Figura 1 dos resultados).

O resultado obtido para o 1° factor vem contrariar a literatura, se considerarmos que as pessoas que trabalham são pessoas mais velhas na sua maioria do que as que não trabalham e, segundo Goodman e colaboradores (1997), as pessoas mais velhas têm tendência a ser mais optimistas. Podemos também colocar a hipótese de não ter a ver com a idade, mas sim com a falta de disponibilidade para o curso e para a vida. Em relação ao segundo factor, o facto dos mais pessimistas serem aqueles que vivem com os pais vem ao encontro da literatura. Segundo Perloiro (2002), o optimismo correlaciona-se positivamente com o bem estar social, uma vez que após se casarem as pessoas aumentam os níveis de optimismo. Também segundo Today e Gallup (*in* Perloiro, 2002) se hoje sabemos que o optimismo é uma variável que se correlaciona fortemente com a satisfação com a vida, é provável que os solteiros sejam mais pessimistas do que os casados.

O facto de não termos encontrado diferenças significativas pode dever-se à composição da amostra, pois existiam muito poucos homens (2%), a maioria era solteira (92%), quase todos viviam com os pais (75%) e a maioria apresentava idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos (70%).

No caso do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, os resultados obtidos não foram semelhantes aos encontrados no outro curso. Neste caso, na 1ª aplicação foram encontradas diferenças nas variáveis relativas ao factor "género" (ver Quadro 17 e gráfico 10 da Figura 2 dos resultados), em que os homens apresentam maior nível de optimismo que as mulheres e em relação ao factor "trabalhador estudante" (ver gráfico 13 do Figura 2 dos resultados), onde os sujeitos que têm este estatuto apresentam valores de optimismo mais elevados. Estes resultados talvez possam ter a ver com o facto de, neste curso, os homens serem em maior número (9%) do que no outro curso, e por outro lado também existirem mais alunos em situação de estudar e trabalhar, e com mais idade. No entanto, este padrão não se mantém na 2ª aplicação, o que nos leva a dar-lhe uma importância muito relativa.

Estes resultados são muito semelhantes aos de Barros de Oliveira (1998) que apesar de não ter obtido diferenças significativas em relação ao género, observa uma tendência para um maior optimismo nos rapazes comparativamente às raparigas. Além disso, numerosos estudos referem a não existência de diferenças significativas quanto ao género (Scheier e Carver, 1985; Chang et al., 1987; Plomin et al., 1992; Goodman et al., 1997).

Relativamente aos resultados obtidos em relação ao factor trabalhador estudante, estão de acordo com os estudos apresentados por Schweizer e Schneider (1997), que verificaram que as pessoas mais velhas tendem a ser mais optimistas que as pessoas mais novas. Isto pode ser devido ao facto de os mais velhos terem um papel social mais activo e se percepcionarem como mais intervenientes socialmente. Também se pode dever a um factor do tipo acomodação, ou seja, face a um panorama pouco positivo face ao futuro da sociedade, as pessoas podem ao longo do tempo habituar-se a esta condição e não a avaliarem de forma negativa.

Após esta análise pareceu-nos interessante poder aprofundar um pouco mais as diferenças encontradas em relação aos níveis de optimismo e pessimismo nos diferentes anos dos dois cursos, e em relação ao facto de o padrão, quer do optimismo, quer do pessimismo, não ter apresentado alterações significativas ao longo de cada ano, nos 4 anos dos dois cursos. Estas questões serão analisadas e aprofundadas na discussão dos resultados do 2º estudo.

10. Estudo 2: Realização de uma entrevista para avaliação do optimismo/pessimismo numa Escola Superior de Educação

10.1. Metodologia

10.1.1. Objectivos

1. Relacionar o grau pessoal (disposicional) de optimismo/pessimismo dos alunos com o grau social (situacional - escola, curso, disciplina, professor).

2. Comparar a evolução dos factores em estudo ao longo do percurso de formação dos alunos nos dois cursos com currículos semelhantes.

3. Compreender quais os factores que poderão estar associados ao desenvolvimento do optimismo/pessimismo na formação dos jovens profissionais de educação.

10.1.2. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por um total de 80 alunos, 40 do curso de Educação de Infância (10 de cada ano) e 40 do curso de Professores do Ensino Básico do 1° Ciclo (10 de cada ano) (ver Quadro 21).

10.1.3. Procedimento

Neste estudo foi realizada uma entrevista (Anexo B) a 10 alunos de cada ano dos dois cursos (5 optimistas e 5 pessimistas), em dois momentos distintos: em Dezembro e em Junho do ano lectivo 2003/2004. As entrevistas foram realizadas individualmente, utilizando um gravador áudio.

Numa primeira fase, e por uma questão de restrição da amostra, foram apenas realizadas entrevistas a sujeitos do 1° e 4° anos de cada curso, por se pensar que seriam os anos mais relevantes em termos de resultados: o primeiro ano por ser o ano de entrada no ensino superior e o quarto ano por ser o final de um percurso académico. Com este objectivo, os questionários da escala ELOT aplicados no primeiro estudo e relativos a estes dois anos, continham a identificação do nome do aluno. Com base na análise das pontuações desta escala (Anexo D) foram seleccionados os 5 sujeitos mais optimistas e os 5 sujeitos mais pessimistas, de cada um dos dois anos em questão (1° e 4° ano) de cada curso.

Quadro 21: Características sócio-demográficas dos 80 sujeitos que responderam ao guião de entrevista.

curso	ano	p.	idade			sexo		f.o.c		e.t.t.		zona res.		est. civil		religião		
			18-23	24-32	+32	f	m	s	n	s	n	Lisb	Set	sol	ca	n	cp	c np
Educ.	1	opt 5+	4	1		5			5	1	4	1	4	5		2	1	2
		pes 5+	5			5			5		5	2	3	5		1	2	2
	2	opt 5+	4	1		5			5		5		5	5		1	1	3
		pes 5+	5			5		1	4		5		5	5		1		4
	3	opt 5+	2	3		4	1	3	2	1	4	2	3	5		2	1	2
		pes 5+	4	1		5			5		5		5	4	1	2		3
	4	opt 5+	3	1	1	4	1	2	3	2	3	4	1	4	1	1	2	2
		pes 5+	4	1		5			5		5	3	2	4	1		2	3
1° ciclo	1	opt 5+	4		1	4	1	2	3	1	4		5	4	1	2		3
		pes 5+	5			5		2	3		5	1	4	5		1	1	3
	2	opt 5+	4	1		4	1	1	4	1	4	1	4	4	1	2		3
		pes 5+	3	2		5			5	2	3		5	4	1		1	4
	3	opt 5+	5			3	2	1	4	2	3	1	4	4	1	1	1	3
		pes 5+	5			5		1	4	2	3	1	4	4	1	1	2	2
	4	opt 5+	3	2		4	1		5	2	3	1	4	4	1	1	1	3
		pes 5+	1	4		5		1	4	2	3	1	4	5			1	4

curso	ano	p.		Com quem vive				
				pais	soz	col.	esp.	esp. +f.
Educ.	1	opt	5+	4	1			
		pes	5+	5				
	2	opt	5+	5				
		pes	5+	5				
	3	opt	5+	4			1	
		pes	5+	5				
	4	opt	5+	4			1	
		pes	5+	4			1	
1° ciclo	1	opt	5+	4				1
		pes	5+	4		1		
	2	opt	5+	4			1	
		pes	5+	4			1	
	3	opt	5+	4			1	
		pes	5+	4			1	
	4	opt	5+	4				1
		pes	5+	4	1			

opt=optimismo; pes=pessimismo; p.=pontuação; sexo: f=feminino, m=masculino; f.o.c=frequência de outro curso: s=sim, n=não; e.t.t.=estatuto de trabalhador estudante: s=sim, n=não; zona res.=zona de residência: Lisb=Lisboa, Set=Setúbal; est. civil=estado civil: sol=solteiro, ca=casado; religião: n=não, cp=crente praticante, cnp=crente não praticante; com quem vive: soz.=sozinho, col.=colegas, esp.=esposo, esp.+ f =esposo /filhos.

No entanto, após a análise estatística dos dados relativos à aplicação da escala ELOT aos 4 anos de cada curso (primeiro estudo), deparámo-nos com alguns dados suficientemente interessantes para serem levados em consideração. Verificou-se que o padrão de evolução do optimismo registado no curso de Educação de Infância não era de todo semelhante ao padrão observado no curso de Professores do Ensino Básico do 1° Ciclo. No 1° caso, os alunos do 1° e 4° ano apresentaram uma pontuação de optimismo elevado, enquanto que nos anos intermédios se registaram valores mais

baixos. Em relação ao curso Professores do Ensino Básico do 1° Ciclo, a pontuação de optimismo manteve-se aproximadamente constante nos 4 anos do curso.

Tendo em conta que os planos curriculares são quase idênticos (ver Anexo C), colocou-se a questão de tentar perceber o que se passaria nos anos intermédios dos dois cursos que justificasse esta diferença de resultados. Com este objectivo, foi efectuada a aplicação do mesmo guião de entrevista aos alunos dos 2° e 3° anos de cada curso, mas em forma de questionário, visto neste caso aquando da aplicação da escala ELOT não lhes ter sido pedido que se identificassem (uma vez que não iriam fazer parte da amostra deste segundo estudo). Este facto impediu a possibilidade de seleccionar os 5 mais optimistas e os 5 mais pessimistas logo à partida. Com base na análise desses questionários foi então efectuada a selecção de 10 sujeitos de cada um destes anos intermédios dos dois cursos, 5 optimistas e 5 pessimistas, de uma forma aleatória.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo das 80 entrevistas (10 por cada ano de cada curso). As respostas foram analisadas utilizando uma abordagem qualitativa dos resultados.

- Opções metodológicas

O presente estudo utiliza a análise de conteúdo, ou seja, procura compreender e estudar a forma como os alunos se relacionam com a escola de formação e qual a ligação com os constructos de optimismo e pessimismo. Enquadrado neste objectivo, as principais questões metodológicas de partida estão relacionadas basicamente com a metodologia a seguir e a dimensão social, ou seja, a preocupação de contribuir, através de um trabalho concreto e aplicado para o desenvolvimento desta área de conhecimento.

Inicialmente, a actividade de investigar era reservada a alguns investigadores que a exerciam com carácter exclusivo e muito distanciados da realidade. Aliás, era essa distanciação que assegurava a objectividade da investigação, evitando a subjectividade própria da acção de nos envolvermos. Assim, a regra fundamental para atingir o conhecimento era tratar os factos como exteriores e, para serem compreendidos, terem de ser fragmentados. A este propósito diz Santos (1987, p. 15) "O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou."

Por outro lado, o rigor científico testemunhava-se pelas medições, ou seja, o que não fosse quantificável era cientificamente irrelevante, pelo que a dimensão quantificável dos fenómenos tinha grande destaque nos manuais de investigação. Como o referem Ludke e Marli (1987, p. 3) "Durante muito tempo se acreditou na possibilidade de decompor os fenómenos educacionais em suas variáveis básicas, cujo estudo analítico, e se possível quantitativo, levaria ao conhecimento total desses fenómenos."

Através de uma evolução epistemológica, verificou-se que muitos dos fenómenos educacionais não eram passíveis de ser analisados por via de uma abordagem analítica por a realidade ser muito complexa e não ser fácil isolar as variáveis presentes.

Outra característica típica das abordagens quantitativas era a procura da separação entre o objecto de estudo e o investigador, só assim se alcançando uma verdadeira objectividade. Hoje, ao contrário, o papel do investigador é o de construir o

conhecimento que é feito de um comprometimento com a realidade e implica uma interdependência entre o sujeito e o ambiente. Como refere Pourtois e Desmet (1988, p. 99) "(...) les eléments ne peuvent pas ne pas communiquer; les communications sont circulaires avec des feedback on des rétro-actions multiples."

Surge assim uma nova atitude de investigação que coloca o investigador no meio do processo de investigação, desenvolvendo novas abordagens que vieram fazer contraponto ao que se convencionou chamar paradigma positivista.

Esta transformação tem em conta que é necessário utilizar métodos de investigação e critérios epistemológicos diferentes; métodos qualitativos em vez de, ou em complemento, como é o caso deste trabalho, dos métodos quantitativos.

Quando nos colocamos numa perspectiva qualitativa, as questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, mas antes apoiam-se no estudo do fenómeno em toda a sua complexidade. Isso significa que não se trabalha com hipóteses de partida, pois as questões vão emergindo à medida que se vão recolhendo os dados.

Assim, voltando à questão inicialmente colocada sobre a metodologia a seguir para este estudo, pareceu-nos inevitável adoptar uma metodologia qualitativa, pois como refere Bogdan e Bilklen (1994, p. 83) "Uma estratégia utilizada baseia-se no pressuposto de que muito pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão construir o objecto de estudo."

Interessou-nos assim, seguindo uma metodologia qualitativa, conhecer a forma como os sujeitos seleccionados através do primeiro estudo (Escala ELOT) se relacionam com a sua escola de formação e conhecem o seu ambiente, compreender o processo pelo qual os sujeitos constroem significados, enfatizando a componente subjectiva do comportamento das pessoas, tentando compreender como constroem e quais são os significados que atribuem aos acontecimentos quotidianos.

Como refere Bernier acerca das interpretações (*in* Erickson citado por Goyette et al., 1994, p. 46) "A melhor forma de basear ou rebasear o conhecimento das realidades sociais seria a partir do senso comum que todos os indivíduos possuem relativamente à sua própria realidade, à sua própria história e ao seu próprio local de inserção no campo social".

Erikson (*in* Goyette et al., 1994, p. 41-42) enfatiza a criação de significados pelos actores como uma forma de conhecer, através das suas perspectivas, as condições ecológicas de acção na qual se encontram implicados. Para além disso, alerta os investigadores para a situação de, em grupos específicos de indivíduos, se encontrarem microculturas, ou seja, diferentes pontos de vista de determinados grupos-classe para outros.

- Estratégia de recolha de dados

No caso deste trabalho, procuramos estudar os sujeitos considerados como sendo os mais optimistas e os mais pessimistas, centrando as questões na perspectiva dos participantes, acedendo desse modo à dinâmica interna das situações que à partida eram para nós desconhecidas.

O que se tentou foi compreender as suas experiências e os seus pontos de vista, recorrendo-se neste caso a entrevistas estruturadas e aprofundadas.

A fase seguinte foi a de validação e testagem do guião que se processou através de consulta a especialistas e do ensaio do guião, entrevistando 2 alunos que se aproximavam do perfil daqueles que iríamos entrevistar para o nosso trabalho. Depois deste procedimento, voltamos a rever o guião, dando então início ao trabalho de recolha de opiniões.

Tendo em conta os objectivos da investigação, optámos por entrevistar 10 alunos (os cinco mais optimistas e os cinco mais pessimistas) de cada ano dos dois cursos, em dois momentos distintos, Dezembro e Junho. O local de realização das entrevistas foi um gabinete da ESE. Antes da realização das entrevistas houve uma explicitação dos objectivos do estudo. As entrevistas aos alunos tiveram aproximadamente, em média, a duração de 30 minutos.

- Redução e tratamento dos dados

Depois de se terem recolhido as 80 entrevistas (Anexo E), as mesmas foram transcritas fazendo-se uma audição integral de cada entrevista o mais cuidada possível, para que o acto da transcrição fosse o mais fiel possível aos enunciados e ao sentido dado às respostas pelos entrevistados. Para constar como exemplo integramos nos anexos do nosso trabalho alguns protocolos de entrevista que se produziram como documentos iniciais, em bruto.

Para análise e tratamento dos documentos entretanto produzidos, utilizámos os instrumentos metodológicos que nos fornece a análise de conteúdo, o que nos permitiu uma visão mais pormenorizada do conteúdo das mensagens, aumentando assim o rigor da análise.

Dada a natureza do trabalho de investigação optámos pelo modelo de análise que se costuma designar por "análise temática". Da análise desse conjunto de entrevistas foi construído um modelo de codificação que permitiu encontrar:

1. Blocos
2. Dimensões presentes – onde arrumámos os diferentes temas e sub-temas
3. Categorias
4. Sub-categorias
5. Exemplos
6. Frequências

Partindo dos nossos objectivos para este estudo organizamos a análise do guião de entrevista em cinco grandes blocos, quer para o optimismo, quer para o pessimismo, tentando utilizar o mesmo procedimento na construção das tabelas para os dois cursos em estudo:

1) Caracterização dos respondentes
Dentro deste bloco inserem-se as questões que remetem para a auto-descrição dos sujeitos da amostra; foi dividido em duas dimensões:

a) Percepção de si mesmo
b) Auto-avaliação

a) Em relação à dimensão "Percepção de si mesmo", dividimo-la em duas categorias:
- Face aos outros – todas as respostas que remetem para uma percepção de si na relação com os outros;
- Face a si próprio – todas as respostas que reenviam para uma percepção de si em relação ao seu sentir e aquilo em que acredita.

b) Em relação à dimensão "Auto-avaliação", encontramos as seguintes categorias:
- Optimista – todas as respostas que remetem para uma auto-avaliação positiva;
- Pessimista – todas as respostas que remetem para uma auto-avaliação negativa;
- Pessimista defensivo – todas as respostas que apontam para uma auto-avaliação de tipo defensivo.

2) Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade
Dentro deste bloco inserem-se as questões que remetem para acontecimentos vivenciados antes de entrar na Universidade; foi organizado em cinco dimensões:

a) Tipo de Influência
b) Influência da família
c) Influência dos professores
d) Influência dos colegas
e) Professor como figura de referência

a) Em relação à dimensão "Tipo de Influência" dividimo-la nas seguintes categorias:
- Inexistente – onde cabem todas as respostas que não indiquem qualquer tipo de influência na construção da sua atitude mais optimista ou pessimista (remete para questões inatas).
- Familiar – onde cabem todas as respostas que apontem a família como principal agente influenciador para a construção do seu optimismo ou pessimismo;
- Amigos – onde cabem todas as respostas que indiquem este tipo de influência como tendo sido a responsável pela sua atitude positiva ou negativa face à vida;
- Professores – onde cabem todas as respostas que apontem os professores como os principais agentes influenciadores na atitude do sujeito;
- Escola – onde cabem todas as respostas que indiquem a influência da escola como responsável pela sua atitude;

- Experiência de vida – onde cabem todas as respostas que apontem os acontecimentos vivenciados ao longo da vida como sendo os que mais influenciaram a sua atitude.
- Outros – onde cabem todas as respostas que apontam para outro tipo de influência mais ocasional;

b) Em relação à dimensão "Influência da família" dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que apontem para uma ausência de influência familiar neste processo de construção ou que remetem para causas inatas;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem a existência de uma influência familiar na construção do optimismo;
   - Pela negativa – onde cabem todas as respostas que apontem para a influência da família como tendo sido a responsável pelo desenvolvimento de uma atitude pessimista;
   - Por oposição – onde cabem todas as respostas que contrariem, pela oposição, a atitude familiar existente.

c) Em relação à dimensão "Influência dos professores", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que refiram não existir qualquer tipo de influência;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem a existência de uma influência positiva ao longo da vida escolar;
   - Pela negativa – onde cabem todas as respostas que apontem para a existência de uma influência negativa ao longo do processo escolar;
   - Ambiguidade – onde cabem todas as respostas que indiquem quer influências positivas, quer experiências negativas ao longo do percurso escolar.

d) Em relação à dimensão "Influência dos colegas", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem a ausência deste tipo de influência ao longo do percurso escolar;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem a existência de uma influência positiva ao longo da vida escolar;
   - Pela negativa – onde cabem todas as respostas que apontem para a existência de uma influência negativa ao longo do processo escolar.

e) Em relação à dimensão "Professor como figura de referência", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que mostrem não ter existido uma figura de professor que tenha servido como referência ao longo do percurso escolar;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem que a figura do professor foi uma referência positiva ao longo da vida escolar;
   - Pela negativa – onde cabem todas as respostas que indiquem que a figura do professor foi uma referência negativa ao longo da vida escolar;

- Ambiguidade – onde cabem todas as respostas que indiquem a figura do professor ora como tendo sido uma referência positiva ora como uma referência negativa ao longo da vida escolar.

3) Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade
Dentro deste bloco inserem-se as questões que remetem para acontecimentos vivenciados durante o percurso na Universidade; foi organizado em quatro dimensões:

a) Influência dos professores
b) Influência do ambiente
c) Influência dos colegas
d) Influência do curso em geral

a) Em relação à dimensão "Influência dos professores", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem não existir qualquer tipo de influência por parte dos professores durante o curso;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que apontem para a influência positiva por parte dos professores ao longo do curso;
   - Pela negativa - onde cabem todas as respostas que apontem para a influência negativa por parte dos professores ao longo do curso.

b) Em relação à dimensão "Influência do ambiente", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem não existir qualquer influência do ambiente ao longo do curso;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que apontem para uma influência positiva por parte do ambiente ao longo do curso;
   - Pela negativa - onde cabem todas as respostas que apontem para uma influência negativa por parte do ambiente ao longo do curso.

c) Em relação à dimensão "Influência dos colegas", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem não ter existido influência por parte dos colegas em relação à sua atitude, ao longo do curso;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem ter existido uma influência positiva por parte dos colegas em relação à sua atitude, ao longo do curso;
   - Pela negativa - onde cabem todas as respostas que indiquem ter existido uma influência negativa por parte dos colegas em relação à sua atitude, ao longo do curso.

d) Em relação à dimensão "Influência do curso em geral", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem que o curso não teve qualquer tipo de influência na sua atitude optimista ou pessimista;
   - Pela positiva – onde cabem todas as respostas que indiquem que o curso teve influência na sua atitude optimista;
   - Pela negativa - onde cabem todas as respostas que indiquem que o curso teve influência na sua atitude pessimista.

4) Ligação à Universidade

Dentro deste bloco inserem-se as questões que denotam acontecimentos, experiências, aspectos ou laços que ligam os sujeitos à Universidade; foi dividido em sete dimensões:

a) Aspectos valorizados
b) Auto-realização
c) Laços com a Universidade
d) Experiências positivas em grupo
e) Momentos de forte envolvimento
f) Momentos mais convidativos à acção
g) Formas de maior comprometimento

a) Em relação à dimensão "Aspectos valorizados", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que não valorizem qualquer aspecto relativo ao curso;
   - Recursos humanos – onde cabem todas as respostas que valorizem aspectos ligados às pessoas em geral;
   - Recursos ambientais – onde cabem todas as respostas que valorizem questões relacionadas com o espaço exterior, com aspectos logísticos, com a arquitectura, com a qualidade ambiental, etc.
   - Qualidade de ensino – onde cabem todas as respostas que valorizem as questões ligadas a uma boa ou má qualidade ao nível da formação ao longo do curso.

b) Em relação à dimensão "Auto-realização", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem a não existência de nenhum sentimento ou momento de auto-realização ao longo do curso;
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que apontem para realizações a nível de desempenho pessoal, de cognições, de relacionamento, ao longo do curso;
   - Nível académico – onde cabem todas as respostas que remetam para questões ligadas a aspectos curriculares, académicos, profissionais, que decorreram ao longo do curso.

c) Em relação à dimensão "Laços com a Universidade", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem não existirem laços com a Universidade ao longo do curso;
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que apontem os aspectos pessoais como sendo os mais valorizados ao longo do curso;
   - Nível académico – onde cabem todas as respostas que apontem os aspectos académicos como sendo os responsáveis pela criação de laços com a Universidade.

d) Em relação à dimensão "Experiências positivas em grupo", dividimo-la nas categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que não apontem qualquer tipo de experiência, ou que demonstrem uma atitude de espera ("ainda não aconteceu");
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que indiquem factores de ordem pessoal como responsáveis pelas experiências vivenciadas ao longo do curso;
   - Nível académico – onde cabem todas as respostas que valorizem os aspectos académicos como sendo privilegiados para vivenciar experiências de grupo.

e) Em relação à dimensão "Momentos de forte envolvimento", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que indiquem ainda não ter existido a vivência desse momento;
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que valorizem um envolvimento a nível pessoal ao longo do curso;
   - Nível académico – onde cabem todas as respostas que valorizem questões de âmbito académico como sendo responsáveis pelos momentos mais envolventes ao longo do curso.

f) Em relação à dimensão "Momentos mais convidativos à acção", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que apontem para uma atitude de espera em relação ao surgimento desse momento;
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que indiquem aspectos de nível pessoal como os que mais levam á acção ao longo do curso;
   - Nível académico - onde cabem todas as respostas que valorizem os aspectos/acontecimentos académicos como sendo os responsáveis pela dinamização de acções ao longo do percurso académico.

g) Em relação à dimensão "Formas de maior comprometimento", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Inexistente – onde cabem todas as respostas que incidam na não existência de qualquer tipo de compromisso com a Universidade;
   - Nível pessoal – onde cabem todas as respostas que valorizem as questões de âmbito pessoal como sendo aquelas que podem assumir uma forma de compromisso com a Universidade;
   - Nível académico - onde cabem todas as respostas que coloquem o compromisso com a Universidade em termos da qualidade de ensino, da formação, etc.;
   - Nível dos recursos logísticos – onde cabem todas as respostas que valorizam os aspectos logísticos como sendo uma ponte para assumirem um maior compromisso com a Universidade.

5) Percepção da Universidade

Dentro deste bloco inserem-se as questões relacionadas com uma visão global da escola e quais os aspectos a melhorar; foi dividido em duas dimensões:

a) Percepção global da Universidade
b) Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar

a) Em relação à dimensão "Percepção global da Universidade", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Nível ambiental – onde cabem todas as respostas que valorizem questões ligadas ao espaço, à localização, ao clima, à arquitectura, etc.;
   - Nível humano – onde cabem todas as respostas que apontem para o tipo de relacionamento existente na escola e para as qualidades pessoais das pessoas em geral;
   - Nível da qualidade de ensino – onde cabem todas as respostas que incidam na existência de uma qualidade de ensino, quer em níveis específicos quer em níveis gerais.

b) Em relação à dimensão "Avaliação/expectativas sobre aspectos a melhorar", dividimo-la nas seguintes categorias:
   - Nível dos recursos – onde cabem todas as respostas que apontem aspectos ligados aos recursos existentes na Universidade, quer a nível humano quer a nível logístico;
   - Nível académico – onde cabem todas as respostas que incidam sobre os aspectos de âmbito académico, incluindo a qualidade pedagógica;
   - Nível da organização – onde cabem todas as respostas que reenviem para aspectos ligados a questões organizacionais.

Para as diferentes categorias ainda foram encontradas diferentes sub-categorias, tais como:

- Imagem – onde cabem todas as respostas que exprimam aquilo que mostramos ou julgamos ser para os outros;
- Valores – onde cabem todas as respostas que reenviem para princípios em relação ao próprio e na relação com os outros;
- Cognições – onde cabem todas as respostas que indiquem o sentir ou as crenças que temos ou fazemos em relação a nós mesmos;
- Desvalorização das competências – onde cabem todas as respostas que indiquem existir uma baixa auto-estima ou uma descrença nas suas capacidades;
- Valorização das competências – onde cabem todas as respostas que apontem para a existência de uma alta auto-estima ou uma crença nas suas capacidades;
- Viragem – onde cabem todas as respostas que apontem para uma atitude de mudança em relação à sua postura inicial (positiva ou negativa);
- Relacionamento – onde cabem todas as respostas que incidam sobre os aspectos relacionais a todos os níveis atrás apontados (família, amigos, professores, etc.);
- Aquisição de competências profissionais – onde cabem todas as respostas que apontem para a aprendizagem de competências/capacidades que lhes permitirão desempenhar bem a profissão;
- Expectativas – onde cabem todas as respostas que façam referência às expectativas criadas em relação ao curso ou às saídas profissionais;

- Desempenho – onde cabem todas as respostas que apelem para uma valorização em termos dos bons resultados apresentados ao longo do curso;
- Qualidade de ensino – onde cabem todas as respostas que valorizem ou não a qualidade pedagógica do ensino ministrado na Universidade;
- Espaço exterior – onde cabem todas as respostas que valorizem ou não o espaço exterior existente na escola;
- Logística – onde cabem todas as respostas que remetam para questões ligadas aos serviços, ás instalações, aos espaços interiores, aos materiais, etc.;
- Sala de aula – onde cabem todas as respostas que valorizem acontecimentos passados dentro das salas de aula;
- Prática – onde cabem todas as respostas que valorizem ou não as questões ligadas ao estágio e às disciplinas mais práticas;
- Acontecimentos académicos – onde cabem todas as respostas que recaiam sobre aspectos de origem académica, tais como festas, praxes, etc.;
- Realização profissional – onde cabem todas as respostas que sinalizem a existência de um sentimento de realização profissional, de arranjar emprego;
- Aspectos curriculares – onde cabem todas as respostas que valorizem ou não as questões ligadas á qualidade do currículo e ao seu grau de exigência;
- Actividades – onde cabem todas as respostas que incidam sobre a proposta e a realização de actividades, nomeadamente ao nível ambiental;
- Espaço exterior – onde cabem todas as respostas que remetam para a valorização ou não do espaço exterior da Universidade, como o jardim, os espaços verdes, etc.;
- Formação – onde cabem todas as respostas que indiquem a existência ou não de uma boa formação pedagógica;
- Continuidade – onde cabem todas as respostas que apontem para um desejo de continuarem próximos e manterem-se em contacto com a Universidade;
- Organização – onde cabem todas as respostas que refiram os aspectos ligados com questões organizacionais de funcionamento da Instituição;
- Expansão – onde cabem todas as respostas que refiram a necessidade de se abrirem novos cursos;
- Humano – onde cabem todas as respostas que refiram a qualidade das relações humanas;
- Dinamismo – onde cabem todas as respostas que incidam sobre a presença de acção a escola;
- Dimensão – onde cabem todas as respostas que refiram questões de âmbito espacial, nomeadamente o tamanho das instalações;
- Administração – onde cabem todas as respostas que remetam para questões de ordem burocrática e administrativa;
- Avaliação – onde cabem todas as respostas que remetam para a necessidade de se fazer uma avaliação sobre a instituição e a qualidade dos serviços.

10.2. Resultados

10.2.1. Curso de Educação de Infância

- Optimismo – 1ª aplicação

Nos quadros 22-26 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação (ver em Anexo F as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 22) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano as respostas incidem na valorização face a "si próprio", em termos da valorização das "competências" e "face aos outros" em termos de "valores" (11 e 8 respectivamente);
- no 2° ano na categoria "face a si próprio" o maior número de respostas incide nas "cognições" e nos "valores" (12 e 8 respectivamente), seguido da categoria "face aos outros", no que concerne aos "valores" (11 respostas);
- no 3° ano a categoria mais valorizada é a "face a si próprio" ao nível das "cognições" e dos "valores" (11 e 9 respectivamente);
- no 4° ano as respostas estão em maioria na "valorização "face aos outros" no que concerne aos "valores", seguido da categoria "face a si próprio" ao nível das "cognições" (10 e 8 respostas);

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- todos os anos classificam-se como sendo optimistas; valorizando as sub-ategorias "cognições" (6, 5, 5 e 6 respectivamente) e no 1° e no 4° ano é também valorizada a sub-categoria "valorização das competências" (5 e 6 respectivamente);
- É de salientar que apesar destes sujeitos terem sido considerados como sendo optimistas através da escala ELOT, encontramos 2 respostas (uma no 1° ano e outra no 2° ano) do tipo pessimismo defensivo.

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade – Quadro 23) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- no 1°, 2° e 3° anos a categoria "familiar" é mais valorizada (4,4 e 3 respectivamente); no 4° ano é valorizada a sub-categoria "outros" (4 respostas) e a "familiar" (3 respostas);
- o 3° e 4° anos consideram que a "experiência de vida" também tem uma influência positiva (3 respostas em cada);

b) na dimensão "Influência da família"
- os 4 anos indicam-nos que o tipo de influência familiar passa essencialmente pela positiva (9, 7, 4 e 4 respectivamente);
- é interessante verificar que se encontra uma resposta no 1° ano e duas no 3° ano que poderíamos considerar como sendo uma atitude defensiva.

Quadro 22: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou comunicativa" (1-2-3-4º ano)	6	4	4	4
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática" (1-2-3-4º ano)	8	11	3	10
		Face a si próprio	Cognições	"sou romântica"; "sou sonhadora" (1-2º ano); "sou sonhadora"; "sou sentimental" (3º ano); "sou alegre"; "sou bem-disposta" (4º ano)	5	12	11	8
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera" (1-2-4º ano); "sou orgulhosa"; "sou fiel" (3º ano)	2	8	9	6
			Desvalorização das competências	"sou pouco firme"; "tenho dificuldade em aceitar críticas" (1º ano)	3	—	—	—
			Valorização das competências	"gosto de ter experiências novas"; "consigo resolver os meus problemas" (1º ano); "sou lutadora"; "sou independente" (2º ano); "sou muito responsável" (3º ano); "sou metódica"; "sou persistente" (4º ano)	11	3	2	5
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"não pensar nas coisas más" (1º ano); "tento ver o lado positivo, assim como o lado negativo das coisas" (2º ano)	1	1	—	—
		Optimista	Cognições	"estar bem comigo" (1º ano); "ter pensamento positivo" (1-2-4º ano); "é uma filosofia de vida"; "o amanhã será sempre melhor" (3º ano); "sou sedutora"; "gosto muito de viver a vida" (4º ano)	6	5	5	6
			Valorização das competências	"ser segura das minhas capacidades"; "conseguir realizar o que quero" (1º ano); "aproveito bem a vida"; "faço com que o dia seguinte seja sempre melhor" (2º ano); "o conseguir resolver os meus problemas ajudou-me a ser mais forte"; "com o início do curso fiquei a ser mais optimista" (3º ano); "encaro a vida de frente"; "tenho confiança em mim e nos outros" (4º ano)	5	2	2	6

Quadro 23: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais que eram muito optimistas" (1-2-3-4° ano); "os meus pais eram pessimistas por isso fiquei optimista" (3° ano)	4	4	3	3
		Amigos		"os meus amigos ajudaram-me muito" (2° ano); "o meu namorado é muito positivo" (3° ano)	---	2	1	---
		Outros		"Deus tem-me ajudado muito"; "ter pertencido ao coro e grupo folclórico ajudou-me" (4° ano)	---	---	---	4
		Experiência de vida		"a vida me influenciou" (1°-2° ano); "fui aprendendo a viver com o que me foi acontecendo na vida" (3° ano); "aprendi através da vida e dos acontecimentos" (4° ano)	1	1	3	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência nenhuma" (4° ano)	---	---	---	1
		Pela positiva		"dar amor " (1° ano); "ajudar o próximo"; "nunca desistir" (1-2° ano); "sempre tive o apoio dos meus pais" (3-4° ano)	9	7	4	4
		Por oposição		"como a minha mãe sempre foi muito pessimista, quis ser diferente dela, para me poder defender e ser optimista" (1-3° ano)	1	---	2	---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência no que sou hoje" (1-2-4° ano)	4	1	---	1
		Pela positiva	Cognições	"transmitir algo de positivo" (1° ano); "são amigos" (2° ano); "eram meigos e atenciosos"; "fazem parte da minha vida" (3° ano); "foram uma boa influência" (4° ano)	2	2	3	3
			Valorização das competências	"ajuda na formação da personalidade"; "acreditam em mim" (2° ano); "ajudaram a tornar-me uma pessoa melhor" (3° ano); "moldaram as minhas perspectivas profissionais" (4° ano)	---	4	3	3
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"podemos seguir o mesmo sonho"; "podemos trocar e confrontar opiniões" (1° ano) "tornaram-se grande amigos" (2° ano); "fazem parte da minha vida" (3° ano); "gostam de mim" (4° ano)	8	1	1	3
			Relacionamento	"são um apoio"; "partilhamos os problemas" (3° ano)	---	---	4	---
			Valorização das competências	"ajudaram-me a construir uma personalidade mais forte"; "fiquei mais tolerante"; "mais compreensiva" (2° ano); ajudaram-me a crescer"; "ajudaram-me a resolver conflitos" (4° ano)	---	8	---	3
		Pela negativa		"só me fizeram sofrer" (3° ano); "pelas traições aprendi a conhecer melhor quem são os meus amigos" (4° ano)	---	---	1	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não houve nenhum professor que me tenha marcado" (1-4° ano); "não tive" (2° ano)	1	2	---	1
		Pela positiva	Cognições	"a professora dava aulas muito dinâmicas e com grande entusiasmo" (1° ano); "tive professores que me influenciaram pela positiva" (2-3-4° ano)	2	2	5	2
			Valorização das competências	"a professora tinha uma grande admiração por mim" (1° ano); "ajudaram a construir a minha personalidade" (3° ano); "acreditar nas nossas capacidades" (4° ano)	2	---	2	1
		Pela negativa		"sempre me desiludiram" (1° ano); "tive prof. que me influenciaram pela negativa e me chumbaram" (2° ano); "eram frios" (3° ano); "um prof. que me chumbou com 8" (4° ano)	1	2	4	1

Quadro 24: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm nenhuma influência" (1-4° ano)	4	—	—	3
		Pela positiva	Cognições	"fazem-nos sentir positivo"; "motivam" (2° ano); "transmitem força e optimismo" (3° ano); "com a sua filosofia de vida"; "pelas pessoas que eram"; "na forma como dão as aulas" (4° ano)	—	5	1	5
			Relacionamento	"dão apoio"; "são disponíveis" (3° ano)	—	—	3	—
			Valorização das competências	"dão-nos confiança"; "ajudam-nos a crescer melhor" (2° ano)	—	3	—	—
			Resultados	"dão boas notas" (2° ano)	—	1	—	—
		Pela negativa		"o professores criam uma barreira difícil de ultrapassar"; "têm uma atitude pessimista" (1° ano); "são indiferentes aos alunos"; "só se preocupam com as notas" (3° ano)	2	—	2	—
	Influência do ambiente	Inexistente		"o ambiente existente na escola não tem nada a ver com o facto de ser como sou" (1° ano); "não tem influência nenhuma" (2-4° ano)	3	1	—	1
		Pela positiva	Cognições	"apela ao optimismo" (1° ano) "é calmo"; "faz-me sentir bem" (2° ano); "é muito positivo"; "transmite energia positiva" (3° ano); "espaços verdes" (4° ano)	3	6	4	3
			Relacionamento	"bom relacionamento entre as pessoas" (4° ano)	—	—	—	3
			Valorização das competências	"acreditam em nós"; "dizem que vamos ter um bom desempenho na profissão" (1° ano)	2	—	—	—
		Pela negativa		"não respeitam os prazos de lançamento de notas"; "a burocracia é péssima" (3° ano); "o bar e o refeitório não prestam"; "não há parque de estacionamento" (4° ano)	—	—	2	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"ainda não os conheço bem pois estou há pouco tempo na escola" (1° ano); "os meus colegas não me influenciam em nada" (1-2° ano); "nenhuma influência" (3-4° ano)	2	1	1	1
		Pela positiva	Cognições	"têm confiança e respeito por mim" (1° ano); "fazem-me sentir bem e pensar positivo" (2-3° ano); "sentimentos de partilha"; "boa disposição" (4° ano)	6	6	3	6
			Valorização das competências	"valorizam-me" (3° ano)	—	—	1	—
		Pela negativa		"existe muita competitividade" (2-3° ano)	—	1	1	—
	Influência do curso em geral	Inexistente		"nenhuma influência" (3-4° ano)	—	—	1	1
		Pela positiva	Cognições	"faço o que gosto"; "é o meu sonho" (1° ano); "é o curso que sempre sonhei" (2-4° ano); "transmite vontade de continuar" (3° ano); "estimula o pensamento positivo" (4° ano)	5	6	2	6
			Aquisição de competências profissionais	"conseguir trabalhar bem com as crianças"; "conseguir comunicar melhor" (1° ano); "tenho de me esforçar para fazer bem"; boa influência que podemos ter junto das crianças" (2° ano); "posso fazer a diferença"; "poder trabalhar com crianças" (3-4° ano)	4	5	2	2
		Pela negativa		"o curso até agora tem sido uma desilusão" (1° ano)	1	—	—	—

Quadro 25: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível de recursos humanos		"existe uma grande união entre nós"; "conhecer pessoas novas" (1° ano); "proximidade prof./aluno"; "a boa relação com os funcionários" (2° ano); "o lado humano dos professores é óptimo" (3° ano); "o relacionamento entre prof./alunos" (4° ano)	2	6	6	4
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços verdes" (1-2° ano); "ambiente que transmite calma" (2° ano); "o espaço é excelente" (3-4° ano)	2	2	1	1
			Logística	"devia ter melhores condições" (4° ano)	---	---	---	1
		Nível de qualidade de ensino		"tem óptimos profissionais"; "a qualidade da formação" (3° ano)	---	---	3	---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"o facto de ter conseguido entrar para o Piaget e para este curso" (1° ano); "quando passei a todas as disciplinas" (2° ano); "quando recebo feed-back positivo do meu trabalho" (3° ano); "estar a terminar o curso" (4° ano)	5	3	4	3
			Relacionamento	"as relações humanas são excelentes"; "a boa relação prof./aluno" (4° ano)	---	---	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a semana do caloiro" (1° ano)	1	---	---	---
			Sala de aula	"a realização de trabalhos de grupo" (3° ano)	---	---	1	---
			Prática	"entrada no estágio" (2-4° ano); "quando aplico a teoria à prática no estágio" (3° ano)	---	3	2	2
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho" (1-3° ano)	2	---	1	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para a escola e iniciei o curso" (1-4° ano); "ter bons resultados" (2° ano); "quando tenho boas notas" (3° ano)	3	2	3	1
			Relacionamento	"as relações humanas são excelentes" (4° ano)	---	---	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (2° ano)	---	1	---	---
			Prática	"estágio" (2-3° ano); "entrada no estágio" (4° ano)	---	2	1	3
			Realização profissional	"com o estágio consegui arranjar emprego" (4° ano)	---	---	---	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"não me lembro de nenhuma especial" (1°-2° ano)	3	1	---	---
		Nível pessoal	Relacionamento	"o grupo ficou mais unido"; "tivemos o apoio dos professores" (2° ano); "a doença de uma colega fez-nos unir" (3° ano); "os almoços"; "o relacionamento prof/alunos é muito bom" (4° ano)	---	2	1	3
			Valorização das competências	"quando consegui resolver problemas através das minhas capacidades" (4° ano)	---	---	---	1

Ligação à Universidade (cont.)		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes" (1-2-3° ano); "a semana do caloiro"; "as festas" (1° ano)	3	1	3	
			Sala de aula	"trabalhos de representação" (2° ano); "disciplinas mais práticas"; "trabalhos de grupo" (3°-4° ano)	—	3	3	2
			Prática	"a entrada em estágio" (4° ano)	—	—	—	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1-3° ano); "ainda não senti" (2-4° ano)	4	1	1	1
		Nível pessoal	Desempenho	"foi uma emoção muito forte quando consegui entrar para a escola" (1° ano); "quando entrei para o curso no 1° ano" (2° ano); "todos os dias" (3° ano)	1	2	1	—
			Valorização das competências	"quando consegui integrar conhecimentos" (4° ano)	—	—	—	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (2° ano); "a tuna"; "a associação de estudantes" (3° ano); "preocupação da escola em saber coisas sobre nós" (4° ano)	—	1	2	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (3-4° ano); "projecto de recolha do lixo" (4° ano)	—	—	2	2
			Prática	"estágio" (2° ano)	—	1	—	—
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"não me consigo lembrar de nada" (1-2-4° ano)	2	3	—	1
		Nível pessoal		"ver o entusiasmo dos colegas do 4° ano" (1° ano);"todos os dias que passam" (2° ano)	1	1	—	—
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"criação de ateliers práticos"; "realização de colóquios" (1° ano); "praxes"; "seminários" (2-4° ano); "conferencias"; "participar no encontro sobre futebol" (3° ano); "recepção do caloiro" (4° ano)	2	2	3	3
			Sala de aula	"as expressões" (3° ano)	—	—	3	—
		Nível de organização		"a organização dos horários das disciplinas" (4° ano)	—	—	—	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda estou cá há pouco tempo" (1° ano); "estou desiludida pois não sinto incentivos por parte da escola que nos puxem para a acção" (1° ano); "não sei" (3° ano)	3	—	1	—
		Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso" ; "que a escola seja bem reconhecida lá fora" (2° ano); "ser bom profissional" (3-4° ano)	—	4	—	2
			Relacionamento	"devia existir uma maior interacção com os alunos" (1° ano); "melhor relacionamento com a direcção" (2° ano); "quanto mais gostarmos dos profs." (3° ano)	1	1	1	—
			Continuidade	"manter o contacto com a escola"; "voltar à escola e falar sobre a minha experiência" (4° ano)	—	—	—	3
		Nível académico		"participar em actividades práticas, fazer mais projectos"; "ter acesso a novas experiências" (1° ano); "pertencer ao projecto do cancioneiro"; "continuar a pertencer à A.E. e à tuna" (3° ano); "fazer projectos" (4° ano)	3	—	3	1
		Nível de recursos logísticos		"melhores instalações" (2° ano)	—	1	—	—

Quadro 26: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"a escola tem excelentes espaços verdes"(1-2-3° ano); "o ambiente não tem poluição" (1° ano); "os jardins e as árvores" (4° ano)	5	4	6	4
			Distribuição/Grandeza	"o espaço está bem organizado e é grande" (1-2-4° ano)	3	4	---	4
			Recursos desportivos	"o campo de futebol" (1° ano); "pista de atletismo" (4° ano)	1	---	---	1
			Localização	"é fácil ter acesso à escola"; "temos o centro comercial" (1° ano); "está perto do comboio"; "está perto da praia" (2° ano)	2	2	---	---
			Dinamismo	"as pessoas em movimento" (3° ano)	---	---	1	---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhorar a biblioteca" (1-3° ano); "uma sala de convívio"; "devia haver mais limpeza na escola" (1° ano); "melhores casas de banho"; "um bar melhor" (2° ano); "preço das refeições"; "mais higiene"; "sala mais modernas"; "espaços desportivos" (4° ano)	2	4	1	7
			Humanos	"os funcionários deviam ser mais simpáticos"; "dar mais atenção e saber ouvir os alunos" (1° ano); "melhores professores"; "melhores funcionários" (2° ano); "mais amor"; "maior preocupação pelos alunos" (3° ano); "melhorar as relações entre a escola e os alunos" (4° ano)	2	3	7	2
		Nível académico	Formação	"melhor preparação"; "mais actividades práticas" (2° ano); "reformulação dos programas" (3° ano); "mais professores ligados à área"; "disciplinas mais práticas"; "mais visitas de estudo" (4° ano)	---	3	1	6
			Acontecimentos académicos	"mais espectáculos"; "mais música" (3° ano)	---	---	2	---
		Nível de organização	Avaliação	"cumprir o prazo de lançamento de notas" (2° ano)	---	1	---	---
			Administração	"menos burocracia"; "criação de bolsas de estudo para melhores alunos" (3° ano)	---	---	4	---
			Horários	"existir uma maior organização" (1° ano); "fazer melhores horários" (2° ano)	1	2	---	---

c) na dimensão "Influência dos professores"

- em relação ao 1° ano a maioria afirma que não existiu influência (4 respostas);
- em relação ao 2° e 4° ano os resultados indicam-nos que a influência foi no sentido de lhes aumentar a auto-confiança (4 e 3 respectivamente), embora o 4° ano também refira que foi importante em termos de "cognições" (3 respostas);
- no 3° ano as respostas centram-se nas sub-categorias "cognições" e "valorização das competências" (3 em cada).

d) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1° ano a influência é positiva e baseia-se essencialmente nas "cognições" (8 respostas);
- no 2° ano baseia-se na transmissão de auto-confiança (8 respostas);
- no 3° ano as respostas incidem na sub-categoria "relacionamento" (4 respostas);
- no 4° ano verifica-se o mesmo número de respostas (3 em cada) nas duas sub-categorias;
- há ainda a assinalar que no 3° e 4° ano há uma resposta que indica uma influência negativa.

e) na dimensão "Professor como figura de referência"

- no 1° ano as sub-categorias mais escolhidas são "valorização das competências" e "cognições" (2 respostas em cada);
- no 2° ano há duas respostas que nos indicam que não houve influência; por outro lado, há duas respostas que nos indicam uma influência positiva, na sub-categoria "cognições" e duas respostas que nos indicam uma influência negativa;
- no 3° ano a influência tanto foi positiva ao nível das "cognições" (5 respostas) como foi negativa (4 respostas);
- no 4° ano a influência é positiva e passa pela subcategoria "cognições" (2 respostas).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade – Quadro 24) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- no 1° ano há 4 respostas que nos indicam não existir influência, e duas respostas que referem que esta influência é negativa;
- no 2° ano a influência é positiva e passa em primeiro lugar pelas "cognições" (5 respostas), logo seguida da "valorização das competências" (3 respostas);
- no 3° ano existe quer uma influência positiva que passa pelo "relacionamento" quer uma influência negativa (3 e 2 respectivamente);
- no 4° ano existem 3 respostas que nos indicam não existir influência e 5 respostas consideram que a influência é positiva e passa exclusivamente pelos "cognições".

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- no 1° ano há 3 respostas que dizem que não existe influência; por outro lado, encontramos 5 respostas que nos dizem que a influência é positiva e passa pelo relacionamento e pela " valorização das competências" (3 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a influência é positiva e passa pelas "cognições" (6 respostas);
- no 3° ano a incidência das respostas vai para a influência positiva e passa pelas "cognições";

- no 4º ano temos 6 respostas que nos indicam que a influência é positiva e passa pelas "cognições" e pelo "relacionamento" (3 respostas em cada); no entanto, é de salientar que temos quer no 4º ano quer no 3º ano, duas respostas que referem a influência como negativa, ao nível da "logística".

c) na dimensão "Influência dos colegas"
- nos 4 anos temos respostas que nos referem a influência como sendo positiva e passa exclusivamente pelas "cognições" (6,6,3 e 6 respectivamente);
- no 2º e no 3º ano temos também uma resposta que nos indica que a influência é negativa.

d) na dimensão "Influência do curso em geral"
- no 1º ano apenas uma resposta indica uma influência negativa; por outro lado, temos 9 respostas que nos indicam uma influência positiva, igualmente distribuídas pelas sub-categorias "cognições" e "aquisição de competências profissionais" (5 e 4 respectivamente);
- em relação ao 2º ano a influência é positiva e passa essencialmente pelas "cognições" e aquisição de competências profissionais (6 e 5 respectivamente);
- no 3º ano existe também uma resposta que diz não existir influência, e existem 4 respostas que se distribuem pelas "cognições" e aquisição de competências profissionais;
- no 4º ano existe uma resposta que diz não existir influência e existem 6 respostas que nos indicam que a influência é positiva e passa essencialmente pelas "cognições".

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade - Quadro 25) verifica-se que:

a) na dimensão "Aspectos valorizados"
- no 1º ano apenas uma resposta indica que não existe nenhum aspecto valorizado; 4 respostas valorizam o aspecto humano e o aspecto ambiental (2 em cada uma);
- no 2º ano o aspecto mais valorizado é o aspecto humano (6 respostas);
- no 3º ano o aspecto mais valorizado são os "recursos humanos", seguido da "qualidade de ensino" (6 e 3 respectivamente);
- no 4º ano também o aspecto mais valorizado é o aspecto humano (4 respostas); no entanto, é de salientar que existe uma resposta que salienta um aspecto negativo (logística).

b) na dimensão "Auto-realização"
- nos 4 anos observa-se que as respostas incidem maioritariamente ao nível pessoal, nomeadamente na sub-categoria "desempenho" (5, 3, 4 e 3 respectivamente), e no caso do 2º e 4º anos ao nível académico, na sub-categoria "prática" (3 e 2 respectivamente);
- no 1º ano temos também uma resposta que refere a inexistência de auto-realização;
- no 4º ano encontramos apenas uma resposta que valoriza as questões relacionais.

c) na dimensão "Laços com a universidade"
- no 1º ano temos 2 respostas que dizem não existir laços com a universidade e 3 respostas que se situam ao nível pessoal, na sub-categoria "desempenho";

- no 2º ano temos 4 respostas, duas a nível pessoal na sub-categoria "desempenho" e duas ao nível académico na sub-categoria "prática";
- no 3º ano temos 3 respostas que incidem na sub-categoria "desempenho";
- no 4º ano a maioria das respostas incide ao nível académico na sub-categoria "prática" (3 respostas).

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"
- no 1º ano há 3 respostas que indicam que ainda não aconteceram, e 3 respostas que as situam ao nível académico, na sub-categoria "acontecimentos académicos";
- no 2º e 4º anos temos 5 respostas ao nível pessoal, em termos da sub-categoria "relacionamento (2 e 3 respectivamente), assim como ao nível académico, na sub-categoria "sala de aula" (3 e 2 respectivamente);
- no 3º ano o aspecto mais valorizado é o nível académico, quer nos "acontecimentos académicos", quer na "sala de aula" (3 em cada).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"
- no 1º ano é praticamente inexistente (4 respostas);
- no 2º ano situa-se basicamente a nível pessoal em termos da sub-categoria "desempenho" (2 respostas);
- no 3º ano situa-se também a nível académico, que nos "acontecimentos académicos" quer na "sala de aula" (2 em cada);
- no 4º ano situa-se basicamente a nível académico, na sub-categoria "sala de aula" (2 respostas);

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- no 1º, 2º e 4º anos encontramos 6 respostas que referem a inexistência destes momentos (2, 3 e 1 respectivamente);
- no 3º ano também valoriza os acontecimentos em "sala de aula" (3 respostas);
- nos 4 anos a maior incidência de respostas situa-se ao nível académico, na sub-categoria "acontecimentos académicos" (2, 3, 3 e 3 respectivamente);

g) na dimensão "Forma de maior comprometimento"
- no 1º ano temos 3 respostas que indicam que ainda não existe esse comprometimento e 3 respostas que apontam que a ligação se faz ao nível académico;
- no 2º ano quase todas as respostas incidem a nível pessoal, nomeadamente em termos de "desempenho" (4 respostas);
- no 3º ano as respostas incidem ao nível académico (3 respostas);
- no 4º ano situam-se ao nível académico e nível pessoal em termos de "desempenho" (3 e 2 respectivamente).

No que concerne à quinta questão (Percepção da universidade – Quadro 26) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da universidade"
- nos 4 anos observa-se que as respostas incidem essencialmente ao nível ambiental, distribuindo-se pelas sub-categorias "espaço exterior" (5, 4, 6 e 4 respectivamente) e "distribuição/grandeza" para o 1º, 2º e 3º anos (3,4 e 4 respectivamente).

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"

- no 1° ano são os recursos logísticos e humanos as sub-categorias com maior número de respostas (2 em cada);
- no 2° ano são os recursos logísticos e humanos (4 e 3 respectivamente) e a formação, concretamente na sub-categoria "nível académico" (3 respostas) que apresentam maior frequência;
- no 3° ano as respostas valorizam os recursos humanos com 7 respostas;
- no 4° ano as respostas incidem preferencialmente nos recursos logísticos (7 respostas) e na formação, ao nível académico (6 respostas).

Em síntese podemos salientar os seguintes aspectos:

➢ Os alunos em geral percepcionam-se apresentando respostas que incidem na sua relação com os outros como por exemplo a imagem que transmitem, e os valores que defendem na relação com os outros;

➢ A maioria dos alunos considera-se optimista e transmite esse optimismo apresentando as suas crenças, cognições e a sua forma de sentir a vida. Também acreditam nas suas capacidades;

➢ Valorizam muito a influência da família e dos amigos na construção do seu optimismo, antes da entrada na Universidade, em detrimento da influência dos professores;

➢ Quando fazem referência à influência dos professores, antes da entrada na Universidade, esta é considerada como tendo sido preferencialmente negativa;

➢ Na Universidade a influência dos professores continua a ser considerada como preferencialmente negativa ou inexistente;

➢ Na ligação à Universidade os alunos valorizam as questões ligadas ao desempenho e aos acontecimentos académicos (festas, praxes, etc.);

➢ Quanto às expectativas e aspectos a melhorar, a maioria dos alunos faz referência à necessidade de haver uma melhoria ao nível dos recursos logísticos e dos recursos humanos (relacionamento).

- Optimismo – 2ª aplicação

Nos quadros 27-31 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação (ver em anexo F as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 27) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"

- em relação ao 1° ano a maioria das respostas incidem na Valorização em relação ao outro, preferencialmente na sub-categoria "valores" (8 respostas) seguido da Valorização de si mesmo, nos "valores" (7 respostas);
- em relação ao 2° ano a maioria das respostas é dada na categoria Face aos outros, embora valorizem mais a sub-categoria "imagem" (10 respostas), seguida da categoria face a si próprio, nomeadamente nos "valores" (8 respostas);

- no 3° ano valorizam mais os aspectos "face a si próprio" em termos das "cognições" (11 respostas);
- em relação ao 4° ano encontramos um maior índice de frequências nas sub-categorias "cognições" e "valores" (ambos com 7 respostas), seguida da sub-categoria "valores", na categoria "face aos outros" com 6 respostas.

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- a maioria das respostas relativas aos 4 anos caracteriza-se por uma auto-avaliação positiva, que se distribui pelas sub-categorias "cognições" no caso do 1°, 3° e 4° ano (4, 11 e 5 respectivamente) e da sub-categoria "valorização das competências" com 3 respostas no caso do 1°, 2° e 4° anos.

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 28) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- no 1° ano a categoria que apresenta maior frequência é a familiar, com 4 respostas;
- no 2° ano as categorias "Família" e "Amigos" são as mais escolhidas (4 e 5 respostas respectivamente);
- no 3° ano a categoria mais escolhida é a familiar, seguida da não existência de qualquer tipo de influência (5 e 2 respostas);
- no 4° ano a categoria mais escolhida é a inexistência de qualquer influência familiar (3 respostas).

b) na dimensão "Influência da família"
- a maioria de respostas refere que a influência foi positiva nos 4 anos (3,7, 4 e 4 respostas respectivamente).

c) na dimensão "Influência dos professores"
- no 1° ano as respostas indicam que a influência foi "inexistente" (3 respostas);
- no 2° e no 4° ano a influência foi positiva e incide preferencialmente na sub-categoria "relacionamento" (9 e 4 respectivamente);
- no 2° ano verifica-se que existe uma resposta que afirma que a influência foi negativa.
- No 3° ano a maioria das respostas aponta para uma influência positiva que se centra nas "competências" (5 respostas).

d) na dimensão "Influência dos colegas"
- para os 4 anos a influência foi maioritariamente positiva;
- no 1°, 3° e no 4° ano incide mais na sub-categoria "relacionamento" (6, 3 e 7 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das preferências vão para a sub-categoria "valorização das competências" com 6 respostas;
- no 3° ano também se valoriza a sub-categoria "cognições" (3 respostas).

BIBLIOTECA

Quadro 27: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática" (1-2-4° ano); "sou extrovertida" (1-2° ano); "sou comunicativa" (3° ano); "sou divertida" (4° ano)	3	10	1	3
			Valores	"sou solidária"(1-2-3-4° ano); "sou compreensiva" (1° ano); "sou preocupada"; "sou fiel" (2° ano); "sou confidente" (4° ano)	8	3	6	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou feliz" (1-3° ano); "sou ciumenta"; "sou alegre"; "sou expontânea" (2° ano); "sou mal-humorada" (4° ano)	5	6	11	7
			Valores	"sou sincera" (1° ano); "sou honesta" (2° ano); "sou fiel" (3° ano); "sou compreensiva" (4° ano)	7	8	3	7
			Valorização das competências	"sou justa"; "sou lutadora" (1-3° ano); "sou muito trabalhadora"; "sou uma pessoa muito dinâmica" (2° ano); "sou uma pessoa que organiza bem as coisas"; "sou uma pessoa que luta pelo que quer" (4° ano)	2	2	4	3
	Auto-avaliação	Optimista	Cognições	"adoro viver"; "vejo sempre o lado positivo" (1° ano); "penso que vai correr tudo bem"; "acreditar que amanhã será sempre melhor" (2° ano); "sinto-me feliz"; "espero o melhor da vida" (3° ano); "tento ver o lado positivo das coisas"; "o dia seguinte é sempre melhor" (4° ano)	4	2	10	5
			Valorização das competências	"descobrir coisas novas"; "nunca desisto" (1° ano); "tirar algo de positivo dos acontecimentos" (2° ano); "gosto de ajudar os outros"; "vivo a verdade" (4° ano)	3	3	—	3

Quadro 28: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já nasceu comigo" (3° ano); "já era assim" (4° ano)	---	---	2	3
		Familiar		"os meus pais ensinaram-me a ser optimista" (1-2-3-4° ano)	4	4	5	1
		Amigos		"os meus amigos são muito positivos" (2-3° ano); "foram os meus amigos que me influenciaram" (4° ano)	---	5	3	1
		Professores		"os prof. fizeram-me ver as coisas pelo lado positivo" (2° ano); "os prof. deram-me uma perspectiva alegre e positiva" (3° ano)	---	1	1	---
		Escola		"a escola ajudou-me a ser mais positiva" (4° ano)	---	---	---	1
		Experiência de vida		"foi apenas com a vida que fiquei assim" (1° ano); "foi a vida que me influenciou" (4° ano)	1	---	---	1
	Influência da família	Inexistente		"não me influenciou em nada" (1° ano); "não existe" (4° ano)	1	---	---	1
		Pela positiva		"os meus pais sempre foram pessoas optimistas" (1-3° ano); "ajudaram-me a ver o lado positivo" (2-4° ano)	3	7	4	4
		Por oposição		"por os meus pais serem pessimistas, fiquei optimista" (1-3° ano)	1	---	1	---
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram" (1° ano)	3	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"fazem parte da minha vida" (3° ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"ensinaram-me o que estava certo e errado" (1° ano); "ajuda-nos a crescer" (2° ano); "ajudaram-me muito" (4° ano)	1	9	---	4
			Valorização das competências	"deram-me um maior saber para poder fazer as coisas" (1° ano); "ajudaram a formar-me como pessoa" (3° ano); "ganhei crença nas minhas capacidades" (4° ano)	1	---	5	2
		Pela negativa		"serviram de exemplo a não seguir" (2° ano)	---	1	---	---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me influenciaram" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"fazem parte da minha vida" (3° ano)	---	---	3	---
			Relacionamento	"dialogando" (1° ano); "fiz grandes amigos" (2° ano); "sentimento de união" (3° ano); "existe solidariedade" (3-4° ano)	6	4	3	7
			Valorização das competências	"ajudaram-me a ver certo e o errado" (1° ano); "acreditar que somos capazes" (2° ano); "fiquei mais meiga, mais forte" (4° ano)	1	6	---	2
		Pela negativa		"fui gozada pelos colegas" (3° ano)	---	---	1	---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma figura marcante" (1-2-4° ano); "foi a vida" (4° ano)	2	1	---	2
		Pela positiva	Cognições	"tornaram-me optimista" (2° ano); "transmitiram uma influência positiva" (3° ano)	---	1	2	---
			Relacionamento	"valorizavam a relação" (2° ano); "ajudaram-me muito"; "preocupavam-se conosco" (3° ano); "apoiaram-me" (4° ano)	---	5	5	2
			Valorização das competências	"valorizavam as minhas capacidades"; "lutar para vencer" (1° ano); "aprendi a acreditar nas minhas capacidades" (4° ano)	5	---	---	2

Quadro 29: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada" (1° ano); "não existe" (4° ano)	1	---	---	1
		Pela positiva	Cognições	"ter um pensamento positivo" (1° ano); "conseguem manter-me optimista" (3° ano); "sentimos força para continuar" (4° ano)	1	---	2	3
			Relacionamento	"amizade" (2° ano); "podemos falar com eles" (3° ano)	---	6	2	---
			Valorização das competências	"força para continuarmos e acreditarmos nisso" (1° ano); "fizeram-me acreditar que o futuro está nas nossas mãos" (2° ano); "contribuem para que venha a ser uma boa profissional" (3° ano); "tornam-nos mais responsáveis" (4° ano)	2	5	3	2
		Pela negativa		"não existe diálogo entre prof./alunos" (1° ano)	1	---	---	---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não existe influência" (1°-4° ano)	2	---	---	2
		Pela positiva	Cognições	"é familiar"; "é acolhedor" (1° ano); "traz-me sensação de paz" (3° ano); "faz-me pensar num futuro melhor" (4° ano)	3	---	4	1
			Relacionamento	"existe um bom relacionamento prof./alunos" (2-3° ano); "as pessoas são excelentes" (3° ano); "permite-nos conviver" (4° ano)	---	8	4	1
			Espaço exterior	"os espaços verdes são fundamentais" (3° ano)	---	---	1	---
			Actividades	"promove actividades em grupo" (1° ano)	1	---	---	---
			Organização	"a organização da escola tem melhorado" (4° ano)	---	---	---	2
		Pela negativa		"foi uma desilusão, pois não acontece nada" (1° ano)	1	---	---	---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não é nenhuma" (1° ano); "não existe influência" (3-4° ano)	2	---	1	1
		Pela positiva	Cognições	"faz-me sentir útil"; "fazem-me ver o lado bom da vida" (1° ano); "tornam-me mais optimista" (2° ano); "fazem-me sentir bem" (3° ano); "ajuda-me a relativizar os problemas" (4° ano)	3	1	3	4
			Relacionamento	"ajudam-me muito"; "conversamos muito"; "são conselheiros" (1° ano); "existe um convívio saudável" (2° ano)	3	3	---	---
			Valorização das competências	"tornam-me mais segura"; "melhoram aspectos menos bons" (2° ano); "aprendo coisas novas com eles" (3° ano); "fico com força para alcançar os meus objectivos" (4° ano)	---	2	1	1
	Influência do curso em geral	Inexistente		"não tem nenhuma influência" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"estou no curso que sempre sonhei"; "sou mais positiva" (1° ano); "gosto pelo curso"; "orgulho na escola" (2° ano); "incentiva uma atitude optimista" (3° ano); "optimista quanto ao futuro" (4° ano)	4	3	9	4
			Aquisição de competências profissionais	"temos de ser modelo" (1° ano); "gosto pela profissão" (2° ano); "influência positiva nas crianças" (2-4° ano); "para trabalhar com as crianças é preciso ser optimista" (3° ano)	2	7	1	1
			Valorização das competências	"tornar o mundo melhor" (2° ano); "promove a auto-confiança" (3° ano); "melhorar as minhas capacidades" (4° ano)	---	2	1	5

Quadro30: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda é cedo" (1º ano)	1	---	---	---
		Nível do recursos humanos		"o convívio entre prof. e alunos é excelente" (1-3-4º); "o convívio entre os colegas é muito bom" (1º ano); "o relacionamento é muito acolhedor"; "os funcionários são simpáticos" (2º ano); "os amigos são o melhor da escola" (4º ano)	5	7	4	4
		Nível do recursos ambientais		"os espaços verdes são excelentes" (1-2-3º ano); "o espaço exterior é fabuloso" (4º ano)	2	3	1	2
		Nível da qualidade de ensino		"o empenho dos professores é muito grande" (1º ano); "temos excelentes prof." (3º ano)	2	---	4	---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1º ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para o curso" (2º-4º ano); "quando consigo passar às disciplinas" (2º ano); "reconhecimento do meu desempenho" (3º ano); "quando terminar o curso" (4º ano)	---	2	3	5
			Relacionamento	"quando posso e consigo ajudar os meus colegas" (1º ano)	2	---	---	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"tuna" (1-3º ano); "praxes" (2º ano)	1	1	1	---
			Sala de aula	"actividades de artes plásticas" (1º ano); "trabalhos de grupo apresentados" (2º ano); "em algumas disciplinas" (3º ano)	2	2	1	---
			Prática	"estágio" (2-3-4º ano)	---	1	2	2
	Laços com a Universidade	Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para a escola", "os testes" (1º ano); "passar de ano" (2º ano); "ter um bom desempenho" (3º ano); "conseguir acabar o curso"; "mostrar que vou ser uma boa profissional" (4º ano)	6	2	4	4
			Relacionamento	"ajudar os colegas" (1º ano)	1	---	---	---
			Competências	"quando me convidarem a trabalhar numa escola" (4º ano)	---	---	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (2º ano)	---	1	---	---
			Sala de aula	"ateliers de artes"; "nos trabalhos de grupo" (1º ano); "apresentação de trabalhos" (2º ano)	3	1	---	---
			Prática	"estágio" (2º-3º-4º ano)	---	1	2	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive" (3º ano)	---	---	1	---
		Nível pessoal		"convívio com os colegas" (1º-2º-4º ano)	7	1	---	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a tuna"; "a semana do caloiro" (1º ano); "uma homenagem a uma prof quando uma disciplina acabou"; "praxes" (2º ano); "pertencer à associação estudantes" (3º ano); "seminários" (1-4º ano)	3	2	2	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo de artes plásticas" (1º ano); "a apresentação de trabalhos nesta disciplina"; "conversas nas aulas" (2º ano); "apresentação de trabalhos de grupo" (3º-4º ano)	1	5	6	1
			Prática	"coordenação dos estágios", "o estágio" (3-4º ano)	---	---	1	1

Ligação à Universidade (cont.)	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não tive" (1-3° ano)	2	---	2	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando consegui entrar para o curso"; "quando consegui superar obstáculos" (4° ano)	---	---	---	3
			Cognições	"o 1° ano foi especial" (3° ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"integração de novos colegas"; "quando somos ouvidos pela direcção" (2° ano)	---	4	---	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (2° ano); "tocar na tuna" (3° ano); "feira de actividades"; "seminários" (4° ano)	---	1	1	4
			Sala de aula	"trabalhos em grupo"; "ateliers de artes plásticas" (1° ano)	3	---	---	---
			Prática	"estágios" (2°-3°-4° ano)	---	1	1	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não senti" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal		"o convívio entre os amigos"; "o ambiente na escola" (2° ano); "conversas com os prof." (3° ano)	---	3	2	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"congressos"; "actividades de desporto radical" (1° ano); "queima das fitas"; "seminários" (3° ano); "feiras"; "colóquios" (2° ano); "praxes" (4° ano)	2	6	4	3
			Sala de aula	"ateliers práticos" (1° ano); "algumas disciplinas" (3° ano); "participação nas aulas" (4° ano)	2	---	1	1
			Prática	"os estágios" (3°-4° ano)	---	---	1	1
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"melhorar a imagem da escola" (1-2° ano); "mostrar o meu melhor"; "vir a ser uma boa educadora" (3° ano); "trabalhar muito para ter sucesso"; "acabar o curso"; "valorização da escola pelo meu trabalho" (4° ano)	4	3	2	3
			Continuidade	"trabalhar nesta escola" (3° ano); "participar em acções de formação"; "vir falar sobre as minhas vivências como educador" (4° ano)	---	---	2	3
		Nível académico		"colaborar mais nas iniciativas que acontecem" (1° ano); "promover mais actividades de convívio" (2° ano); "manter contacto com a Associação de Estudantes e com a tuna" (3° ano)	4	2	1	---

Quadro 31: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Ambiente exterior	"os espaços verdes"; "as esplanadas" (1º-2-3º ano); "ambiente limpo" (2º ano); "os jardins são excelentes" (4º ano)	5	6	9	4
			Distribuição/Grandeza	"a escola é muito grande e tem um grande espaço" (1º ano); "grandeza do espaço" (2º ano); "os pavilhões estão em bom estado" (3º ano); "os edifícios são grandes e estão bem distribuídos pelo espaço" (4º ano)	3	2	1	2
			Recursos desportivos	"o campo desportivo" (1º ano)	1	---	---	---
			Localização	"ter bons acessos" (1º ano)	1	---	---	---
			Dinamismo	"o movimento das pessoas" (3º ano)	---	---	1	---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Infra-estruturas	"melhores salas de aula"; "mais higiene"; "melhor qualidade na comida" (1-2º ano); "mais computadores" (2º ano); "melhorar a biblioteca e didateca" (3º ano); "pavilhão desportivo"; "mais livros na biblioteca"; "água potável" (4º ano)	2	5	2	3
			Humanos	"mais simpatia"; "mais interacção entre turmas" (1º ano); "mais alegria"; "mais cooperativismo" (2º ano); "mais humanização"; "manter os bons professores" (3º ano); "mais respeito mútuo no geral" (4º ano)	2	3	2	2
		Nível académico	Formação	"mais disciplinas práticas" (2º-3º-4º ano); "melhorar a imagem da escola" (2º ano); "mais visitas de estudo"; "mais orientação no estágio"; "aumentar a qualidade de ensino" (4º ano)	---	2	4	7
			Acontecimentos académicos	"melhor divulgação dos eventos"; "mais iniciativas para os alunos" (1º ano); "Associação de Estudantes mais dinâmica" (3º ano)	5	---	4	---
		Nível de organização	Administração	"eficácia na rapidez das respostas aos problemas"; "mais atenção da direcção aos problemas dos alunos" (2º ano); "bolsas de estudo para os melhores alunos" (3º ano)	---	5	1	---
			Horários	"melhores horários" (1º ano)	1	---	---	---

e) na dimensão "Professor como figura de referência"

- nos 4 anos as figuras existiram pela positiva;
- no 1° e no 4° ano as sub-categorias mais escolhidas foram a "valorização da competências" (5 e 2 respectivamente) e a sub-categoria "relacionamento" para o 4° ano (com 2 respostas);
- no 2° e 3° anos a sub-categoria mais valorizada foi o "relacionamento" com 5 respostas.
- é de salientar que tanto no 1°, 2° como no 4° ano existem respostas que indicam não ter existido nenhum professor como referência (2,1 e 2 respostas).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 29) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- é de salientar que quer o 1° quer o 4° ano dão uma resposta cada, dizendo que a influência não existe;
- é interessante observar que no 1° ano encontramos uma resposta que nos indica que essa influência é negativa; embora a maioria das respostas incida na influência positiva, nas sub-categoria "valorização das competências" (2 respostas);
- no 2° ano a influência é claramente positiva sendo a maioria das respostas indicadas para as sub-categorias "relacionamento" e "valorização das competências" (6 e 5 respectivamente);
- no 3° ano a maioria das respostas incide na sub-categoria "valorização das competências" (3 respostas);
- no 4° ano a influência também maioritriamente positiva, embora recaia sobre a sub-categoria "cognições" (3 respostas).

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- quer o 1° ano como o 4° ano indicam 2 respostas cada, apontando para a inexistência dessa influência;
- no 2° ano a influência é positiva e exclusivamente dentro da subcategoria "relacionamento" com 8 respostas;
- no 1° ano temos 3 respostas que nos indicam que a influência é positiva e passa pelas "cognições", mas também temos uma resposta que nos indica que a influência é negativa;
- no 3° ano a influência passa essencialmente pelas "cognições" e pelo "relacionamento" (4 em cada);
- no 4° ano a influência é positiva com 2 respostas na sub-categoria "organização".

c) na dimensão "Influência dos colegas"

- o 1° ano refere que não existe qualquer tipo de influência com 2 respostas;
- no entanto no 1° ano também podemos verificar que 6 respostas indicam existir uma influência positiva, que se distribuem pelas sub-categorias "relacionamento" e "cognições" (3 respostas cada);
- no 2° ano a maioria das frequências (3) recaiem na sub-categoria "relacionamento";
- no 3° e no 4° ano a influência também é maioritariamente positiva e as respostas incidem na sub-categoria "cognições" (3 e 4 respostas).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"

- apenas o 1° ano refere uma resposta na "inexistência" de influência do curso;
- o 1°, o 3° e o 4° ano referem também que a influência é positiva e que se centra a nível das "cognições", com 4, 9 e 4 respostas;
- no 2° ano a maioria das frequências (7) incide sobre a aquisição de competências profissionais;
- no 4° ano as escolhas recaem ainda nível da "valorização das competências" (5 respostas).

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 30) verifica-se que:

a) na dimensão "aspectos valorizados"

- no 1° ano apenas existe uma resposta que indica a não valorização de qualquer aspecto;
- a maioria das respostas para os 4 anos incide na valorização dos recursos humanos (5,7, 4 e 4 respostas respectivamente);
- o 3° ano valoriza igualmente a "qualidade de ensino" com 4 respostas.

b) na dimensão "Auto-realização"

- as respostas no 1° ano distribuem-se pelo "nível pessoal", em termos de "relacionamento" com 2 respostas, e a "nível académico", na "sala-de-aula" com 2 respostas;
- encontramos uma resposta no 1° ano indicando que esse momento ainda não aconteceu;
- no 2° ano valorizam igualmente o "nível pessoal", em termos de "desempenho", assim como o "nível académico" em termos de "sala-de-aula" (2 respostas respectivamente);
- no 3° e 4° anos a maioria das respostas incide a "nível pessoal" na área do "desempenho", com 3 e 5 respostas.

c) na dimensão "Laços com a Universidade"

- as respostas incidem maioritariamente para os 4 anos a "nível pessoal", na sub-categoria "desempenho" (6,2, 4 e 4 respectivamente);
- no entanto o 1° ano faz referência (com 3 respostas) ao "nível académico" na sub-categoria "sala-de-aula".

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"

- quer o 1° ano quer o 4° ano incidem as respostas a "nível pessoal" (7 e 2 respectivamente);
- o 2° e o 3° ano valorizam mais o "nível académico", nomeadamente na sub-categoria "sala-de-aula" com 5 e 6 respostas.

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"

- no 1° e no 3° ano encontramos duas respostas em cada que indicam ainda não ter acontecido esse momento;
- ainda no 1° ano encontramos três respostas que nos indicam que as respostas incidem no "nível académico", na sub-categoria "sala-de-aula";

- no 2º ano a maioria das respostas incidem no "nível pessoal", na sub-categoria "relacionamento" (4 respostas);
- no 3º ano as respostas distribuem-se por todas as áreas, não existindo um aspecto que seja mais valorizado;
- no 4º ano as respostas distribuem-se a "nível pessoal", na sub-categoria "desempenho" (3 respostas) e nos "acontecimentos académicos" (4 respostas).

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- no 1º ano existe uma resposta que indica que esse momento ainda não aconteceu;
- seguido de 2 respostas para o 1º ano valorizando os "acontecimentos académicos", 6 respostas para o 2º ano, 4 respostas para o 3º ano e 3 respostas para o 4º ano;
- no 1º ano duas respostas incidem também ao "nível académico", na sub-categoria "sala-de-aula".

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"
- nos 4 anos a incidência maior das respostas aponta para o "nível pessoal", nomeadamente a sub-categoria "desempenho" (4,3, 2 e 3 respectivamente);
- no 1º e 2º ano as respostas incidem também no "nível académico" (4 e 2 respostas respectivamente).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 31) verifica-se que:
a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- a maioria das respostas nos 4 anos incide ao nível ambiental, nomeadamente na sub-categoria "espaço exterior" (5, 6, 8 e 4 respectivamente).

b) na dimensão "Avaliação/Expectativa sobre aspectos a melhorar" verifica-se que
- o 1º e o 3º ano incide as suas respostas na questão dos "acontecimentos académicos" (5 e 4 respostas);
- no 2º ano as respostas centralizam-se ao nível da "organização", nomeadamente organização administrativa (5 respostas);
- o 3º e o 4º ano valorizam essencialmente os aspectos académicos, nomeadamente em relação à "formação" (4 e 7 respostas).

Podemos assim sintetizar os seguintes aspectos:
➢ Os alunos valorizam muito os aspectos na sua relação com os outros e que passam pela imagem que transmitem e os valores que defendem. Em relação a si próprio fazem muito apelo às suas crenças e aos seus próprios valores;
➢ A influência da família continua a surgir como sendo uma referência muito importante, assim como os amigos;
➢ A influência dos professores passa essencialmente pelo relacionamento;
➢ A figura do professor aparece agora como uma referência mais positiva, assim como a influência do curso em termos gerais;
➢ Na ligação com a Universidade observa-se uma valorização dos recursos humanos (relação professor/aluno) em detrimento da qualidade de ensino;
➢ Os alunos continuam a valorizar os aspectos ligados ao seu desempenho;
➢ As experiências positivas tidas em grupo centram-se ao nível do convívio com os colegas e de acontecimentos vivenciados dentro da sala-de-aula;

➢ Os momentos mais convidativos à acção continuam a centrar-se nos acontecimentos académicos (praxes, colóquios, feiras de actividades, etc.) em detrimento de preocupações mais pedagógicas;
➢ Nos aspectos a melhorar nota-se que existe uma maior preocupação relacionada com os aspectos curriculares, nomeadamente ao nível da formação, da organização da escola, do curso.

• Comparação dos resultados obtidos na 1ª aplicação e na 2ª aplicação no que diz respeito ao optimismo no curso de Educação de Infância (ver Figuras 3-7)

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos Respondentes – Figura 3) verifica-se que:

- na dimensão "Percepção de si mesmo", na 1ª aplicação o 1º ano incidiu as suas respostas na "valorização face aos outros" em relação aos "valores" e na valorização "Face a si próprio", em termos de "valorização das competências", enquanto que na 2ª aplicação o 1º ano substitui a "valorização das competências" pelos "valores", o 2º ano troca os "valores" pela "imagem" na categoria "Face a si próprio" na 2ª aplicação, o 3º ano abandona os "valores" na categoria "Face a si próprio", e o 4º ano passa a valorizar também os "valores" na categoria "Face a si próprio" na 2ª aplicação:
- na dimensão "Auto-avaliação" aqueles que se avaliaram a si próprios na 1ª aplicação como pessimistas defensivos passaram a optimistas na 2ª aplicação.

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Figura 4) verifica-se que:

- na dimensão "Professor como figura de referência" era referenciada uma influência pela negativa nos 4 anos, enquanto que na 2ª aplicação essa influência passa a ser apenas feita pela positiva.

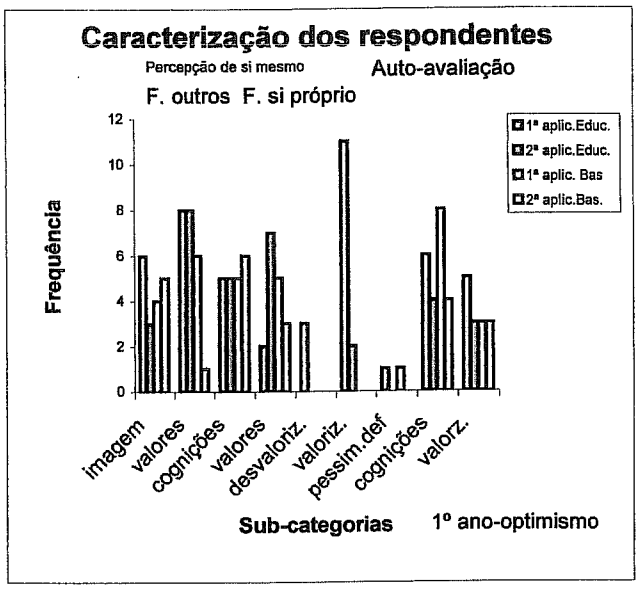
No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Figura 5) verifica-se que:

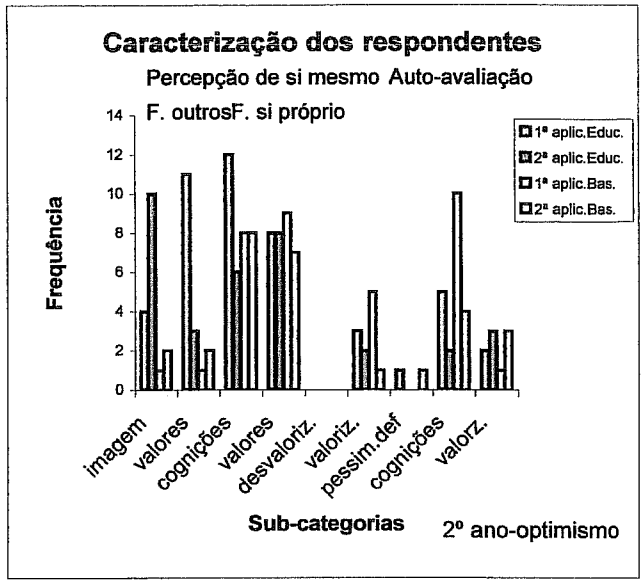
- na dimensão "Influência dos professores", na 1ª aplicação as respostas incidem numa influência negativa ou mesmo inexistente, enquanto que na 2ª aplicação as respostas incidem numa influência positiva;
- o mesmo acontece na dimensão "Influência dos colegas" e "Influência do curso em geral", em que os aspectos negativos desaparecem na 2ª aplicação.

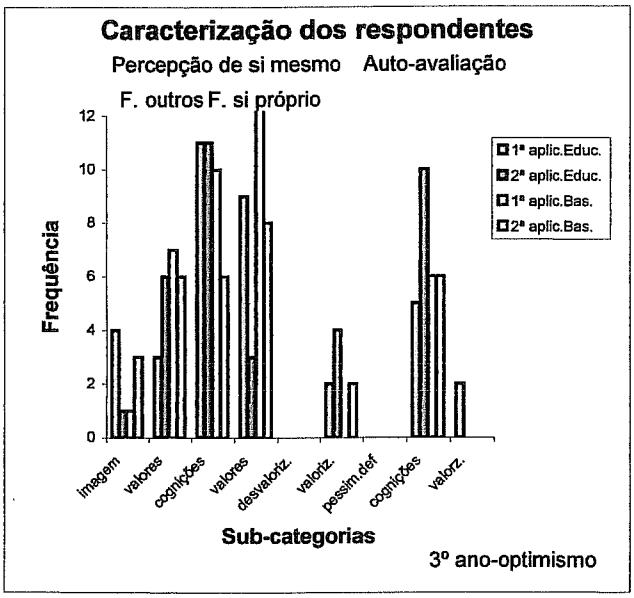
No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Figura 6) apenas se verificam ligeiras alterações em relação à dimensão "Formas de maior comprometimento", que passam pelo facto de na 1ª aplicação serem valorizados o "desempenho" e o "nível académico", enquanto que na 2ª aplicação se nota uma ligeira subida em relação à incidência de respostas ao nível do "desempenho".

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Figura 7) verifica-se que:

- na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar" enquanto que na 1ª aplicação os aspectos valorizados tinham a ver com os recursos logísticos e humanos, na 2ª aplicação as respostas distribuem-se por outros aspectos, tais como maior dinamismo, organização e mais actividades de âmbito curricular.







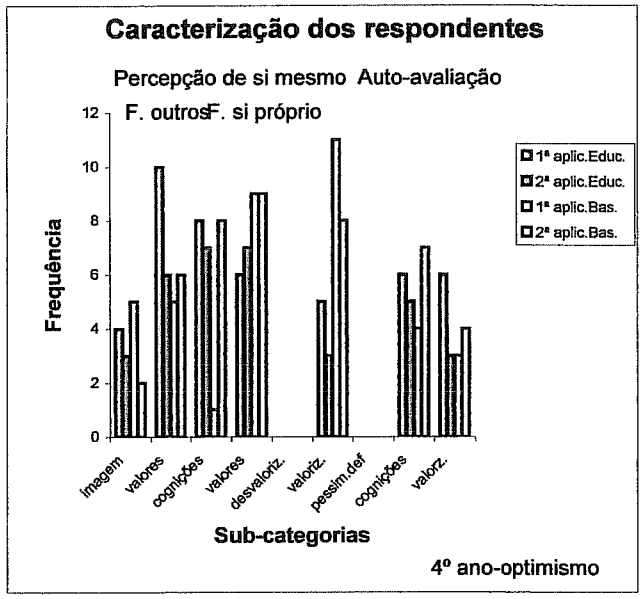
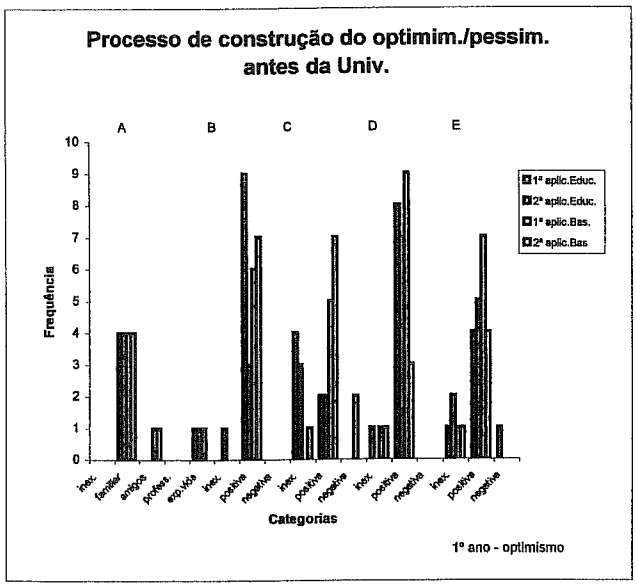
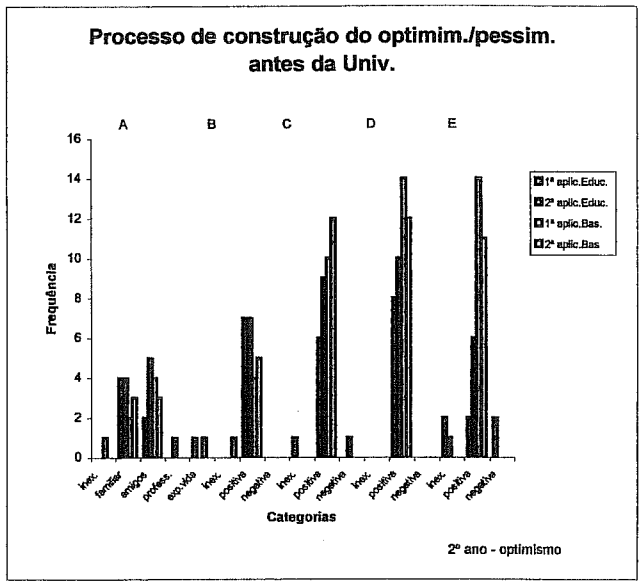
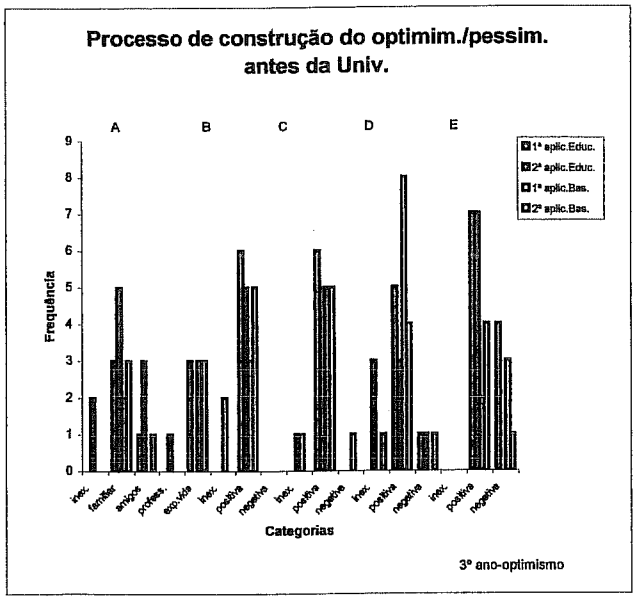


Figura 3. Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Caracterização dos respondentes", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; desvaloriz.=desvalorização das competências; valoriz.=valorização das competências; pessim.def.=pessimismo defensivo).







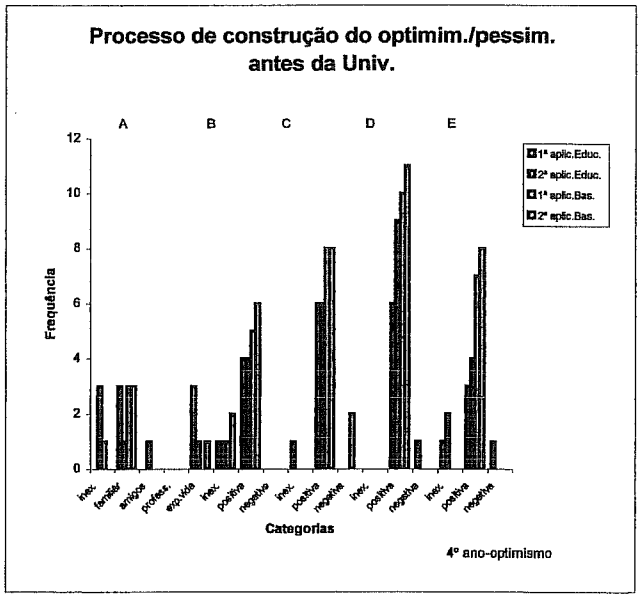
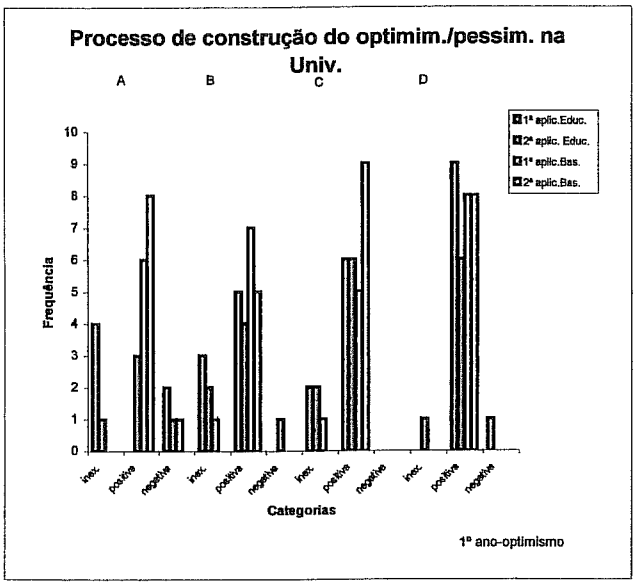
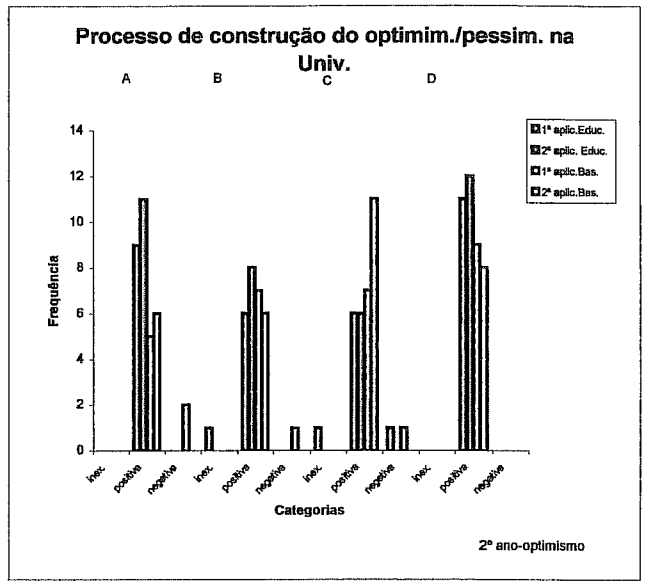
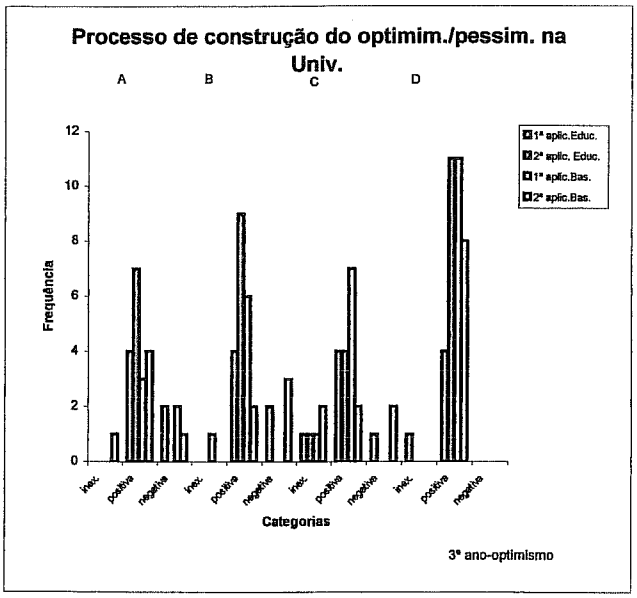


Figura 4: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A=Tipo de influência; B=Influência da família; C=Influência dos professores; D=Influência dos colegas; E=Professor como figura de referência. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; profess.=professores; exp.vida=experiência de vida; inex.=inexistente).







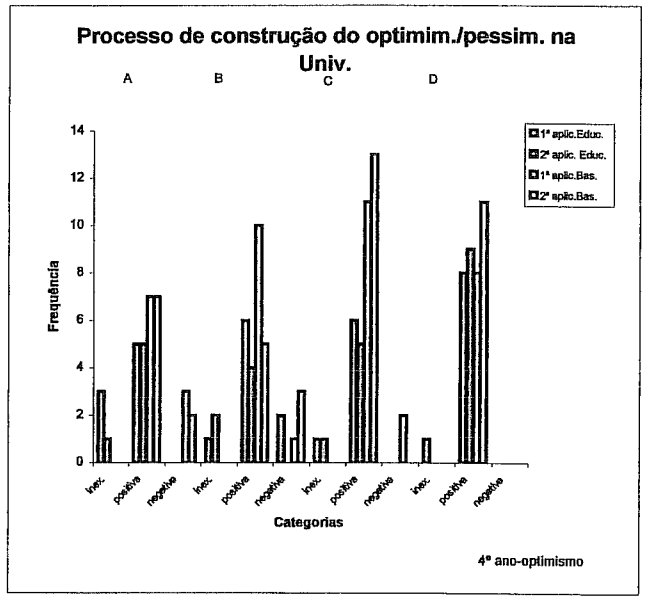


Figura 5: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A= Influência dos professores; B=Influência do ambiente; C=Influência dos colegas; D=Influência do curso em geral. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente).

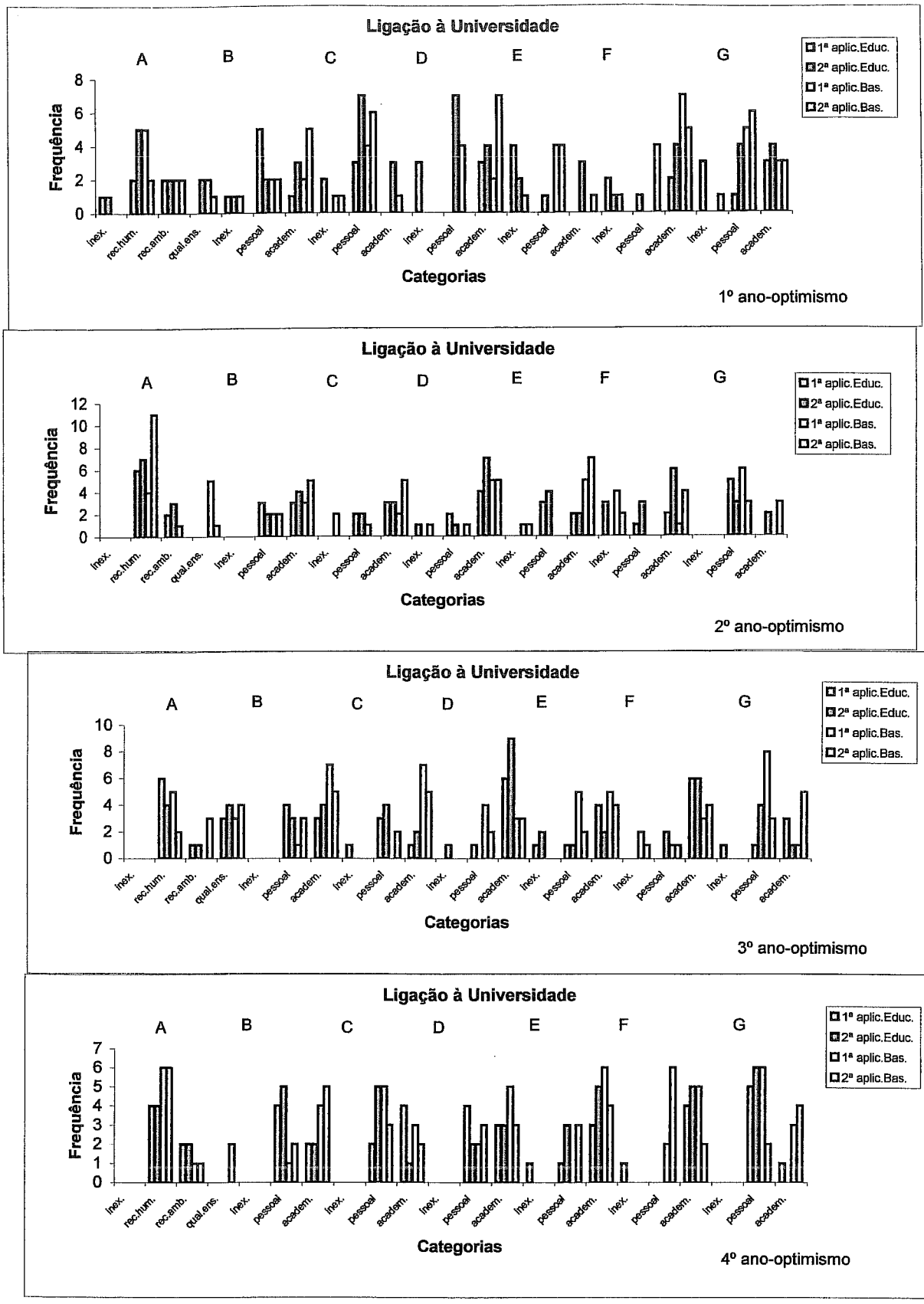
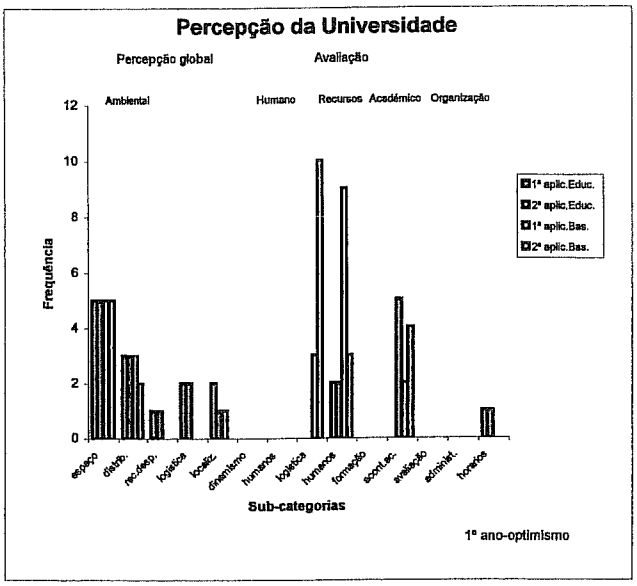
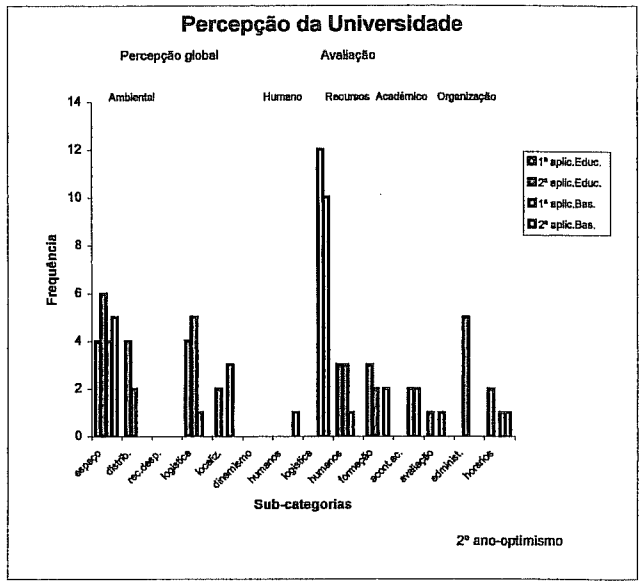
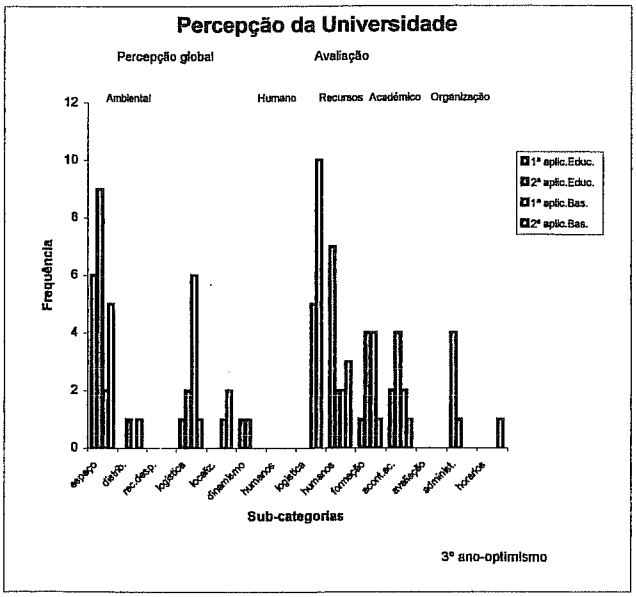


Figura 6: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Ligação à Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. A=Aspectos valorizados; B=Auto-realização; C=Laços com a Universidade; D=Experiências positivas em grupo; E=Momentos de forte envolvimento; F=Momentos mais convidativos à acção; G=Formas de maior comprometimento. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo; inex.=inexistente; rec.hum.=recursos humanos; rec.amb.=recursos ambientais; qual.ens.=qualidade de ensino; academ.=académico).







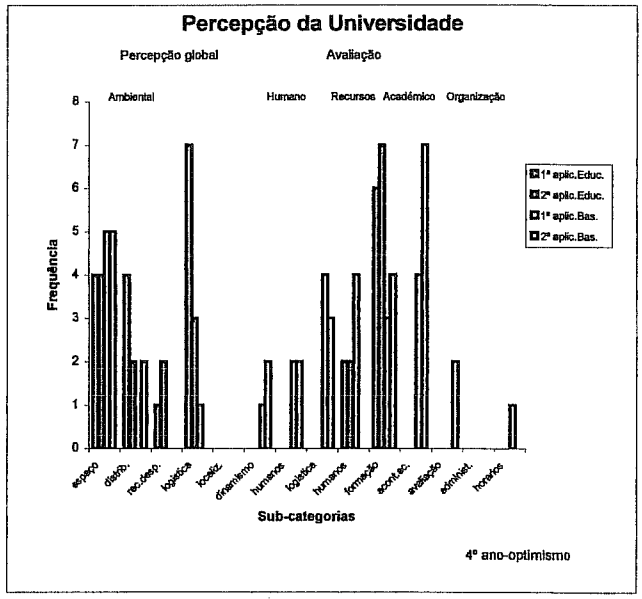


Figura 7: Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Percepção da Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais optimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo; distrib.=distribuição; rec.desp.=recursos desportivos; localiz.=localização; acont.ac.=acontecimentos académicos; administ.=administração).

- Pessimismo – 1ª aplicação

Nos quadros 32-36 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° ano do curso de Educação de Infância – 1ª aplicação (ver em Anexo F as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 32) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano as respostas incidem na "Valorização face aos outros" no que respeita aos "valores", seguido da "imagem" (5 e 4 respectivamente); logo a seguir observa-se uma "desvalorização das competências", com 3 respostas;
- no 2° ano a incidência das respostas valoriza na "relação com o outro", igualmente os "valores" e em relação a "face a si próprio", as "cognições" (ambos com 7 respostas); logo a seguir vem a sub-categoria "valores" com 5 respostas;
- no 3° ano as respostas incidem maioritariamente na categoria "Face a si próprio", nomeadamente em relação às "cognições" (12 respostas);
- no 4° ano os aspectos mais valorizados são na "relação com o outro", os "valores" assim como na "relação com o próprio" (ambos com 4 respostas).

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- nos 4 anos as respostas incidem numa posição pessimista, nomeadamente em relação às "cognições" (5,3,5 e 6 respectivamente);
- no 2° ano encontramos igualmente uma incidência de respostas na "desvalorização das competências" com 3 respostas;
- é de salientar que no 2°, 3° e 4° anos também se observam respostas em que a "auto-avaliação" é de defesa (pessimismo defensivo) (2,1 e 2 respectivamente).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 33) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- em relação ao 1° ano a maioria das respostas indica que a influência se processa através da "experiência de vida";
- no 2° e no 4° ano as respostas incidem na "inexistência" de qualquer tipo de influência (2 respostas cada);
- no entanto observamos ainda no 2° ano uma incidência de respostas na "experiência de vida" (3 respostas) e no 3° e 4° ano na "influência da família" (2 e 2 respectivamente).

b) na dimensão "Influência da família"
- nos 4 anos a maioria das respostas indica não existir qualquer tipo de influência (4, 2, 3 e 2);
- no 1°, 3° e no 4° ano as frequências encontram-se distribuídas pela influência negativa (2 respostas cada) e por "oposição à família" (2 respostas cada) no caso do 2° e 4° ano.

Quadro 32: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimista do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou tímida"; "sou uma pessoa simpática" (1° ano); "introvertida" (2° ano) "sou uma pessoa divertida" (1°-2°-4° ano)	4	1	—	1
			Valores	"sou compreensiva"; "sou desconfiada" (1° ano) "sou solidária" (1-2-3-4° ano); "sou simpática"(2°-4° ano); "sou fiel" (2° ano)	5	7	5	4
		Face a si próprio	Cognições	"sou sossegada" (1° ano); "sou meiga"; "sou sonhadora"; "sou sensível" (2-4° ano); "sou tímida"; "sou romântica" (3° ano)	2	7	12	1
			Valores	"sou realista" (1-4° ano); "sou desconfiada"; "sou frontal"; "sou sincera" (2-4° ano); "sou humilde"; "sou orgulhosa" (3° ano)	2	5	6	4
			Desvalorização das competências	"sou indecisa"; "tudo o que faço corre mal"; "sou difícil" (1° ano); "sou insegura" (2-4° ano)	3	1	—	1
			Valorização das competências	"sou persistente" (1° ano); "sou ambiciosa" (2° ano); "sou uma pessoa que assume as suas responsabilidades e consegue geri-las" (3° ano); "sou competente" (4° ano)	1	1	1	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"penso sempre o pior, mas no fundo sonho que as coisas podem correr bem" (2° ano); "estou a sentir que estou a mudar para o lado positivo" (3° ano); "estou a fazer um esforço para mudar" (4° ano)	—	2	1	2
		Pessimismo	Cognições	"já sofri muitas desilusões na vida"; "tenho medo de ser magoada"; "penso sempre o pior" (1-2° ano); "a vida só me vai trazer coisas más" (2° ano); "tudo me corre mal e não tenho sorte" (3° ano); "penso sempre negativo"; "não acredito que seja capaz" (4° ano)	5	3	5	6
			Desvalorização das competências	"tenho dificuldades em resolver os meus problemas"; "tenho falta de confiança"(1° ano); "acho que não consigo resolver os desafios"; "tenho uma baixa auto-estima"; "as coisas boas só acontecem aos outros" (2° ano)	3	3	—	—

Quadro 33: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"nenhuma" (2º ano); "já é da minha natureza" (3º-4º ano)	—	2	1	2
		Familiar		"os meus pais" (1-2-4º ano); "a família é pessimista" (3º ano)	2	1	2	2
		Amigos		"apanhei muitas decepções com os amigos" (3º ano)	—	—	1	—
		Escola		"tive professores que me influenciaram negativamente" (1-2º ano); "foi a escola" (4º ano)	1	1	—	1
		Experiência de vida		"já perdi 5 amigos, morreram" (2º ano); "tudo o que me aconteceu na vida" (1-3º ano); "fui aprendendo com a vida" (4º ano)	4	3	1	1
	Influência da família	Inexistente		"nasci assim" (1-4º ano); "ninguém me influenciou" (1-2-3º ano)	4	2	3	2
		Pela negativa		"os meus pais influenciaram-me por serem assim" (1-2-4º ano); "os meus pais têm uma atitude negativa" (3º ano)	2	1	2	2
		Por oposição		"os meus pais estavam sempre a puxar-me para ser optimista" (2º ano); "os meus pais até são muito optimistas" (4º ano)	—	2	—	2
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram" (1-2º ano)	3	1	—	—
		Pela negativa	Cognições	"não eram amigos dos alunos"; "só se preocupavam em despejar matéria" (1-2º ano); "as aulas eram sacrifício" (3º ano)	3	1	3	—
			Desvalorização das competências	"não acreditavam nas minhas capacidades" (2º ano); "baixaram a minha auto-estima" (3º ano)	—	1	5	—
		Pela positiva	Cognições	"eram meus amigos" (4º ano)	—	—	—	2
			Valorização das competências	"ajudam a moldar as nossas capacidades" (2º ano); "ajudaram-me a crescer como pessoa" (3º ano); "nunca se deve desistir" (4º ano)	—	1	2	3
		Ambiguidade		"alguns influenciam pela positiva, outros pela negativa" (2º ano)	—	2	—	—
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me influenciaram" (2-4º ano)	—	1	—	1
		Pela negativa	Cognições	"a maior parte dos colegas criticavam-me negativamente" (1º ano); "enganaram-me" (2-4º ano); "eram cínicos" (4º ano)	6	2	—	3
			Relacionamento	"nunca me apoiaram" (3º ano)	—	—	4	—
			Desvalorização das competências	"tornaram-me insegura" (2º ano); "criaram-me complexos" (3º ano)	—	3	3	—
		Pela positiva		"tive muitos amigos que me tentaram ajudar" (1º ano); "ajudaram-me a seguir em frente" (3º ano); "ajudaram-me a crescer" (4º ano)	1	—	4	5
	Professor como figura de referência	Inexistente		"ninguém, me influenciou" (1º-4º ano)	2	—	—	1
		Pela negativa	Cognições	"a professora no secundário não gostava de mim" (2º ano); "fez-me ter uma atitude negativa face à vida" (3º ano)	—	3	4	—
			Relacionamento	"a relação professor/aluno nunca foi boa" (1º ano)	1	—	—	—
			Desvalorização das competências	"nunca fazia nada bem para a prof. primária"; "nunca seria ninguém na vida"(2º ano)	—	2	—	—
		Pela positiva	Relacionamento	"tive uma prof. que dizia que a vida era bela" (1º ano); "tentar ver a vida de uma forma mais alegre" (3º ano) "apoiava-me" (4º ano)	1	—	1	3
			Valorização das competências	"tive uma prof. que acreditava em mim e gostava da minha personalidade" (1º ano); "tentaram contrariar a minha atitude negativa" (4º ano)	2	—	—	2
		Ambiguidade		"alguns foram amigos e outros foram antipáticos, frios" (2º ano)	—	1	—	—

Quadro 34: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"ainda estou há pouco tempo na escola" (1º ano); "não têm nenhuma influência" (2º ano)	3	1	---	---
		Pela negativa	Cognições	"fizeram-me sentir pessimista" (2º ano); "aumentam o nosso pessimismo" (3º ano); "exigem muito e desmoralizam" (4º ano)	---	1	2	1
			Relacionamento	"muito distantes" (2º ano); "não se preocupam conosco" (3º ano)	---	2	1	---
			Desvalorização das competências	""deitam os alunos abaixo" (2º ano); "deixam-me mais insegura"; "não reconhecem o nosso esforço" (4º ano)	---	1	---	2
		Pela positiva	Cognições	"têm uma influência e estimulam o pensamento positivo" (2-3º ano); "quando lemos o livro educar para o optimismo" (4º ano)	---	3	1	4
			Relacionamento	"a prof. de Pedagógicas é muito próxima dos alunos" (1º ano); "apoiam" (2º-3º ano);"tentam melhorar a minha atitude" (4º ano)	2	2	5	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência" (1-2-4º ano)	3	1	---	1
		Pela negativa	Cognições	"cria um clima de desconfiança" (1º ano); "passam um sentimento negativista" (3º ano); "não somos solidários" (4º ano)	1	---	4	2
			Relacionamento	"o convívio entre os alunos é péssimo"; (2º ano); "os prof. detêm todo o poder e exercem-no" (3º ano); "o trabalho não é valorizado" (4º ano)	---	2	1	1
			Logística	"tiraram a impressora a cores"; "o bar está cada vez pior" (2º ano)	---	2	---	---
		Pela positiva	Cognições	"ajuda-nos a ser mais optimistas" (1º ano);"faz-me sentir positiva" (2º ano); "dá-me vontade de mudar para melhor" (4º ano)	1	2	---	1
			Relacionamento	"os professores interessam-se pelos alunos" (3º ano)	---	---	1	---
			Recursos ambientais	"tem óptimos espaços verdes" (2-4º ano)	---	1	---	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"ainda não conheço bem" (1º ano); "não me influenciam" (2º ano)	2	2	---	---
		Pela negativa	Cognições	"provocam-me medo" (1º ano); "sinto-me inibido pela presença de muitas raparigas" (2º ano); "têm uma atitude negativa" (3º ano)	3	1	4	---
			Relacionamento	"não existe ajuda"; "existe muita competição" (4º ano)	---	---	---	4
			Organização	"turmas muito grandes" (2º ano)	---	1	---	---
		Pela positiva	Cognições	"ajudam a ter uma visão mais positiva" (3º ano); "são bons colegas"(4º ano)	---	---	1	3
			Relacionamento	"quando preciso eles ajudam-me" (1º ano); "são bons amigos" (2º ano); "tentar transformar-me numa pessoa optimista" (3º ano); "tentam contrariar a minha atitude negativa" (4º ano)	2	4	3	2
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Qualidade de ensino	"é muito teórico" (1º ano); "disciplinas pouco adequadas e repetidas" (2º ano); "forma de dar as aulas" (3º ano); "o estágio piorou a minha atitude" (4º ano)	2	2	2	2
			Expectativas	"as perspectivas profissionais são más" (2-3º ano)	---	2	3	---
		Pela positiva	Cognições	"é um sonho" (1º ano); "faz-me gostar da profissão" (2º ano); "trabalhar com crianças faz-me ficar mais alegre" (4º ano)	1	2	---	5
			Valorização das competências	"vai-nos ensinar a trabalhar com as crianças" (1º ano); "prova que as coisas boas também me podem acontecer" (2º ano)	7	3	---	---
			Qualidade de ensino	"o estágio é bom" (4º ano)	---	---	---	2

Quadro 35: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo" (1º ano); "ainda não sei responder" (2º ano)	1	1	---	---
		Nível de recursos humanos		"o melhor são os meus colegas"; "disponibilidade dos professores" (1º-3º ano); "existe um bom relacionamento" (1º ano); "existe uma grande proximidade"; "os colegas são grandes amigos" (2º ano); "a proximidade prof/aluno" (4º ano)	5	2	4	6
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços são abertos e são muito bonitos" (1º ano); "os jardins são excelentes" (2º ano); "espaços verdes" (3º ano)	2	1	1	---
			Logística	"a biblioteca é boa"(1º-3º ano); "existe uma sala de estudo e de informática" (1º ano); "boas instalações" (4º ano)	3	---	2	1
		Nível de qualidade de ensino	Formação	"a competência dos prof."; "a boa formação" (3º ano)	---	---	2	---
			Prática	"o início do meu estágio" (2º ano)	---	1		---
		Desorganização		"existe uma grande desorganização em termos gerais" (4º ano)	---	---	---	1
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"quando fiz um trabalho, os meus colegas deram-me os parabéns" (1º ano); "início do 1º ano" (1º-2º ano); "o meu bom desempenho" (3º ano); "tirar boas notas"; "reconhecer o meu esforço" (4º ano)	3	1	3	5
			Relacionamento	"quando conheci as minhas amigas" (1º ano); "disponibilidade dos prof." (3º ano)	1	---	3	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"as praxes" (1º ano); "enterro do caloiro" (2º ano)	1	1	---	---
			Sala de aula	"apresentação de um trabalho na aula" (1º ano); "este ano as cadeiras são mais viradas para o curso" (2º ano)	1	2	---	---
			Prática	"início do estágio" (2-3º ano)	---	2	2	---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não aconteceram" (1º ano)	3	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"desde o momento em que consegui entrar" (1-2º ano); "bons resultados na avaliação" (2º ano); "ter um bom desempenho" (3º ano); "quando aplico aquilo que aprendi"; "no momento das avaliações" (4º ano)	2	2	1	3
			Cognições	"quando entrei para o curso que sempre quis" (3º ano); "quando sinto que gostam de mim e me escolhem para delegada" (4º ano)	---	---	1	2
		Nível académico		"entrada em estágio" (2-3º-4º ano)	---	4	3	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive nenhuma" (1-3º ano)	2	---	2	---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho" (3º ano)	---	---	2	---
			Relacionamento	"os nossos colegas receberam-nos de braços abertos" (1º ano); "a vivência e o gosto do grupo pela entrada de novas disciplinas" (2º ano); "no 1º ano quando havia uma maior cumplicidade entre prof./aluno" (4º ano)	2	5	---	2
		Nível académico	Acontecimentos	"durante as praxes, pois permitiu ver que existe uma boa	2	1	---	---

			académicos	organização" (1° ano); "festas" (2° ano)				
			Sala de aula	"nos trabalhos de grupo que fizemos" (1-4° ano); "as aulas da prof. S. Faria e P. Delgado" (3° ano)	1	---	2	4
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano); "nunca senti" (4° ano)	3	---	---	2
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei, pois sei que é importante ter um curso" (1° ano)	1	---	---	---
			Cognições	"perceber que este é o curso que sempre quis" (3° ano)	---	---	4	---
			Relacionamento	"quando conheci 3 amigas maravilhosas" (1° ano); "quando comecei a gostar de mais pessoas" (2° ano); "quando ajudo os outros" (4° ano)	1	1	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "quando colaborei com a Associação de Estudantes"; "festas" (2° ano)	---	3	---	---
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos" (2-4° ano)	---	1	---	2
			Prática	"quando iniciei o estágio" (2-3-4° ano)	---	1	1	1
	Momentos mais s convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive" (1-2-3-4° ano)	2	1	1	2
		Nível pessoal	Cognições	"o estar a gostar muito do curso" (2° ano)	---	1	---	---
			Relacionamento	"o convívio com os meus colegas" (1-4° ano)	1	---	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o congresso Comunicar sem voz foi muito interessante" (1° ano); "festas"; "praxes" (2° ano); "colóquios"; "projectos apresentados na Aula Margna" (3° ano); "presença do Figo na escola" (4° ano)	1	2	3	1
			Prática	"quando começar o meu estágio" (1° ano); "o início do estágio" (2-3° ano)	1	2	1	---
		Nível de recursos logísticos		"a biblioteca" (3° ano)	---	---	3	---
		Pela negativa		"quando nos retiraram o estágio do 2° ano" (4° ano)	---	---	---	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei" (1°-2° ano)	2	2	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"; "conseguir ser um bom profissional" (1° ano); "acabar o curso com bons resultados"; "tirar uma pós-graduação" (2° ano); "ter um bom desempenho" (3° ano)	6	2	3	---
			Cognições	"ter orgulho desta escola" (2° ano); "gostaria que a escola melhorasse" (4° ano)	---	1	---	1
			Relacionamento	"mais professores que se interessem pelos alunos" (3° ano); "manter a boa relação com os professores" (4° ano)	---	---	5	5
		Nível académico		"ajudar a resolver os problemas desta escola"; "participar em reuniões" (2° ano)	---	2	---	---

Ligação à Universidade (cont.)

Quadro 36: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "boa disposição dos edifícios" (1º-3ºano); "uma escola bonita" (1º ano); "tem excelentes jardins"; "os edifícios estão muito bem conservados" (2º ano); "os jardins" (4º ano)	6	6	5	6
			Dimensão/Grandeza	"é muito grande" (2º ano); "a grandeza do espaço" (4º ano)	---	2	---	3
			Logística	"biblioteca" (3º ano)	---	---	1	---
			Localização	"tem uma excelente localização" (2º ano)	---	1	---	---
		Nível humano	Competência	"acho que ia ver bons professores" (1º ano)	1	---	---	---
			Cognições	"as recordações que levarei desta escola" (4º ano)	---	---	---	1
			Relacionamento	"veria uma interacção muito boa entre prof./aluno" (1º ano); "existe um bom ambiente" (3º ano); "veria os meus amigos" (4º ano)	1	---	1	2
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"sítios abrigados da chuva"; "sala de convívio melhor"; "melhor equipamento informático" (1º ano); Refeitórios"; "bar"; "biblioteca" (2º ano); "melhor reprografia" (3º ano); "espaço de convívio";"melhores instalações" (4º ano)	5	6	2	2
			Humanos	"maior cooperação"; "melhor atendimento" (1º ano); "melhores funcionários e mais simpáticos"; "actuação da direcção mais activa" (2º ano); "maior apoio aos alunos"; "maior abertura da Direcção" (3º ano); "melhor relação prof./aluno"; "melhor empenhamento dos professores" (4º ano)	3	3	3	3
		Nível académico	Formação	"não haver orais" (1º ano); "estágio no 1º ano"; "aulas mais práticas" (2-3º ano); "o nosso plano curricular tem de ser mudado" (4º ano)	1	4	5	2
			Qualidade de ensino	"ser reconhecida como uma das melhores escolas" (1º ano); "melhores professores" (3º ano)	1	---	2	—
			Acontecimentos académicos	"criação de uma equipa de desporto" (1º ano); "mais festas" (2º ano) "mais espírito académico"(1º-4º ano); "maios colóquios" (3º ano)	1	2	1	2
		Nível de organização		"mensalidade mais baixa" (2º ano); "melhores horários" (3º-4º ano); "mais organização" (4º ano)	---	3	3	4

c) na dimensão "Influência dos professores"

- no 1° ano a influência foi "inexistente" ou foi negativa (3 respostas cada);
- no 2° ano a influência apresenta-se ambígua com 2 respostas;
- no 3° ano a influência é negativa e centra-se na "desvalorização das competências" (5 respostas);
- no 4° ano as respostas incidem numa influência positiva ao nível da "valorização das competências" e das "cognições" (3 e 2 respectivamente).

d) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1° ano as respostas apontam exclusivamente para a existência de uma influência negativa ao nível das "cognições" (6 respostas);
- no 2° ano a influência também foi negativa e as respostas incidem preferencialmente ao nível da "desvalorização das competências" e das "cognições" (3 e 2 respectivamente);
- no 3° e 4° anos temos respostas que referem que a influência foi positiva (4 e 5), mas simultaneamente temos respostas que referem uma influência negativa ao nível das "cognições" e ao nível do "relacionamento".

e) no dimensão "Professor como figura de referência"

- no 1° ano a influência faz-se pela positiva com 2 respostas ao nível da "valorização das competências" e por outro lado, temos 2 respostas que referem não ter existido nenhuma figura significativa;
- no 4° ano a influência também se faz pela positiva e as respostas incidem ao nível da "valorização das competências" e do "relacionamento" (2 e 3 respectivamente);
- é de salientar o facto de no 2° e 3° anos a influência ter sido exclusivamente negativa e tenha incidido na "desvalorização das competências" e nas "cognições" (3 e 4 respostas respectivamente).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 34) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- no 1° ano temos 3 respostas que indicam não ter existido influência, seguido de 2 respostas mostrando que a influência foi positiva, essencialmente ao nível do "relacionamento";
  - no 2° ano temos 2 respostas que incidem sobre uma influência negativa e em termos de "relacionamento" (2); por outro lado temos respostas que incidem na existência de uma influência positiva, que ao nível das "cognições", quer ao nível do "relacionamento" (3 e 2 respectivamente);
- no 3° e 4° ano a maioria das respostas incidem numa influência positiva ao nível das "cognições" e do "relacionamento" (4 e 5 respostas).

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- no 1° ano a incidência das respostas aponta para a não existência de influência;
- no 2° ano as respostas maioritariamente incidem numa influência negativa, quer ao nível do "relacionamento", quer ao nível "logístico" (2 respostas cada); no entanto encontramos 2 respostas que indicam a existência de uma influência positiva ao nível das "cognições";

- no 3° e 4° anos as respostas incidem numa influência negativa ao nível das "cognições" (4 e 2 respostas);
- é de salientar que embora seja apenas uma resposta, quer o 2° ano quer o 4° ano referem o "espaço exterior" como um aspecto positivo.

c) na dimensão "Influência dos colegas"
- no 1° ano temos 2 respostas que referem que não existiu influência;
- no entanto encontramos 3 respostas que incidem numa influência negativa ao nível das "cognições" (3 respostas) e por outro lado, encontramos 2 respostas que incidem numa influência positiva ao nível do "relacionamento";
- no 2° ano temos 5 respostas que se distribuem pela inexistência de influência e pela influência positiva, ao nível do "relacionamento" (2 e 4 respectivamente);
- no 3° ano a influência é negativa ao nível das "cognições" e positiva em termos de "relacionamento" (4 e 3);
- no 4° ano as respostas encontram-se igualmente distribuídas pela influência negativa ao nível do relacionamento (4), quer pela positiva ao nível das "cognições" e do "relacionamento" (3 e 2).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"
- no 1° ano as respostas incidem essencialmente numa influência positiva ao nível da aquisição de "valorização das competências", com 7 respostas;
- no 4° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível das "cognições" (5 respostas);
- no 3° ano a influência é negativa e passa pela falta de "expectativas" e pouca "qualidade de ensino" (3 e 2);
- no 2° ano as respostas distribuem-se quer pela influência negativa ao nível da "qualidade de ensino" quer das "expectativas" (2 respostas cada), quer pela influência positiva ao nível da aquisição da "valorização das competências" quer ao nível das "cognições" (3 e 2 respectivamente).

No que concerne à quarta questão (Ligação á Universidade – Quadro 35) verifica-se que:

a) na dimensão "Aspectos valorizados"
- no 1° ano as respostas incidem nos aspectos positivos, quer ao "nível humano", quer em termos "ambientais" (5 e 3 respectivamente);
- quer o 2° ano quer o 3° e o 4° anos também incidem a maioria das suas respostas na valorização dos "aspectos humanos" (2, 4 e 5 respectivamente).

b) na dimensão "Auto-realização"
- no 1° ano as respostas encontram-se muito distribuídas; no entanto o aspecto mais valorizado é ao "nível pessoal", em termos de "desempenho" (3 respostas);
- no 3° e 4° anos contrariamente as respostas incidem exclusivamente no "nível pessoal", em termos de "desempenho" (3 respostas) e "relacionamento" (3 respostas);
- no 2° ano temos o "nível académico" com maior incidência de respostas, quer ao nível da "sala-de-aula" quer ao nível da "prática" (2 respostas cada).

c) na dimensão "Laços com a Universidade"

- apenas no 1° ano as respostas incidem na inexistência de laços (3 respostas); a seguir com 2 respostas surge o "nível pessoal" em termos de "desempenho" com 2 respostas;
- no 2° e 3° anos a maioria das respostas incidem no "nível académico" em termos da "prática" (4 e 3 respostas);
- no 4° ano as respostas distribuem-se no "nível pessoal" em termos de "desempenho" e das "cognições" (3 e 2 respostas), seguido do "nível académico", em termos de "prática" com 2 respostas.

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"

- apenas o 1° e o 3° ano apresentam 2 respostas na inexistência de qualquer experiência;
- ainda no 1° ano e no 2° ano as respostas incidem no "nível pessoal" no aspecto "relacionamento" (2 e 5 respectivamente); e ainda 2 respostas em termos de "acontecimentos académicos" no que respeita ao 1° ano com 2 respostas;
- no 3° ano as respostas centram-se no nível pessoal em termos de "desempenho" (3 respostas) e no nível académico em termos de "sala de aula" (2 respostas);
- no 4° ano a maioria das respostas incide no "nível académico" em contexto de "sala-de-aula" (4 respostas).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"

- no 1° ano a incidência das respostas indica que não existiu ainda esse momento (3 respostas);
- no caso de 2° ano a incidência das respostas é em termos de "acontecimentos académicos" (3 respostas);
- no 3° ano as respostas incidem no nível pessoal em termos das "cognições" (4 respostas);
- no caso do 4° ano as respostas distribuem-se pela inexistência desse momento, seguido do "nível académico" no contexto "sala-de-aula" (2 respostas cada).

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"

- no 1° ano e no 4° ano a incidência das respostas indica que não existiram esses momentos (2 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incide nos "acontecimentos académicos" na "prática" (3 e 2 respectivamente);
- no 3° ano as respostas incidem nos "acontecimentos académicos" e nos "recursos logísticos" (3 em cada).

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"

- no 1° ano a incidência de respostas situa-se em termos de "desempenho" a nível pessoal com 6 respostas;
- no caso do 2° ano as respostas distribuem-se pela inexistência de comprometimento, seguido de um comprometimento a "nível pessoal" em termos de "desempenho" e uma maior participação em termos académicos (2 em cada);
- no 3° e 4° anos a maioria das respostas indica que o "nível pessoal" em termos de "relacionamento" é o mais valorizado (5 respostas em cada).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 36) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- nos 4 anos a incidência das respostas incide ao nível ambiental, nomeadamente no que diz respeito ao "espaço exterior" (6,6, 5 e 6 respostas respectivamente);
- no caso do 4° ano observa-se também um índice de 3 respostas ao nível ambiental, mas em termos de "dimensão".

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"
- no 1° e no 2° ano as respostas incidem em termos dos "recursos logísticos" (5 e 6 respectivamente);
- no 1°, no 3° e no 4° ano temos ainda 3 respostas ao nível dos "recursos humanos" (3 em cada);
- no 2° e 3° anos as respostas também incidem nos aspectos académicos (4 e 5 respostas), nomeadamente em termos de "formação";
- no 3° e 4° anos a maioria das respostas incidem nas questões ligadas à "organização" (3 e 4 respostas).

Em síntese:
➢ A maioria dos alunos mostra uma preocupação em relação aos valores a ter para com os outros e às crenças e valores em relação a si mesmo;
➢ Parece existir também uma desvalorização em relação às suas competências;
➢ A auto-avaliação é essencialmente negativa;
➢ Surge a família e a experiência de vida como as principais fontes de influência para a construção do pessimismo;
➢ A figura e influência do professor antes da entrada na Universidade é focada como tendo sido negativa;
➢ Após a entrada para a Universidade, a influência dos professores torna-se mais positiva, preferencialmente em termos relacionais professor/aluno;
➢ A influência do ambiente é considerada negativa ou inexistente;
➢ No entanto quer a influência dos colegas, quer a influência do curso em geral, aparecem como tendo um efeito negativo, como positivo;
➢ O aspecto mais valorizado é o relacionamento;
➢ O desempenho parece ser o factor que permite alcançar a auto-realização;
➢ O estágio aparece como sendo o elo de ligação com a Universidade;
➢ As experiências positivas passam pelo relacionamento e pelos acontecimentos em sala-de-aula;
➢ Os momentos que mais convidam à acção são os acontecimentos académicos;
➢ Um maior compromisso com a Universidade parece passar por um maior desempenho por parte dos alunos e por manter/melhorar o relacionamento entre professor/aluno;
➢ Os alunos valorizam preferencialmente o espaço exterior da Universidade;
➢ Os aspectos a melhorar incidem ao nível logístico, do relacionamento e da formação.

- Pessimismo – 2ª aplicação

Nos quadros 37-41 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das cinco entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do cursos de Educação de Infância – 2ª aplicação (ver em Anexo F as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 37) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano a maioria das respostas incide na valorização "face aos outros" em relação à "imagem" com 5 respostas;
- no 2° e 3° anos as respostas incidem igualmente na valorização "face aos outros" em relação aos "valores" e na valorização "face a si próprio" em relação às "cognições" (5 em cada para o 2° ano e 6 e 8 para o 3° ano);
- no 4° ano as respostas distribuem-se pela valorização "face aos outros" em termos de "imagem" (6 respostas), logo seguido da valorização "face a si próprio" em relação às "cognições" e aos "valores" (5 em cada respectivamente).

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- no 1° e no 2° ano encontramos duas respostas que incidem numa posição de "ambiguidade/defesa" (pessimismo defensivo);
- ainda no 1°, no 2° e no 3° ano a maioria das respostas incide numa posição pessimista em relação às "cognições" (4, 3 e 3 respectivamente);
- no 4° ano é de salientar que a incidência das respostas indica uma posição de "ambiguidade", mas no sentido de uma viragem para o optimismo (3 respostas).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 38) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- no 1° ano as respostas incidem numa influência ao nível da "experiência de vida", seguida da familiar (3 e 2 respectivamente);
- no 2° e 3° ano as respostas incidem na "experiência de vida" com 3 respostas cada;
- no 4° ano as respostas dividem-se pela ausência de qualquer tipo de influência e pela influência familiar (2 e 3 respectivamente).

b) na dimensão "Influência da família"
- os 4 anos indicam respostas que incidem na inexistência de influência (3,4, 2 e 2 respectivamente);
- no 1°, 3° e 4° ano ainda se observam respostas que apontam a influência como tendo sido negativa (2 e 3 respectivamente).

Quadro 37: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida" (1-2°ano); "sou sociável" (3° ano); "introvertida"; "comunicativa" (4° ano)	5	4	1	6
			Valores	"sou solidária" (1-2-3-4° ano); "sou fiel"; "sou preocupada" (2° ano)	2	5	6	3
		Face a si próprio	Cognições	"sou meiga"; "sou tímida"; "sou divertida" (1° ano); "sou sensível"; "sou alegre" (2° ano); "sou delicada"; "sou complicada" (3° ano); "sonhadora"; "agressiva" (4° ano)	3	5	8	5
			Valores	"sou desconfiada"; "sou crítica"; "sou pacífica" (1° ano); "sou sincera"; "sou humana" (2° ano); "sou orgulhosa"; "sou fiel" (3° ano); "compreensiva" (4° ano)	3	3	5	5
			Desvalorização das competências	"sou insegura" (1° ano); "sou muito preguiçosa" (4° ano)	1	---	---	1
			Valorização das competências	"sou ambiciosa" (1° ano); "sou lutadora" (3° ano); "sou trabalhadora" (4° ano)	1	---	3	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"às vezes consigo pensar positivo, mas outras vezes penso negativo" (1° ano); "espero sempre o pior mas lá no fundo tenho esperança que tudo aconteça pelo melhor" (2° ano); "se pensar o pior não tenho desilusões" (3° ano)	1	1	2	---
			Viragem	"agora aprendi a ser mais optimista, a ver o lado positivo através de tudo o que aprendi" (3° ano); "estou numa fase de mudança para a positiva" (4° ano)	---	---	1	3
		Pessimismo	Cognições	"espero sempre o pior das pessoas e das situações" (1° ano); "as coisas boas só acontecem aos outros" (2° ano); "vejo sempre as coisas pela negativa" (3° ano); "vejo sempre o lado mau das coisas"; "a vida correu-me sempre mal" (4° ano)	4	3	3	2
			Desvalorização das competências	"tenho medo de errar" (1° ano); "tenho uma baixa auto-estima" (2° ano); "faço sempre tudo mal" (1-2-4° ano)	2	2	---	1

Quadro 38: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"eu já nasci assim" (2-4º ano)	---	1	---	2
		Familiar		"os meus pais são pessimistas" (1-3-4º ano); "a minha família influenciou-me negativamente" (2º ano)	2	1	1	3
		Colegas		"os meus colegas da escola deitavam-me abaixo" (1º ano)	1	---	---	---
		Amigos		"os amigos têm-me desiludido" (3-4º ano)	---	---	1	1
		Professores		"os professores influenciaram-me a ser assim" (3º ano)	---	---	1	---
		Experiência de vida		"foi através da vida que fiquei assim" (1-3º ano); "é a sociedade em geral que nos faz assim" (2º ano)	3	3	3	---
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência" (1-2-3º ano); "já nasci assim" (4º ano)	3	4	2	2
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas" (1-2-3-4º ano)	2	1	2	3
		Pela positiva		"tentam que eu seja mais optimista" (3º ano)	---	---	1	---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência" (1º-2º ano)	2	2	---	---
		Pela negativa	Cognições	"não mostravam interesse pelos alunos" (1º ano); "deitavam-nos abaixo" (2-4º ano); "influenciaram pela negativa" (3º ano)	1	2	4	2
			Relacionamento	"detinham todo o poder" (3º ano)	---	---	2	---
			Desvalorização das competências	"os métodos utilizados não eram os mais correctos" (2º ano); "tive maus professores" (4º ano)	---	1	---	1
		Pela positiva	Relacionamento	"eram muito afectivos" (1º ano); "ajudaram-me" (2-4º ano); "tentaram tornar-me mais optimista" (4º ano)	2	2	---	3
			Valorização das competências	"ensinaram-me a fazer escolhas" (1º ano); "organizaram a minha personalidade" (4º ano)	2	---	---	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência" (2º-4º ano)	---	1	---	2
		Pela negativa	Cognições	"falavam mal de mim"; "desiludiram-me muito" (1º ano)	4	---	---	---
			Relacionamento	"tinham um espírito competitivo" (1º ano); "não são amigos"; "não apoiam" (2º ano); "são falsos" (3-4º ano)	4	4	5	1
			Desvalorização das competências	"criaram-me complexos" (3º ano)	---	---	1	---
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram-me muito" (1º ano); "influenciaram positivamente" (3º ano)	3	---	4	---
			Valorização das competências	"valorizaram-me muito e fizeram-me acreditar em mim" (3º ano); "moldaram a minha personalidade para melhor" (4º ano)	---	---	1	3
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma" (1º-4º ano)	3	---	---	1
		Pela negativa	Relacionamento	"não eram amigos"; "não estabeleciam boa relação" (2º ano); "influenciaram-me pela negativa" (3º ano)	---	5	4	---
			Desvalorização das competências	"utilizavam o método da memorização" (2º ano); "desvalorizavam as minhas capacidades" (3º ano)	---	1	1	---
		Pela positiva	Cognições	"ver as coisas duma forma mais alegre" (3º ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"tratavam-nos como seres humanos" (3-4º ano)	---	---	4	1
			Valorização das competências	"estimularam as minhas capacidades" (1º ano); "devemos lutar pelos nossos objectivos" (4º ano)	3	---	---	4

Quadro 39: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não existe" (1°-2°-3° ano)	3	1	2	---
		Pela negativa	Desempenho	"quando não reconhecem o nosso trabalho" (4° ano)	---	---	---	2
			Relacionamento	"pouco disponíveis" (1° ano); "deitam-nos abaixo" (3° ano)	1	---	2	---
			Desvalorização das competências	"aulas pouco interessantes" (1° ano); "são muito exigentes" (2° ano)	1	2	---	---
		Pela positiva	Cognições	"transmitem segurança" (2° ano); "ter uma visão optimista" (4° ano)	---	1	---	3
			Relacionamento	"estabelecem uma relação de amizade" (2-3° ano); "relação de cumplicidade" (4° ano)	---	1	2	2
			Valorização das competências	"enfrentar a realidade" (4° ano)	---	---	---	1
	Influência do ambiente	Inexistente		"não existe" (1° ano); "não influencia em nada" (2° ano)	3	1	---	---
		Pela negativa	Relacionamento	"tem poucos homens o que causa mau ambiente" (2° ano); "aumenta o pessimismo" (1-3° ano); "não dá resposta aos nossos problemas" (4° ano)	2	1	3	1
			Infra-estruturas	"o bar é mau"; "falta material nas aulas" (2° ano)	---	3	---	---
		Pela positiva	Cognições	"tornou-me uma pessoa mais optimista" (4° ano)	---	---	---	6
			Relacionamento	"a escola tem um ambiente positivo" (1-4° ano); "a simpatia dos professores" (3° ano)	1	---	5	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"não existe" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela negativa	Cognições	"promovem o pessimismo" (2-3° ano); "tive muitas desilusões" (4° ano)	---	2	3	1
			Relacionamento	"são egoístas; "são competitivos" (4° ano)	---	---	---	3
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir melhor comigo própria" (1° ano); "sinto-me mais optimista" (2° ano); "dão-me força" (4° ano)	1	2	---	2
			Relacionamento	"ajudam-me quando preciso" (1° ano); "são bons amigos"; "apoiam e partilham" (2° ano); "ajudam-me a ser mais positiva" (3° ano); "todos nos ajudamos para acabar o curso" (4° ano)	6	4	4	1
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Desempenho	"ter de tirar boas notas"; "ter de fazer um bom estágio" (2° ano); "o estágio correu-me mal" (4° ano)	---	2	---	1
			Qualidade de ensino	"é um curso muito teórico" (1° ano); "o curso decepcionou-me" (2° ano); "o curso não é o que esperava" (4° ano)	1	3	---	1
			Expectativas	"não existem perspectivas futuras" (2° ano)	---	2	---	---
		Pela positiva	Cognições	"ajuda-me a enfrentar os meus medos" (1° ano);"o curso faz com que sejamos optimistas" (3-4° ano)	2	---	4	3
			Valorização das competências	"trabalhar com as crianças vai melhorar a minha atitude" (1° ano); "trabalhar com crianças vai ser gratificante" (2-3° ano); "aprendi muito com a prática" (4° ano)	3	2	3	5

Quadro 40: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível de recursos humanos		"a proximidade entre prof./aluno" (1-4° ano); "a turma" (1° ano); "os professores são bons"; "os amigos"; "o ambiente é bom" (2° ano); "o convívio entre os colegas" (3° ano); "os meus colegas são o máximo" (4° ano)	5	4	3	8
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços verdes" (1° ano); "o espaço exterior é excelente" (2° ano); "tem um espaço grande" (4° ano)	1	2	---	1
			Logística	"boa biblioteca"; "uma boa sala de estudo" (1° ano)	3	---	---	---
			Localização	"tem bons acessos" (2° ano)	---	1	---	---
		Nível de qualidade de ensino		"o curso em si"; "o estágio" (2° ano); "as experiências que são proporcionadas" (3° ano); "os conhecimentos que adquiri" (4° ano)	---	2	3	1
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"elogios dos colegas" (1° ano); "a valorização dos alunos pelos professores" (2° ano); "quando tenho um bom desempenho" (3° ano); "o reconhecimento dos nossos trabalhos" (4° ano)	3	1	2	2
			Cognições	"entrar para o curso que sempre quis" (3° ano)	---	---	1	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o início do ano"; "o enterro do caloiro" (2° ano)	---	3	---	---
			Sala de aula	"visitas de estudo"; "apresentação de trabalhos" (1° ano)	3	---	---	---
			Prática	"o estágio" (2°-3°-4° ano)	---	3	3	3
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho" (1° ano); "ainda não senti" (2° ano)	4	1	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando me empenho nos trabalhos" (1° ano); "tirar o curso que sempre sonhei" (3° ano); "o esforço desenvolvido no 3° ano" (4° ano)	1	---	3	1
			Relacionamento	"relação de compreensão e amizade prof./aluno" (4° ano)	---	---	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o enterro do caloiro"; "as praxes"; "festas" (2° ano)	---	4	---	---
			Prática	"o estágio" (2-3-4° ano)	---	3	2	3
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive" (1-3° ano)	2	---	2	---
		Nível pessoal		"solidariedade entre os colegas" (3° ano)	---	---	2---	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a exposição dos alunos finalistas"; "a semana do caloiro" (1° ano); "praxes"; "jantar de natal" (2° ano); "apresentação de um trabalho na aula Magna"; "o jantar de curso" (4° ano)	3	6	---	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (2°-3°-4° ano)	---	3	1	2
			Prática	"aplicação do projecto"; "relação com a criança" (4° ano)	---	---	---	2
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não tive" (1° ano)	2	---		---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas" (1° ano); "ter passado de ano"; "ter feito estágio" (2° ano); "conseguir acabar o curso" (3° ano);	2	4	1	1

				"sempre que o meu esforço é reconhecido" (4º ano)				
			relacionamento	"convívio entre os colegas" (3º ano)	---	---	2	---
Ligação à Universidade (cont.)		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes"; "quando respondi a este estudo" (1º ano); "festas" (2º ano); "benção das fitas" ; "quando lutamos pelos nossos direitos" (4º ano)	2	3	---	3
			Sala de aula	"nos trabalhos de grupo" (1º ano); "aulas práticas" (3º ano); "ateliers práticos no 2º ano" (4º ano)	1	---	1	1
			Prática	"estágio" (3º ano)	---	---	2	---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive" (1-2º ano); "não existiu nenhum" (4º ano)	1	1	---	2
		Nível pessoal	Relacionamento	"quando arranjei 3 amigos" (1º ano); "boa relação entre a turma" (2º ano); "as amizades efectuadas" (4º ano)	1	1	---	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquios" (1-2º ano); "praxes"; "enterro do caloiro"; "feira de actividades" (2º ano); "projectos apresentados pelos alunos à escola" (3º ano); "a vinda de Luís Figo à escola" (4º ano)	5	4	5	2
			Sala de aulas	"as aulas mais práticas" (3º ano); "a disciplina de Movimento e Drama" (4º ano)	---	---	1	1
			Prática	"estágios" (2-3º ano)	---	1	1	---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei" (1º ano)	2	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"continuar a empenhar-me" (1º ano); "conseguir acabar o curso" (2-4º ano); "tirar uma pós-graduação" (2-3º ano)	1	4	1	2
			Cognições	"ter orgulho na escola" (2º ano); "ser lembrada como boa aluna" (4º ano)	---	1	---	1
			Relacionamento	"ouvir mais os alunos" (3º ano)	---	---	2	---
			Continuidade	"continuar o contacto com a escola" (1-3º ano)	1	---	1	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais festas"; "mais convívio entre alunos" (2º ano); "fazer uma creche dentro da escola" (3º ano); "criar debates para trocas de experiências"; "ajudar a melhorar as condições da didáctica" (4º ano)	---	2	1	2
			Qualidade de ensino	"tornar o currículo do 1º ano mais atractivo" (1º ano); "melhorar o ensino" (3º ano)	1	---	1	---

Quadro 41: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Educação de Infância - 2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes" (1-3º ano); "os jardins são óptimos" (2-4º ano); "tem uma cor muito bonita" (2-3º ano)	4	6	7	2
			Dimensão/Grandeza	"o espaço é muito grande" (2-4º ano)	---	2	---	2
			Logística	"a esplanada"; "a biblioteca" (3º ano)	---	---	2	---
			Dinamismo	"escola mais apelativa e mais empreendedora" (1º ano)	1	---	---	---
		Nível humano		"boas relações prof./aluno"; "boas pessoas"; "convívio entre alunos" (1º ano); "os amigos", "os professores" (4º ano)	4	---	---	5
		Nível de qualidade de ensino		"estágio"; "ateliers" (1º ano); "tudo o que aprendi nesta escola" (4º ano)	2	---	---	1
		Desorganização		"a escola é uma desorganização total" (4º ano)	---	---	---	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"melhores salas de estudo"; "melhor biblioteca" (1º ano); "sala de computadores" (2º ano); "mais higiene nas casas de banho" (2º-4º ano); "funcionamento da reprografia" (3º ano)	7	8	2	2
			Humanos	"melhor relação prof./aluno"; "mais união entre alunos" (1º ano); "mais simpatia por parte dos funcionários" (º-2º ano); "maior valorização dos alunos por parte dos professores" (2º ano); "mais consideração pelos alunos" (3º ano); "maior cooperativismo"; "mais contacto com a Direcção" (4º ano)	4	2	4	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais actividades desportivas" (1º ano); "mais seminários" (3º ano)	1	---	2	---
			Qualidade de ensino	"estágio logo no 1º ano"; "reformulação do 1º ano" (1º ano); "aulas mais práticas"; "mais períodos de estágio" (2º ano); "melhor qualidade de ensino"; "melhor escolha dos professores" (3º ano); "alteração dos programas" (3-4º ano)	2	2	4	5
		Nível de organização		"mais organização da escola por parte da direcção" (2º ano); "melhor organização dos horários" (3º ano); "maior organização da escola no geral" (4º ano)	---	2	1	2

c) na dimensão "Influência dos professores"

- no 1° ano temos 2 respostas que indicam a inexistência de influência; logo seguida de 4 respostas incidindo numa influência positiva em relação ao "relacionamento" e "valorização das competências" (2 em cada);
- no 2° ano as respostas distribuem-se igualmente pela inexistência de influência, pela influência negativa ao nível das "cognições" e por uma influência positiva ao nível do "relacionamento" (2,2 e 2 respectivamente);
- no 3° ano a incidência das respostas remete para uma influência negativa ao nível das "cognições" (4 respostas);
- no 4° ano as respostas também se dividem pela influência negativa ao nível das "cognições" e pela positiva em relação aos aspectos do "relacionamento" (2 e 3 respectivamente).

d) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1° ano a maioria das respostas indica a existência de uma influência negativa, quer ao nível das "cognições" quer ao nível do "relacionamento" (4 em cada respectivamente);
- no entanto, verifica-se a existência de 3 respostas que indicam uma influência positiva em termos de "relacionamento";
- no 2° ano a maioria das respostas indicam uma influência negativa em relação aos aspectos de "relacionamento" (4 respostas);
- no 3° ano as respostas distribuem-se por uma influência negativa em termos de "relacionamento" e por uma influência positiva também ao nível relacional (5 e 4);
- no 4° ano temos 2 respostas que indicam a ausência de qualquer influência e 3 respostas que apontam uma influência positiva ao nível da "valorização das competências".

e) na dimensão "Professor como figura de referência"

- no 1° ano as respostas distribuem-se pela inexistência de influência e pela influência positiva ao nível da "valorização das competências" (3 em cada respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa influência negativa ao nível do "relacionamento" (5 respostas);
- no 3° ano as respostas distribuem-se por uma influência negativa e por uma influência positiva em termos de "relacionamento" (4 em cada);
- no 4° ano a maioria das respostas incide numa influência pela positiva ao nível da "valorização das competências" (4 respostas).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 39) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- no caso do 1° ano a maioria das respostas incide na ausência de influência (3 respostas); no entanto as outras 2 respostas indicam uma influência negativa;
- no caso do 2° ano temos 3 respostas que se distribuem pela influência negativa em termos de "desvalorização das competências" e pela inexistência de influência (2 e 1 respectivamente); no entanto encontramos 2 respostas que indicam uma influência positiva;

- no 3° ano as respostas distribuem-se por uma influência negativa e por uma influência positiva ao nível relacional (2 em cada);
- no caso do 4° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível das "cognições", do "relacionamento" e da "valorização das competências" (3,2 e 1 respectivamente); no entanto temos 2 respostas que indicam uma influência negativa em termos de "desempenho".

b) na dimensão "Influência do ambiente"
- no 1° ano a maioria das respostas incide na ausência de influência e numa influência negativa ao nível relacional (3 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a incidência das respostas indica uma influência negativa em termos "logísticos" (3 respectivamente);
- no 3° ano as respostas também demonstram uma influência positiva em termos de "relacionamento" (5 respostas);
- no 4° ano as respostas incidem preferencialmente numa influência positiva ao nível das "cognições" (6 respostas).

c) na dimensão "Influência dos colegas"
- no 1° ano as respostas incidem quase exclusivamente numa influência positiva ao nível relacional (6 respostas);
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível relacional, mas indica também como segunda escolha uma influência negativa ao nível das "cognições" (4 e 2 respectivamente);
- no 3° ano as respostas distribuem-se por uma influência negativa ao nível das "cognições" e positiva em termos de "relacionamento" (3 e 4 respectivamente);
- no 4° ano a maioria das respostas indica uma influência negativa ao nível relacional (3 respostas).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"
- no 1°, 3° e 4° anos a maioria das respostas incidem numa influência positiva, quer ao nível das "cognições" (2, 4 e 3 respectivamente) quer ao nível da "valorização das competências" (3, 3 e 5 respectivamente);
- no caso do 2° ano a maioria das respostas incide numa influência negativa, quer em termos de "desempenho" quer de "qualidade de ensino" (2 e 3 respectivamente).

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 40) verifica-se que:
a) na dimensão "Aspectos valorizados"
- nos 4 anos a maioria das respostas incide na valorização do aspecto humano (5, 4, 3 e 8 respectivamente);
- o 3° ano valoriza igualmente os recursos ambientais, nomeadamente em termos de "logística" (3 respostas).

b) na dimensão "Auto-realização"
- no 1° ano as respostas distribuem-se pelo "nível pessoal" em termos de "desempenho", e pelo "nível académico" em termos de "sala-de-aula" (3 em cada);
- no 2° ano as respostas dividem-se entre os "acontecimentos académicos" e "prática" (3 respostas em cada);

- no 3° e 4° anos temos 3 respostas no "nível académico" em termos de "prática", seguido do "nível pessoal" em termos de "desempenho" com 2 respostas.

c) no dimensão "Laços com a Universidade"
- no 1° ano a maioria das respostas indica não existirem ainda laços com a Universidade (4 respostas);
- no 2° ano as respostas incidem no "nível académico" em termos da "prática" e dos "acontecimentos académicos" (3 e 4 respectivamente);
- no 3° ano as respostas incidem em termos de "desempenho", seguido da "prática" (3 e 2);
- no 4° ano a maioria das respostas incide no "nível académico" em termos de "prática" (3 respostas).

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"
- no 1° ano as respostas dividem-se pela inexistência dessas experiências, seguido dos "acontecimentos académicos" (2 e 3 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incide em termos de "acontecimentos académicos" (6 respostas);
- no 3° ano as respostas dividem-se pela inexistência de experiências desse tipo e pela sua existência em termos de "relacionamento" (2 em cada);
- no 4° ano as respostas distribuem-se igualmente pelos "acontecimentos académicos", pelos acontecimentos na "sala de aula" e pela "prática" (2 respostas em cada).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"
- no 1° ano as respostas distribuem-se igualmente pela ausência de envolvimento, pelo "nível pessoal" em termos de "desempenho" e pelos "acontecimentos académicos" (2 respostas em cada);
- no 2° ano as respostas incidem ao nível do "desempenho" e dos "acontecimentos académicos" (4 e 3 respectivamente);
- no 3° ano as respostas dividem-se ao nível do "relacionamento" e da "prática" (2 em cada);
- no caso do 4° ano são os "acontecimentos académicos" que apresentam maior incidência de resposta (2 respostas).

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- nos 4 anos a incidência das respostas aponta para a valorização dos "acontecimentos académicos" (5, 4, 5 e 2 respectivamente);

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"
- no caso do 1° ano as respostas encontram-se distribuídas pela não existência de comprometimento, pelo manter o contacto com a escola, pelo "desempenho" e ao nível da "qualidade de ensino" (2,1,1 e 1 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incidem no "nível pessoal" em termos de "desempenho" (4 respostas);
- no 3° ano a maioria das respostas incide a nível pessoal em termos de "relacionamento" (2 respostas);
- no 4° ano as respostas distribuem-se pelo "nível pessoal" em termos de "desempenho" e pelo "nível académico" (2 em cada) em termos de "acontecimentos académicos" (2 em cada).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 41) verifica-se que:

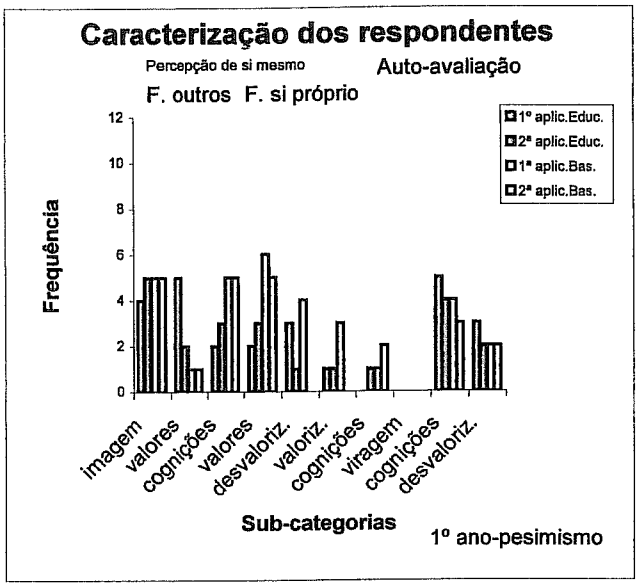
a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- no 1° ano as respostas incidem ao nível do ambiente, em termos de "espaço exterior" e ao nível humano (4 e 4 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas indica uma preferência ao nível do ambiente em termos do "espaço exterior" (6 respostas);
- no 3° ano as respostas incidem preferencialmente também ao nível ambiental, nomeadamente em relação ao "espaço exterior" (7 respostas);
- no 4° ano é o "nível humano" que apresenta maior número de respostas (5 respostas).

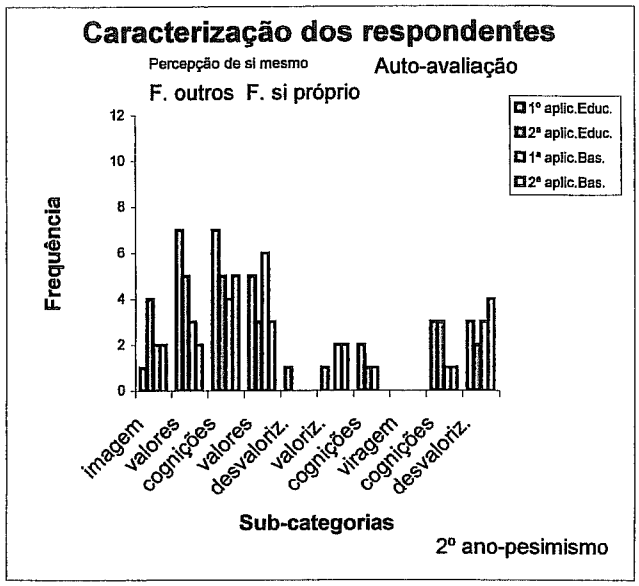
b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"
- no 1° e no 2° ano as respostas incidem ao nível dos "recursos", em termos "logísticos" (7 e 8 respectivamente);
- no 1° e 3° anos são igualmente valorizados os "recursos humanos" com 4 respostas cada;
- no 3° e 4° anos são valorizados os aspectos ligados "qualidade de ensino" (4 e 5 respostas).

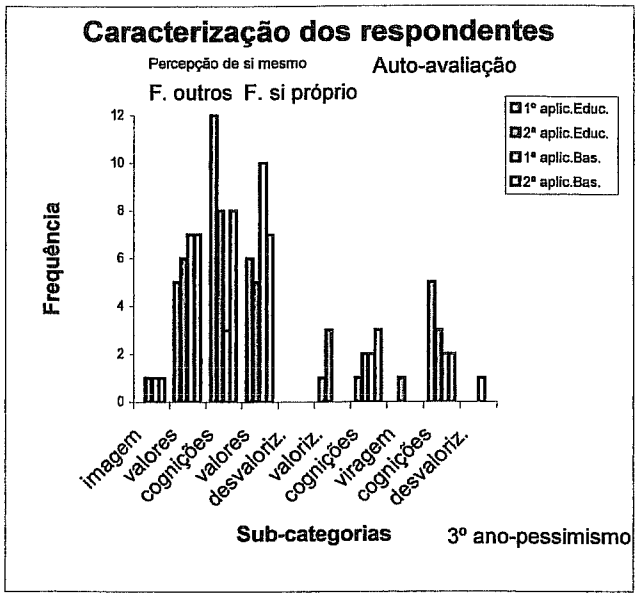
Sintetizando, podemos observar:
➢ Os alunos na sua relação com os outros valorizam essencialmente a imagem que transmitem e os valores que defendem;
➢ Em relação a si mesmos centram-se essencialmente ao nível das suas crenças, do seu sentir;
➢ A sua auto-avaliação é essencialmente negativa;
➢ A influência familiar aparece como negativa ou inexistente, assim como a influência dos colegas;
➢ A influência dos professores antes da entrada para a Universidade é sentida como tendo sido negativa;
➢ Na Universidade denota-se uma melhoria, quer em termos da influência do professor, quer do ambiente, quer dos colegas;
➢ Os aspectos mais valorizados situam-se ao nível do relacionamento professor/aluno;
➢ Surge uma valorização do estágio e do desempenho prestado;
➢ Os momentos mais positivos continuam a ser os acontecimentos académicos;
➢ O compromisso com a Universidade passa essencialmente pelo investimento no desempenho e nos acontecimentos académicos;
➢ O nível mais valorizado pelos alunos é o espaço exterior da Universidade e o relacionamento professor/aluno, enquanto que os aspectos a melhorar passam pelos recursos logísticos e pelo relacionamento e qualidade de ensino.

• Comparação entre os resultados obtidos na 1ª aplicação e na 2ª aplicação no que respeita ao pessimismo no curso de Educação de Infância (ver Figuras 8-12)

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Figura 8) verifica-se que:
- na dimensão "Percepção de si mesmo", o 4° ano na 2ª aplicação apresenta um aumento de respostas relativas à valorização face aos outros no que respeita à "imagem";
- na dimensão "Auto-avaliação", no 4° ano na 2ª aplicação verifica-se uma atitude de mudança para o optimismo comparando com a 1ª aplicação.







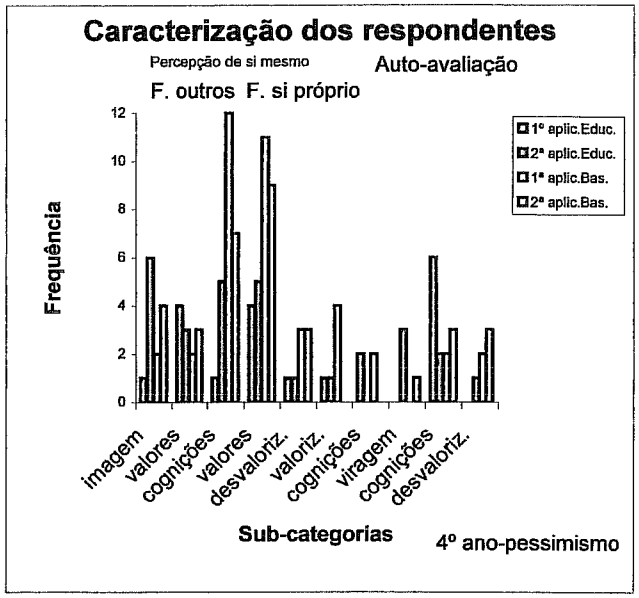
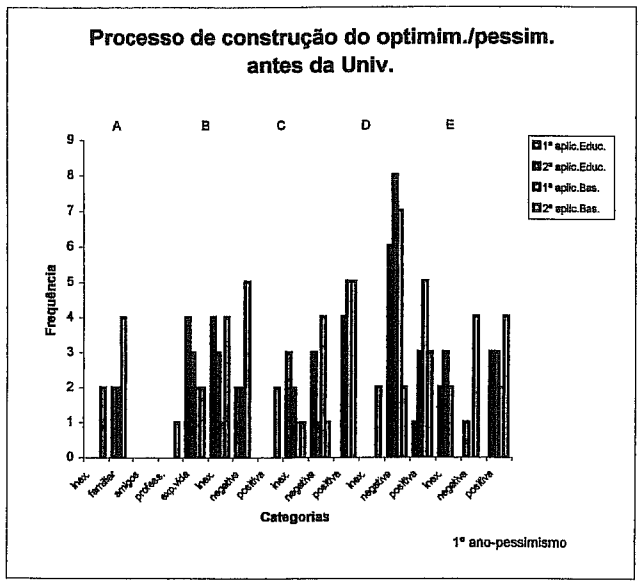
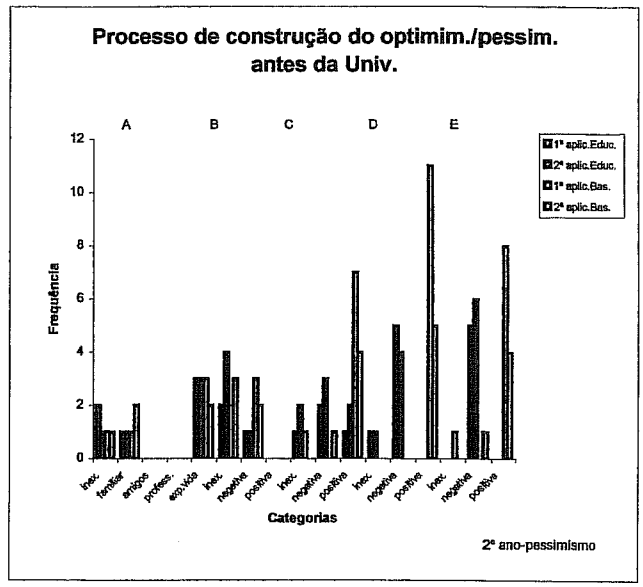
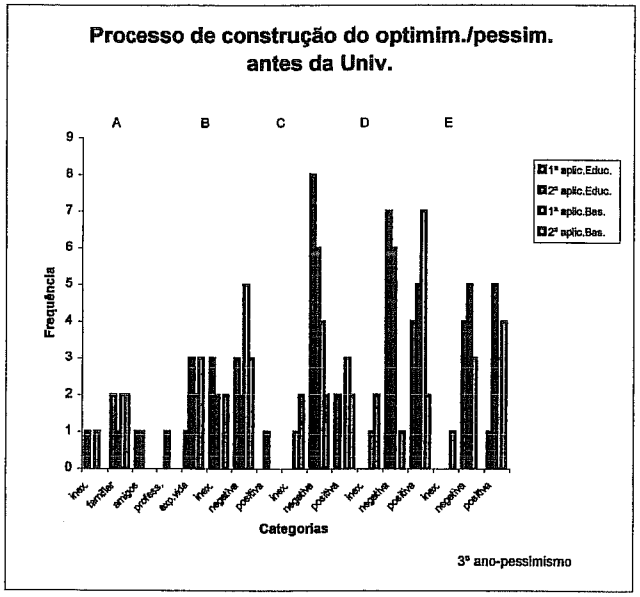


Figura 8. Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Caracterização dos respondentes", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo; desvaloriz.=desvalorização das competências; valoriz.=valorização das competências; pessim.def.=pessimismo defensivo).







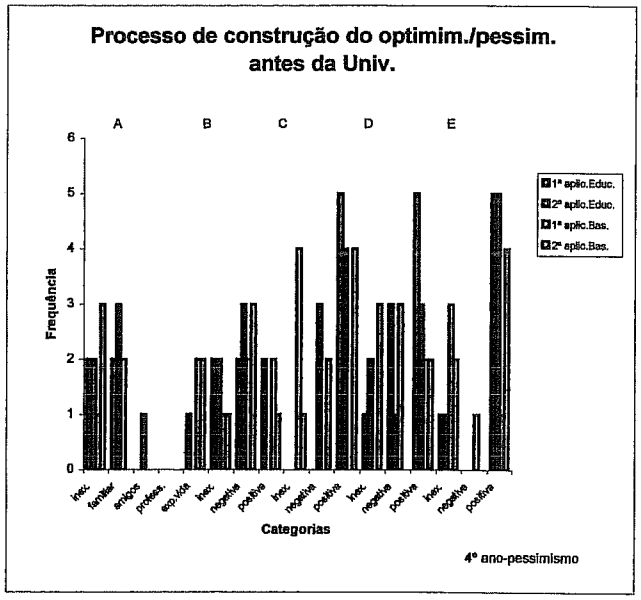
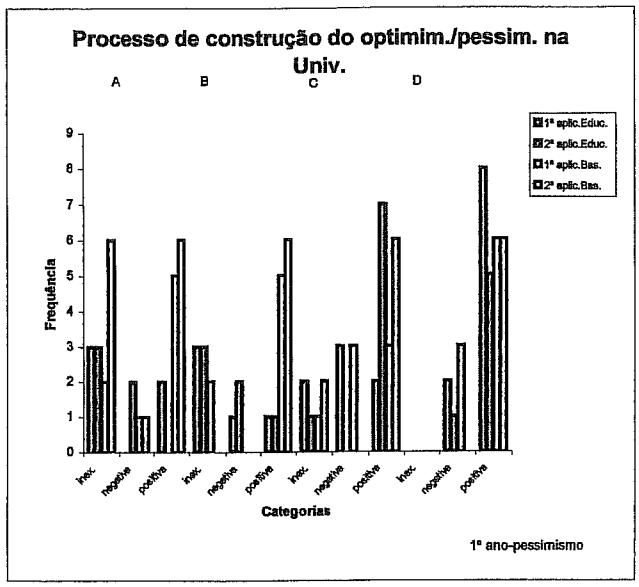
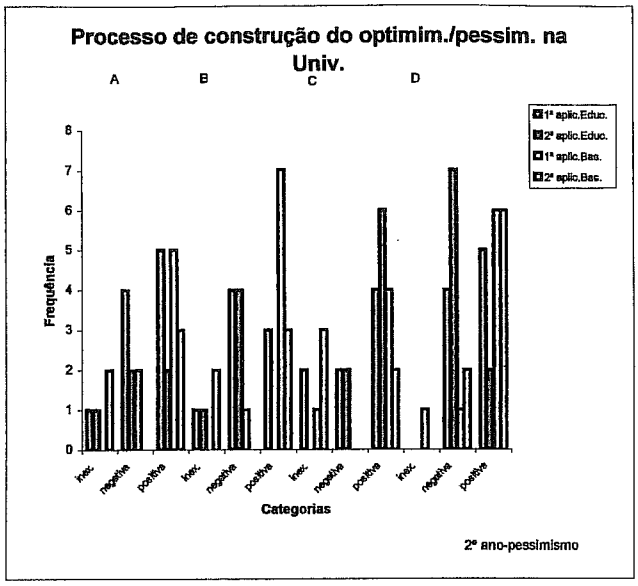
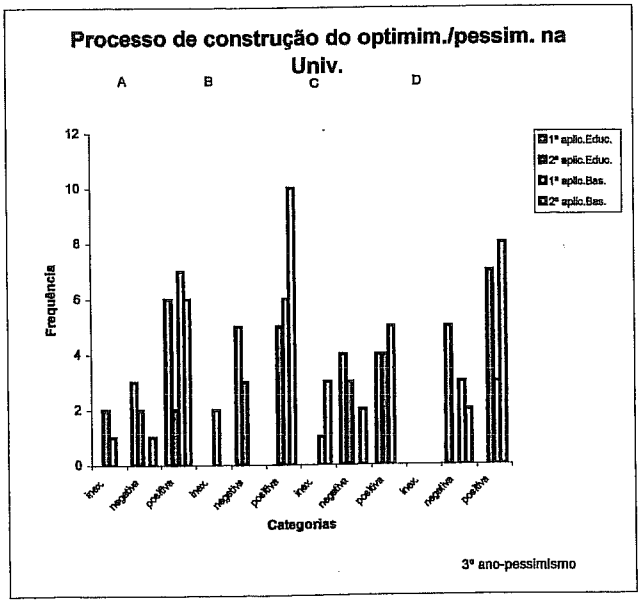


Figura 9: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A=Tipo de influência; B=Influência da família; C=Influência dos professores; D=Influência dos colegas; E=Professor como figura de referência. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo; profess.=professores; exp.vida=experiência de vida; inex.=inexistente).







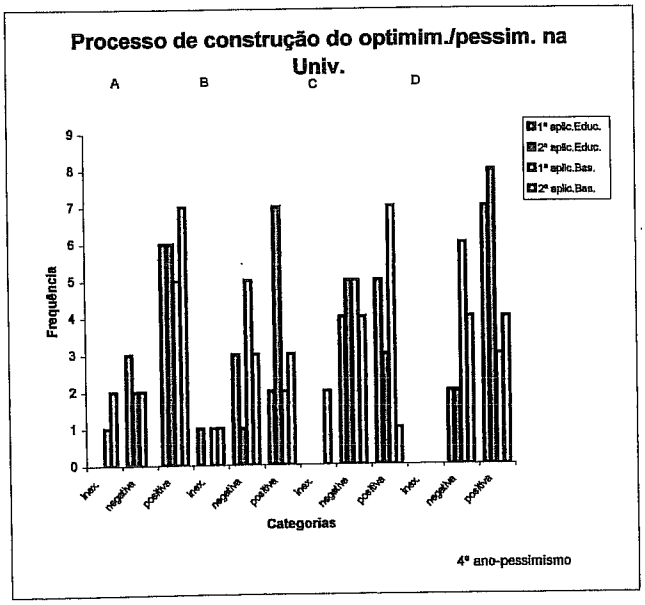


Figura 10: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A= Influência dos professores; B=Influência do ambiente; C=Influência dos colegas; D=Influência do curso em geral. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo; inex.=inexistente).

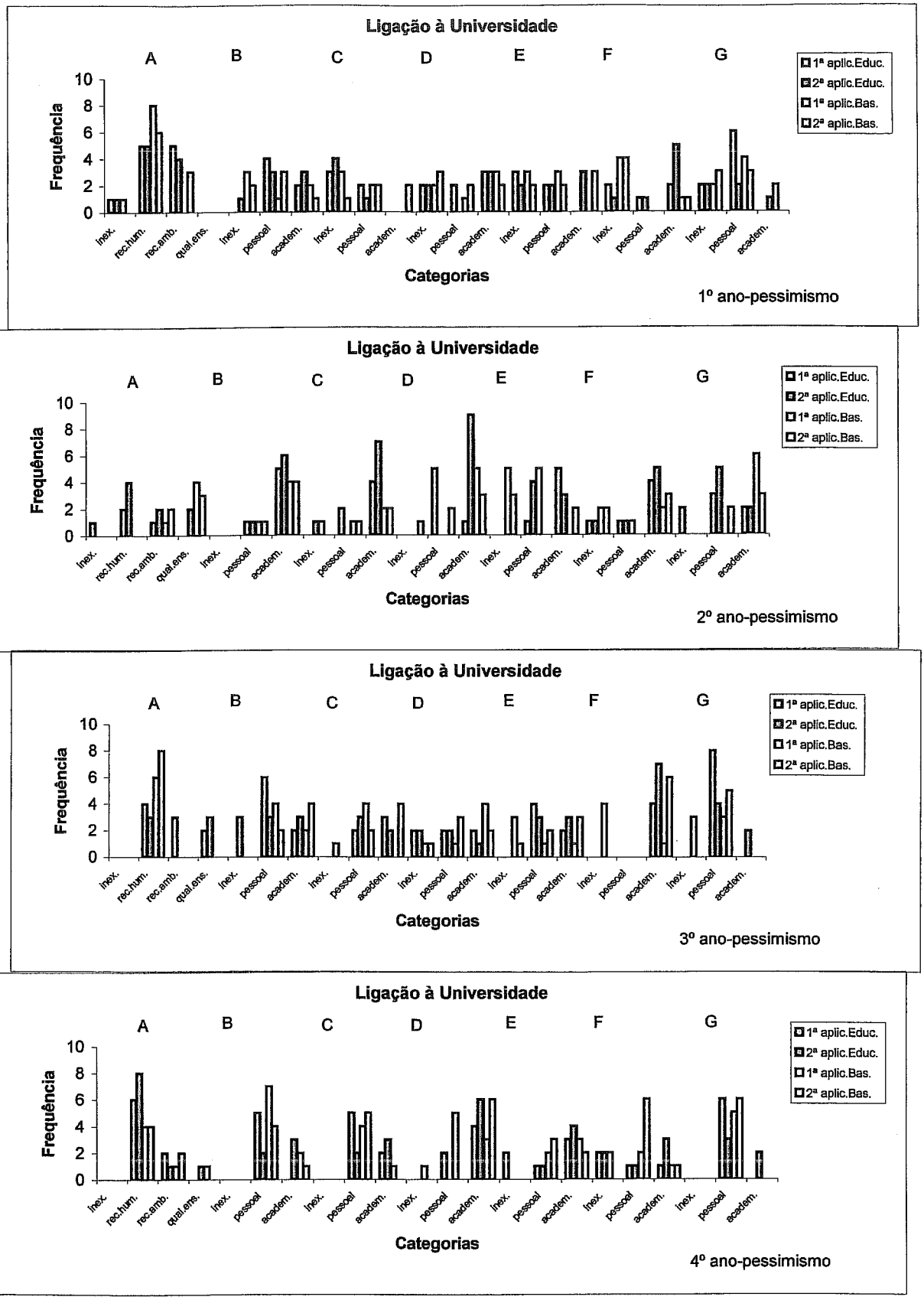
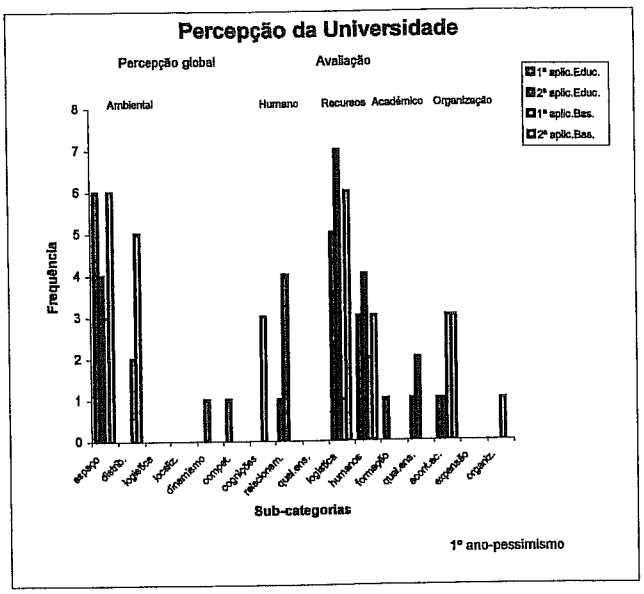
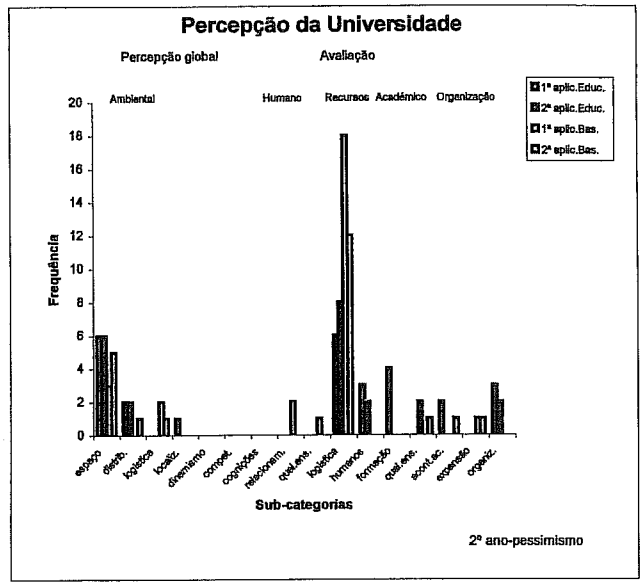
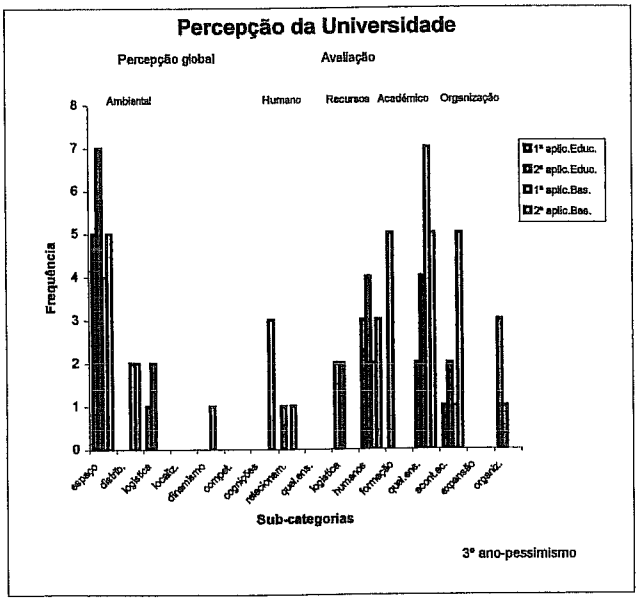


Figura 11: Frequência de respostas obtidas em cada categoria considerada no bloco "Ligação à Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. A=Aspectos valorizados; B=Auto-realização; C=Laços com a Universidade; D=Experiências positivas em grupo; E=Momentos de forte envolvimento; F=Momentos mais convidativos à acção; G=Formas de maior comprometimento. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; inex.=inexistente; rec.hum.=recursos humanos; rec.amb.=recursos ambientais; qual.ens.=qualidade de ensino; academ.=académico).







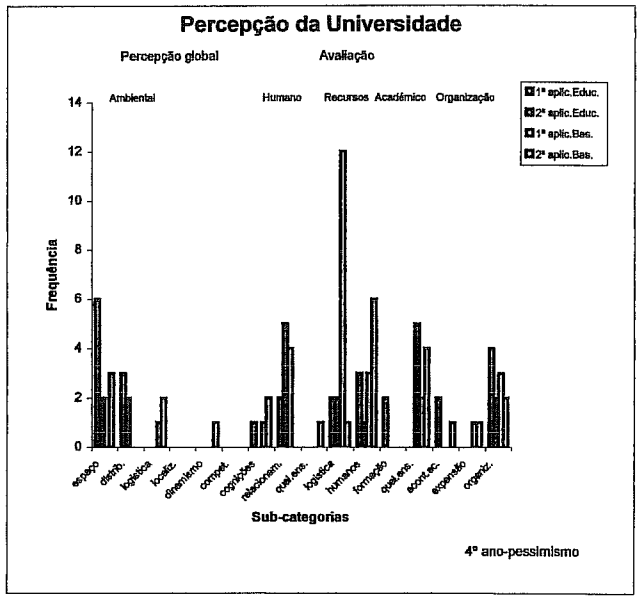


Figura 12: Frequência de respostas obtidas em cada sub-categoria considerada no bloco "Percepção da Universidade", nas duas aplicações e para os dois cursos em estudo, para os cinco alunos considerados mais pessimistas dos 4 anos de cada curso. (Educ.=curso de Educação de Infância; Bas.=Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo; distrib.=distribuição; rec.desp.=recursos desportivos; localiz.=localização; acont.ac.=acontecimentos académicos; adminis.=administração).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Figura 9) verifica-se que:

- na dimensão "Influência da família", na 2ª aplicação aparece também a influência pela positiva;
- na dimensão "Influência dos professores" o 1º ano, na 1ª aplicação incide numa influência negativa, enquanto que na 2ª aplicação valoriza a influência positiva.

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Figura 10) verifica-se que:

- na dimensão "Influência do ambiente" o 4º ano na 2ª aplicação reforça uma influência positiva em detrimento de uma influência negativa;
- na dimensão "Influência dos colegas" o 1º ano na 2ª aplicação reforça uma influência positiva em termos de "relacionamento" comparativamente com a 1ª aplicação;
- na dimensão "Influência do curso em geral" quer o 2º quer o 3º ano reforçam uma atitude mais positiva na 2ª aplicação.

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Figura 11) verifica-se que:

- na dimensão "Auto-realização" denota-se uma maior valorização de aspectos ligados aos "acontecimentos académicos" e à "prática" na 2ª aplicação;
- na dimensão "Experiências positivas em grupo" na 1ª aplicação o aspecto mais valorizado é ao "nível pessoal" em termos "relacionais", enquanto que na 2ª aplicação o aspecto mais valorizado passa a ser em termos de "acontecimentos académicos";
- na dimensão "Momentos de forte envolvimento" o 4º ano na 2ª aplicação valoriza o "nível curricular" enquanto que na 1ª aplicação tinha referenciado respostas de não existência desses momentos;
- na dimensão "Momentos mais convidativos à acção" enquanto que na 1ª aplicação muitas respostas incidiam na não existência desses momentos, na 2ª aplicação a maioria das respostas incide nos "acontecimentos académicos";
- na dimensão "Formas de maior comprometimento" o 1º ano na 2ª aplicação distribui mais as respostas por vários aspectos do que na 1ª aplicação em que se centrou principalmente no desempenho pessoal; o 2º ano passa a centrar-se mais ao nível do "desempenho" na 2ª aplicação; o 3º ano enquanto que na 1ª aplicação se centrava muito no "relacionamento", na 2ª aplicação distribui mais as suas respostas pelas restantes sub-categorias; o 4º ano na 1ª aplicação valoriza os aspectos relacionais e na 2ª aplicação valoriza os aspectos relativos ao "desempenho" e aos "acontecimentos académicos".

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Figura 12) verifica-se que:

- na dimensão "Percepção global da Universidade" na 1ª aplicação o aspecto mais valorizado foi ao "nível ambiental", enquanto que na 2ª aplicação passou a ser também ao "nível humano";
- na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar", o 3º e o 4º ano na 2ª aplicação valorizam mais os aspectos académicos, nomeadamente a "qualidade de ensino".

10.2.2. Curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo

- Optimismo – 1ª aplicação

Nos quadros 42-46 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das cinco entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo – 1ª aplicação (ver em Anexo G as tabelas referentes a cada ano) .

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 42) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano as respostas incidem preferencialmente na valorização "face aos outros" (6 respostas) seguido da valorização "face a si mesmo", nas sub-categorias "cognições" e "valores" (5 respostas em cada);
- no 2° e 3° ano as respostas incidem essencialmente na valorização "face a si próprio", nas sub-categorias "cognições" (8 e 10) e "valores" (9 e 14 respectivamente);
- no 4° ano as respostas situam-se na sua maioria na sub-categoria "valorização das competências", logo seguida da valorização "face a si próprio" em relação aos "valores" (11 e 9 respectivamente).

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- apenas o 1° ano apresenta uma resposta que se situa mais ao nível do pessimismo defensivo;
- nos 4 anos a maioria das respostas é de carácter optimista e incide na sub-categoria "cognições" (8,10, 6 e 4 respectivamente);
- é de salientar que o 4° ano também valoriza a "valorização das competências" (3 respostas).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 43) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- quer as respostas dadas no 1° ano quer no 4° ano referem que a influência é positiva e é exercida preferencialmente pela família;
- já no 2° ano essa influência é exercida preferencialmente pelos amigos;
- no 3° ano a maioria das respostas incide sobre a "experiência de vida" (3 respostas).

b) na dimensão "Influência da família"
- nos 1°, 3° e 4° anos a influência é positiva e situa-se na sub-categoria "cognições" (4, 3 e 4 respostas);
- no 2° ano a incidência das respostas situa-se na sub-categoria "valorização das competências", com 4 respostas.

Quadro 42: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida" (1-2-4º ano); "sou uma pessoa comunicativa" (1-3º ano); "sou autoritária"; "sou atenciosa" (4º ano)	4	1	1	5
			Valores	"sou uma pessoa solidária" (1-2-3-4º ano); "sou uma pessoa simpática" (1-3-4º ano)	6	1	7	5
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou divertida" (1-3º ano); "sou sonhadora" (2º ano); "sou sensível" (2-4º ano)	5	8	10	1
			Valores	"sou persistente"; "sou sincera"; "sou orgulhosa"; "sou impulsiva" (1º ano); "sou honesta"; "sou frontal" (2-3-4º ano)	5	9	14	9
			Valorização das competências	"sou responsável"; "sou forte" (2º ano); "sou lutadora" (2-4º ano); "sou trabalhadora"; "sou ambiciosa" (4º ano)	---	5	---	11
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"sou uma pessoa realista" (1º ano)	1	---	---	---
		Optimista	Cognições	"ter esperança"; "ter fé" (1º ano); "penso sempre que o dia seguinte ainda vai ser melhor"; "penso sempre no lado bom" (2º ano); "pensar sempre positivo" (1-3-4º ano)	8	10	6	4
			Valorização das competências	"conseguir ultrapassar obstáculos"; "ter coragem para resolver situações"; "aprender com a vida" (1º ano); "consigo sempre dar a volta por cima" (2º ano); "acredito que as coisas vão correr bem"; "acredito que as coisas vão acontecer" (4º ano)	3	1	---	3
			Inato	"sou assim por natureza" (3º ano)	---	---	1	---

Quadro 43: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já é da minha natureza" (2° ano); "penso que ninguém me influenciou"; "os meus pais serem muito pessimistas" (4° ano)	---	1	---	2
		Familiar		"penso que os meus pais me influenciaram muito" (1° ano); "dão-nos confiança e ajudam-nos em tudo" (2° ano); "a minha família é optimista" (3° ano); "a minha mãe influenciou-me muito" (4° ano)	4	2	2	3
		Amigos		"os amigos tiveram influência" (1° ano); "os amigos dão-nos muito apoio" (2° ano)	1	4	---	---
		Experiência de vida		"as nossas vivências ajudam-nos a ser como somos" (1° ano); "à medida que vamos vivendo vamos aprendendo e as coisas boas fazem-nos ficar optimistas" (2° ano); "a vida tem sido uma influência positiva" (3° ano)	1	1	3	---
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou em nada" (3-4° ano)	---	---	2	1
		Pela positiva	Cognições	"ter pensamento positivo" (1° ano); "os meus pais também eram optimistas" (3° ano); "algumas pessoas da família" (4° ano)	4	---	3	4
			Valorização das competências	"aprender a ultrapassar os obstáculos"; "aprender a lutar" (1° ano); "os meus pais é que me ensinaram a ser assim" (2° ano)	2	4	---	---
		Por oposição		"a minha família é realista" (1° ano); "como os meus pais eram muito pessimistas eu tornei-me optimista" (2-4° ano)	1	1	---	1
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram influência" (3° ano)	---	---	1	---
		Pela positiva	Cognições	"transmitiam um pensamento positivo" (1-2-4° ano)	2	2	---	4
			Relacionamento	"mostravam confiança" (2° ano); "eram amigos" (2-3° ano)	---	3	5	---
			Valorização das competências	"ensinaram-me a resolver os problemas" (1° ano); "melhoraram a minha auto-estima" (2° ano); "arriscar e conseguir" (4° ano)	3	5	---	4
		Pela negativa		"os professores criavam uma distância com os alunos" (1° ano); "apenas transmitem conhecimentos" (1°-3° ano); "tinham pouca fé nas minhas capacidades" (4° ano)	2	---	1	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram qualquer influência" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"senti-me mais apoiado" (1° ano); "pensamento positivo" (2° ano); "respeitaram-me"; "aceitaram-me como sou" (4° ano)	2	3	---	4
			Relacionamento	"ver outros pontos de vista"; "dividir experiências de vida" (1° ano); ""apoio"; "carinho"; "respeito" (2-3° ano)	7	9	6	---
			Valorização das competências	"ajudar a construir uma personalidade positiva" (2° ano); "colaboraram na minha boa formação" (3° ano); "ser mais empenhada"; "lutar pelos meus objectivos" (4° ano)	---	2	2	6
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"relação mais próxima" (1° ano); "os professores valorizavam a vida"; "tinham pensamento positivo" (2-3-4° ano)	4	6	2	4
			Relacionamento	"boa relação com os professores" (2° ano)	---	2	---	---
			Valorização das competências	"ser persistente" (1° ano); "valorizei-me e valorizei a vida" (2° ano); "acreditou nas minhas potencialidades" (4° ano)	3	6	---	3
		Pela negativa		"influenciaram negativamente" (3° ano)	---	---	3	---

Quadro 44: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Pela positiva	Cognições	"transmitem uma atitude optimista" (prof .A. Feitosa) (1° ano); "transmitem pensamento positivo" (prof. S.Faria,A.Feitosa, P.Delgado) (2° ano); "têm uma postura optimista" (3-4° ano)	5	2	3	3
			Relacionamento	"respeito"; "ajudam os alunos"; "são disponíveis" (4° ano)	---	---	---	4
			Valorização das competências	"despertam a nossa consciência" (prof. A. Feitosa) (1° ano); "valorizam-nos muito"; "dão-nos auto-confiança" (2° ano)	1	3	---	---
		Pela negativa	Cognições	"transmitem pessimismo" (1-3-4° ano); "deixam-me triste" (2° ano)	1	1	2	1
			Relacionamento	"são distantes" (2° ano)	---	1	---	---
			Valorização das competências	"não acreditam nas nossas potencialidades" (4° ano)	---	---	---	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem qualquer influência" (1-3° ano)	1	---	1	---
		Pela Positiva	Cognições	"sossego"; "calma"; "acolhedor" (1° ano); "positivo" (1-2° ano)	4	5	---	---
			Relacionamento	"as pessoas são muito agradáveis"; "gosto muito da minha turma" (1° ano); "existe uma proximidade na relação prof./aluno" (2-4° ano); "pessoas simpáticas"; "bom clima" (3° ano)	2	1	6	6
			Valorização das competências	"permite obter bons resultados" (2° ano); "têm crença nas nossas potencialidades"; "estimula a nossa auto-confiança" (4° ano)	---	1	---	4
			Logística	"as infra-estruturas da escola são muito agradáveis" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela negativa		"existe uma má gestão e organização em toda a escola" (2° ano); "talvez por ser o último ano, o ambiente não é o melhor, as pessoas estão no seu limite" (4° ano)	---	1	---	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não influenciam em nada" (1-3° ano)	1	---	1	---
		Pela positiva	Cognições	"existe um bom ambiente" (1° ano); "fazem-nos pensar positivo" (2° ano); "sentimento de cumplicidade" (4° ano)	2	4	---	5
			Relacionamento	"existe companheirismo" (1° ano); "ajudam-nos nos trabalhos" (2-4° ano); "existe uma grande união entre nós" (3-4° ano)	2	3	5	4
			Valorização das competências	"ajudam-me a acreditar que somos capazes de fazer as coisas" (1° ano); "valorizam a minha auto-estima" (3° ano); "fazem-me acreditar que posso melhorar o mundo" (4° ano)	1	---	2	2
		Pela negativa		"não tanto como era esperada" (2° ano); "existe uma grande falta de respeito pelos colegas"; "existe ganância" (4° ano)	---	1	---	2
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Cognições	"possibilitar ter a profissão que sempre quis" (1° ano); "é a realização de um sonho" (1-4° ano); "curso que sempre desejei" (2° ano); "gostar muito do curso" (3° ano)	8	4	1	4
			Relacionamento	"estimula a competição ao nível das notas" (2° ano)	---	3	---	---
			Aquisição de competências profissionais	"ser bons profissionais" (2° ano);"acabar o curso para ensinar o que aprendi" (3° ano); "acreditar que é possível fazer coisas boas" (4° ano)	---	2	9	3
			Aspectos curriculares	"o grau de exigência é elevado o que é bom" (3° ano); "valoriza a área da Filosofia e da Picologia" (4° ano)	---	---	1	1

Quadro 45: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível de recursos humanos	Cognições	"os professores são óptimos"; "gosto muito dos meus colegas" (1° ano); "existe respeito e bons colegas" (2° ano)	5	4	---	---
			Relacionamento	"a relação prof./aluno"; "os amigos" (3° ano); "os docentes são excelentes e têm uma relação muito próxima com os alunos"; "o que mais valorizo é a relação com os meus colegas" (4° ano)	---	---	5	6
		Nível de recursos ambientais		"o ambiente é calmo" (1° ano); "ter um bom ambiente" (2° ano); "são excelentes as instalações" (4° ano)	2	1	---	1
		Nível de qualidade de ensino		"temos uma boa preparação pedagógica" (1° ano); "são bons professores"; "são adquiridos bons conhecimentos" (2° ano); "a qualidade da formação dos professores" "ensinar-nos a trabalhar bem com as crianças" (3° ano)	2	5	3	---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tirei 15 numa oral" (1° ano); "ter boas notas" (2-3-4° ano)	1	1	1	1
			Cognições	"tudo na escola me motiva" (1° ano); "a professora num teste deu-me força" (2° ano)	1	1	---	---
		Nível académico	Sala de aula	"na apresentação de um trabalho de grupo na disciplina de história" (1° ano); "peça de teatro" (2-3° ano); "disciplinas muito interessantes" (3° ano); "as disciplinas de Psicologia e de Filosofia" (4° ano)	2	1	5	4
			Prática	"estágio" (2-3° ano)	---	2	2	---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho" (1-2° ano)	1	2	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"empenhamento constante"; "sentir que cada vez sei mais"; "a realização de testes" (1° ano); "início do 1° ano" (2-4° ano); "quando obtenho boas notas"; "quando faço testes" (4° ano)	4	1	---	5
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"simpósio de futebol"; "manifestação a favor do instituto" (3° ano)	---	---	2	---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (1-4° ano); "peça de teatro" (2-3° ano)	1	1	3	2
			Prática	"estágio" (2-3-4° ano)	---	1	2	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive" (2° ano)	---	1	---	---
		Nível pessoal	Relacionamento	"fiz neste ano já grandes amigos"; "bom relacionamento entre a escola e a associação de estudantes" (1° ano); "a relação e o convívio entre colegas"; "a relação com a escola" (3° ano); "cumplicidade"; "inter-ajuda" (4° ano)	4	---	4	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"as praxes" (1-2° ano); "o desfile do caloiro" (1° ano); "enterro do caloiro"; "ida à manifestação" (4° ano)	2	2	---	2
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos de grupo" (1-3° ano); "peça de teatro"; "trabalho de grupo em expressões" (2° ano); "na aula de Filosofia quando a prof. A. Feitosa pediu que nos abraçassemos" (4° ano)	2	3	2	2
			Prática	"entrada em estágio" (3-4° ano)	---	---	1	1

Ligação à Universidade (cont.)	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo" (1° ano); "ainda não aconteceu" (2° ano)	1	1	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas" (3° ano)	---	---	2	---
			Cognições	"o meu empenho é contínuo"; "entrar no curso para ser prof." (1° ano)	4	---	---	---
			Relacionamento	"por arranjar amigos" (3° ano)	---	---	3	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "associação de estudantes" (2° ano); "semana do caloiro"; "manifestação" (3-4° ano)	---	4	5	4
			Competência	"quando o professor tem gosto em dar boas aulas" (2° ano)	---	1	---	---
			Sala de aula	"nas disciplinas de Psicologia e Filosofia" (4° ano)	---	---	---	1
			Prática	"entrada em estágio" (4° ano)	---	---	---	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceram" (1-2-3° ano)	1	4	2	---
		Nível pessoal	Desempenho	"valorização das minhas capacidades" (3° ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"diálogos com os professores"; "diálogos com colegas" (4° ano)	---	---	---	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a tuna" (1° ano); "colaboração com a associação de estudantes" (2° ano); "praxes; "seminários" (3° ano); "os colóquios" (1-4° ano)	4	1	3	1
			Sala de aula	"a matéria que damos é excelente" (1° ano); "algumas aulas eram excelentes"; "nos trabalhos práticos" (4° ano)	3	---	---	3
			Pratica	"entrada em estágio" (4° ano)	---	---	---	1
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso"; "tornar-me numa boa professora" (1-2° ano); "formação mais útil para a profissão" (2° ano); "mostrar bom desempenho" (3° ano)	4	2	2	---
			Cognições	"falar bem da escola"; "ter orgulho da escola" (2° ano); "manter a lembrança da escola" (3° ano); "é para sempre" (4° ano)	---	3	1	1
			Relacionamento	"arranjar grandes amigos" (1° ano); "melhorar o relacionamento entre todos" (2° ano); "mais diálogo entre prof./aluno" (3° ano); "ajudar os outros a ser felizes" (4° ano)	1	1	1	3
			Continuidade	"fazer o mestrado"; "ser docente da escola" (3-4° ano)	---	---	4	2
		Nível académico		"pertencer à associação de estudantes" (1° ano); "mais selecção dos professores" (3° ano); "colaborar em projectos com a escola" (4° ano)	3	---	1	3
		Nível dos recursos logísticos		"fotocópias mais baratas" (2° ano); "melhorar o bar e a reprografia" (3° ano)	---	1	3	---

Quadro 46: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem muitos jardins" (1º ano); "espaços verdes"; "esplanada" (2º ano); "conforto" (3º ano); "os jardins são excelentes" (4º ano)	5	4	2	5
			Distribuição/Grandeza	"via o bom estado da escola"; "via um grande espaço"; "via grandes edifícios" (1º ano);	3	---	---	---
			Logística	"ter bons edifícios" (2º ano); "pista de corridas" (3º ano); "os edifícios tornam o espaço parecer a nossa casa" (4º ano)	---	1	6	1
			Localização	"está bem situada" (1-2º ano); "fica perto do comboio"(2º ano); "tem um bom acesso" (3º ano)	1	3	1	---
			Dinamismo	"uma escola em movimento" (4º ano)	---	---	---	1
		Nível humano		"transmite tranquilidade"; "equilíbrio"; "via pessoas" (1º ano); "professores solidários e competentes a acenar"; "bons funcionários apesar de poucos" (4º ano)	4	---	---	2
		Nível de qualidade de ensino		"bons estágios" (4º ano)	---	---	---	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível do recursos	Logística	"melhores infra-estruturas"; "parque de estacionamento" (1-4º ano); "sítios abrigados da chuva"; "salas de convívio"; "fotocópias mais baratas"; (2º ano); "melhorar o bar, salas de aula e parque de estacionamento" (3º ano); "melhorar a biblioteca" (4º ano)	3	12	5	4
			Humanos	"continuar a ter bons professores"; "melhorar o convívio"; "ter mais alunos"; "prof. E alunos mais activos" (1º ano); "clima de menos rivalidade" (2º ano);"melhores professores" (3º ano); "avaliar e formar os funcionários"; "professores mais dinâmicos"; "selecção dos alunos" (4º ano)	9	1	2	4
		Nível académico	Formação	"disciplinas mais práticas"; "melhorar o currículo" (3º ano); "abertura de mestrado"; "seminários dados por alunos" (4º ano)	---	---	4	3
			Acontecimentos académicos	"melhorar a rádio" (1º ano); "visitas de estudo", "actividades para os alunos" (2º ano); "mais actividades ao nível do instituto" (3º ano); "organizar actividades que implicassem um trabalho de articulação entre turmas"; "promover momentos culturais" (4º ano)	2	2	2	4
		Nível de organização	Avaliação	"as notas serem lançadas dentro dos prazos" (2º ano)	---	1	---	---
			Horários	"melhor gestão e organização dos horários" (2-4ºano)	---	1	---	1

c) na dimensão "Influência dos professores"

- nos 4 anos a maioria das respostas indica que a influência foi positiva; no caso do 1°, 2° e 4° ano passou preferencialmente pela "valorização das competências" (3,5 e 4 respectivamente), seguida das "cognições" (2, 2, e 4);
- o 2° e o 3° ano referem respostas na influência do aspecto "relacionamento" (2, 2 e 4);
- é de salientar que quer o 1° ano quer o 4° ano apresentam 2 respostas cada referindo a existência de uma influência negativa.

d) na dimensão "Influência dos colegas"

- apenas no 1° ano se observa a inexistência dessa influência (1 resposta);
- no 1°, 2° e 3° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva, que passa pelo "relacionamento" (7, 8 e 6 respectivamente);
- no que se refere ao 4° ano a incidência de respostas versa sobre uma influência positiva baseada na "valorização das competências" (6 respostas).

e) na dimensão "Professor como figura de referência"

- no 1° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva, que passa essencialmente pelas "cognições" (4 respostas), logo seguida da "valorização das competências" (3 respostas);
- ainda no 1° ano existe uma resposta que faz referência à inexistência de qualquer influência;
- no 2° ano na sua maioria as respostas incidem na "valorização das competências" e nas "cognições" (6 respostas cada);
- é de salientar que apenas no 2° ano encontramos 2 respostas que valorizam a questão relacional;
- no 3° ano as respostas dividem-se entre a existência de referências negativas assim como positivas (3 e 2);
- no 4° ano a maior incidência das respostas situa-se ao nível das "cognições" e da "valorização das competências" (4 e 3 respectivamente).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optmismo/pessimismo na Universidade – Quadro 44) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- no 1° e 3° ano a maioria das respostas incidem numa influência positiva, passando pelas "cognições" com 5 e 3 respostas;
- nos 4 anos registamos respostas indicando uma influência negativa, no entanto é uma minoria;
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva no âmbito da "valorização das competências" seguido das "cognições" (3 e 2 respectivamente);
- no caso do 4° ano a influência é positiva e incide nas sub-categorias "relacionamento" e "cognições" (4 e 3 respectivamente).

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- no 1° e no 3° ano regista-se uma resposta que indica a não existência de influência;
- no 1° ano e no 2° ano a maioria das respostas incidem numa influência positiva, no âmbito das "cognições" (4 e 5 respectivamente);

- no caso do 3° e do 4° ano a maioria das respostas incide no aspecto "relacional" (6 respostas cada);
- é de salientar que quer o 2° ano quer o 4° ano referem uma resposta cada em relação a uma influência negativa.

c) na dimensão "Influência dos colegas"
- no 1° e no 3° ano há uma resposta em cada que nega a existência de influência;
- ainda no 1° ano as respostas incidem numa influência positiva no âmbito do "relacionamento" e das "cognições" (ambas com 2 respostas);
- no 2° ano e no 4° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva passando pelas "cognições" (4 e 5 respectivamente); seguido do aspecto relacional no caso do 4° ano com 4 respostas;
- no 3° ano a maioria das respostas incide sobre uma influência positiva ao nível do "relacionamento" com 5 respostas;
- é de salientar que no 2° ano e no 4° ano encontramos respostas que referem uma influência negativa (1 e 2 respectivamente).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"
- no caso do 1° ano a influência é positiva e incide preferencialmente nas "cognições" com 5 respostas;
- no caso do 2° ano e do 4° ano as respostas incidem também preferencialmente nas "cognições" (4 respostas cada), seguida do "relacionamento" (3 respostas) no caso do 2° ano, e da aquisição de competências profissionais no caso do 3° e 4° ano (9 e 3).

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 45) verifica-se que:

a) na dimensão "Aspectos valorizados"
- quer no 1° ano, quer no 2° ano, encontramos respostas que indicam uma valorização ao nível dos recursos humanos, nomeadamente ao nível das "cognições" (5 e 4 respectivamente);
- o 2° ano valoriza também a "qualidade de ensino" com 5 respostas;
- no caso do 3° e 4° ano a maioria das respostas incidem também preferencialmente nos recursos humanos, na área do "relacionamento" (5 e 6 respectivamente).

b) na dimensão "auto-avaliação"
- no 1° ano temos 1 resposta que indica que ainda não existiu; seguido do "nível académico" no âmbito da "sala de aula" com 2 respostas;
- no caso do 2° ano a incidência das respostas situa-se no "nível académico" no âmbito da "prática" (2 respostas);
- no 3° e 4° ano a incidência centra-se no âmbito da "sala de aula" (5 e 4 respostas).

c) na dimensão "Laços com a Universidade"
- no 1° e 4° ano a incidência das respostas é ao "nível pessoal" no âmbito do "desempenho" (4 e 5 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas referem a não existência de laços até agora;

- no 3º ano a maioria das respostas incide a "nível académico" em termos de "sala de aula" e da "prática" (3 e 2).

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"
- apenas o 2º ano refere que ainda não teve experiências positivas;
- no 1º e no 3º ano o aspecto mais valorizado é ao "nível pessoal", nomeadamente no "relacionamento" (4 respostas cada);
- no caso do 2º ano o aspecto mais valorizado são as experiências na "sala de aula" com 3 respostas;
- no 4º ano os aspectos mais valorizados são ao "nível pessoal" o "relacionamento", e ao "nível académico" os "acontecimentos académicos" e os acontecimentos na "sala de aula" (2 respostas cada).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"
- no caso do 1º ano a maioria das respostas incide ao "nível pessoal" na área das "cognições" com 4 respostas;
- no caso do 2º, 3º e 4º anos a maioria das respostas incide nos "acontecimentos académicos" (4, 5 e 4 respectivamente).

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- no caso do 1º ano a maioria das respostas incide nos "acontecimentos académicos", seguido dos acontecimentos na "sala de aula" (4 e 3 respectivamente);
- no 2º ano a maioria das respostas incide na não existência ainda desse tipo de momentos;
- no 3º e 4º ano a maioria das respostas incide ao "nível académico" nos acontecimentos na "sala de aula", seguido dos aspectos relacionais (3 e 2 respectivamente) para o 4º ano e dos "acontecimentos académicos" para o 3º ano com 3 respostas.

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"
- no 1º ano a maioria das respostas incide a "nível pessoal", na sub-categoria "desempenho", seguido do "nível académico" (4 e 3 respectivamente);
- no caso do 2º ano a maioria das respostas incide no "nível pessoal", na valorização das "cognições", seguido do "desempenho" (3 e 2 respostas respectivamente);
- no 3º ano as respostas incidem a "nível pessoal" em termos de continuidade dos estudos, logo seguida dos recursos logísticos (4 e 3);
- no caso do 4º ano as respostas distribuem-se no "nível pessoal", no que concerne ao aspecto relacional e no "nível académico", na elaboração de novos "projectos" (3 respostas cada).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 46) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- no 1º, 2º e 4º ano o aspecto mais valorizado é o "nível ambiental", nomeadamente no que se refere ao "espaço exterior" existente (5,4 e 5 respostas respectivamente);

- no caso do 1° ano também é valorizado o "nível humano" (4 respostas), enquanto que no 2° ano é valorizada a "logística" (3 respostas);
- o 3° ano valoriza preferencialmente o "nível ambiental" em termos da "logística" (6 respostas).

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"
- no 1° ano as respostas incidem preferencialmente os recursos humanos com 6 respostas;
- no caso do 2° ano o aspecto mais referido são os recursos logísticos com 12 respostas;
- no 3° ano os aspectos mais referidos são a "logística" e a "formação" (5 e 4 respostas);
- no caso do 4° ano os aspectos referidos distribuem-se pelos recursos humanos, os "acontecimentos académicos" e a "logística" (4 respostas cada).

Em síntese temos:
➢ Os alunos valorizam na sua relação com os outros os valores, enquanto que na relação consigo mesmo salientam também as crenças e as suas competências;
➢ Os alunos consideram-se bastante optimistas;
➢ A influência passa essencialmente pela família;
➢ A influência dos professores antes e depois da entrada na Universidade aparece como mais positiva, assim como a influência dos colegas;
➢ O ambiente é focado como sendo positivo principalmente ao nível do relacionamento, assim como a influência do curso, onde valorizam as preocupações ligadas à aquisição de competências profissionais;
➢ O relacionamento é o aspecto mais valorizado;
➢ A prática e os acontecimentos em sala-de-aula aparecem como momentos de auto-realização;
➢ O desempenho continua a ser muito valorizado assim como, os acontecimentos académicos;
➢ O espaço mais valorizado na escola é o espaço exterior, e os aspectos a melhorar prendem-se com questões logísticas e de relacionamento.

- Optimismo – 2ª aplicação

Nos quadros 47-51 são apresentados os resultados relativos à análise de conteúdo das cinco entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo – 2° aplicação (ver em Anexo G as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 47) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano os resultados incidem na "valorização face aos outros", na sub-categoria "imagem" e na valorização "face a si próprio" no aspecto ligado às "cognições" (5 e 6 respectivamente);
- no 2° e 4° anos as respostas incidem na valorização "face a si próprio", quer nas "cognições" (8 respostas cada) quer nos "valores" (7 e 9 respectivamente);

- no 3° ano as respostas incidem na valorização "face a si próprio" em termos dos "valores" e das "cognições" (8 e 6) seguido da valorização "face aos outros" em termos de "valores" (6 respostas);
- o 4° ano assinala ainda a "valorização das competências" com 8 respostas.

b) na dimensão "auto-avaliação"
- nos 4 anos a perspectiva é optimista e relaciona-se com as "cognições" (4, 4, 6 e 7 respectivamente);
- é de salientar que no caso do 2° ano temos uma resposta que incide numa posição "defensiva".

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 48) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de Influência"
- os 4 anos, na sua maioria dão respostas que incidem numa influência positiva por parte da família (4,3, 3 e 3 respectivamente);
- no 2° ano as respostas também valorizam a influência dos amigos (3 respostas;
- é de salientar o facto de que no 4° ano existe uma resposta que aponta a influência da família como negativa, utilizando uma postura de "defesa";
- no 3° ano as respostas também valorizam a "experiência de vida" (3 respostas).

b) na dimensão "Influência da família"
- nos 4 anos a incidência das respostas centra-se numa perspectiva optimista (7, 5, 5 e 6 respectivamente);
- no entanto no 2° e no 4° ano temos 3 respostas que incidem na não existência de influência familiar (1 e 2 respostas).

c) na dimensão "Influência dos professores"
- apenas no 1° ano temos uma resposta que refere a inexistência de qualquer tipo de influência;
- no caso do 1° e do 2° ano as respostas incidem numa influência positiva, valorizando o aspecto relacional (6 e 8 respectivamente);
- no 3° e 4° ano a "valorização das competências" é a sub-categoria mais valorizada com 4 e 5 respostas respectivamente.

d) na dimensão "Influência dos colegas"
- no caso do 1° e do 3° ano temos uma resposta em cada que remete para a não existência deste tipo de influência;
- no 1°, no 2° e no 3° ano temos 3, 8 e 4 respostas respectivamente, que incidem numa influência positiva, na base do "relacionamento";
- no 4° ano a incidência verifica-se na "valorização das competências", com 7 respostas;
- é de salientar o facto de no 1° e 3° ano termos uma resposta em cada que incide numa posição defensiva de "oposição".

Quadro 47: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática" (1°-2°-4° ano); "sou brincalhona" (1° ano); "sou extrovertida" (2°-3°-4° ano)	5	2	3	2
			Valores	"sou solidária" (1°-2°-4 ano); "sou tolerante" (3°-4° ano)	1	2	6	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre" (1° ano); "sou sonhadora"; "sou apaixonada" (2° ano); "sou sensível" (2°-4° ano); "calma"; "racional" (3° ano); "meiga" (4° ano)	6	8	6	8
			Valores	"sou honesta" (1°-2°-3°-4° ano)	3	7	8	9
			Valorização das competências	"sou perfeccionista" (2-3° ano); "sou empenhada"; "lutadora"; "persistente" (4° ano)	---	1	2	8
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"a experiência da vida foi má, por isso tentei não me deixar ir abaixo sendo optimista" (2° ano)	---	1	---	---
		Optimista	Cognições	"tento ver o lado positivo"; "tento perspectivar o melhor" (1° ano); "acredito que tudo vai correr bem"; "depois de uma coisa má, vem sempre uma coisa boa" (2° ano); "penso sempre que as coisas me correm bem" (3° ano); "penso sempre positivo"; "a seguir vêm sempre coisas boas" (4° ano)	4	4	6	7
			Valorização das competências	"tudo o que faço acaba bem"; "consigo concretizar os meus objectivos" (1° ano); "encaro a vida de frente"; "aprendo sempre com tudo o que vivo" (2° ano); "luto por aquilo que quero"; "acredito nos meus sonhos" (4° ano)	3	3	---	4

Quadro 48: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais são optimistas" (1°-4° ano); "a minha família é que me influenciou" (2° ano); "a minha família é optimista" (3° ano); "os meus pais eram pessimistas, por isso fiquei optimista" (4° ano)	4	3	3	4
		Amigos		"os meus amigos ajudaram-me a ver as coisas pelo lado positivo" (1° ano); "os amigos foram muito importantes para mim" (2° ano); "os meus amigos ajudaram-me muito a ser assim" (3° ano)	1	3	1	---
		Experiência de vida		"foi a vida que me levou a ser positiva" (3° ano); "foi o que tenho vivido que me fez ser assim" (4° ano)	---	---	3	1
	Influência da família	Inexistente		"não me influenciou em nada" (2° ano); "nenhuma" (4° ano)	---	1	---	2
		Pela positiva		"os meus pais sempre me influenciaram pela positiva" (1-2° ano); "deram-me uma visão optimista" (3° ano); "os meus pais influenciaram-me ensinando-me a ser positivo" (4° ano)	7	5	5	6
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"influenciaram-me positivamente" (2° ano); "marcaram a minha personalidade pela positiva"; "estimularam-me" (4° ano)	---	4	---	3
			Relacionamento	"ajudaram-me a desenvolver" (1° ano); "são um modelo"; "não deixam ir abaixo" (2° ano); "incentivaram e ajudaram" (3° ano)	6	8	1	---
			Valorização das competências	"acreditavam nas minhas capacidades" (1° ano); "tornaram-me mais forte e confiante" (3° ano); "fizeram-me acreditar nas minhas capacidades"; "fiquei a saber fazer opções" (4° ano)	1	---	4	5
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me consigo lembrar" (1° ano); "não tiveram" (3° ano)	1	---	1	---
		Pela positiva	Relacionamento	"partilhamos experiências"; "ajudaram-me a construir-me como pessoa" (1° ano); "dão-nos apoio"; "dão-nos respeito" (2° ano); "ajudaram-me em todas as situações" (3° ano); "partilha dos mesmos objectivos"; "espirito de união" (4° ano)	3	8	4	4
			Valorização das competências	"aprendi a ajustar o meu comportamento" (2° ano); "tornaram-me uma pessoa mais segura" (4° ano)	---	4	---	7
		Pela negativa		"sempre tive colegas pessimistas" (1° ano); "tive muitos amigos interesseiros" (3° ano)	1	---	1	---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não me lembro" (1° ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"fez-me acreditar no sonho" (2° ano); "tinham uma atitude positiva" (3° ano); "o ambiente era saudável" (4° ano)	---	1	4	5
			Valorização das competências	"tive uma professora que acreditava em nós" (1° ano); "incentivavam" (2° ano); "acreditou nas minhas potencialidades" (4° ano)	4	10	---	3
		Pela negativa		"deitavam-nos abaixo" (3° ano)	---	---	1	---

Quadro 49: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram influência" (3° ano)	---	---	1	---
		Pela positiva	Cognições	"ajudam a pensarmos pela positiva"; "as aulas de filosofia com a Prof. A. Feitosa são muito optimistas" (1° ano); "motivam os alunos"; "investem na relação humana" (2° ano); "postura positiva" (3° ano); "despertam a minha atitude positiva" (4° ano)	5	3	3	6
			Qualidade de ensino	"são bons a dar ateliers práticos" (1° ano); "dão excelentes aulas"; "preparam-nos bem" (2-4° ano); "dão-nos conhecimentos que nos permitem encarar o futuro de uma forma positiva" (3° ano)	3	3	1	1
		Pela negativa		"influenciaram-me negativamente" (3° ano); "não valorizam as nossas capacidades"; "não incentivam" (4° ano)	---	---	1	2
	Influência do ambiente	Pela positiva	Cognição	"é agradável"; "promove o optimismo" (2° ano)	---	6	---	---
			Relacionamento	"bom clima entre professores e alunos" (1° ano); "a relação entre os alunos é de entre-ajuda" (3° ano); "os professores são dinâmicos"; "tornei-me uma pessoa mais activa" (4° ano)	3	---	2	5
			Actividades	"promoção para a ecologia"; "fala-se de reciclagem" (1° ano)	2	---	---	---
		Pela negativa	Desempenho	"as notas são baixas" (3° ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"existe pouca interacção entre alunos" (3° ano); "é muito competitivo"; "as pessoas estão no seu limite" (4° ano)	---	---	2	3
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram influência" (3° ano)	---	---	2	---
		Pela positiva	Relacionamento	"existe partilha de sentimentos"; "ajudamo-nos uns aos outros" (1° ano); "temos uma boa relação"; "são bons colegas" (2° ano); "dão-me um grande apoio" (3° ano); "somos muito unidos"; "somos respeitados" (4° ano)	9	8	2	5
			Valorização das competências	"servem-me de modelo e estimulam as minhas capacidades" (2° ano); "lutamos pelo que queremos" (4° ano)	---	3	---	8
		Pela negativa		"existe muita competitividade" (3° ano)	---	---	2	---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Desempenho	"possibilita-me a transmissão de valores a novas gerações" (3° ano); "acredito que vou ser um bom profissional" (4° ano)	---	---	2	2
			Cognições	"estou no curso que sempre sonhei" (1-2-4° ano); "faço o que gosto" (1° ano); "possibilitar-me exercer o que gosto" (3° ano)	5	4	3	4
			Valorização das competências	"acredito nas minhas potencialidades"; "faz-me alcançar os meus objectivos" (4° ano)	---	---	---	5
			Aquisição de competências profissionais	"preparação para trabalharmos com as crianças" (1° ano); "educar para o optimismo" (2° ano); "dá-me boas perspectivas futuras" (3° ano)	2	4	2	---
			Aspectos curriculares	"os ateliers práticos são excelentes" (1° ano); "o estágio deu-me vontade de trabalhar" (3° ano)	1	---	1	---

Quadro 50: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"bom relacionamento prof./aluno" (1-4° ano); "bom relacionamento entre colegas" (1° ano); "a atitude dos alunos é positiva" (2° ano); "abertura da direcção" (3° ano)	2	11	2	6
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior	"o jardim é excelente" (3° ano)	---	---	2	---
			Logística	"a biblioteca"; "o espaço da escola" (1° ano); "ter boas condições" (3° ano); "as instalações são óptimas" (4° ano)	2	---	1	1
		Nível da qualidade de ensino		"aquisição de novos conhecimentos" (1° ano); "as aulas práticas são fundamentais" (2° ano) "a formação dada é excelente"; "o corpo docente é muito bom" (3° ano); "o estágio" (4° ano)	1	1	4	2
		Nível dos acontecimentos académicos		"as festas" (1° ano)	1	---		---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"o ter conseguido entrar" (1° ano); "obter bons resultados" (1-2-4° ano); "ao longo do curso para atingir os meus objectivos" (3° ano)	2	1	1	1
			Cognições	"é o curso que sempre sonhei" (4° ano)	---	---	---	1
			Relacionamento	"no 1° ano quando conheci novos amigos" (3° ano); "a união da turma é excelente" (2° ano)	---	1	2	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (1° ano); "simpósio de futebol" (3° ano); "apresentação à escola de um trabalho na aula Magna" (4° ano)	1	---	1	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (1°-2-3° ano); "peça de teatro" (2° ano); "trabalho na disciplina de expressões" (4° ano)	4	5	1	1
			Prática	"o estágio" (3°-4° ano)	---	---	3	3
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tive" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso" (1° ano); "ter bons resultados" (4° ano)	5	---	---	1
			Cognições	"desde que entrei para a escola" (1-3-4° ano)	1	---	2	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"simpósio de futebol"; "exposições" (3° ano); "manifestação em Lisboa" (4° ano)	---	---	2	1
			Sala de aula	"peça de teatro" (2° ano); "trabalhos de grupo" (3° ano)	---	1	2	---
			Prática	"estágio" (2°-3°-4° ano)	---	4	1	1
	Experiências positivas em grupo	Nível pessoal	Desempenho	"obter uma boa nota" (2° ano); "ser uma boa delegada de turma" (3° ano); "valorização do trabalho pelos prof. e colegas" (4° ano)	---	1	1	2
			Relacionamento	"ligação aos amigos" (3° ano); "abraçar o colega do lado" (4° ano)	---	---	1	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (1° ano); "manifestação em Lisboa" (4° ano)	1	---	---	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (1°-2°-3°-4° ano); "ateliers práticos" (1° ano); "teatro" (2° ano)	6	2	2	1
			Prática	"estágio" (2° ano); "visitas de estudo" (3° ano)	---	3	1	---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (2° ano)	---	1	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"desde que entrei no curso que queria" (1°-4° ano); "quando tenho boas notas" (3° ano)	3	---	1	3

Ligação à Universidade (cont.)			Relacionamento	"quando ajudo os colegas" (1° ano); "quando os prof. me pedem ajuda para resolver problemas" (3° ano)	1	---	1	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "utilizar a Associação de Estudantes" (2° ano); "a semana académica"; "a manifestação em Lisboa" (3°-4° ano)	---	3	2	2
			Sala de aula	"quando construímos jogos numa disciplina de história" (1° ano); "trabalhos de grupo" (2° ano); "os trabalhos e exposições na disciplina plástica" (3° ano); "em algumas disciplinas" (4° ano)	1	2	1	1
			Prática	"estágio" (2°-3°-4° ano)	---	2	1	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive" (2-3° ano)	---	2	1	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando sinto que aprendi" (4° ano)	---	---	---	1
			Cognições	"quando me senti valorizada" (4° ano)	---	---	---	1
			Relacionamento	"o contacto com os professores" (1° ano); "a atitude das pessoas" (3° ano); "troca de opiniões e pontos de vista nas aulas" (4° ano)	4	---	1	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"pertencer à tuna" (1° ano); "festas"; "participar nas tarefas académicas" (2° ano); "recepção do caloiro"; "seminários" (3° ano); "quando abriu o Centro de Apoio Ana Indução" (4° ano)	2	2	3	1
			Sala de aula	"boa leccionação das disciplinas"; "construção de projectos" (1° ano); "trabalhos de grupo" (2° ano); "os ateliers práticos" (3° ano)	3	1	1	---
			Prática	"estágios" (2°-4° ano)	---	1	---	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"reconhecimento do meu trabalho" (1° ano)	4	---	---	---
			Cognições	"falar bem da escola"; "ter orgulho na escola" (2° ano); "continuar a respeitar a instituição" (3° ano)	---	2	1	---
			Relacionamento	"maior convívio entre as turmas" (2° ano)	---	1	---	---
			Continuidade	"poder continuar a visitar a escola e os professores" (1° ano), "ser professor nesta escola" (3°-4° ano)	2	---	2	2
		Nível académico		"concretizar projectos" (1-3° ano); "acções de formação"; "aulas mais práticas" (2° ano); "mais tempo em estágio" (3° ano); "dinamizar um projecto que contribuísse para educar para o optimismo"; "poder continuar a minha formação" (4° ano)	3	3	5	4
		Recursos logísticos		"fotocópias mais baratas" (2° ano)	---	1	---	---

Quadro 51: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins" (1° ano); "espaços verdes"; "esplanada" (2-3° ano); "os jardins são lindos"; "o ambiente é agradável" (4° ano)	5	5	5	5
			Distribuição/Grandeza	"a grandeza do espaço" (1° ano); "harmonia do espaço" (3° ano); "a disposição dos edifícios é acolhedora" (4° ano)	2	---	1	2
			Logística	"campos de jogos" (3° ano)	---	---	1	---
			Localização	"ter bons acessos" (3° ano)	---	---	2	---
			Dinamismo	"veria uma escola em movimento" (4° ano)	---	---	---	2
		Nível humano		"simpatia dos alunos, prof. e funcionários" (2-4° ano); "os professores a acenar" (4° ano)	---	1	---	2
		Nível da qualidade de ensino		"a qualidade dos professores" (4° ano)	---	---	---	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"reprografia"; "melhor comida"; "mais higiene nas casas de banho" (1° ano); "sítios cobertos"; "parque de estacionamento"; "melhor biblioteca" (2° ano); "melhor refeitório"; "mais material para os alunos" (3-4° ano); "um ginásio" (3° ano); "melhorar a rádio da escola" (4° ano)	10	10	10	3
			Humanos	"melhor convívio entre os alunos" (1-3° ano); "maior simpatia por parte dos funcionários" (1° ano); "melhor interacção com a direcção" (3° ano)	3	---	3	---
		Nível académico	Formação	"mais aulas práticas" ;"abrir mais cursos" (2° ano); "melhorar o ensino" (3° ano); "seleccionar a entrada dos alunos nos cursos" "professores mais dinâmicos"; "abertura de mestrados"; "centro de formação contínua" (4° ano)	---	2	1	4
			Acontecimentos académicos	"melhor organização dos eventos"; "maior participação dos professores nos eventos" (1° ano); "mais iniciativa da Associação de Estudantes"; "mais actividades extra-curriculares" (2° ano); "maior divulgação dos eventos" (3° ano); "mais espírito académico"; "mais seminários"; (4° ano)	4	2	1	7
		Nível da organização	Turmas	"fazer turmas mais pequenas" (4° ano)	---	---	---	1
			Horários	"melhorar os horários" (2°-3° ano)	---	1	1	---
			Qualidade dos serviços	"avaliar o desempenho dos funcionários" (4° ano)	---	---	---	2
			Ambiente	"recipientes para reciclagem"; "música ambiente" (1° ano)	2	---	---	---

e) na dimensão "Professor como figura de referência"

- no caso do 1° ano temos uma resposta que refere a inexistência de qualquer figura, seguido duma influência positiva que passa pela "valorização das competências" com 4 respostas;
- no 2° ano as respostas incidem na "valorização das competências" (10 respostas);
- quer no 3° quer no 4° ano, valoriza-se o aspecto das "cognições" com 4 e 5 respostas respectivamente.

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 49) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"

- apenas o 3° e 4° ano indicam respostas que apontam para numa influência negativa (1 e 2);
- no entanto, nos 4 anos a maior incidência das respostas indica que a influência é positiva e passa preferencialmente pelas "cognições" (5, 3, 3 e 6 respectivamente);
- no 1° e 2° ano encontramos também 3 respostas na "qualidade de ensino".

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- no 1°, 3° e 4° anos a incidência de respostas situa-se numa influência positiva ao nível do "relacionamento" (3, 2 e 5 respectivamente);
- no 1° ano surge em segundo lugar a valorização de actividades com 2 respostas;
- no 2° ano as respostas incidem exclusivamente numa influência positiva ao nível das "cognições" com 6 respostas;
- é de salientar que no 3° e 4° ano encontramos respostas que indicam a influência do ambiente como sendo negativa em termos relacionais (2 e 3).

c) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1°, 2° e 3° ano as respostas incidem preferencialmente numa perspectiva positiva que passa pelo "relacionamento" (9, 8 e 2 respectivamente);
- no caso do 4° ano a maior incidência de respostas situa-se ao nível da "valorização das competências" com 8 respostas;
- é de salientar no 3° ano o facto de aparecerem 2 respostas que apontam para a existência de uma influência negativa.

d) na dimensão "Influência do curso em geral"

- nos 4 anos a incidência das respostas refere que a influência é positiva e passa essencialmente pelas "cognições" (5, 4, 3 e 4 respectivamente);
- no 2° ano observa-se também uma valorização dos aspectos ligados à aquisição de competências profissionais com 4 respostas, enquanto que no 4° ano é salientada a "valorização das competências" com 5 respostas.

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 50) verifica-se que:

a) na dimensão "Aspectos valorizados"

- no 1° ano as respostas encontram-se distribuídas igualmente ao nível dos recursos humanos e ambientais (2 respostas em cada);

- no 2° e no 4° ano as respostas incidem apenas nos recursos humanos (11 e 6 respectivamente);
- no 3° ano as respostas incidem na "qualidade de ensino" com 4 respostas.

b) na dimensão "Auto-realização"
- no 1° e no 2° ano a incidência das respostas situa-se ao "nível académico" no âmbito da "sala de aula" (4 e 5 respectivamente);
- o 3° e 4° ano valorizam o "nível académico", nomeadamente a "prática" com 3 respostas cada.

c) na dimensão "Laços com a Universidade"
- no 1° ano existe uma resposta que refere a não existência de laços até agora; seguido do "nível pessoal", no âmbito do "desempenho" com 5 respostas;
- no 2° ano a incidência das respostas situa-se ao "nível académico" no âmbito da "prática" com 4 respostas;
- no 3° e 4° ano as respostas incidem ao "nível pessoal" no âmbito das "cognições" com 2 respostas cada; no entanto o 3° ano também valoriza os "acontecimentos académicos" e os acontecimentos na "sala de aula" (2 em cada).

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"
- o 1° ano valoriza preferencialmente o "nível académico" na âmbito da "sala de aula" com 6 respostas;
- no caso do 2° e 3° ano as respostas distribuem-se ao "nível académico" no âmbito da "prática" (3 e 1) e no âmbito da "sala de aula" (2 e 2 respostas respectivamente);
- no 4° ano as respostas incidem preferencialmente ao "nível pessoal" em termos do "desempenho" e dos "acontecimentos académicos" (3 e 2 respectivamente).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"
- apenas o 2° ano dá uma resposta que incide na não existência ainda desses momentos;
- no caso do 1° e 4° anos as respostas incidem no "nível pessoal", no âmbito do "desempenho" (3 em cada);
- no caso do 2° e 3° ano as respostas incidem nos "acontecimentos académicos" com 3 e 2 respostas.

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- no 1° ano os aspectos mais valorizados situam-se a "nível pessoal" no que diz respeito à "relação", seguido do "nível académico" no âmbito da "sala de aula" (4 e 3 respectivamente);
- no caso do 2° e 3° ano a incidência das respostas situa-se na não existência desses momentos (2 e 1), seguido da valorização dos "acontecimentos académicos" (2 e 3 respostas);
- no caso do 4° ano as respostas incidem preferencialmente ao "nível pessoal" no âmbito relacional com 4 respostas.

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"
- no 1° ano existe uma resposta que refere a não existência desse comprometimento;

- ainda no 1° ano as respostas incidem a "nível pessoal" no que respeita ao "desempenho" e a "nível académico" no âmbito da participação (4 e 3 respectivamente);
- no 2° ano as respostas incidem no "nível académico" e a "nível pessoal" no âmbito das "cognições" (3 e 2 respectivamente);
- no 3° e 4° ano a maioria das respostas incide a "nível académico" com 5 e 4 respostas cada.

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 51) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- nos 4 anos a incidência de respostas situa-se ao "nível ambiental", nomeadamente no que diz respeito ao "espaço exterior" (5 respostas cada);
- é de salientar que apenas no 4° ano encontramos respostas que valorizam os aspectos ligados à "qualidade de ensino" e "dinamismo" (1 e 2 respectivamente).

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"
- no 1°, 2° e 3° anos as respostas incidem preferencialmente sobre os "recursos", nomeadamente ao nível da melhoria dos aspectos logísticos (8, 8 e 7 respostas);
- no caso do 4° ano a maioria das respostas incidem nos "acontecimentos académicos" no sentido de promover novas actividades, com 7 respostas.

Em jeito de conclusão:
➢ Os alunos têm uma auto-avaliação positiva e valorizam os valores e as crenças que fazem de si mesmo;
➢ A maior influência é a familiar;
➢ A influência dos professores é positive e passa preferencialmente pela relação e valorização das competências, assim como a influência dos colegas;
➢ A influência do ambiente passa pelas sensações agradáveis que transmite e pelo relacionamento;
➢ A influência do curso centra-se no sentir, no vivenciar sentimentos e na aquisição de competências profissionais;
➢ Os aspectos mais valorizados são o relacionamento professor/aluno;
➢ A auto-realização passa preferencialmente pela prática e por acontecimentos passados em sala-de-aula;
➢ O compromisso com a Universidade passa pela melhoria e continuidade da formação;
➢ O aspecto mais valorizado em termos ambientais é o espaço exterio,r e os aspectos a melhorar são maioritariamente de ordem logística.

• Comparação entre os resultados obtidos na 1ª aplicação e na 2ª aplicação no que respeita ao optimismo no curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo (ver Figuras 3-7)

No que respeita à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Figura 3) verifica-se que:
- na dimensão "Percepção de si mesmo" o 4° ano teve um aumento relativamente ao número de respostas em relação à categoria "face a si próprio", no que concerne às "cognições" (1 para 8).

No que concerne à segunda questão (Processos de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Figura 4) verifica-se que:

- na dimensão "Influência da família" a 2ª aplicação indica uma influência positiva, ao contrário da 1ª aplicação;
- na dimensão "Influência dos professores" verifica-se a mesma situação;
- na dimensão "Professor como figura de referência" na 1ª aplicação os 4 anos valorizaram mais as "cognições", enquanto que na 2ª aplicação passam a valorizar também a "valorização das competências".

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Figura 5) verifica-se que:

- na dimensão "Influência dos professores" enquanto que na 1ª aplicação os 3 anos valorizaram mais os "sentimentos", na 2ª aplicação valorizaram mais os aspectos relacionais;
- na dimensão "Influência do ambiente" acontece o mesmo que na situação acima referida;
- na dimensão "Influência dos colegas" na 2ª aplicação as respostas não referem nenhuma influência negativa; além disso, o "relacionamento" e a "valorização das competências" são mais valorizados na 2ª aplicação do que na 1ª aplicação, na qual tinha sido preferencialmente valorizado as "cognições".

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Figura 6) verifica-se que:

- na dimensão "Laços coma Universidade", no 2º ano na 2ª aplicação há uma maior valorização da "prática"; e no 4º ano na 2ª aplicação denota-se um aumento de respostas na sub-categoria "desempenho";
- na dimensão "Experiências positivas em grupo", no 1º ano passa a existir uma maior concentração de respostas no que concerne a actividades de "sala de aula", enquanto que na 1ª aplicação o aspecto mais valorizado era o relacional;
- na dimensão "Momentos mais convidativos à acção", na 2ª aplicação deixam de existir quase por completo respostas que indicassem a não existência desses momentos; o 1º e o 4º ano passam a valorizar também o "relacionamento" na 2ª aplicação; o 2º ano passa a valorizar os "acontecimentos académicos".

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Figura 7) verifica-se que:

- enquanto que na 1ª aplicação apenas o 2º ano referenciava a melhoria de aspectos logísticos, na 2ª aplicação verifica-se que as respostas do 1º, 2º e 3º anos incidem também nessa sub-categoria; no 4º ano verifica-se um aumento de respostas ao nível dos "acontecimentos académicos" na 2ª aplicação.

- Pessimismo - 1ª aplicação

Nos quadros 52-56 são apresentados os resultados da análise de conteúdo das cinco entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° ano do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo – 1ª aplicação (ver em Anexo G as tabelas referentes a cada ano)

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 52) verifica-se que:

a) no dimensão "Percepção de si mesmo"
- nos 4 anos a incidência das respostas recai sobre a valorização "face a si próprio" em relação aos "valores" (6, 6, 10 e 11 respectivamente);
- no 1° e no 4° ano encontramos também um grande número de respostas na "valorização de si próprio", mas em relação às "cognições" (5 e 12 respectivamente);
- no 1° ano ainda se observam 5 respostas na valorização "face ao outro", em relação à "imagem".

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- no 1° ano a maioria das respostas incide numa auto-avaliação pessimista ao nível das "cognições" (4 respostas);
- é no entanto de salientar que nos 4 anos encontramos respostas que indicam a existência de uma atitude de defesa (pessimismo defensivo) (1, 1, 2 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa avaliação pessimista ao nível da "desvalorização das competências" (3 respostas);
- no 3° e 4° ano a maioria das respostas incide numa auto-avaliação pessimista distribuída pelas sub-categorias "cognições" (2 em cada) e "desvalorização das competências" (1 e 2).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 53) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- no 1° ano a incidência das respostas verifica-se ao nível familiar (4 repostas);
- no 2° ano a maioria das respostas recai na "experiência de vida" (3 respostas);
- no 3° e 4° ano as respostas distribuem-se igualmente pela influência da família e pela "experiência de vida" (2 em cada).

b) na dimensão "Influência da família"
- nos 4 anos a maioria das respostas indica uma influência negativa (5, 3, 5 e 2 respectivamente);
- no 2° ano também se registam 2 respostas que referem não existir influência;
- no 4° ano verificam-se 2 respostas que referem uma atitude de oposição em relação à influência familiar.

c) na dimensão "Influência dos professores"
- no 1° ano as respostas distribuem-se por uma influência negativa ao nível da "desvalorização das competências" (3 respostas) e positiva ao nível das "cognições" e da "desvalorização das competências" (3 e 2 respostas);

- no 2° ano a maioria das respostas indica uma influência positiva assente na "valorização das competências" (5 respostas);
- no 3° ano as respostas dividem-se pela existência de uma influência negativa em termos de "desvalorização das competências" e positiva em termos da "valorização das competências" (4 e 3);
- no 4° ano a maioria das respostas indica a não existência deste tipo de influência.

d) na dimensão "Influência dos colegas"
- no 1° ano a maioria das respostas incide numa influência negativa quer a nível do "relacionamento", quer ao nível das "cognições" (5 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas indica uma influência positiva quer ao nível do "relacionamento" quer das "cognições" (6 e 5 respectivamente);
- no 3° ano as respostas indicam uma influência positiva em termos do "relacionamento" com 7 respostas;
- no 4° ano as respostas incidem sobretudo na influência negativa, quer ao nível do "relacionamento" quer das "cognições" (2 e 1 respectivamente).

e) na dimensão "Professor como figura de referência"
- no 1° ano a maioria das respostas incide quer na não existência de figuras, quer numa influência pela negativa ao nível das "cognições" e ao nível relacional (2 em cada um);
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva distribuída em termos de "relacionamento", "valorização da competências" e "cognições" (4,2 e 2 respectivamente);
- no 3° ano as respostas dividem-se na existência pela negativa em termos de "cognições" e positiva em termos de "valorização das competências" (3 em cada);
- no 4° ano a maioria das respostas incide na não existência de um professor como figura de referência (3 respostas).

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 54) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"
- no 1°, 2° e 4° anos a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível da "valorização das competências" (4, 2 e 2);
- no 2°, 3° e 4° ano ainda se observam 4 respostas ao nível duma influência positiva, mas em termos das "cognições" (2, 4 e 2);
- no 3° ano também se valoriza positivamente as questões ligadas ao "relacionamento" (3 respostas).

b) na dimensão "Influência do ambiente"
- no caso do 1°, 2° e 3° anos a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível das "cognições" (4, 4 e 3);
- o 3° ano também valoriza positivamente as questões ligadas ao "relacionamento" (3 respostas);
- no 4° ano a maioria das respostas incide numa influência negativa em termos do "relacionamento" (4 respostas).

Quadro 52: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimista do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática" (1°-2° ano); "sou extrovertida" (1°-2°-4° ano); "sou divertida" (1° ano); "introvertida" (3° ano); "sou dedicada" (4° ano)	5	2	1	2
			Valores	"sou solidária" (1°-2°-3°-4° ano)	1	3	7	2
		Face a si próprio	Cognições	"sonhadora", "romântica"; "sensível" (1° ano); "sou tímida" (2° ano) "sou negativa" (2°-4° ano); "divertida" (3° ano); "sou meiga"; "nervosa"; "ansiosa"; "introvertida" (4° ano)	5	4	3	12
			Valores	"honesta" (1° ano); "sou sincera" (2-3° ano); "frontal" (3° ano); "generosa"; "orgulhosa"; "humilde" (4° ano)	6	6	10	11
			Desvalorização das competências	"sou insegura" (1°-4° ano); "sou preguiçosa" (1° ano)	4	---	---	3
			Valorização das competências	"sou responsável" (1°-2° ano); "sou persistente"; "sou organizada" (1° ano)"aventureira"; "lutadora" (4° ano)	3	2	---	4
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"penso sempre o pior, para estar preparada e não sofrer desilusões" (1°-4° ano); "tento ver o lado positivo" (2° ano); "mentalizo-me sempre que vou ter más notas para não me decepcionar" (3° ano); "penso sempre de forma negativa, mas estou a fazer um esforço para melhorar" (4° ano)	1	1	2	2
		Pessimismo	Cognições	"penso sempre que o pior vai acontecer"; "sinto-me enganada" (1° ano)"tudo de mau só me acontece a mim" (2° ano); "penso sempre negativo" (3° ano);"vejo sempre o lado negativo em primeiro lugar" (4°ano)	4	1	2	2
			Desvalorização das competências	"dificuldade em resolver problemas"; "sentimento de inferioridade" (1° ano); "nunca sei o que fazer"; "nunca sou capaz de conseguir as coisas que quero" (2° ano); "desvalorizo-me muito" (3° ano); "antes das coisas acontecerem, já sei que me vão correr mal, que não vou ser capaz de as fazer" (4° ano)	2	3	1	2

Quadro 53: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -1ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já sou assim" (2º ano); "já nasci assim" (3º ano); "ninguém me influenciou" (4º ano)	---	1	1	1
		Familiar		"os meus pais influenciaram-me muito" (1-2-4º ano); "a família é pessimista" (3º ano)	4	1	2	2
		Experiência de vida		"tudo o que eu já passei é que faz com que seja assim" (1-2-4º ano); "a vida tem sido muito difícil" (3º ano)	2	3	2	2
	Influência da família	Inexistente		"não teve nenhuma influência" (1-2-4º ano)	1	2	---	1
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas" (1-2-4º ano); "a minha mãe sempre foi muito pessimista" (3º ano)	5	3	5	2
		Por oposição		"os meus pais eram muito optimistas" (4º ano)	---	---	---	2
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma" (1º-2º-3º-4º ano)	1	1	1	4
		Pela negativa	Cognições	"não gostavam dos alunos" (1º ano)	1	---	---	---
			Desvalorização das competências	"chamavam burros"; "baixaram a auto-estima" (1º ano); "desvalorização das nossas capacidades" (3º ano)	3	---	4	---
		Pela positiva	Cognições	"pensava positivo" (1º ano); "gosto pelo meu estudo"; "gosto pela vida" (2º ano)	3	2	---	---
			Valorização das competências	"transmitiam segurança"; "incentivavam" (1º ano) ; "promoveram a minha auto-estima"; "fiquei mais autónoma" (2º ano); "ajudaram a formar-me" (3º ano)	2	5	3	---
		Ambiguidade		"alguns negativamente, outros positivamente" (4º ano)	---	---	---	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não têm influência" (3º ano)	---	---	1	---
		Pela negativa	Cognições	"foram maus colegas" (1º ano); "gozavam comigo" (4º ano)	2	---	---	2
			Relacionamento	"eles humilhavam-me"; "magoavam-me" (1º ano); "fazia coisas que não concordava só para agradar aos meus colegas" (4º ano)	5	---	---	1
		Pela positiva	Cognições	"foram bons colegas" (1º ano); "encontrei bons amigos" (2º ano); "aliviavam-me os pensamentos negativos" (4º ano)	2	5	---	1
			Relacionamento	"apoiavam-me muito" (1º ano); "ajudaram-me muito"(2-4º ano); "eram muito companheiros" (2º ano); "ajudam" (3º ano)	3	6	7	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não tive" (1º ano); "nenhuma" (2º ano); "não me lembro de nenhuma" (4º ano)	2	1	---	3
		Pela negativa	Cognições	"não gostavam de mim" (1º ano);"a influência foi negativa" (3º ano); "sempre senti pouca afinidade com os professores" (4º ano)	2	---	3	1
			Relacionamento	"descriminavam-me"; "davam-me más notas" (1º ano)	2	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"tentam mostrar o lado positivo da vida" (1º ano); "faziam-me pensar positivamente" (2º ano)	2	2	---	---
			Relacionamento	"ajudavam-me" (2º ano)	---	4	---	---
			Valorização das competências	"tornaram-me mais autónoma" (2º ano); "deram-me confiança" (3º ano); "acreditavam em mim e nas minhas capacidades" (4º ano)	---	2	3	1

Quadro 54: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -1ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada" (1-3-4º ano)	2	---	1	1
		Pela negativa	Cognições	"alguns deixaram-me bastante triste e em baixo" (2º ano); "fiquei a pensar mais negativamente" (4º ano)	---	1	---	1
			Relacionamento	"são distantes" (2º ano); "cometem muitas injustiças" (4º ano)	---	1	---	1
			Desvalorização das competências	"não acreditam nas nossas competências" (1º ano)	1	---	---	---
		Pela positiva	Cognições	"gostam de nós" (1º ano); "dão um pensamento positivo, os prof. A. Feitosa, S. Faria, P. Delgado" (2º ano); "promovem os nossos sonhos" (3º ano); "penso mais positivo" (4º ano)	1	2	4	2
			Relacionamento	"boa relação conosco nas disciplinas práticas" (2-3-4º ano)	---	1	3	1
			Valorização das competências	"valorizam as nossas capacidades" (1-2º ano); "aprendi a valorizar-me com a prof. A. Feitosa e S. Faria" (4º ano)	4	2	---	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não teve qualquer influência" (1-3º-4º ano)	2	---	2	1
		Pela negativa	Cognições	"provoca-me medo" (4º ano)	---	---	---	1
			Relacionamento	"os prof. gostam de prejudicar os alunos" (4º ano)	---	---	---	4
			Organização	"existe uma má organização da escola" (2º ano)	---	1	---	---
		Pela positiva	Cognições	"agradável" (1-3-4º ano); "é positivo" (2º ano)	4	4	3	1
			Relacionamento	"temos ajuda em todo o lado" (1º ano); "bom relacionamento prof./aluno" (2-3º ano); "bom convívio no geral" (4º ano)	1	2	3	1
			Valorização das Competências	"permite-nos obter melhores resultados" (2º ano)	---	1	---	---
	Influências dos colegas	Inexistente		"nenhuma" (1-2-3º ano)	1	1	1	---
		Pela negativa	Cognições	"não gostam de mim" (1º ano); "sou insignificante" (4º ano)	1	---	---	3
			Relacionamento	"existe muita competição" (4º ano)	---	---	---	1
			Desvalorização das competências	"baixam-me a auto-estima" (1º ano); "fazem-me ficar insegura" (4º ano)	2	---	---	1
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir mais optimista" (2-3-4º ano)	---	3	5	5
			Relacionamento	"ajudam-me quando preciso" (1º ano); "apoiam-me" (2º ano)	1	1	---	---
			Valorização das competências	"ajudam-me a crescer e a ser uma pessoa mais capaz" (4º ano)	---	---	---	2
		Defesa		"tento disfarçar que sou pessimista" (1º ano)	2	---	---	---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições	"o último ano influenciou-me pela negativa" (4º ano)	---	---	---	2
			Desvalorização das competências	"duvido se vou conseguir ser professor" (4º ano)	---	---	---	2
			Qualidade de ensino	"as disciplinas não se aplicam à prática" (2º ano)	---	1	---	---
			Expectativas	"não sabemos se vamos arranjar emprego" (1-3-4º ano)	3	---	3	2
		Pela positiva	Desempenho	"ficar com boa preparação profissional" (2º ano); "conseguir acabar o curso" (3º ano); "invisto tudo durante o curso" (4º ano)	---	2	1	1
			Cognições	"foi o curso que sempre quis" (1-2-3-4º ano)	4	4	2	1
			Valorização das competências	"faz-me aumentar a confiança em mim" (1º ano); "o poder trabalhar com crianças torna-me optimista" (4º ano)	2	---	---	1

Quadro 55: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -1ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda não sei" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível dos recursos humanos		"união entre os colegas"; "faz uma boa integração dos alunos" (1° ano); "relações de proximidade" (3-4° ano); "facilidade em falar com a Direcção" (3° ano); "entre-ajuda" (4° ano)	8	---	6	4
		Nível dos recursos ambientais		"os jardins" (2° ano); "o bom ambiente que se respira" (4° ano)	---	1	---	1
		Nível da qualidade de ensino		"o que aprendo"; "o ensino que tenho" (2° ano); "os professores são muito competentes" (4° ano)	---	4	---	1
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	3	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir entrar no curso que sonhava" (1-2-4° ano); "quando faço bons trabalhos" (3° ano); "quando via o meu esforço ser reconhecido e que era capaz" (4° ano)	1	1	2	5
			Cognições	"a cada ano sinto-me mais realizada" (3° ano)	---	---	1	---
			Relacionamento	"o convívio com a turma" (3° ano); "contacto com os professores" (4° ano)	---	---	1	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (1° ano)	1	---	---	---
			Sala de aula	"trabalhas manuais" (1° ano); "disciplinas interessantes" (2° ano); "algumas aulas como as da Prof. S. Faria, P. Delgado e A. Feitosa" (3° ano); "representar uma peça de teatro" (4° ano)	1	2	1	1
			Prática	"estágio" (2-3-4° ano)	---	2	1	1
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho" (1-2-3° ano)	3	1	1	---
		Nível pessoal	Desempenho	"no momento das frequências, pois faz-me avançar" (1° ano); "sempre dei o meu melhor" (2° ano); "quando tenho notas altas" (3° ano); "quando terminar o curso" (4° ano)	2	1	3	4
			Relacionamento	"no 1° ano quando o convívio era enorme" (3° ano)	---	---	1	---
		Nível académico	Sala de aula	"nos trabalhos de grupo" (2° ano)	---	2	---	---
			Prática	"durante o estágio" (4° ano)	---	---	---	1
		Pela negativa		"quando pago a mensalidade" (2° ano)	---	1	---	---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceram" (1-3° ano); "não tive" (4° ano)	2	---	1	1
		Nível pessoal		"bom relacionamento da turma" (1° ano); "as amizades que criei" (3° ano); "partilha entre prof./aluno"; "a forma como a turma consegue resolver problemas" (4° ano)	1	---	1	5
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (1-2° ano)	1	5	---	---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo" (1° ano); "as aulas de expressões" (3° ano); "peça de teatro" (4° ano)	2	---	3	2
			Prática	"a realização do estágio" (3-4° ano)	---	---	1	1

Ligação à Universidade (cont.)	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1°-2°-3° ano)	3	5	3	---
		Nível pessoal	Cognições	"desde que estou a tirar aquilo que sempre quis" (1° ano); "sempre" (4° ano)	1	--	---	1
			Relacionamento	"a integração que a escola faz aos alunos" (1° ano); "o convívio com os amigos" (3° ano); "conhecer e contactar colegas" (4° ano)	2	---	1	1
		Nível académico	Sala de aula	"trabalhos de grupo" (4° ano)	---	---	---	1
			Prática	"no estágio" (3°-4° ano)	---	---	1	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1°-2°-3° ano); "nenhum" (4° ano)	4	2	4	2
		Nível pessoal		"no 1° dia de aulas quando fui bem recebida pela turma" (2° ano); "conselhos dos professores" (4° ano)	---	1	---	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes" (1°-2° ano);	1	2	---	---
			Sala de aula	"nas disciplinas sem teste" (3° ano); "os trabalhos de grupo" (4° ano)	---	---	1	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei" (1-3° ano)	2	---	3	---
		Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso"; "ter boas notas" (1° ano); "ser boa profissional" (1-4° ano)	4	---	---	3
			Relacionamento	"que ensinassem a sermos pessoas" (3° ano); "manter o contacto com os professores" (4° ano)	---	---	2	1
			Continuidade	"vir dar aulas na escola" (3° ano); "ser cá professora" (4° ano)	---	---	1	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"estabelecer projectos com a escola" (1° ano); "participar mais nos eventos"; "eventos mais relacionados com o curso" (2° ano)	2	4	---	---
			Valorização	"reforçar positivamente a imagem da escola" (2° ano)	---	1	---	---
		Nível dos recursos logísticos		"fazer horários mais acessíveis" (2° ano)	---	1	---	---

Quadro 56: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -1ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem um grande jardim" (1-2º ano); "espaços verdes" (3º ano); "ambiente arranjado e saudável" (4º ano)	3	3	4	2
			Dimensão/Grandeza	"o espaço está muito bem organizado"; "tem espaços grandes" (1º ano); "espaço muito amplo" (3º ano)	2	---	2	---
			Logística	"os edifícios"; "o bar" (2º ano); "boas instalações" (4º ano)	---	2	---	1
			Dinamismo	"uma escola em movimento" (3º ano)	---	---	1	---
		Nível humano	Cognições	"transmite calma" (1º ano); "a sala de aula onde partilhei as aulas com a turma" (4º ano)	3	---	---	1
			Relacionamento	"os alunos"; "os professores" (2º ano); "boa relação prof./aluno" (3-4º ano); "bons amigos" (4º ano)	---	2	1	4
		Nível da qualidade do ensino		"veria que tem um bom ensino" (2º ano)	---	1	---	---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"parque de estacionamento" (1º ano); "melhores refeições"; "biblioteca"; "bar" "melhores salas"; "material informático" (2º ano); "mais aquecimento"; "mais higiene nas casas de banho" (4º ano)	1	18	---	12
			Humanos	"relação mais próxima entre alunos" (1º ano); "mais valorização dos alunos"; "melhor acompanhamento dos alunos" (3º ano); "maior parceria" (4º ano)	2	---	2	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"conviver com outras escolas"; "actividades de convívio entre alunos" (1º ano); "Associação de Estudantes mais dinâmica" (3º ano)	3	---	1	---
			Qualidade de ensino	"aulas mais curtas"; "aulas mais práticas"; "aulas ao ar livre" (3º ano); "um ensino melhor" (4º ano)	---	---	7	2
			Valorização	"melhorar a imagem do Instituto" (3º ano)	---	---	1	---
			Expansão	"abertura de um curso de enfermagem" (2º ano); "expandir e abrir a escola para o exterior" (4º ano)	--	1	---	1
		Nível da organização		"notas dadas por site na internet" (1º ano); "turmas mais pequenas"; "maior cumprimento dos prazos"; "os professores a módulos nunca cá estão" (4º ano)	1	---	---	3

c) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1° ano as respostas indicam a existência de uma influência negativa ao nível da "valorização das competências", mas também ao nível duma atitude de espera (2 em cada);
- no 2°, 3° e no 4° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva ao nível das "cognições" (3, 5 e 5 respectivamente).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"

- no 1° ano as respostas incidem preferencialmente por uma influência positiva, quer ao nível das "cognições" quer da "valorização das competências" (4 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas também incide numa influência positiva, ao nível das "cognições" e do "desempenho" (4 e 2 respectivamente);
- no 3° ano as respostas dividem-se pela existência de uma influência negativa ao nível das "expectativas" e positiva ao nível das "cognições" (3 e 2);
- no 4° ano a maioria das respostas incidem numa influência negativa, quer ao nível das "expectativas", quer ao nível das "cognições", quer na "desvalorização das competências" (2 em cada);

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 55) verifica-se que:

a) no dimensão "Aspectos valorizados"

- no 1°, 3° e no 4° ano as respostas incidem na valorização do aspecto humano (8, 6 e 4 respectivamente);
- no 2° ano as respostas incidem ao nível da "qualidade de ensino" com 4 respostas.

b) na dimensão "Auto-realização"

- no 1° ano a maioria das respostas incide na inexistência dessa auto-realização (3 respostas);
- no 2° ano as respostas incidem ao "nível académico", quer em termos de "sala de aula" quer em termos da "prática" (2 em cada);
- no 3° e 4° ano a maioria das respostas concentra-se no "nível pessoal", em termos de "desempenho" (2 e 5) e "relacionamento" (1 e 2 respectivamente).

c) na dimensão "Laços com a Universidade"

- no 1° ano as respostas incidem na não existência de laços, seguido do "nível pessoal" em termos de "desempenho" (3 e 2 respostas respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas incide na "nível académico" em termos de "sala de aula" (2 respostas); no entanto é de salientar que existe uma resposta que aponta para uma ligação negativa;
- no 3° e 4° ano a maioria das respostas centra-se no "nível pessoal", em termos de "desempenho" (3 e 4).

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"

- no 1° ano temos 2 respostas que referem a não existência ainda desse tipo de experiências; seguida de 2 respostas ao "nível académico" em termos de "sala de aula";

- no 2° ano as respostas incidem exclusivamente nos "acontecimentos académicos" (5 respostas);
- no 3° ano as respostas incidem ao "nível académico" nos acontecimentos passados na "sala de aula" (3 respostas);
- no caso do 4° ano a maioria das respostas incide no "nível pessoal" em termos relacionais (5 respostas).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"
- no 1° ano a maioria das respostas incide na ausência desses momentos, seguida do "nível pessoal" em termos relacionais (3 e 2 respectivamente);
- no 2° e 3° ano as respostas incidem exclusivamente na ausência desses momentos (5 e 3 respostas);
- no 4° ano as respostas estão mais distribuídas, mas a que apresenta maior número de respostas é ao "nível académico", em termos da "prática" com 2 respostas.

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"
- no 1° e 3° ano a maioria das respostas indica que esses momentos ainda não existiram (4 respostas em cada);
- no 2° ano as respostas distribuem-se pela ausência desses momentos e ao nível da valorização dos "acontecimentos académicos" (2 e 3 respectivamente);
- no 4° ano as respostas incidem na ausência desses momentos e também ao "nível pessoal", em termos relacionais (2 em cada).

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"
- no 1° ano a maioria das respostas incidem ao "nível pessoal" em termos de "desempenho" e ao nível dos "acontecimentos académicos" (4 e 2 respostas);
- no 2° ano a maioria das respostas incidem ao "nível académico" (4 respostas);
- no 3° ano a maioria das respostas incide na não existência de comprometimento e na valorização do "nível pessoal" em termos de "relacionamento" (3 e 2 respostas);
- no 4° ano a incidência das respostas é ao "nível pessoal" em termos de "desempenho" (3 respostas).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 56) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da Universidade)
- no 1° ano a maioria das respostas incidem ao "nível ambiental", em termos de "espaço exterior" e ao nível humano (3 e 3 respectivamente);
- no 2° e 3° ano as respostas distribuem-se ao "nível ambiental", em termos de "espaço exterior" (3 e 4) e da "logística" e "dimensão" (2 e 2 respectivamente);
- no 4° ano as respostas incidem ao nível relacional em termos da proximidade existente, seguido da valorização do "nível ambiental" em termos de "espaço exterior" (4 e 2 respectivamente),

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar"
- no caso do 1° ano as respostas incidem ao nível dos recursos humanos e dos "aspectos académicos" (2 e 3 respectivamente);

- no caso do 2° e do 4° ano a maioria das respostas incide na melhoria dos recursos em termos da "logística" (18 e 12 respectivamente);
- no 3° ano as respostas incidem ao "nível académico" em termos de "qualidade de ensino", com 7 respostas.

Podemos então sintetizar:
➢ A auto-avaliação é feita pela negativa e valorizam as questões ligadas a si mesmos centrando-se nos valores e nas crenças ou sentimentos;
➢ Antes da entrada na Universidade a influência da família e a experiência de vida são os aspectos mais valorizados pela negativa;
➢ A influência dos professores e dos colegas é focada como tendo sido preferencialmente positiva;
➢ Na Universidade a influência dos professores continua a ser sentida como positiva, assim como o ambiente e os colegas;
➢ A influência do curso também é essencialmente positiva e passa pelo investimentos no desempenho e nas crenças em relação ao curso;
➢ Os aspectos mais valorizados são os relacionais;
➢ As experiências mais positivas são os acontecimentos académicos, assim como os acontecimentos dentro da sala-de-aula;
➢ A nível ambiental o aspecto mais valorizado é o espaço exterior e os aspectos a melhorar referem-se a questões logísticas e à qualidade de ensino.

- Pessimismo – 2ª aplicação

Nos quadros 57-61 são apresentados os resultados da análise de conteúdo das cinco entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de professores do Ensino Básico 1° ciclo – 2ª aplicação (ver em Anexo G as tabelas referentes a cada ano).

No que concerne à primeira questão (Caracterização dos respondentes – Quadro 57) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção de si mesmo"
- no 1° ano a maioria das respostas estão igualmente repartidas pela valorização "face aos outros", em termos de "imagem", e na valorização "face a si próprio" em termos de "cognições" e dos "valores" (5 em cada);
- no 2° ano a maioria das respostas concentra-se na valorização "face a si próprio" em termos de "cognições" (5 respostas);
- no 3° e 4° ano as respostas incidem no valorização "face a si próprio" em termos de "cognições" (8 e 7) e "valores" (7 e 9 respectivamente); sendo de acrescentar para o 3° ano ainda a valorização "face aos outros" em termos de "valores", com 7 respostas.

b) na dimensão "Auto-avaliação"
- nos 4 anos a maioria das respostas aponta para uma avaliação negativa; apenas uma resposta indica uma atitude de viragem para uma perspectiva optimista (no 4° ano);
- no 1° ano e no 4° ano os indicadores situam-se ao nível das "cognições" (3 em cada) e da "valorização das competências" (2 e 3 respectivamente);

- no 3° ano a maioria das respostas aponta para um pessimismo defensivo (3 respostas;
- no 4° ano a maioria das respostas incide na "desvalorização das competências" e nas "cognições" (3 em cada).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Quadro 58) verifica-se que:

a) na dimensão "Tipo de influência"
- nos 4 anos as respostas incidem na influência da "experiência de vida" (2, 2, 3 e 2) e na ausência de influência;
- no caso do 2° e 3° ano as respostas também fazem referência à influência familiar (2 em cada).

b) na dimensão "Influência da família"
- nos 4 anos a maioria das respostas incide na ausência de influência (4, 3, 2 e 1);
- no entanto no caso do 2°, 3° e do 4° ano encontramos respostas que incidem numa influência negativa.

c) na dimensão "Influência dos professores"
- no 1°, 2° e 4° anos a maioria das respostas incidem numa influência positiva em termos de "cognições" (5,4 e 2 respectivamente) e para o 4° ano ainda temos 2 respostas em termos de "valorização das competências";
- no 3° ano a influência é negativa (2 respostas) ou não existe (2 respostas).

d) na dimensão "Influência dos colegas"
- no 1° ano as respostas distribuem-se pela ausência duma influência e pela influência positiva em termos de "cognições" (2 em cada);
- no 2° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva, quer a nível relacional quer das "cognições" (2 e 3 respectivamente);
- no 3° ano as respostas apontam para a ausência de influência ou pela influência positiva em termos de "relacionamento" (2 e 3);
- no 4° ano as respostas distribuem-se pela ausência de influência e pela influência positiva em termos da "valorização das competências" (3 e 2 respectivamente).

e) na dimensão "Professor como figura de referência"
- para os 4 anos as respostas incidem na existência de uma influência positiva, em termos de "relacionamento" para o 1°, 3° e 4° anos (3, 3 e 4 respectivamente) e em termos de "cognições" para o 2° ano com 4 respostas.

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Quadro 59) verifica-se que:

a) na dimensão "Influência dos professores"
- no 1° e no 2° ano as respostas incidem na ausência de influência (6 e 2 respectivamente) e numa influência pela positiva em termos de "relacionamento" (6 e 3 respectivamente);
- no caso do 3° e do 4° ano a maioria das respostas indicam uma influência positiva ao nível das "cognições" (5 respostas).

Quadro 57: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à primeira questão "Caracterização dos respondentes"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática" (1° ano); "sou brincalhona" (1-2° ano); "introvertida" (3°-4° ano)	5	2	1	4
			Valores	"sou solidária" (1-2-°-4° ano)	1	2	7	3
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou curiosa" (1° ano); "tímida" (2° ano); "sou ansiosa"; "sou sensível" (3° ano); "medrosa"; "stressada" (4° ano)	5	5	8	7
			Valores	"sou teimosa" (1-2° ano); "sou honesta"; "sou sincera" (1-3-4° ano); "impulsiva" (2° ano)	5	3	7	9
			Desvalorização das competências	"sou muito insegura"; "sou muito indecisa" (4° ano)	---	---	---	3
			Valorização das competências	"sou uma lutadora"; "sou muito persistente" (2° ano)	---	2	---	---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"para não me desiludir, penso sempre o pior"; "preparo-me sempre pela negativa, mas às vezes as coisas correm bem" (1° ano); "penso no mal para me preparar para o bom" (3° ano)	2	---	3	---
			Viragem	"estou a caminhar para o optimismo" (4° ano)	---	---	---	1
		Pessimismo	Cognições	"tenho sofrido desilusões" (1° ano); "vejo sempre o lado negativo" (2-4° ano); "penso sempre que as coisas me correm mal" (3-4° ano)	3	1	2	3
			Desvalorização das competências	"sofro muito para conseguir algo" (1° ano); "nunca consigo ultrapassar os obstáculos" (2° ano); "tenho medo de arriscar"; "não tenho confiança em mim" (4° ano)	2	4	---	3

Quadro 58: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -2ª aplicação, em relação à segunda questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"eu já sou assim, é feitio" (1º ano); "já nasci assim" (2º-4º ano)	2	1	---	3
		Familiar		"os meus pais eram pessimistas" (2-3º ano)	--	2	2	---
		Professores		"sempre tiveram uma atitude de desprezo" (1º ano)	1	---	---	---
		Experiência de vida		"a vida foi-me transformando pela negativa" (1-2-4º ano); "a vida deu-me muitas desilusões" (3º ano)	2	2	3	2
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou" (1º-2º-3º-4º ano)	4	3	2	1
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas" (2-3º ano); "os meus pais sempre me super-protegeram" (4º ano)	---	2	3	3
		Pela positiva		"a minha família sempre foi optimista" (1º ano); "os meus pais sempre foram optimistas e sensíveis, mas eu não saí a eles" (4º ano)	2	---	---	1
	Influência dos professores	Inexistente		"nenhuma" (1º-3º-4º ano)	1	---	2	1
		Pela negativa		"puxavam-nos para baixo" (1º ano); "marcaram-me pela negativa" (2º ano); "desmotivavam" (3-4º ano);	1	1	2	2
		Pela positiva	Cognições	"incentivavam" (1-3º ano); "marcaram-me pela positiva" (2º ano); "ser optimistas traz mais recompensas" (4º ano)	5	4	1	2
			Valorização das competências	"melhoraram a forma de lidar com os outros" (3º ano); "deram-me conhecimentos"; "fizeram-me crescer" (4º ano)	---	---	1	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma" (1-3-4º ano)	2	---	2	3
		Pela negativa	Cognições	"desiludiram-me" (1º ano)	1	---	---	---
			Relacionamento	"rebaixaram-me" (1º ano); "não ajudaram em nada" (3º ano)	1	---	1	---
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me ver o lado positivo" (1º ano); "fizeram-me sentir uma pessoa menos pessimista" (2º ano)	2	3	---	---
			Relacionamento	"davam-me um bom exemplo" (1º ano); "fizeram-me perceber melhor certas situações" (2º ano); "deram-me todo o apoio" (3º ano)	1	2	2	---
			Valorização das competências	"consigo resolver melhor os meus problemas"; "estimularam a minha atitude para o optimismo" (4º ano)	---	---	---	2
	Professor como figura de referência	Inexistente		"nenhuma" (3º-4º ano)	---	---	1	2
		Ambiguidade		"tive professores pessimistas, mas também tive professores optimistas" (1º ano)	1	---	---	---
		Pela negativa		"fizeram-me ter uma visão mais pessimista" (2º ano)	---	1	---	---
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me acreditar na vida" (1º ano); "fizeram-me ter uma visão mais optimista" (2º ano); "o prof. de religião ensinou-nos a acreditar na vida" (3º ano)	1	4	1	---
			Relacionamento	"ajudaram-me" (1º ano); "a prof. primária ajudava-nos e apoiava-nos" (3º ano); "eram bons amigos"; "davam conselhos" (4º ano)	3	---	3	4

Quadro 59: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -2ª aplicação, em relação à terceira questão "Processo de construção do optimismo/pessimismo na universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm influência" (1º-2º-4º ano)	6	2	---	2
		Pela negativa		"puxam para baixo" (1º ano); "desvalorizam as nossas capacidades" (3º ano)	1	---	1	---
		Pela positiva	Cognições	"dão-me vontade de ser professor" (3º ano); "senti-me mais optimista"; "transmitem energia positiva" (4º ano)	---	---	5	5
			Relacionamento	"ajudam os alunos" (1º ano); "bom relacionamento" (2º ano)	6	3	---	---
			Valorização das competências	"o nosso destino é ser felizes"; "não ter medo de arriscar" (4º ano)	---	---	---	2
			Qualidade do ensino	"dão aulas muito boas" (3º ano)	---	---	1	---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência" (2º-4º ano)	---	2	---	1
		Pela negativa		"é um ambiente competitivo" (4º ano)	---	---	---	3
		Pela positiva	Cognições	"existe um bom ambiente" (1º ano); "ajuda a "tornar-me mais optimista" (2º ano); "acolhedor"; "agradável" (3º ano)	3	3	6	---
			Relacionamento	"o ambiente é propício a promover atitudes positivas" (1º ano); "cria uma boa relação prof./aluno" (3º ano); "ambiente saudável e acolhedor"; "estimula o optimismo" (4º ano)	3	---	3	3
			Espaço exterior	"os espaços verdes são excelentes" (3º ano)	---	---	1	---
	Influências dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência" (1-2-3-4º ano)	2	3	3	2
		Pela negativa		"não ajudam, nem dão apoio" (3º ano); "não valorizam as relações de amizade"; "são competitivos" (4º ano)	---	---	2	4
		Pela positiva	Relacionamento	"atitude de ajuda"; "atitude de partilha" (1º ano); "têm uma influência positiva em mim" (2º ano); "ajudaram a tornar-me mais optimista" (4º ano)	4	2	---	1
			Valorização das competências	"tentam mudar a minha atitude para melhor"; "contribuir para uma imagem de mim mais positiva" (1º ano)	2	---	---	---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições	"mantive o meus medos e receios" (4º ano)	---	---	---	1
			Qualidade de ensino	"disciplinas sem ligação com a prática e com o curso" (2º ano)	---	2	---	---
			Expectativas	"receio em relação ao futuro" (3º ano); "as perspectivas futuras são negativas" (4º ano)	---	---	2	3
		Pela positiva	Desempenho	"possibilita-me ter uma profissão" (3º ano); "estar a acabar o curso valoriza a minha auto-estima"; "grande investimento da minha vida no curso" (4º ano)	---	---	4	2
			Cognições	"estou no curso que gosto" (1º-3º ano); "é o que sempre sonhei fazer" (2º ano); "promoveu uma atitude positiva" (4º ano)	3	1	4	2
			Expectativas	"dá-nos uma perspectiva profissional positiva" (1º ano)	2	---	---	---
			Valorização das competências	"ajuda-me a encarar os problemas de forma positiva" (1º ano); "tornar-me boa profissional"; "tornar-me numa pessoa lutadora" (2º ano)	1	5	---	---

Quadro 60: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1°, 2°, 3° e 4° anos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo -2ª aplicação, em relação à quarta questão "Ligação à universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"a relação prof./aluno é muito boa" (1-3° ano); "o convívio existente"; "o ambiente é muito positivo" (1° ano); "as amizades"; "a relação humana com os professores"; "a disponibilidade dos professores" (4° ano)	6	---	8	4
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior	"os jardins são excelentes" (1° ano); "os jardins" (4° ano)	3	---	---	2
			Organização	"a boa organização da escola" (2° ano)	---	2	---	---
		Nível académico		"seminários"; "acções de formação" (2° ano)	---	2	---	---
		Qualidade de ensino		"boas aulas", "boa formação dos professores" (2° ano)	---	3	---	---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não senti" (1° ano)	2	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"depois de fazer os testes" (1° ano); "quando tive notas altas" (3° ano); "ver que o meu esforço foi recompensado"; "no final do curso pois estamos a terminar" (4° ano)	2	---	2	4
			Relacionamento	"quando me senti integrada na escola" (1° ano); "quando entrei para a escola e conheci os meus colegas" (2° ano)	1	1	---	---
		Nível académico	Sala de aula	"quando faço trabalhos de grupo" (1-4° ano); "algumas aulas dadas pela prof. S. Faria e A. Feitosa" (3° ano)	1	---	1	1
			Prática	"no estágio" (2-3° ano)	---	4	3	---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	1	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando consigo acabar uma disciplina" (1° ano); "tirar boas notas" (3° ano); "no final do curso" (4° ano)	2	---	1	5
			Relacionamento	"motivação dos professores" (2° ano)	---	1	---	---
			Valorização	"promover uma boa imagem da escola" (3° ano)	---	---	1	---
		Nível académico		"quando iniciar o estágio" (1° ano); "estágio" (2-3° ano)	2	2	4	---
		Pela negativa		"pagamento da mensalidade" (2-4° ano)	---	2	---	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1-2-3° ano)	3	1	1	---
		Nível pessoal		"o convívio em geral" (1° ano); "o bom relacionamento entre prof./aluno" (2° ano); "as amizades conseguidas" (3° ano)	2	2	3	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"os seminários" (1° ano); "praxes" (2°-4° ano); "baile de finalistas" (4° ano)	1	1	---	2
			Sala de aula	"os trabalhos apresentados" (1° ano); "realização de um teatro" (2° ano); "nas aulas mais práticas"; "apresentação de trabalhos de grupo" (2-3-4° ano)	1	2	2	3
			Prática	"no estágio" (4° ano)	---	---	---	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1°-2°-3° ano)	2	3	1	---
		Nível pessoal		"todos os momentos"; "a integração progressiva" (1° ano); "quando senti que era o curso que queria"; "quando arranjei amigos" (3° ano); "desde que entrei no curso"; "agora que estou a acabar o curso" (4° ano)	2	---	2	3

Ligação à Universidade (cont.)		Nível académico	Sala de aula	"intervenção nas aulas"; "os trabalhos de grupo" (1° ano)	3	---	---	---
			Prática	"estágio" (2°-3°-4° ano)	---	2	3	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1°-2° ano)	4	2	---	---
		Nível pessoal		"as boas relações prof./aluno"; "as amizades com os professores" (4° ano)	---	---	---	6
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquio de futebol"; "vinda do Figo" (2° ano); "queima das fitas"; "exposições feitas pelos alunos" (3° ano); "organização de acções de formação" (4° ano)	---	1	2	1
			Sala de aula	"os trabalho de grupo" (1° ano); disciplinas sem testes"; "os ateliers de expressões" (3° ano)	1	---	2	---
			Prática	"estágio" (2°-3° ano)	---	2	2	---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não aconteceu" (1° ano)	3	---	---	---
		Nível pessoal	Desempenho	"sendo uma boa aluna" (1° ano); "ter um bom desempenho no estágio" (2° ano); "ser uma boa professora" (3° ano); "sendo uma boa profissional" (4° ano)	1	2	4	2
			Relacionamento	"participando mais"; "integrando-me mais" (1° ano); "partilha de saberes com os professores" (4° ano)	2	---	---	2
			Continuidade	"ser docente da escola" (3-4° ano)	---	---	1	2
		Nível académico		"participar em mais actividades" ;"fazer mais acções de formação" (2° ano)	---	2	---	---
		Nível dos recursos logísticos		"tendo melhores condições" (2° ano)	---	1	---	---

Quadro 61: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais pessimistas do 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso de Professores do Ensino Básico 1º ciclo -2ª aplicação, em relação à quinta questão "Percepção da Universidade"

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem muitos jardins" ; "tem cores bonitas e alegres" (1º ano) (1º ano); "os jardins são excelentes" (2-3-4º ano)	6	5	5	3
			Dimensão/Grandeza	"boa gestão do espaço"; "existe uma área exterior muito boa" (1º ano); "o espaço exterior é enorme e muito agradável" (2º ano); "a grande dimensão dos edifícios" (3º ano)	5	1	2	---
			Logística	"a esplanada" (2º ano); "a biblioteca"; "o bar" (4º ano)	---	1	---	2
			Dinamismo	"uma escola com vida" (4º ano)	---	---	---	1
		Nível humano		"pessoas simpáticas" (3-4º ano); "um ambiente saudável e de prazer" (4º ano)	---	---	3	2
		Nível da qualidade de ensino		"vejo excelentes professores" (4º ano)	---	---	---	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"mais higiene nas casas de banho" (1-2º ano); "água potável"; "ter música ambiente" (1º ano); "melhor biblioteca"; "melhor reprografia" (2º ano); "melhor equipamento" (4º ano)	6	12	---	1
			Humanos	"professores mais dinâmicos"; "maior interacção entre alunos" (1º ano); "manter a boa relação prof./aluno"; "pontualidade dos professores" (3º ano); "valorização dos alunos"; "mais parceria entre alunos" (4º ano)	3	---	3	6
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais festas"; "maior cuidado na preparação das praxes" (1º ano); "Associação de Estudantes mais interventiva" (3º ano); "melhor divulgação dos eventos" (2-3º ano); "promover acções de formação" (4º ano)	3	1	5	1
			Qualidade de ensino	"disciplinas mais práticas" (2-3º ano); "estágio desde o 1º ano"; "mais acompanhamento" (3º ano); "melhorar a qualidade de ensino"; "reformular o currículo do curso" (4º ano)	---	1	5	4
			Expansão	"abrir novos cursos" (2-4º ano)	---	1	---	1
		Nível da organização		"diminuição da mensalidade"; "cumprimento de regras por parte da escola" (4º ano)	---	---	---	2

b) na dimensão "Influência do ambiente"

- no 1° ano as respostas indicam uma influência positiva, quer ao nível das "cognições" quer ao nível do "relacionamento" (3 em cada);
- no 2° ano as respostas dividem-se pela ausência de influência e por uma influência positiva em termos de "cognições" (2 e 3 respectivamente);
- no 3° ano as respostas apontam para uma influência positiva em termos das "cognições" (6 respostas);
- no 4° ano as respostas dividem-se pela influência negativa, em termos relacionais, e pela influência positiva também em termos relacionais (3 em cada).

c) na dimensão "Influência dos colegas"

- no 1° ano a maioria das respostas incide numa influência positiva, quer em termos relacionais quer na "valorização das competências" (4 e 2 respectivamente);
- no 2° ano as respostas dividem-se pela ausência de influência e pela influência positiva em termos de "relacionamento" (3 e 2 respectivamente);
- no 3° e no 4° ano a incidência das respostas aponta para a ausência de influência (3 e 2) e para uma influência negativa (2 e 4 respectivamente).

d) na dimensão "Influência do curso em geral"

- no 1° ano a maioria das respostas indicam uma influência positiva, quer ao nível das "cognições" que ao nível das "expectativas" (3 e 2 respectivamente);
- no 2° ano a maioria das respostas aponta para uma influência também positiva, em termos da "valorização das competências" com 5 respostas;
- no 3° ano as respostas apontam para uma influência positiva em termos do "desempenho" e das "cognições" (4 em cada);
- no 4° ano já encontramos uma divisão das respostas entre uma influência negativa, em termos das expectativas futuras e das "cognições" (3 e 1 respectivamente) e uma influência positiva em termos das "cognições" e do "desempenho" (2 em cada).

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Quadro 60) verifica-se que:

a) na dimensão "Aspectos valorizados"

- nos 4 anos os aspectos valorizados são todos pela positiva;
- no caso do 1°, 3° e do 4° ano a maioria das respostas incide no aspecto humano (6, 8 e 4 respectivamente);
- no 2° ano as respostas valorizam a "qualidade de ensino" (3 respostas).

b) na dimensão "Auto-realização"

- no 1° ano as respostas indicam a não existência dessa auto-realização ainda, e por outro lado a sua existência a "nível pessoal" em termos de "desempenho" (2 em cada);
- no 2° e 3° ano a maioria das respostas incide a "nível académico" em termos da "prática" (4 e 3), enquanto que no 4° ano a incidência é a "nível pessoal" em termos do "desempenho" (4 em cada).

c) na dimensão "Laços com a Universidade"

- no 1° ano as respostas distribuem-se pelo "nível pessoal" em termos de "desempenho" e pelo "nível académico" (2 em cada);
- no 2° ano as respostas dividem-se igualmente pelo "nível académico" e por uma ligação negativa (2 em cada);
- no 3° ano a maioria das respostas situa-se no "nível académico" (4 respostas);
- no caso do 4° ano a maioria das respostas incide no "nível pessoal" em termos de "desempenho" com 5 respostas.

d) na dimensão "Experiências positivas em grupo"

- no 1° ano as respostas indicam a ausência de experiências positivas, logo seguido do "nível pessoal" em termos relacionais (3 e 2 respectivamente);
- no 2° ano as respostas dividem-se pelo "nível pessoal" e pelo "nível académico" em contexto de "sala de aula" (2 em cada);
- no 3° ano as respostas situam-se no "nível pessoal" e nos acontecimentos em "sala de aula" (3 e 2);
- no 4° ano as respostas concentram-se nos "acontecimentos académicos" e no contexto da "sala de aula" (2 e 3 respectivamente).

e) na dimensão "Momentos de forte envolvimento"

- no 1°, no 2° e no 3° ano encontramos respostas que indicam a ausência desses momentos (3, 1 e 1 respectivamente);
- no 1° ano as outras respostas dividem-se pelo "nível pessoal" e pelo "nível académico" no contexto "sala de aula" (2 e 3 respectivamente);
- no caso do 2° e do 3° ano encontramos ainda respostas ao "nível académico" em termos da "prática" (2 e 3);
- no 4° ano a maioria das respostas incide quer a "nível pessoal", quer a "nível académico" em termos da "prática" (3 e 2 respectivamente).

f) na dimensão "Momentos mais convidativos à acção"

- no 1° ano a maioria das respostas incide na ausência desses momentos (4 respostas);
- no 2° ano as respostas dividem-se pela ausência desses momentos e pela existência a "nível académico" em termos da "prática" (2 em cada);
- no 3° ano as respostas situam-se no "nível académico" e distribuem-se pelos "acontecimentos académicos", em "sala de aula" e na "prática" (2 em cada);
- no 4° ano a maioria das respostas incide a "nível pessoal" com 6 respostas.

g) na dimensão "Formas de maior comprometimento"

- no 1° e no 2° ano as respostas estão muito distribuídas, mas as categorias que apresentam maior incidência são no caso do 1° ano o "nível pessoal" em termos de "relacionamento" e no caso do 2° ano em termos de "desempenho" (2 em cada);
- no 3° ano as respostas incidem preferencialmente no "nível pessoal" em termos de "desempenho" (4 respostas);
- no 4° ano as respostas situam-se no "nível pessoal" em termos de "relacionamento", "desempenho" e "continuidade" (2 em cada).

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Quadro 61) verifica-se que:

a) na dimensão "Percepção global da Universidade"
- no 1° ano a categoria mais indicada foi ao "nível ambiental", em termos do "espaço exterior" e da "dimensão" (6 e 5);
- no 2° e 3° ano a maioria das respostas incide ao "nível ambiental" em termos do "espaço exterior" (5 respostas);
- no 4° ano as respostas encontram-se mais distribuídas pelas categorias "nível ambiental", em termos do "espaço exterior" e "logística" (3 e 2 respectivamente) e pela categoria "nível humano" com 2 respostas.

b) na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar
- no 1° e 2° ano as respostas recaem sobre os "recursos" em termos da melhoria dos aspectos logísticos;
- no 3° ano as respostas incidem ao "nível académico", nomeadamente em relação aos "acontecimentos académicos" e à "qualidade de ensino" (5 em cada);
- no 4° ano as respostas incidem ao nível dos recursos humanos (6 respostas).

Em síntese podemos registar que:
➢ A auto-avaliação é negativa e a percepção que fazem de si mesmos recai sobre aspectos ligados a valores e crenças;
➢ Antes da entrada para a Universidade a influência da família e a experiência de vida são as mais importantes e são vistas como tendo sido negativas;
➢ A influência dos professores, assim como a dos colegas foi preferencialmente positiva;
➢ Na Universidade a influência dos professores continua a ser maioritariamente positiva, assim como a influência do ambiente e dos colegas;
➢ A influência do curso é positiva e passa por um investimento no desempenho, nas crenças dos alunos e na valorização das suas competências;
➢ O aspecto mais valorizado é o desempenho e o relacionamento;
➢ Os momentos mais positivos centram-se ao nível do relacionamento, dos acontecimentos passados em sala-de-aula e na prática;
➢ O compromisso passa preferencialmente por uma aposta num melhor desempenho pessoal;
➢ O nível ambiental é mais valorizado em termos de espaço exterior e os aspectos a melhorar passam preferencialmente pelas questões logísticas, de relacionamento e da qualidade de ensino.

- Comparação entre os resultados obtidos na 1ª aplicação e na 2ª aplicação no que respeita ao pessimismo no curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo (ver Figuras 8-12).

No que concerne à segunda questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade – Figura 9) verifica-se que:
- na dimensão "Influência da família" na 2ª aplicação passa a existir uma influência positiva;
- na dimensão "Influência dos professores" a influência pela positiva passa a ser mais valorizada na 2ª aplicação;

- na dimensão "Influência dos colegas" na 1ª aplicação valorizam em geral o aspecto negativo, enquanto que na 2ª aplicação a maioria das respostas indica uma influência pela positiva;
- na dimensão "Professor como figura de referência" na 1ª aplicação quer o 1º ano, quer o 3º e o 4º anos incidem as suas respostas numa influência negativa, enquanto que na 2ª aplicação as respostas incidem mais numa influência positiva.

No que concerne à terceira questão (Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade – Figura 10) verifica-se que:

- na dimensão "Influência dos professores" existe uma aumento da ausência de influência da 1ª para a 2ª aplicação;
- na dimensão "Influência do ambiente" no 4º ano na 1º aplicação a influência era negativa e passou a ser também positiva na 2ª aplicação;
- na dimensão "Influência dos colegas" enquanto que na 1ª aplicação o 3º e 4º ano referiam a influência como sendo positiva, na 2ª aplicação passa a ser negativa ou inexistente;
- na dimensão "Influência do curso em geral" as respostas passam a valorizar mais a influência pela positiva, principalmente no que diz respeito aos 3º e 4º anos na 2ª aplicação.

No que concerne à quarta questão (Ligação à Universidade – Figura 11) verifica-se que:

- na dimensão "Laços com a Universidade", enquanto que na 1ª aplicação as respostas valorizavam essencialmente questões ligadas ao "desempenho", na 2ª aplicação nota-se uma valorização das questões relacionadas com o nível académico, nomeadamente com a "prática";
- na dimensão "Experiências positivas em grupo" o 4º ano, na 1ª aplicação valoriza o aspecto relacional enquanto que na 2ª aplicação passa a valorizar os aspectos passados na sala de aula;
- na dimensão "Momentos mais convidativos à acção" o 3º e o 4º ano passam a valorizar na 2ª aplicação aspectos de nível pessoal e de nível académico;
- na dimensão "Formas de maior comprometimento" regista-se um aumento da 1ª para a 2ª aplicação no que respeita a uma valorização do nível pessoal em termos de "desempenho" e de "relacionamento".

No que concerne à quinta questão (Percepção da Universidade – Figura 12) verifica-se que:

- na dimensão "Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar" o 1º ano, na 1ª aplicação valorizou os aspectos humanos e académicos, enquanto que na 2ª aplicação passou a valorizar os recursos logísticos; o 3º ano passa a valorizar mais os "acontecimentos académicos" na 2ª aplicação; o 4º ano passa a valorizar mais os recursos humanos e a "qualidade de ensino".

10.3. Discussão dos resultados

Neste ponto procuraremos analisar e fazer uma leitura dos dados, de modo a poder confrontá-los com o enquadramento teórico. Tendo em conta os objectivos definidos para este estudo, iremos organizar a apresentação deste ponto, tentando responder a algumas questões de suporte a esses mesmos objectivos.

A) Relacionar o grau pessoal (disposicional) de optimismo/pessimismo dos alunos com o contexto (situacional - escola, curso, disciplina, professor).

B) Comparar a evolução dos factores em estudo ao longo do percurso de formação dos alunos em dois cursos com currículos semelhantes.

C) Compreender quais os factores que poderão estar associados ao desenvolvimento do optimismo/pessimismo na formação dos jovens profissionais de educação.

- Em que é que se apoiam os alunos para se sentirem bem ou mal como pessoas?

1. Caracterização do respondente

Em relação ao optimismo a maioria dos alunos dos três primeiros anos dos dois cursos apoiam-se em questões ligadas aos afectos, aos valores, à relação em detrimento da valorização das competências. Segundo a literatura com os estudos de Snyder e colaboradores (2001) no que diz respeito ao optimismo, não é valorizado o papel da auto-eficácia, pois consideram que o mais importante é a expectativa global face ao futuro e não o modo como a pessoa pensa. Como é também referenciado por Taylor (1989) e Weinstein (1984) os optimistas tendem a valorizar os assuntos pessoais mais do que os outros domínios da vida de carácter social.

Em relação aos alunos do 4° ano, principalmente os que frequentam o curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo, nota-se um maior equilíbrio entre a vertente mais humana e a vertente mais ligada às competências profissionais. Podemos verificar que na literatura se fala no bem-estar subjectivo, que segundo Diener e Fujito (1994) é a forma como as pessoas avaliam a sua vida. Nesta perspectiva segundo Neto e colaboradores (1990) o bem-estar subjectivo depende das expectativas de cada pessoa e portanto dos padrões de comparação por ela utilizados. Os estudos de Aro e Nurmi (1997) sugerem que os objectivos que as pessoas estabelecem, a situação de vida e as transformações que estão a enfrentar formam uma espécie de adaptação que é feita passo a passo. Parece assim existir em relação aos alunos do 4° ano, principalmente do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, uma maior articulação entre o bem-estar subjectivo e uma auto-estima ou afectividade positiva ganha por esta adaptação às circunstâncias da vida.

Em relação ao pessimismo os alunos dos dois cursos e dos quatro anos continuam a valorizar essencialmente as questões ligadas aos sentimentos, ao relacionamento, às questões mais afectivas e pessoais. No entanto, enquanto nos dois primeiros anos existe algum peso no factor desvalorização das competências, ou seja os alunos parecem não acreditar nas suas capacidades, nos últimos dois anos (3° e 4° ano) a tendência verificada é para que esse aspecto perca alguma importância. Mais uma vez os

resultados estão de acordo com a literatura, quando Diener (1984) fala na questão do bem-estar subjectivo e como se pode ligar a uma afectividade negativa e a uma baixa auto-estima. Ainda segundo Marujo e colaboradores (2001) o pessimista tenderá a ver os acontecimentos negativos como tendo sido originados pessoalmente (estilo explicativo).

2. Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar para a Universidade

Em relação aos optimistas verificamos que todos os alunos, dos dois cursos e dos quatro anos, referenciam a família pela positiva como sendo um factor muito importante. Segundo Chang (2001) o optimismo parece estar muito mais dependente do contexto e da educação do que da influência genética. Também Seligman e colaboradores (1989) referem a perspectiva da aprendizagem social, ou seja que o optimismo se aprende por modelagem. Segundo estes autores um estilo explicativo optimista dos pais correlaciona-se com o dos filhos, assim como para o pessimismo se verifica o inverso.

Já nos alunos pessimistas o factor que apresenta maior grau de influência, nos dois cursos e para os quatro anos, é a experiência de vida. No entanto é interessante observar que a influência familiar é vista como negativa e segundo os estudos de Hasen e Power (2002) o pessimismo das mães está correlacionado com o pessimismo dos filhos.

Nos alunos optimistas os colegas são referenciados como tendo sido uma influência positiva em ambos os cursos, para os quatro anos, e esta influência passa essencialmente pelos afectos.

No entanto, em relação aos alunos pessimistas, nos dois cursos e para os quatro anos, esta influência é vista tanto como tendo sido positiva como negativa, focando principalmente aspectos ligados à vertente afectiva e relacional.

Estes resultados podem ser suportados pela literatura, através dos estudos realizados por Helweg-Larsen e colaboradores (1999) onde afirmam que ser pessimista tem custos sociais elevados. Ainda segundo Brissete e colaboradores (2002) verifica-se que aqueles que são mais optimistas têm uma rede de amigos maior e uma maior percepção de suporte social.

No que diz respeito à influência dos professores neste processo de construção do optimismo/pessimismo, observa-se que para os alunos optimistas, nos dois cursos e para os quatro anos, o professor aparece como sendo uma figura de referência positiva e nesse caso é positiva e passa principalmente pelos afectos e valorização das competências.

No caso dos alunos pessimistas é interessante verificar que a figura do professor tanto aparece como tendo sido uma referência positiva como negativa, nos dois cursos e para os quatro anos. No entanto, é de salientar o facto de que para o curso de Educação de Infância a influência do professor, em relação aos afectos, parece ter sido mais negativa do que para os alunos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo.

Segundo os estudos de Dweck e colaboradores (*in* Starck e Boswell, 2000) as crianças interiorizam as atribuições que os professores fazem relativamente aos seus sucessos e

aos seus falhanços. Uma investigação realizada por Marujo (1994) veio mostrar que o negativismo, o mal estar dos sujeitos estava associado a experiências escolares e à desumanizada pressão para o sucesso. Demonstrou também que existem factores relacionais e comportamentais com grande impacto nos alunos, que por sua vez se ligam com o clima existente na escola.

O facto de os alunos deste estudo, quer os optimistas, quer os pessimistas, apontarem os aspectos afectivos e relacionais como tendo sido sentidos como os mais importantes, vem de encontro, segundo Marujo e colaboradores (2001), ao facto de parecer existir uma excessiva preocupação em relação ao futuro escolar e profissional, reforçando assim a necessidade de obtenção de sucesso escolar em detrimento do desenvolvimento pessoal, emocional e relacional.

Em síntese:
- Os alunos parecem estar muito centrados em si, nos seus sentimentos, nas suas necessidades afectivas;
- Sente-se que existe ainda uma grande ligação à família;
- Existe por parte dos alunos uma valorização da figura do professor como uma figura afectiva mais do que formativa;
- É gritante a pouca importância que os alunos dão aos aspectos escolares.

- O que é importante para que os alunos se sintam bem na Universidade?

3) Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade

Tanto nos alunos optimistas como nos alunos pessimistas, a influência dos professores na Universidade, é sentida como positiva, essencialmente ao nível das emoções e do relacionamento, nos dois cursos e para os quatro anos.

No entanto os alunos pessimistas do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo também apontam como indicador positivo o factor valorização das competências. Mais uma vez se verifica que para os alunos, sejam optimistas ou pessimistas, é fundamental a figura do professor e a influência que possa ter para a construção da sua personalidade. Os alunos continuam a valorizar preferencialmente as questões ligadas às emoções e às relações. Assim sendo, e de acordo com Marujo e colaboradores (2001), não faz sentido ser professor se não se andar entusiasmado com a vida. Torna-se necessário iniciar uma nova era em que se respire positividade e êxito, se construam e se partilhem histórias bem conseguidas e se criem maneiras de cada um se envolver nos pequenos grande sucessos de cada dia.

Em relação à influência do ambiente, quer para os alunos optimistas, quer para os pessimistas, de ambos os cursos e dos quatro anos, esta é sentida como positiva e mais uma vez passa essencialmente pelas emoções vivenciadas e pelo relacionamento com os professores. Neste sentido, na perspectiva de Diener (2000) é certo que o ser humano procura por princípio o caminho para atingir a felicidade e o bem-estar. Mas a natureza do Homem – ser relacional – faz com que o bem-estar próprio passe a ser o bem-estar dos outros, para que isso lhe permita crescer espiritualmente e sentir-se responsável na construção do mundo em que vive. Segundo Hargreaves (1994), conhecemos o modo como os professores pensam enquanto ensinam, como planificam e tomam decisões. No

entanto, sabemos bastante menos acerca do modo como sentem quando leccionam, das emoções e desejos que motivam e moderam o seu trabalho. Ainda segundo Marujo e Neto (2004) o clima emocional da escola não é só feito pelos outros, mas também por cada um de nós. Na escola, as emoções são o motor de toda a acção e comunicação, porque ensinar e aprender são processos afectivos.

Em relação à influência dos colegas, não se observaram diferenças nas respostas dos alunos optimistas e pessimistas dos dois cursos, no que diz respeito aos três primeiros anos. Esta influência é sentida como sendo positiva e mais uma vez assenta na base das emoções e da relação.

No entanto, para os alunos pessimistas do 4º ano dos dois cursos, existe também referência a uma influência negativa que passa essencialmente por questões relacionais ao nível da competição. Este aspecto vem apenas reforçar aquilo que já se disse anteriormente sobre as relações estabelecidas pelos alunos optimistas e pessimistas. É importante salientar o facto de nos alunos pessimistas finalistas se notar uma dificuldade relacional que pode mesmo implicar um afastamento do próprio em relação aos outros.

No que diz respeito à influência do curso em geral, no caso dos alunos optimistas esta influência é sentida como positiva nos dois cursos e ao longo dos quatro anos. Os aspectos mais valorizados são mais uma vez os emocionais e surge um outro que passa pela valorização da aquisição de competências. É, no entanto, interessante verificar que esta valorização da aquisição de competências vai no sentido não de uma valorização da profissão, mas sim no facto de poderem vir a trabalhar com crianças por gostarem muito delas.

Este aspecto é muito importante, pois pode alertar-nos para o facto de os alunos acharem que para se ser educador ou professor o mais importante é gostar das crianças e, como eles gostam, logo será fácil trabalhar com elas. Segundo os trabalhos de Seligman (1992) pretende-se um optimismo realista e flexível contrariamente a um optimismo irrealista e/ou cego. Segundo Bidarra (2002) um dos problemas que se regista neste domínio da formação de professores refere-se à demasiada adesão a um modelo de tipo transmissivo que é aquele que menos favorece a modificação das representações, competências e disposições pessoais, assim como a existência de uma dissociação no espaço e no tempo entre formação teórica e prática pedagógica, que possibilita a expressão do fenómeno do optimismo irrealista.

Em relação aos alunos pessimistas, verificamos que no 1º ano dos dois cursos, a influência do curso em geral é sentida como positiva e passa novamente pelas cognições e competências profissionais, novamente com o sentido de essas serem adquiridas exclusivamente pelo facto de se gostar de crianças. Mais uma vez e segundo Book e colaboradores (1983) e Lanier e Little (1986) a existência deste optimismo irrealista pode trazer graves implicações na educação dos professores. Se os alunos acreditarem que ensinar é relativamente fácil, eles estarão pouco motivados para se entregaram à tarefa de se prepararem para esta profissão.

Nos três últimos anos dos dois cursos, a influência do curso passa a ser sentida pela positiva e pela negativa. No caso do 3º e 4º anos dos dois cursos, a influência positiva passa pelas emoções e valorização das competências, mais uma vez ligadas ao facto de

gostarem de crianças e no caso do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo surge também, nestes dois anos, o factor desempenho como sendo um factor positivo.

A influência negativa passa, nos dois cursos, pela baixa qualidade do ensino e poucas perspectivas futuras. É de salientar o facto de no 2° ano existir uma influência do curso bastante acentuada, em termos negativos, ao nível da baixa qualidade de ensino, ou seja, o não terem perspectivas futuras e sentirem-se frustados nas suas expectativas. Segundo Alves (2003) ainda se observa hoje nas instituições que gastar tempo a pensar em música, jardinagem, etc. é uma doença a ser evitada a todo o custo, em benefício do controlo da qualidade do pensamento, ou seja, é o cortar as asas da imaginação, da esperança, dos sentimentos, do optimismo. Mas perante esta realidade não é de admirar que as pessoas passem as suas vidas com a estranha sensação de que não era bem aquilo que desejavam. Elas foram transformadas em alguma coisa diferente dos seus sonhos, e essa traição condenou-as à infelicidade.

No entanto, é muito interessante observarmos que enquanto os pessimistas do 2° ano do curso de Educação de Infância apresentam uma grande quebra no que concerne às suas expectativas presentes e futuras em relação ao curso, sem existirem quaisquer compensações, no caso dos pessimistas do 2° ano do Ensino Básico 1° ciclo, embora também apresentem baixas expectativas e baixas perspectivas futuras, parece existir uma compensação ou um investimento ao nível do desempenho, o que lhes permite uma espécie de protecção face a este pessimismo, sentido nos alunos do outro curso. Esta perspectiva parece ir de encontro à perspectiva apresentada por Norem (2001) quando faz referência à existência de um pessimismo defensivo que é uma estratégia cognitiva, na qual os indivíduos estabelecem expectativas baixas de alcançar determinado objectivo, independentemente de já terem sido bem sucedidos numa situação anterior. Esta estratégia funciona como uma espécie de almofada que ajuda a suportar um possível fracasso. Assim sendo o pessimismo defensivo poderá ser visto como um mecanismo adaptativo. Também num estudo realizado por França (1993) sobre valores europeus e identidade cultural, concluiu-se que o povo português vive globalmente insatisfeito e infeliz, tenso e desanimado, desconfiado, preocupado com o futuro e no que concerne à relação educativa apresentam valores negativos.

Em síntese:

- Os alunos parece sentirem uma necessidade em serem bem tratados pelos professores;
- Sentem também uma necessidade em serem bem tratados pelos colegas;
- O aspecto mais valorizado pelos alunos passa essencialmente pelo facto de poderem vir a trabalhar com crianças, mais do que com o aspecto relativo à preparação pedagógica que isso requer;
- É notória a constatação de uma quebra do optimismo, a partir do 2° ano nos alunos do curso de Educação de Infância que se reflecte nas suas expectativas presentes e futuras, sem a existência de qualquer tipo de compensação; enquanto que nos alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, embora também apresentem problemas com as expectativas e perspectivas futuras, parece existir um mecanismo de compensação ao investirem em termos do desempenho.

- O que é os alunos consideram mais importante no que diz respeito aquilo que a Universidade lhes pode dar ou não dar?

4. Ligação à Universidade

Para os alunos optimistas os aspectos mais valorizados, nos dois cursos e para os quatro anos, são os recursos humanos (o excelente convívio, o bom relacionamento, etc.). No entanto, no 3° ano nos dois cursos também surge o desempenho dos professores como um aspecto positivo (são referenciados preferencialmente três professores no caso dos alunos do Ensino Básico 1° ciclo).

Em relação aos alunos pessimistas os resultados apontam no mesmo sentido, ou seja, em ambos os cursos e para os quatro anos, o aspecto mais valorizado é o aspecto humano em termos de proximidade professor/aluno. Estes resultados vão de encontro à perspectiva de Freire (2002) que refere que o aluno humano requer um professor humano, que exerça não apenas a profissão de pedagogo, mas a profunda profissão de homem. Segundo Morin (2002) é importante percebermos que a tríade existente entre a razão-afectividade e o impulso não é estável, e pode ser rotativa. Todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertença.

No que concerne ao aspecto relativo à auto-realização, os alunos optimistas apresentam resultados diferentes consoante o curso. No caso do curso de Educação de Infância, os alunos, para os quatro anos, valorizam o nível pessoal, ou seja neste caso, o facto de estarem num curso superior; enquanto que os alunos do Ensino Básico 1° ciclo sentem-se mais realizados a nível académico, como por exemplo em acontecimentos passados e vivenciados em sala de aula e nos acontecimentos mais ligados com a prática (estágio, disciplinas mais práticas, etc.). Esta diferença vai-se acentuando do 1° para o 4° ano nos dois cursos.

Em relação aos alunos pessimistas os resultados são semelhantes nos dois cursos para os quatro anos, ou seja, todos valorizam o nível pessoal em termos de desempenho e o nível académico em termos de certas disciplinas, trabalhos de grupo e estágio. Face a estes resultados é importante citar Mairena (*in* Morin, 2002) quando diz que a finalidade da nossa escola é de ensinar a repensar o pensamento, a des-saber o sabido e duvidar da sua própria dúvida, o que é a única maneira de começar a acreditar em qualquer coisa. Ainda segundo Closets (2002) aprender é um esforço, ou seja, o investimento é forçosamente pessoal. Os mestres podem-nos orientar, os métodos ajudar-nos, os professores instruir-nos, mas se queremos saber não há nada que nos possa dispensar de fazermos por nós próprios o caminho a percorrer. Parece-nos que os alunos do Ensino Básico 1° ciclo se enquadram nesta perspectiva, enquanto que os alunos do curso de Educação de Infância ainda estão na mesma perspectiva apresentada anteriormente por Alves (2003) com o exemplo do Charlie Brown.

Em relação aos laços com a Universidade os alunos optimistas do curso de Educação de Infância para os quatro anos, estabelecem a ligação a nível pessoal, ou seja, mais uma vez, ter um curso superior e ao nível das relações humanas. Enquanto que para os alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo, ao longo dos quatro anos estabelecem a ligação também a nível pessoal, mas em termos de desempenho e a nível académico em termos dos acontecimentos passados na sala de aula e no estágio. Mais

uma vez se confirma a relação pouco profunda que os alunos do curso de Educação de Infância estabelecem com a Universidade. No caso dos alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo parece existir uma maior consciencialização. Segundo Hargreaves (1994) existe um tempo institucional que deveria estar sempre ao serviço de um clima institucional que estimulam a sincronização entre tempos cronológicos e tempos vivenciados. Segundo Assman (1998) a criação de condições de aprendizagem requer que a temporalidade institucional seja colocada em função da produção de tempo vivido, ou seja, ao serviço de um tempo que se revele fecundo para a construção do conhecimento e para alentar a sensação de alunos e docentes de que eles efectivamente se encontram inseridos num tempo pedagógico.

No que diz respeito aos alunos pessimistas verificamos que para o 1° ano dos dois cursos os laços com a Universidade são essencialmente inexistentes; os alunos dizem que ainda é cedo para tal acontecer, ou que os laços são de âmbito meramente pessoal. Podemos salientar aqui o modelo de auto-regulação do comportamento defendido por Scheier e Carver (1985), baseado na ideia de que todo o comportamento humano tende a fazer esforços destinados a alcançar objectivos com acções reguladoras associadas que os permitem atingi-los. O optimismo tem um efeito moderador na forma como as pessoas lidam com obstáculos e quando confrontadas com esses obstáculos, os optimistas terão maior probabilidade do que os pessimistas em persistir nos seus esforços para os superar.

Os outros anos valorizam como elo de ligação com a Universidade o nível pessoal, em termos de desempenho, e isto verifica-se para os dois cursos. Podemos ligar esta atitude à perspectiva de Brickman e Campbell (1971) que defende uma teoria baseada no princípio da adaptação, ou seja, quanto mais satisfazemos as nossas necessidades e alcançamos os nossos desejos mais aumentam as nossas expectativas. O mesmo sucede pela negativa, quando nos deparamos com o infortúnio ficamos infelizes, mas passado algum tempo adaptamo-nos e essas circunstâncias negativas passam a não ter tanta influência.

Em relação às experiências positivas em grupo, os alunos optimistas do curso de Educação de Infância valorizam em termos gerais o nível académico. Os quatro anos referem preferencialmente experiências ligadas a acontecimentos académicos (festas, praxes, etc.) e nos três últimos anos referem também as experiências vivenciadas em sala de aula e no estágio. No caso dos alunos do Ensino Básico 1° ciclo é também o nível académico o mais valorizado, embora nos três últimos anos as experiências referidas tenham essencialmente a ver com aquelas passadas na sala de aula e no estágio.

Nos alunos pessimistas os resultados são semelhantes. No 1° ano dos dois cursos os alunos referem que ainda não vivenciaram esse tipo de experiências, e quando lhes fazem referência ligam-nas com os acontecimentos académicos. Parece-nos lógica esta ideia de que a vinculação com a instituição ainda estar muito pouco amadurecida e por outro lado quando ela existe começa por fazer-se através dos acontecimentos menos formais, que permitem obter um maior conhecimento da instituição e das pessoas.

Nos outros três anos, no caso dos alunos do curso de Educação de Infância o aspecto mais valorizado continua a ser os acontecimentos académicos, enquanto que para os alunos do Ensino Básico 1° ciclo as experiências mais positivas são passadas na sala de

aula. Parece existir um maior investimentos dos alunos do curso do Ensino Básico 1° ciclo naquilo que se passa dentro das salas de aula, contrariamente aos alunos do curso de Educação de Infância que nem fazem qualquer referência a este aspecto. Segundo Marujo e colaboradores (2001) é sabido que os professores funcionam como modelos para os seus alunos. Ainda segundo Giddens (1990) tem-se verificado que uma forte orientação para o cuidado, equilibrada com outras finalidades, está fortemente associada a climas de escola positivos que promovem o sucesso dos alunos. Será que o facto de os alunos do Ensino Básico 1° ciclo mostrarem um maior interesse pelas aulas e, por outro lado, darem indicadores de que têm pelo menos três professores como referência, ou modelos positivos, os faz sentirem-se mais seguros em relação a este aspecto do que os alunos do curso de Educação de Infância?

No que concerne aos momentos de forte envolvimento não se registam diferenças nas respostas dos alunos optimistas e pessimistas dos dois cursos. Para os alunos do 1° ano, quer optimistas, quer pessimistas dos dois cursos, esses momentos ou ainda não acontecerem ou se existiram foram essencialmente em termos relacionais (conhecer novos amigos). Para os outros três anos os momentos referenciados situam-se no nível pessoal e no nível académico. No entanto encontramos aqui novamente diferenças entre os cursos. Os alunos do curso de Educação de Infância valorizam o desempenho e os acontecimentos académicos (festas, praxes, etc.), enquanto que para os alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo os aspectos mais valorizados passam pelos acontecimentos passados em sala de aula e a prática. Estes resultados vêem reforçar os referenciados no ponto anterior. Mais uma vez os alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo parecem ter uma vivência mais positiva dentro da sala de aula.

No que diz respeito aos momentos mais convidativos à acção os alunos optimistas, dos dois cursos e para todos os anos, valorizam preferencialmente o nível académico. No entanto enquanto nos alunos do curso de Educação de Infância esta valorização recai sobre os aspectos ligados aos acontecimentos académicos, nos alunos do curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo apontam para aspectos ligados a acontecimentos passados dentro da sala de aula (trabalhos de grupo) e a prática (estágio, ateliers, etc.).

Pode-nos parecer que no caso dos alunos do curso de Educação de Infância o seu processo de adaptação à Universidade está pouco consistente e quando isso acontece, tal como afirma Cyrulnik (2003, p. 214) "há no humor uma intenção terapêutica que se assemelha um pouco à função de recusa – fazer crer a si mesmo que a coisa não é grave. Este logro é uma falsificação criadora que põe a dor à distância. Se conseguir pôr em cena a tragédia que me tortura, se vos arrancar um sorriso, uma emoção amigável ou uma mímica de interesse, deixarei de desempenhar o papel aflitivo da pobre criança vítima perdida."

No caso dos alunos pessimistas em relação ao 1° ano dos dois cursos, ambos afirmam que esses momentos são ainda inexistentes ou se já aconteceram situam-nos ao nível dos acontecimentos académicos. É interessante observar que existe uma diferença na atitude dos alunos optimistas e pessimistas do 1° ano de ambos os cursos. Enquanto os alunos optimistas se refugiam nos acontecimentos académicos, os alunos pessimistas não conseguem encontrar, na maioria dos casos, nenhuma opção. Ainda segundo Cyrulnik (2003) viver dentro de uma cultura onde se pode dar sentido aquilo que

aconteceu – historizar, compreender, e dar, constituem os meios de defesa mais necessários e mais eficazes. Para deixar de se sentir mal, para se tornar aquele por meio de quem a felicidade acontece, é preciso participar na cultura, empenhar-se nela, ser actor e não apenas espectador.

Nos 2° e 3° anos aquilo que os alunos pessimistas dos dois cursos mais valorizam é o nível académico. No entanto, mais uma vez, se verifica que enquanto os alunos do curso de Educação de Infância apontam preferencialmente os acontecimentos académicos, os alunos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo indicam os acontecimentos passados em sala de aula e a prática. No 4° ano dos dois cursos os alunos referem o nível pessoal como sendo aquele que lhe proporciona esses momentos, nomeadamente em termos do relacionamento professor/aluno. No entanto existe um aumento substancial de respostas a este nível por parte dos alunos pessimistas que frequentam o curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo. Mais uma vez se observa um maior investimento por parte dos alunos do Ensino Básico 1° ciclo na valorização da relação professor/aluno. Talvez seja um indicador de que existam alguns professores neste curso, que segundo Seligman (2002) utilizem programas de aprender para o optimismo, estando assim a ensinar os alunos a reconhecerem os seus pensamentos mais catastróficos e levando-os a transformá-los em desafios através do pensamento.

No que diz respeito às formas de maior comprometimento, no caso dos alunos optimistas dos dois cursos e para os quatro anos, as respostas são semelhantes. Todos valorizam o nível pessoal, que se traduz nos aspectos ligados ao desempenho, à vontade de acabar o curso e no desejo de manter uma ligação com a Universidade. É interessante observar que nas respostas dos alunos finalistas o objectivo a atingir é o de acabarem o curso e obterem um bom desempenho, em vez de poderem vir a ser bons profissionais ou desempenharem a sua função em termos futuros. Reforçando aqui os estudos de Schweizter e Schneider (1997) verificam-se diferenças significativas na distribuição dos valores do optimismo social e do optimismo pessoal. Os baixos níveis de optimismo social podem estar relacionados com a conotação pessimista e negativa que a maior parte da sociedade imprime em relação, neste caso, à função e à profissão do professor. Pode também estar relacionado com a percepção de controle que existe face à situação. Julgamos ter mais controle sobre a nossa vida pessoal do que sobre os aspectos sociais.

No que concerne aos alunos pessimistas, em relação ao 1° ano não existem diferenças nas respostas dos alunos dos dois cursos. Alguns indicam que ainda não sabem qual a forma de se comprometerem com a Universidade, e outros que esse comprometimento passa por conseguirem acabar o curso. Nos três últimos anos os alunos pessimistas do curso de Educação de Infância dão maior relevo ao nível pessoal, em termos de desempenho e relacionamento; enquanto que para os alunos do curso de Ensino Básico 1° ciclo, para além do nível pessoal, também em termos de desempenho e relacionamento, é igualmente valorizado o nível académico no que concerne ao facto de virem a participar em actividades na Universidade.

5) Percepção de Universidade

Em relação à percepção global da Universidade não existem diferenças entre as respostas dos alunos optimistas e dos alunos pessimistas dos dois cursos e dos quatro anos. Todos os alunos referem que o aspecto que é mais valorizado quando

percepcionam a Universidade é o ambiental, mas restringindo esta valorização ao espaço exterior.

No que respeita aos aspectos a melhorar, quer os alunos optimistas, quer os pessimistas, do 1° ano dos dois cursos, salientam os recursos humanos no sentido de existir uma melhoria em termos de relacionamento e os recursos ambientais, nomeadamente no que respeita à logística (melhoria da qualidade dos serviços, condições das salas de aula, etc.). Do 2° para o 4° ano, quer para os alunos optimistas, quer para os pessimistas, dos dois cursos, embora haja também referência à melhoria dos aspectos relacionais e de logística, surge uma preocupação em relação a uma melhoria da qualidade de ensino. É no entanto de salientar que o peso colocado em relação a esta necessidade é superior nas respostas dos alunos do curso de Educação de Infância. De acordo com a literatura Freire (2002) diz que a relação pedagógica implica necessariamente o uso e abuso do diálogo. O Homem dialógico tem fé nos Homens antes de se encontrar frente a frente com eles. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros das suas reais e concretas intenções. Ainda segundo Morin (1990), no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável da afectividade, ou seja, da curiosidade e da paixão.

E quando os alunos apenas referem o espaço exterior como sendo o mais positivo e ao mesmo tempo a necessidade de uma melhoria na qualidade de ensino, diz Feitosa (1993) que quando o académico deveria orientar, determinar e influenciar a prática profissional, alimentando-a com questões que a impulsionassem ao desenvolvimento e à pesquisa, é justamente a prática profissional cristalizada, repetitiva, monocórdica e acéfala que condiciona o académico, dificultando-lhe o avanço e o comportamento científico.

Síntese:

- Os aspectos que ligam os alunos à Universidade situam-se a nível pessoal, concretamente em termos de relacionamento e dos acontecimentos académicos;
- Existe pouca valorização nas questões de âmbito pedagógico;
- Nota-se uma diferença importante entre os alunos do curso de Educação de Infância e os alunos do curso de Professores do Ensino Básico 1° ciclo na medida em que os segundos valorizam mais as questões ligadas a acontecimentos passados ou vivenciados em sala de aula e à prática;
- A percepção da escola é essencialmente focalizada no ambiente, mas restringida apenas ao espaço exterior, o que nos parece ir ao encontro do tipo de investimento que os alunos parecem dar ao aspecto pessoal e de relacionamento (sentirem-se bem, estarem bem, serem bem tratados, etc.);
- Os aspectos a melhorar, mais uma vez, apontam para a melhoria do relacionamento humano e para as questões logísticas, ou seja, para aquilo que vai de encontro à satisfação das necessidades dos alunos;
- Em ambos os cursos se nota a ausência de interesse pelos aspectos ligados à formação e à qualidade de ensino.

11. Conclusão e Recomendações

Em primeiro lugar, antes de apresentarmos as conclusões, gostaríamos de reforçar a especificidade deste trabalho de investigação, principalmente no que diz respeito ao segundo estudo, marcada claramente por uma opção qualitativa, em que tivemos a preocupação de compreender e interpretar uma realidade circunscrita. Neste sentido, estes resultados estão limitados a um contexto muito próprio e, por isso, não são generalizáveis, consistindo a sua validade nos dados reais apresentados.

A aproximação à instituição e aos alunos que participaram neste estudo ajudou a desenvolver uma perspectiva do lado de dentro deste ambiente. No entanto, sabemos que tratámos apenas alguns aspectos, não abarcando toda a dimensão de uma realidade que é dinâmica e multifacetada, pelo que o nosso trabalho não é mais do que um estudo exploratório que poderá ter outros prolongamentos.

Tratando-se de um trabalho em que um dos estudos foi do tipo indutivo tivemos, por vezes, algumas dificuldades de compatibilizar o momento de recolha de dados com os conceitos e teorias que nos serviam de referência. A existência desta limitação conduziu a um trabalho muito extenso, pela necessidade de contextualizar todos os dados recolhidos de forma a interpretá-los e compreendê-los.

No entanto, optámos por correr esse risco por acharmos que poderia enriquecer mais o nosso estudo. Teria sido interessante utilizar este estudo fazendo um percurso longitudinal, ou seja, em vez de entrevistar todos os alunos dos quatro anos de cada curso, poder seguir os mesmos alunos durante os quatro anos do seu percurso na Universidade, de forma a obter conclusões mais sólidas e consistentes. Outro factor que poderia ter sido também estudado seria o de ter feito também entrevistas aos professores, mas como requereria a recolha de muito mais informação, tivemos de optar.

Outra questão que nos dificultou um pouco a nossa tarefa foi o facto de existirem muito poucos estudos a nível do ensino superior, ligando o optimismo/pessimismo disposicional (pessoal) na educação com o optimismo/pessimismo situacional (social). Apesar de estarmos conscientes de algumas limitações deste trabalho, constatamos que apesar disso foi possível tirar algumas conclusões que poderão vir a ter utilidade na reformulação das aprendizagens e das práticas actuais. São essas conclusões que passaremos a enumerar.

1. No que diz respeito à existência de diferenças tão notórias entre o padrão de optimismo/pessimismo observadas nos dois cursos estudados (que têm planos curriculares semelhantes) verificamos que:

- Tendo em conta os resultados obtidos, a "política" implementada nos dois cursos, em termos da dinâmica utilizada nas aulas e da postura dos professores, parece-nos valorizar mais a formação do que a relação. Logo, aqueles alunos que se encontram mais ligados ao aspecto relacional poderão sentir-se mais frustados do que aqueles que dão, ou investem também, na componente da formação. Ora, os alunos do curso de Educação de Infância, como verificámos, estão mais centrados nas questões relacionais, logo poderão sentir-se menos apoiados, mais perdidos, mais frustados nas suas expectativas, do que os alunos do curso de

Professores do Ensino Básico do 1° ciclo que, como vimos, se apoiam na questão relacional, mas que também valorizam a parte relativa à formação;

- Por outro lado, poderemos colocar a hipótese destas diferenças observadas no padrão de optimismo/pessimismo entre os dois cursos, poder ter a ver com o facto de o curso de Professores do Ensino Básico do 1° ciclo se encontrar mais organizado, através da figura do coordenador de curso, ou mesmo de alguns professores, o que poderá levar a que os alunos se sintam mais protegidos, mais apoiados e, por conseguinte, acreditem mais nas suas competências como futuros profissionais.

2. No que diz respeito ao facto de não ter havido evolução nos padrões de optimismo/pessimismo da 1ª para a 2ª aplicação (verificada através do 1° estudo) podemos sugerir que:

- Ficou claramente demonstrada a existência de uma grande abertura e necessidade que os alunos em termos gerais mostram e sentem para as questões afectivas, emocionais e relacionais; uma vez que não se observaram alterações nos padrões de optimismo/pessimismo dos alunos nos dois cursos ao longo do ano, poderemos pensar que esse investimento, de que tanto os alunos precisam, não esteja a ocorrer.

3. Ora, assim sendo, os resultados obtidos nestes dois estudos parecem deixar-nos o caminho aberto para a necessidade de se investir na área da educação para o optimismo. A ilustrar esta linha de actuação já dizia Morin (2002) que a um pensamento que isola e separa, é necessário substituir um pensamento que distinga e religue. A um pensamento redutor, é necessário substituir por um pensamento do complexo. Existe um conhecimento que é compreensivo e que se fundamenta sobre a comunicação e a empatia. E ainda segundo Goleman (1995) o valor educativo das ciências não é só racional, é também emoção poética, ao ocorrer a dúvida, anseios e problemas perpétuos. A ciência é tanto um exercício intelectual, fundado no nexo lógico das hipóteses, dos testes, dos métodos, dos discursos, como uma expressão de sentimentos e de emoções... até pela simples razão de que a inteligência, sem emoção, mantém a lucidez, mas rouba-nos o desejo.

No entanto, teremos de ter algum cuidado na forma como vamos actuar, pois segundo Weinstein (1988) é fundamental que se ponderem alternativas de apoio aos alunos de forma a desenvolver expectativas mais realistas sobre a sua futura experiência profissional. Na perspectiva de Marujo e colaboradores (2001), o optimismo que se pretende alcançar é um optimismo realista e interveniente, não uma alegria pateta e desenraizada. As qualidades do optimismo e do pessimismo influenciam as experiências subjectivas das pessoas quando se confrontam com os problemas, assim como influenciam também a forma de agir e de lidar com esses mesmos problemas.

Para terminarmos gostaríamos de citar Hargreaves (1994) quando diz que os professores sabem que o seu trabalho está a mudar, assim como o contexto no qual o desempenham. Algo vai ter de ceder – poderá ser a qualidade da aprendizagem na sala de aula, poderá ser a saúde, a vida e a força dos próprios professores ou poderão ser as estruturas e as culturas básicas da escolaridade, reinventadas em função dos objectivos e das pressões pós-modernas. As regras do mundo estão a mudar. Está na hora das regras do ensino e do trabalho dos professores também mudarem.

12. Referências Bibliográficas

Abramson, L., Seligman, M.E. & Teasdade, J. (1978). Learned helplessness in human: critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology, 87*, 49-74.

Alves, R. (2003). *A alegria de ensinar*. Porto: Edições ASA.

Andersson, G. (1996). The benefits of optimism: a meta-analasys review of the life orientation test. *Personality and Individual Differences, 21*, 719-725.

Armor, D. & Taylor, S. (1998). Situated optimism: specific outcome expectancies and self-regulation. *Advances in Experimental Social Psychology, 30*, 309-379.

Aro, K.S. & Nurmi, J.E. (1997). Goal contents, well-being, and life context during transition to University: A longitudinal study, *International Journal of Behavioral Development, 20(3)*, 471-491.

Aspinwall, L.G., Richter, L. & Hoffman, R.R. (2001). Understanding how optimism works. And examination of optimists' adaptive moderation of belief and behavior. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice* (pp. 217-238). Washington: American Psychological Association.

Assmann, H. (1998). *Reencantar a educação – Rumo à sociedade aprendente*. Brasil: Editora Vozes.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barros de Oliveira, J.H. (1998). Optimismo: teoria e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura, II(2)*, 295-308.

Bidarra, M.G. (1994). *Estudo dos processos sociocognitivos e análise das práticas de formação*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Bidarra, M.G. (2002). Do grau de transmissividade das práticas de formação ao optimismo irrealista. *Revista de Educação, XI(1)*, 159-162.

Bodgan & Biklen (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Book, C., Byers, J. & Freeman, D. (1983). Student expectation with which we can and cannot live. *Journal of Teacher Education, 34(1)*, 9-13.

Brissete, I., Scheier, M.F. & Carver, C.S. (2002). The role of optimism in social networks developments coping and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology, 182(1)*, 102-111.

Campos, B.P. (1995). Necessidades de mudança na formação de professores e futuro das escolas superiores de educação. *Aprender, 19*, 52-60.

Carver, C.S. & Scheier, M.F. (1985). Optimismo, coping and health: assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology, 4(3)*, 219-247.

Carver, C.S. & Scheier, M.F. (1985). Optimismo. *In* C. Snyder, S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive Psychology* (pp. 231-241). Oxford: University Press.

Carver, C.S. & Scheier, M.F. (2001). Optimism, pessimism and self-regulation. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice*. Washigton: American Psychological Association.

Chang, E.C. (1996). Evidence for the cultural specificity of pessimism in Asians versus Caucasians: a test for a general negativity hypothesis. *Personality and Individual Differences, 21*, 819-822.

Chang, E.C. (2000). Perfectionism as a predictor of positive and negative psychological outcomes: examining a mediation model in younger and older adults. *Journal of Counseling Psychology, 47(1)*, 18-26.

Chang, E.C. (2001). *Optimism and pessimism: implications for theory research and practice*. Washington: American Psychological Association.

Chang, E.C., D'Zurilla, T.J. & Maydeu-Olivares, A. (1994). Assessing the dimensionality of optimism and pessimism using a multimeasure approach. *Cognitive Therapy and Research, 18(2)*, 143-160.

Chang, E.C., Maydeu-Olivares, A. & D'Zurilla, T.J. (1997). Optimism and pessimism as partially independent constructs: relations to positive and negative affectivity and psychological well-being. *Personality and Individual Differences, 23*, 433-440.

Closets, F. (2002). *A felicidade de aprender e como ela é destruída*. Lisboa: Editora Terramar.

Cyrulnik, B. (2003). *Resiliência – essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituo Piaget.

Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa – as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

Davidson, K. & Prkachin, K. (1997). Optimism and unrealistic optimism have an interacting in pact on health-promoting behavior and knowledge change. *Personality and Social Psychology Bulletin, 23*, 617-625.

Dember, W.N., Martin, S., Hummer, M.K., Howe, S. & Melton, R. (1989). The measurement of optimism and pessimism. *Current Psychology: Research and Reviews, 8*, 102-119.

Diener, E. & Larson, R.J. (1993). The experience of emotional well-being. *In* M. Lewis (Ed.), *Handbook of emotions* (pp. 405-415). New-York: Guilford Press.

Diener, E. (2000). Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist, 55(1)*, 34-43.

Diener, E. & Seligman, M.E. (2002). Very happy people. *Psychological Science, 13(1)*, 81-84.

Diener, E. & Suh, E.M. (2000). Measuring subjective well-being to compare the quality of life of cultures. *In* E. Diener, E.M. Suh (Eds.), *Culture and subjective well-being*. Massachussets: Institute of Thecnology.

Diener, E., Gohm, C.L., Suh, E. & Oishi, S. (2000). Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. *Journal of Cross Culture Psychology*.

Diener, E., Suh, E.M., Lucas, R. & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin, 125(2)*, 276-302.

Estrela, M.T. (1999). Da (im)possibilidade actual de definir critérios de qualidade da formação de professores. *Psicologia, Educação e Cultura, III(1)*, 9-30.

Feitosa, A.M. (1993). *Contribuições de Thomas Khun para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

Feyerabend, P.K. (1991). *Diálogo sobre o método*. Lisboa: Editorial Presença.

Fincham, F.D. & Bradbury, T.N. (1992). Assessing attributions in marriage: the relatioship attribution measure. *Journal of Personality and Social Psychology, 62(3)*, 457-468.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Brasil: Editora Paz e Terra.

Furnham, A. (1997). The half full or half empty glass: the views of the economic optimistic versus pessimistic. *Human Relations, 50(2)*, 197-209.

Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.

Goodman, E., Knight & Durant, R. (1997). Use of the life optimism test among adolescents in a clinical setting: a report of reliability testing. *Journal of Adolescent Health, 21*, 218-220.

Goyette, G., Lessard-Herbert, M. & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hargreaves, A. (1994). *Os professores em tempos de mudança – o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: Editora MacGraw-Hill.

Hasan, N. & Power, T.G. (2002). Optimism and pessimism in children: a study of parenting correlates. *International Journal of Behavior Development, 26(2)*, 185-191.

Heine, S.J. & Lehman, D.R. (1995). Cultural variation of unrealistic optimism: does the west feel more invulnerable than the east?. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 555-607.

Hills & Argyle (2001). Happiness, introversion-extroversion and happy introverts. *Personality and Individuals Differences, 30*, 595-602.

Inglehart, R. & Klingemann, H. (2000). Genes, culture, democracy and happiness. *In* E. Diener, E.M. Suh (Eds), *Culture and subjective well-being*. Massachusets: Institute of Thecnology.

Kuhn, T.S. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. Brasil: Editorial Perspectiva.

Lanier & Little (1986). Research on teacher education. *In* M.C. Wittrock (Ed.), *Handbok of research on teaching* (pp. 527-569). New York.

Lourenço (2000). Orientação para o positivo e para o negativo: um caso especial de assimetria do comportamento humano. *Psicologia, Educação e Cultura, 4(2)*, 227-241.

Lucas, R. & Gohm, C. (2000). Age and sex differences in subjective well-being across cultures. *In* E. Diener, E.M. Suh (Eds.), *Culture and subjective well-being*. Massachussets: Institute of Thecnology.

Lucas, R., Diener, E. & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology, 71(3)*, 616-628.

Lucas, R.E., Diener, E., Grob, A., Suh; E. & Shao, L. (2000). Cross-cultural evidence for the fundamental features of extroversion. *Journal of Personality and Social Psychology, 79(3)*, 452-468.

Ludke, M. & Marli, E.D.A. (1987). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Maier, S.F., Peterson, C. & Schwartz, B. (2000). From helplessness to hope: the seminal carrier of Martin Seligman. *In* J. Guillham (Ed.), *The science of optimism and hope*. Philadelphia: Templeton Fundation Press.

Marshall, G.N., Wortman, C.B., Kusulas, J.W., Hervig, C.R. & Vickers, R.R. (1992). Distinguishing optimism from pessimism: relations to fundamental dimensions of mood and personality. *Journal of Personality and Social Psychology, 62*, 1067-1074.

Marujo, H. & Neto, L.M. (2004). *Optimismo e esperança na educação. Fontes inspiradoras para uma escola criativa*. Lisboa: Editorial Presença.

Marujo, H., Neto, L.M. & Perloiro, F. (2001). *Educar para o optimismo*. Lisboa: Editorial Presença.

Metalsky, G.I., Halberstadt, L.J. & Abramson, L.Y. (1987). Vulnerability to depressive mood reactions: toward a more powerful test of the diathesis-stress and causal mediation components of the reformulated theory of depression. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 386-393.

Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Morin, E. (1999). *Repensar a reforma – reformar o pensamento – a cabeça bem feita.* Lisboa: Instituto Piaget.

Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.

Mroczek, D.K & Kolarz, C.M. (1998). The effect of age on positive and negative affect: a development perspective on happiness. *Journal of Personality and Social Psychology, 75(5)*, 1333-1349.

Mroczek, D.K., Spiro, A.D., Aldwin, Ojen & Bossé (1993). Construct validation of optimism and pessimism in older men: finding from the normative aging study. *Health Psychology, 12(5)*, 406-409.

Myers, D. (2000). The funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist, 55(1)*, 56-67.

Neto, L.M. & Marujo, H. (2002). *Optimismo e inteligência emocional. Guia para educadores e líderes*. Lisboa: Editorial Presença.

Neto, Barros & Barros (1990). Satisfação com a vida. *In A acção educativa: análise psico-social* (pp. 91-99). Leiria: ESEL/Apport.

Norem, J.K. (2001). Defensive pessimism, optimism, and pessimism. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice*. Washington: American Psychological Association.

Norem, J.K. (2001). *The positive power of negative thinking: usinf defensive pesimism to menage anxiety and peerform at your peak*. Cambridge: Basic Books.

Norem, J.K. & Cantor, N. (1986). Defensive pessimism: harnessing anxiety and motivation. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 1208-1217.

Norem, J.K. & Hang, E.C. (2002). The positive psychology of negative thinking. *Journal of Clinical Psychology, 58*, 993-1001.

Norem, J.K. & Illingworth, K.S. (1993). Strategy-dependent effect of reflecting on self and tasks: some implications of optimism and defensive pessimism. *Journal of Personality and Social Psychology, 65(4)*, 822-835.

Novoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, D. Quixote.

Pavot, W. & Diener, E. (1993). A review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment, 5,* 164-172.

Pavot, W., Diener, E. & Fujita, F. (1990). Extraversion and happiness. *Personality and Individual Differences, 11,* 1299-1306.

Perloiro, F. (2002). *Padrões de optimismo e satisfação com a vida em famílias portuguesas.* Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade Aberta.

Perrenoud (1988). La formation des maitres ou l'illusion du Deus ex machina: reflections sur les rapports entre l'habitus et la pratique *In La formation des enseignants en Suisse romande,* Actualites, Perspectives (pp. 47-71). Delval: Cousset.

Peterson, C. (2000). Optimistic explanatory style and health. *In* J.E. Gilham (Ed.), *The science of optimism and hope.* Philadelphia: Templeton Foundation Press.

Peterson, C. (2000). The future of optimismo. *American Psychological Association, 55(1),* 44-55.

Peterson, C. & Bossio, L.M. (2001). Optimism and physical weel-being. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice.* Washington: American Psychological Association.

Peterson, C., Colvin, D. & Lin, E.H. (1992). Explanatory style and helplessness. *Social Behavior and Personality, 20,* 1-14.

Plomin, R., Scheier, M.F., Bergeman, C.S., Peterson, N.L., Nesselroad, J.R. & McCleam, G.E. (1992). Optimism, pessimism and mental health: a twin adoption analysis. *Personality and Individual Differences, 13,* 921-930.

Popper, K. (1992). *Em busca de um mundo melhor.* Lisboa: Editorial Fragmentos.

Pourtois, J.P. & Desmet, H. (1988). *Epistémologie et instrumentation en sciences humaines.* Bruxelas: Pierre Mardaga.

Robinson-Whelen, S.C. & Kim (1987). Distinguishing optimism from pessimism in older adults; is it more important to be optimistic or not to be pessimistic?. *Journal of Personality and Social Psychology, 73,* 1345-1353.

Roysamb, E. & Stripe, J. (2002). Optimism and pessimism: underlying structure and dimensionality. *Journal of Social and Clinical Psychology, 21(1),* 1-19.

Scheier, M.F. & Carver, C.S. (1992). Effects of optimism on psychological and physical well-being: theoretical overview and empirical update. *Cognitive Therapy and Research, 16(2),* 201-228.

Scheier, M.F. & Carver, C.S. (1993). On the power of positive thinking: the benefits of being optimistic. *Current Directions on Psychological Science, 2,* 26-30.

Scheier, M.F., Carver, C.S. & Bridges, M.W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism: a revaluation of the life orientation test. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 1063-1078.

Scheier, M.F., Carver, C.S. & Bridges, M.W. (2001). Optimism, pessimism, and psychological well-being. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice*. Washington: American Psychological Association.

Schulman, P., Keith, D. & Seligman, E. (1993). Is optimism heritable? A study of twins. *Behavior Research and Therapy, 31(6)*, 569-574.

Schweizer, K. & Schneider, R. 81997). Social optimism as generalized expectancy of a positive outcome. *Personality and Individual Differences, 22(3)*, 317-325.

Seligman, M.E. (1992). *Learned optimism: how to change your mind and your life*. New York: Knoff.

Seligman, M.E. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. *In* C. Snyder, S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive Psychology* (pp. 3-9). Oxford: University Press.

Seligman, M.E. & Csikszentmihaly, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist, 55(1)*, 5-14.

Seligman, M.E. & Peterson, C. (2000). Positive clinical psychology. *In* L.G. Aspinwall, U.M. Staudinger (Eds.), *A psychology of human forces: perspectives on an emerging field*. Washington: American Psychological Association.

Sérgio, M. (2003). *Um corte epistemológico*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sérgio, M., Rosário, T., Feitosa, A.M., Almada, F., Vilela, J. & Tavares, V. (1999). *O sentido e a acção*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sethi, S. & Seligman, M.E. (1993). Optimism and fundamentalism. *Psychological Science, 4(4)*, 256-259.

Shepperd, J.A., Quellette, J. & Fernandez, J. (1996). Abandoning unrealistic optimism: performance estimates and the temporal proximity of self-relevant feedback. *Journal of personality and Social Psychology, 70(4)*, 844-855.

Smith, T.W., Pope, M.K., Rhodewalt, F. & Poulton, J.L. (1989). Optimism, neuroticism, coping and symptom reports: an alternative interpretation of the life orientation test. *Journal of Personality and Social Psychology, 56(4)*, 640-648.

Snyder, C.R. & Lopez, S.J. (2002). *Handbook of positive psychology*. Oxford: University Press.

Snyder, C.R. & McCullough, M.E. (2000). A positive psychology field of dreams: If you build it, they will come. *Journal of Social and Clinical Psychology, 19(1)*, 151-160.

Snyder, C.R., Sympson, S., Michael, S.T. & Cheavens, J. (2001). Optimism and hope constructs: variants on a positive expectancy theme. *In* E.C. Chang (Ed.), *Optimism and Pesimism: theory, research, and practice*. Washington: American Psychological Association.

Spencer, S.M. & Norem, J.K. (1996). Reflection and destruction: defensive pessimism, strategic optimism, and performance. *Personality and Social Psychology Bulletin, 22*, 354-365.

Stark, K.D. & Boswell, J. (2000). Discussion of the Penn optimism program: recognizing its strengths and considerations for enhancing the program. *In* J. Guillham (Ed.), *The science of optimism and hope*. Philadelphia.

Suh, E., Diner, E., Oishi, S. & Triandis, H.C. (1998). The shifting basis of the life satisfaction judgments across cultures: emotions versus norms. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 482-493.

Swann, W. & Pelham, B. (2002). The truth about illusions: authenticity and positivity in social relatioships. *In* C. Snyder, S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive Psychology* (pp. 366-381). Oxford: University Press.

Taylor, S.E. & Brown, J.D. (1988). Illusion and well-being: a social psychological perspective on mental health. *Psychological Bulletin, 103(2)*, 193-210.

Taylor, S.E. & Brown, J.D. (1994). Positive illusions and well-being revisited: separating fact from fiction. *Psychological Bulletin, 116(1)*, 21-27.

Toffler, A. (2001). *Choque do futuro – do apocalipse à esperança*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

Weinstein, C.S. (1988). Preservice teacher's expectations about a first year of teaching. *Teaching and Teacher Education, 4(1)*, 31-40.

Weinstein, C.S. (1989). Teacher education students' preconceptions of teaching. *Journal of Teacher Education, 30(2)*, 53-60.

Weinstein, N. (1980). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*, 806-820.

Weinstein, N. (1994). Why it won't happen to me: perceptions of risk factors and susceptibility. *Health Psychology, 3*, 431-457.

Weinstein, N. & Klein, W. (1996). Unrealistic optimism: present and future. *Journal of Social and Clinical Psychology, 15*, 1-8.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

3500

JH
FARI/51

Sofia Barreiros Macedo de Faria

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O optimismo na Educação: uma abordagem para o Ensino Superior

Um estudo nos cursos de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico do 1° ciclo

ANEXOS

Tese de dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Mestrado em Psicologia Educacional

Orientadoras:
Professora Doutora Helena Marujo
Professora Doutora Glória Ramalho

Lisboa 2004

C.
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Registo: 15758
Data: ___/___/___
Tel.: 21 831 17 50 • Bibliotec

Índice dos Anexos

Anexo A: Escala Elot utilizada no estudo 1

Anexo B: Guião da entrevista utilizada no estudo 2

Anexo C: Plano de estudos dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico 1° ciclo

Anexo D: Grelhas de quantificação do nível de optimismo e de pessimismo com base na escala ELOT

Anexo E: Exemplos de protocolos das entrevistas recolhidos no estudo 2, em cada ano de cada curso

Anexo F: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas e dos sujeitos considerados mais pessimistas de cada ano, do curso de Educação de Infância, em relação às 5 questões consideradas (1ª e 2ª aplicação)

Anexo G: Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas e dos sujeitos considerados mais pessimistas de cada ano, do curso de Ensino Básico 1° ciclo, em relação às 5 questões consideradas (1ª e 2ª aplicação)

Anexo A:
Escala ELOT utilizada no estudo 1

Almada, 25 de Novembro de 2003

O questionário em anexo faz parte de uma investigação e contém um conjunto de perguntas acerca de si próprio, sobre a forma como pensa habitualmente e como se sente actualmente. As perguntas referem-se ao momento presente e não ao passado.

Agradecemos a sua colaboração para o preenchimento do referido questionário garantindo o anonimato e a confidencialidade.

Solicitamos ainda a sua colaboração para o preenchimento dos dados a seguir apresentados:

Curso: _____ Educação de Infância
_____ Professores do Ensino Básico – 1° ciclo

Ano: ____ 2°
____ 3°

Estado Civil ____ Solteiro(a)
____ Casado(a)/União de facto
____ Divorciado(a)
____ Viúvo(a)

Sexo ____ Masculino
____ Feminino

Idade: _____

Frequência anterior de outro curso: ____ Não.
____ Sim. Qual?_____

Estatuto de Trabalhador Estudante
____ Não.
____ Sim. Que profissão desempenha?_____

Zona de residência habitual: _____

É crente? _____ Não
_____ Sim. Qual a religião que professa? _____
É praticante? _____

Com quem vive presentemente:
_____ Pais
_____ Sozinho
_____ Colegas
_____ Esposa/o
_____ Esposa/Esposo e filho/a (s)
_____ Outras

Muito obrigada.

Extended Life Orientation Test-Versão portuguesa, (ELOT-PT)

Instruções de preenchimento:

Responda por favor às seguintes questões acerca de si próprio, seleccionando um dos números de 1 a 5 que melhor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações.
Leia cada uma das afirmações cuidadosamente. Considere o modo como pensa habitualmente e como se sente actualmente, não o modo como se tenha eventualmente sentido no passado. Por favor seja o mais honesto possível ao longo de todo o questionário, e tente que as suas respostas a uma questão não influenciem a resposta a outras questões. Não existem respostas certas ou erradas.

Escala de resposta às questões	1= Discordo fortemente	2= Discordo	3 = Neutro	4 = Concordo	5 = Concordo fortemente

Questões:	1	2	3	4	5
1. É sempre bom ser franco (a)					
2. É melhor não criar demasiadas expectativas, dado que provavelmente irei ficar desapontado(a)					
3. Em momentos de incerteza eu geralmente espero o melhor					
4. Raramente espero que aconteçam coisas boas					
5. Se alguma coisa me puder correr mal, correrá concerteza					
6. Eu tento sempre ver o melhor lado das coisas					
7. A honestidade é sempre a melhor política					
8. Sou sempre optimista em relação ao meu futuro					
9. É importante para mim manter-me ocupado					
10. Quase nunca espero que as coisas me corram bem					
11. Quando começo algo novo, espero ser bem sucedido.					
12. As coisas nunca correm da forma como eu quero					

Escala de resposta às questões	1= Discordo fortemente	2= Discordo	3 = Neutro	4 = Concordo	5 = Concordo fortemente

Questões:	1	2	3	4	5
13. Não fico perturbado com demasiada facilidade					
14. Se tomo uma decisão sozinho (a), tenho quase a certeza que se irá tornar uma má decisão					
15. Querer é poder					
16. Raramente conto com a possibilidade de me acontecerem coisas boas					
17. É sensato lisonjear pessoas importantes					
18. É melhor esperar o pior: assim quando acontece já não custa tanto					
19. Geralmente, as coisas no fim acabam sempre bem					
20. Se houver 50% de probabilidade de acertar, eu escolho sempre a resposta errada					
21. Aquilo que nos acontece de negativo tem sempre um aspecto positivo					

Almada, Junho de 2004

O questionário em anexo faz parte de uma investigação e contém um conjunto de perguntas acerca de si próprio, sobre a forma como pensa habitualmente e como se sente actualmente. As perguntas referem-se ao momento presente e não ao passado.

Agradecemos a sua colaboração para o preenchimento do referido questionário, garantindo a confidencialidade dos dados.

Solicitamos ainda a sua colaboração para o preenchimento dos dados a seguir apresentados:

Curso: ____Educação de Infância
____Professores do Ensino Básico 1º Ciclo

Ano: ____ 1º ano
____ 2º ano
____ 3º ano
____ 4º ano

Nome:_____ Nº_____ Turma _____

Estado Civil ____ Solteiro(a)
____ Casado(a) / União de facto
____ Divorciado(a)
____ Viúvo(a)

Sexo ____ Masculino
____ Feminino

Idade: ____

Frequência anterior de outro curso: ____ Não.
____ Sim.Qual? _____

Estatuto de Trabalhador Estudante
____ Não.
____ Sim. Que profissão desempenha? _____

Zona de residência habitual? _____

È crente? _____ Não.
_____Sim. Qual a religião que professa? _____

È praticante? _____

Com quem vive presentemente?
____ Pais
____ Sozinho(a)
____ Colegas
____ Esposo(a)
____Esposo / Esposa e Filho/a(s)
____ Outras

Muito Obrigada.

Extended Life Orientation Test-Versão portuguesa, (ELOT-PT)

Instruções de preenchimento:

Responda por favor às seguintes questões acerca de si próprio, seleccionando um dos números de 1 a 5 que melhor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações.
Leia cada uma das afirmações cuidadosamente. Considere o modo como pensa habitualmente e como se sente actualmente, não o modo como se tenha eventualmente sentido no passado. Por favor seja o mais honesto possível ao longo de todo o questionário, e tente que as suas respostas a uma questão não influenciem a resposta a outras questões. Não existem respostas certas ou erradas.

Escala de resposta às questões	1= Discordo fortemente	2= Discordo	3 = Neutro	4 = Concordo	5 = Concordo fortemente

Questões:	1	2	3	4	5
1. É sempre bom ser franco (a)					
2. É melhor não criar demasiadas expectativas, dado que provavelmente irei ficar desapontado(a)					
3. Em momentos de incerteza eu geralmente espero o melhor					
4. Raramente espero que aconteçam coisas boas					
5. Se alguma coisa me puder correr mal, correrá concerteza					
6. Eu tento sempre ver o melhor lado das coisas					
7. A honestidade é sempre a melhor política					
8. Sou sempre optimista em relação ao meu futuro					
9. É importante para mim manter-me ocupado					
10. Quase nunca espero que as coisas me corram bem					
11. Quando começo algo novo, espero ser bem sucedido.					
12. As coisas nunca correm da forma como eu quero					

Escala de resposta às questões	1= Discordo fortemente	2= Discordo	3 = Neutro	4 = Concordo	5 = Concordo fortemente

Questões:	1	2	3	4	5
13. Não fico perturbado com demasiada facilidade					
14. Se tomo uma decisão sozinho (a), tenho quase a certeza que se irá tornar uma má decisão					
15. Querer é poder					
16. Raramente conto com a possibilidade de me acontecerem coisas boas					
17. É sensato lisonjear pessoas importantes					
18. É melhor esperar o pior: assim quando acontece já não custa tanto					
19. Geralmente, as coisas no fim acabam sempre bem					
20. Se houver 50% de probabilidade de acertar, eu escolho sempre a resposta errada					
21. Aquilo que nos acontece de negativo tem sempre um aspecto positivo					

Anexo B:
Guião da entrevista utilizada no estudo 2

Guião de entrevista

1. Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
2. Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
3. Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
4. Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
5. Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
6. Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
7. Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
8. Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
9. Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
10. Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
11. Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
12. O que valoriza mais nesta escola?
13. Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
14. Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
15. Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
16. Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
17. Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
18. De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
19. Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
20. Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?

Anexo C:
Plano de estudos dos cursos de Educação de Infância e de Professores do Ensino Básico 1º ciclo

Licenciatura em Educação de Infância

PLANO DE ESTUDOS

1º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética I	60
Antropossociologia Evolutiva e Filosofia da Educação	50
Dinâmicas do Mundo Contemporâneo	40
História e Geografia de Portugal	50
História e Cultura dos Povos Europeus	50
Língua e Cultura Portuguesa	70
Língua Estrangeira	60
Ciências do Cosmos, da Terra e da Vida	70
História e Cultura dos Países da C.P.L.P.	50
Pedagogia Geral: História, Correntes e Modelos Educativos	60
Seminários	30
Métodos Antropológicos e Sociográficos/Trabalho de Campo Antropológico	100

2º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética II	40
Sociologia da Educação e Educação Intercultural	40
Psicossociologia do Desenvolvimento e Aprendizagem I	60
Teoria e Desenvolvimento Curricular	70
Direito Educativo, Cooperativismo e Ética Profissional	40
Saúde, Higiene e Nutrição	50
Métodos e Tecnologias Educativas e Avaliação Pedagógica I	100
Comunicação e Expressões Integradas	70
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas	40
Evolução das Actividades Instrumentais	40
Evolução da Comunicação Linguística	40
Seminários	30
Prática Pedagógica/Estágio e Microensino	100

3º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética III	40
Psicossociologia do Desenvolvimento e Aprendizagem II	50
Métodos e Tecnologias Educativas e Avaliação Pedagógica II	30
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas e Didáctica da Matemática	40
Evolução da Comunicação Linguística e Didáctica da Língua Materna I	40
Evolução das Actividades Instrumentais e Didácticas do Meio Físico, Biológico e Social I	40
Pedagogia e Didáctica para Crianças com Necessidades Especiais	40
Atelier de Música, Movimento e Drama	60
Atelier de Expressão Plástica	60
Seminários e Memória Final	30
Prática Pedagógica/Estágio	200

Opções:

Motricidade Humana, Ergonomia e Etologia dos Espaços Educativos	20
Ecologia e Educação Ambiental	20

4º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética IV	40
Metodologia de Observação e Pesquisa em Educação	40
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas e Didáctica da Matemática II	40
Evolução da Comunicação Linguística e Didáctica da Língua Materna II	40
Evolução das Actividades Instrumentais e Didácticas do Meio Físico, Biológico e Social II	40
Metodologia de Acção Educativa e Projecto	70
Atelier de Expressões Integradas e Animação de Tempos Livres	80
Seminários e Memória Final	30
Prática Pedagógica/Projecto de Intervenção Socioeducativa	320

Opções:

Psicogenética e Aprendizagem Operatória	20
Desenvolvimento Pessoal e Social	20

Licenciatura em Ensino Básico 1º ciclo

PLANO DE ESTUDOS

1º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética I	60
Antropossociologia Evolutiva e Filosofia da Educação	50
Dinâmicas do Mundo Contemporâneo	40
História e Geografia de Portugal	50
História e Cultura dos Povos Europeus	50
Língua e Cultura Portuguesa	70
Língua Estrangeira	60
Ciências do Cosmos, da Terra e da Vida	70
História e Cultura dos Países da C.P.L.P.	50
Pedagogia Geral: História, Correntes e Modelos Educativos	60
Seminários	30
Métodos Antropológicos e Sociográficos/Trabalho de Campo Antropológico	100

2º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética II	40
Sociologia da Educação e Educação Intercultural	40
Psicossociologia do Desenvolvimento e Aprendizagem I	60
Teoria e Desenvolvimento Curricular	70
Direito Educativo, Cooperativismo e Ética Profissional	40
Saúde, Higiene e Nutrição	50
Métodos e Tecnologias Educativas e Avaliação Pedagógica I	100
Comunicação e Expressões Integradas	70
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas	40
Evolução das Actividades Instrumentais	40
Evolução da Comunicação Linguística	40
Seminários	30
Prática Pedagógica/Estágio e Microensino	100

3º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética III	40
Psicossociologia do Desenvolvimento e Aprendizagem II	50
Métodos e Tecnologias Educativas e Avaliação Pedagógica II	30
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas e Didáctica da Matemática	40
Evolução da Comunicação Linguística e Didáctica da Língua Materna I	40
Evolução das Actividades Instrumentais e Didácticas do Meio Físico, Biológico e Social I	40
Pedagogia e Didáctica para Crianças com Necessidades Especiais	40
Matemática I	40
Atelier de Música, Movimento e Drama	40
Atelier de Expressão Plástica	40
Seminários e Memória Final	30
Prática Pedagógica/Estágio	200

Opções:

Motricidade Humana, Ergonomia e Etologia dos Espaços Educativos	20
Ecologia e Educação Ambiental	20

4º ano

Disciplinas	Carga horária
Filosofia das Ciências e Epistemologia Genética IV	40
Metodologia de Observação e Pesquisa em Educação	40
Evolução das Estruturas Lógico-Matemáticas e Didáctica da Matemática II	40
Evolução da Comunicação Linguística e Didáctica da Língua Materna II	40
Evolução das Actividades Instrumentais e Didácticas do Meio Físico, Biológico e Social II	40
Matemática II	40
Práticas Laboratoriais	40
Práticas de Criatividade em Linguística	40
Práticas de Criatividade em Matemática	40
Seminários e Memória Final	30
Prática Pedagógica/Projecto de Intervenção Socioeducativa	300

Opções:

Psicogenética e Aprendizagem Operatória	20
Desenvolvimento Pessoal e Social	20

Anexo D:
Grelhas de quantificação do nível de optimismo e de pessimismo com base na escala ELOT

Grelha de cotação do ELOT – optimismo

Aluno	Questão 3	Questão 6	Questão 8	Questão 11	Questão 15	Questão 19	Total

Grelha de cotação do ELOT – pessimismo

Aluno	Quest. 2	Quest. 4	Quest. 5	Quest. 10	Quest. 12	Quest. 14	Quest. 16	Quest. 18	Quest. 20	Total

Anexo E:
Exemplos de protocolos recolhidos no estudo 2, em cada ano de cada curso

EDUCADORES DE INFÂNCIA – OPTIMISTAS

1º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Sou uma pessoa comunicativa. Gosto de interagir com todas as gerações, desde as crianças até aos idosos. Sou simpática, amiga dos amigos, boa ouvinte, isto é, quando alguém precisa de falar estou sempre disponível para ouvi-la. Na minha cara está sempre um sorriso, mesmo quando estou triste, pois o que podemos oferecer a alguém sem falarmos é um sorriso e isso, por vezes, é suficiente para uma pessoa que está triste ficar um pouco mais animada. Uma qualidade que eu tenho é de estar sempre disponível para ajudar quem precisa. Gosto de ter novas experiências, por isso estou sempre a pensar em novos objectivos para alcançar ao longo da minha vida. Até agora tenho conseguido superá-los, pois sou persistente, então faço tudo por tudo para os conseguir alcançar. Há sempre solução para tudo, basta ter força de vontade e ser persistente. As pessoas que giram à minha volta costumam dizer que até consigo "mover montanhas". Estou sempre bem disposta pois não gosto de preocupar ninguém, se tenho algum problema sou eu que tenho que resolve-lo. Gosto de aprender e descobrir coisas novas sem pedir ajuda a ninguém para testar, por vezes, as minhas capacidades e saber até onde sou capaz de ir?
Sou uma pessoa que faço tudo para que toda a gente seja feliz e se sintam bem com elas próprias, então nada melhor que transmitir felicidade e alegria.
Tenho estas qualidades mas também tenho defeitos: tenho uma certa dificuldade em dizer não a algo que me pedem, como por exemplo quando algum colega (por um motivo) não tem possibilidade de passar um trabalho a computador, eu disponibilizo logo para o ajudar, mesmo que eu tenha pouca disponibilidade. Por vezes, deixo de fazer as minhas coisas para ajudar o próximo, mas sinto-me feliz e realizada por ajudar alguém; tenho dificuldades em captar quando alguém me quer fazer mal, pois acredito que todas as pessoas têm algo bom no seu íntimo, é preciso é descobrir como chegar ao seu íntimo e isso eu sou capaz de fazer, devido à minha experiência no mundo do trabalho com as crianças em risco.
Apesar de ser como sou tenho poucos amigos, poucos mas bons, o que conta não é a quantidade mas sim a qualidade.
Acredito que sou capaz de fazer tudo, tenho orgulho em ser como sou, viva eu. O que custa não é viver mas sim saber viver. A vida é para ser vivida!!!

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Eu sou uma pessoa optimista devido a minha maneira de encarar a vida. Quando acordo tenho duas opções: o bom humor ou o mau humor. Escolho o bom humor e começo por dizer: "Mais um dia, este vai ser melhor que o de ontem!". Cada vez que algo de mau me acontece posso escolher fazer de vítima ou aprender alguma coisa com o ocorrido. Eu escolho sempre aprender alguma coisa. Sempre que alguém reclama comigo, posso escolher aceitar a reclamação ou mostrar o lado positivo da vida; eu escolho o lado positivo da vida. Tenho consciência que não é fácil viver assim.
Como viver a vida? Temos a opção de vivermos plenamente e tomar decisões pois serão essas atitudes que trarão benefícios agora e para a eternidade.
A vida é feita de escolhas, quando examino as coisas a fundo há sempre uma escolha. A minha maneira de reagir pode afectar o humor das pessoas positiva ou negativamente, então há que escolher o lado positivo. Quando me perguntam como vais eu respondo cada vez melhor. A vida é feita de escolhas. A atitude é tudo.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Pode parecer absurdo mas não sei responder correctamente. Talvez a minha avó (faleceu quando eu tinha 17 anos) e o meu pai, pois são pessoas com uma força interior e espírito de vencer todos os obstáculos, com toda a força e empenho. Têm o espírito de ajudar o próximo e a maneira de ser, porque é melhor sorrir do que chorar.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não tive modelos. Cada um é como é, cada um escolhe a maneira de viver a vida, cada um sabe de si, a forma como encara a vida e as situações.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os professores por eu ser tão comunicativa, alegre, sorridente, faladora, ter gosto de querer viver, tentavam transmitir sempre algo de positivo sobre o tema, mesmo que o tema fosse triste. Eu própria tento dar a volta sempre em direcção ao optimismo, por detrás de algo ruim pode haver algo de bom.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Ao convivermos com diversas pessoas que pensam de maneiras diferentes cada um tem a sua opinião. Por vezes, para haver uma harmonia entre todos os colegas temos que nos moldar um pouco para remarmos todos em direcção ao objectivo final. Por exemplo, dentro de uma sala para ouvirmos o professor todos devemos fazer o mínimo de barulho para que possamos compreender melhor a matéria em questão, então eu sendo faladora tenho que fazer um esforço para ficar calada, para não prejudicar os colegas e a mim mesma.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: O bichinho de ser optimista já nasceu comigo, mas todos os professores contribuíram, cada um à sua maneira, para que eu continuasse optimista. No entanto, a minha professora de Geografia (10.º ao 12.º ano), tem uma maneira de dar as aulas cheia de dinâmica e entusiasmo e acabava por transmitir optimismo sobre todos nós. Quando acabei a escola profissional (1996), esta professora disse: "Então Ana, vai continuar a estudar? E eu disse que não, vou para o mercado de trabalho quero começar a construir a minha vida e ela disse-me que eu havia de encontrar trabalho e concretizar todos os teus sonhos".

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Actualmente não sinto que nenhum professor influencie a minha atitude de ser optimista, pois já tenho a minha opinião bem vinculada.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: O ambiente da escola influencia a minha atitude de ser optimista ao transmitir que acredita em nós, que vamos ser os melhores a desempenhar a nossa profissão, basta sermos empenhados e lutadores para conseguirmos sermos os melhores.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Basta que os meus colegas me aceitem, tal como eu sou, me respeitem e acreditem que sou capaz de vencer este curso com sucesso.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Para comunicarmos com o público em questão e para desempenhar o papel que vou desenvolver com as crianças, é sempre bom estarmos de bom humor para que tudo corra da melhor maneira e com harmonia. Se vivermos e trabalharmos com alegria vamos ter um sucesso na nossa vida activa com as crianças.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: A união; o companheirismo entre todos em torno do mesmo objectivo.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Senti-me entusiasmada desde o início quando optei por ingressar no Piaget. Desde o primeiro momento, que foi a inscrição. A partir daí o entusiasmo foi sempre aumentando, a curiosidade de saber como é a escola, como são os novos colegas, como são os professores, como são as disciplinas, afinal saber como é o Piaget verdadeiramente. A semana do caloiro foi um dos momentos marcantes na minha vida, quer no seio da família do Piaget, quer na minha vida pessoal, quer na vida académica.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: No momento em que me inscrevi com o objectivo de sair do Piaget com uma licenciatura em Educadora de Infância.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: A semana do caloiro foi uma forma de conhecermos toda a comunidade, interagindo de uma forma dinâmica, entusiasmada e divertida, por meio de jogos inovadores e cheios de imaginação. As festas não podiam faltar.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: No momento em que comecei a fazer parte desta escola.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Na minha escola tem havido colóquios e já participei em alguns, pois é uma forma de enriquecer, ganhando novos conhecimentos e uma maneira de interagir com as iniciativas que a escola me proporciona. Por exemplo, a participação no colóquio como contar um conto.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Neste momento, estou um pouco desiludida com o curso, pois é um pouco teórico e gostaria de participar mais em actividades práticas, pois assim torna-se mais enriquecedor e desanuviava um pouco da rotina das aulas, pois não é só estudar. Sou uma pessoa que precisa de expor as suas ideias e de estar sempre activa, não gosto de ficar parada nem consigo estar parada. Ao participar em actividades que se adeqúem à minha maneira de ser, seria uma vantagem para mim e para a escola pois assim estaria a realizar-me.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: A forma como a escola está dividida; os espaços verdes; o campo de futebol; a arquitectura da escola e a sua organização em relação à posição de cada bloco, e a boa localização da escola, pois está perto de Almada e tem uma rede de transportes óptima para chegarmos ao nosso destino.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Haver mais actividades práticas, ateliers, workshops, de acordo com as disciplinas inerentes a cada curso.

2º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Simpática, boa amiga, divertida, confiante e sincera.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Penso que sou optimista. Porque apesar de todas as dificuldades por que tenho passado, "levanto a cabeça" e sigo em frente, pensando sempre que o dia seguinte será melhor.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Penso que seja a educação que me deram, que era necessário acreditar que depois de qualquer dificuldade vem algo que nos recompensa.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Sim, os meus pais e tios demonstraram sempre optimismo.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Acho que posso dizer que influenciaram positivamente, porque apesar de serem meus professores alguns ainda são meus amigos actualmente, dão-me conselhos para continuar a acreditar e força para "lutar".

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os meus amigos tiveram uma influencia muito boa, porque foi com eles que cresci e passei por experiências, que fizeram com que seja a pessoa que sou hoje, com esta personalidade, que acredita que batalhando conseguimos sempre o que queremos.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Tive alguns, em especial quatro: no 6.º ano a professora de Inglês; no 9.º ano a professora de Português; no 11.º ano a professora de Inglês e no 12.º ano a professora de Português.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Não posso dizer que sejam todos que influenciam a minha atitude optimista, mas talvez 2 ou 3 professores que ao falarem nos transmitem confiança e pensamento positivo.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Não sinto que me influencie muito.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Acho que não me deixo influenciar muito, porque tento não deixar que o pessimismo interfira com o meu optimismo, tento abstrair para não ter um pensamento pessimista para que prevaleça o pensamento optimista.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Até agora tem tido um grau de influência optimista, espero que no futuro assim continue, pois até agora as minhas perspectivas têm sido preenchidas.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: Penso que seja a aproximação que há entre o professor e o aluno na sala de aula.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: No fim do ano lectivo do 1.º ano quando soube que tinha feito todas as cadeiras.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Durante o ano lectivo anterior em que me apliquei para obter os resultados que tive.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Penso que quando houve uma óptima forma de relacionamento entre os alunos, foi este ano lectivo que decorreu na cadeira de expressão e comunicação, onde se realizou pequenas peças de teatro, mas onde houve um trabalho de grupo colectivo, tendo como suporte os professores.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Ainda não senti que já tivesse um envolvimento significativo com a escola.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Não me recordo.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Que houvesse mais actividades ou outros compromissos que nos incentivasse a participar mais.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Penso que seria o seu espaço verde, que rodeia toda a escola, e de estar inserida num espaço bastante grande em que circulamos à vontade.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Que os cursos tivessem uma vertente mais prática. Um maior número de actividades. Um maior esclarecimento da escola com os alunos acerca de assuntos que surjam.

3º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Julgo que as características variam conforme o momento que a pessoa está a viver e neste sentido, existem características que se encontram mais vincadas em certas alturas e que noutras são inexistentes. Mas, de um modo geral, considero-me risonha e bem dispostas, gosto de falar com os outros, mas normalmente, espero pela abordagem da outra pessoa. Gosto de ter as minhas coisas feitas antes do tempo limite para poder respirar fundo, mas ao mesmo tempo sinto que uma certa correria e uma dose bem pequena de stress são o meu estímulo.
Afectivamente, gosto de ter o meu ponto de abrigo, a minha família e o meu namorado. Gosto de ajudar o amigo e o conhecido. Em alturas menos boas, fico impaciente, irrito-me com alguma facilidade e descarrego tudo no meu porto de abrigo.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Neste momento e desde que iniciei o curso, o pessimismo virou optimismo. Sou uma pessoa optimista que andou (infelizmente) durante bastante tempo controlada e regida pelo pessimismo. Hoje, vejo perspectivas futuras à minha frente, sinto que estou a aprender e a conhecer coisas novas que têm significado para mim e que realmente ficam guardadas na caixinha da memória.
O anterior curso que tirei e a falta de emprego com que me deparei, fizeram de mim uma pessoa pessimista e foi preciso muito para que sorrisse com vontade e para que tivesse prazer e desejo de aprender com as quedas e assim, seguir em frente.
Julgo que tudo isto me levou a ser uma pessoa mais forte e optimista, apesar disso tenho pena de não ter acordado mais cedo, mas a vida é feita de altos e baixos.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Ao pensar no caminho percorrido até aqui, foram os meus pais e o meu namorado, principalmente ele, que me ajudaram a ser optimista.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Sim, acho que todas as famílias de um modo ou de outro transmitem algo que influência a pessoa. No meu caso, embora tenha tido sempre o apoio da minha família, houve alturas que a falta de atenção/acção por parte deles se fez sentir na minha pessoa. Hoje, basta sentir que os tenho ali para que o meu optimismo se mantenha.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: A maioria dos professores que tive, ou estavam preocupados com o programa e não olhavam em volta, ou criticavam de forma agressiva, mas não me retiraram nunca o optimismo.
Os professores que me olharam como pessoa guardo-os com carinho num cantinho especial e esses sim, esses ajudaram de forma positiva a ser optimista e a acreditar em mim. Quando faço esta abordagem, penso nos professores que tive na primária, preparatória e parte do secundário.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: "Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és", não é verdade e neste sentido embora as amizades influenciem a pessoa, esta influência é medida pela ausência ou não de amigos. Se os amigos existem ainda bem, porque são um apoio quando estamos em baixo e são as pessoas com quem muitas vezes partilhamos as nossas alegrias. Neste sentido, os amigos participam e influenciam na construção do indivíduo.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Tive uma professora na preparatória de quem me lembro muito bem: era rígida, fria, autoritária, triste e pessimista em relação à vida. Também, na preparatória, tive exactamente o oposto: uma pessoa compreensiva, que gostava de ensinar e que gostava de nós de tal forma que uns anos mais tarde chegou a juntar a turma para fazermos um piquenique e relembrar os velhos tempos.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Julgo que uma boa parte deles transmite força e optimismo e que estão dispostos a auxiliar-nos naquilo que for necessário. Considero realmente importante o facto de grande parte dos professores apresentarem esta disponibilidade. Mas, também existem aqueles para quem a nossa pessoa é indiferente e aquilo que interessa é a nota e os trabalhos com muitas folhas. Tanto uns como outros me dão força e fazem-me sentir capaz: uns de uma forma diferente, porque tenho interesse naquilo que dizem e sei que vou conseguir, com os outros o que é importante é decorar e fixar o maior número de coisas, pois o que interessa é a nota, e aí também fico optimista, pois sei que se conseguir encaixar toda a informação também vou ter a nota.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Existem alguns aspectos, como por exemplo, certas atitudes incorrectas entre colegas, que numa pessoa pessimista era visto de forma bem mais negativa, mas existem coisas que a mim me passam ao lado e que não dou grande importância.
Em relação ao ambiente escolar, este não me chateia muito, o que me interessa é ter a minha formação e que a escola e os professores respeitem, principalmente, os prazos (ou que não os deixem protelar por muito tempo). Este é o aspecto que me faz ficar triste com a escola. Se as coisas correrem bem como têm corrido comigo, os prazos por vezes passam um bocado ao lado, mas julgo que se as notas não fossem boas o prazo seria um factor para aumentar o pessimismo.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Dou-me bem com as minhas colegas e assim o sentir que elas gostam da minha pessoa também ajuda a que o optimismo se mantenha.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: A influência em relação à postura optimista é muita, porque o curso transmitiu-me vontade de continuar, de seguir em frente e de me formar numa coisa que realmente gosto. Descobri que apesar de sempre ter gostado de estar com crianças é com elas que eu quero trabalhar.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: A relação com certos professores e a existência de acção por parte deles quando existe algum problema com o aluno ou quando houve alguma nota menos boa.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Entusiasmada – quando comparei a teoria com as características e atitudes das crianças que tenho em casa. Auto-realizada – sinto-me assim quando faço trabalhos que considero importantes para a minha formação ou quando tenho aulas com temas interessantes e posteriormente, em conversa com outras pessoas aquilo que aprendi é transmitido aos outros (porque para mim já fez sentido).

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Desde que para cá entrei.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Uma pequena dramatização que fizemos (cerca de 10 pessoas), na disciplina de Comunicação e Expressão Integrada. Foi o empenhamento do grupo, a boa comunicação e a postura da professora que fizeram com que tivesse corrido bem.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Na apresentação desta dramatização senti que todas as pessoas estavam verdadeiramente ali comigo.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: De um modo geral os ateliers, são convidativos à acção, em particular a disciplina referida anteriormente, principalmente pelas professoras que a dão.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Quanto mais gostamos dos professores mais, no meu entender, reforçamos o compromisso.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os espaços verdes, a relva e as árvores.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Aumentar o espírito familiar. Reformular os programas. Que os bons professores fiquem e que venham outros com tanta vontade, com tanto para dar, tão empenhados e preocupados com os alunos, como os bons.

4º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Descrevendo-me interiormente diria que sou bastante conversadora, amiga para toda a vida, compreensiva para quem me rodeia, sensível (até demais), muito sincera e honesta comigo própria e com os outros... enfim, tento ser uma mulher, uma pessoa de mente aberta que se esforça ao máximo para compreender e aceitar alguns factos ou acontecimentos que surgem no nosso dia a dia e tentar que quem me rodeie fique mais completo, ou que se aceite mais, que encare a vida de frente. O que passou já lá vai, há agora uma porta que se abre.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Considero-me uma pessoa optimista, porque além de ter este conceito em mim e de o transmitir a quem me rodeia, sinto que num mundo como o nosso, na profissão/carreira que escolhi tenho mesmo que ser optimista por um mundo melhor, por uma educação melhor, por adultos mais humanos e por crianças mais felizes.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Deve confessar que não fui sempre uma pessoa optimista, comecei por sê-lo a partir do momento em que surgiu uma grande amiga (tem 70 e tal anos) e que me abriu, que me mostrou as coisas boas da vida e que não vale a pena chorar e sofrer por quem/aquilo que nos deixa a sofrer, mas continuar a nossa caminhada, pois virá o dia da felicidade. Esta também surge nas pequenas coisas, ou seja, num sorriso de outra pessoa quando nos olha, numa troca de olhares... não precisamos de esperar muito, pois se olhar-mos para as pequenas coisas e se as juntarmos ficaremos talvez mais felizes. Esta forma de pensar e viver além de ter me ter sido alertada por ela (a minha amiga), foi também por Deus, porque além de ter tido uma educação cristã, tenho tido muitas provas de que ele existe.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Na família penso que não tive assim nenhum modelo que me influenciasse, embora através de palavras, conversas, gestos que surgem, que se têm, acabassem por me influenciar na minha atitude optimista. Assim, não tive nenhum modelo optimista, embora toda a minha família fosse um modelo para tal, através de atitudes optimistas e positivas e de atitudes pessimistas e negativas, que me levassem a pensar.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os professores, além de o serem, são adultos com experiências variadas de vida, de carreira... que souberam viver com alguns acontecimentos e que filtraram o que de bom se pode tirar deles, e transmitindo-o fizeram com que eu ficasse ainda com mais argumentos positivos e optimistas. Já tive bastantes professores e reparo que aqueles que têm formação em Filosofia, Psicologia, Português (desde o nível secundário) são os que têm o privilégio de terem um curso mais enriquecedor. Mas o curso não é tudo, a experiência de vida completa e altera as nossas posições e as deles (claro). Agora no ensino superior e a terminar, tenho a certeza que existiram alguns professores que me marcaram e que nunca esquecerei, pela sua filosofia de vida e por si mesmos.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Para ser sincera os meus colegas de escola tiveram em mim alguma influência para ser aquilo que sou hoje, pois se sobrevivi a traições de amigos que pensava serem sinceros é porque tiveram influência na minha forma de ser. Sou uma pessoa que me entrego e dedico a outra com o coração e a razão (pois é necessário estar consciente daquilo que iremos dizer e em que altura o fazemos, para não magoar ninguém), e quando alguém me trai (por motivos relacionados com

a escola, notas, etc.) fico bastante sentida, embora não deixe de sorrir, pois comecei a conhecer verdadeiramente quem está (ou estava) do meu lado.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Sim existiram. Desde o 10º ano até ao 4º ano da licenciatura, existiram cerca de 4 professores (3 no Secundário e 1 na licenciatura) mais significativos. Porém todos (daqueles que me lembro) me marcaram positivamente, porque tento sempre retirar algo de bom com o que acontece naquilo que é menos agradável.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: A influência que os meus professores actualmente têm na minha atitude optimista remete bastante para o programa que estão a dar. É claro que existem sempre professores que não tendo um programa adequado, transmitem atitudes, visões, que para mim se tornam optimistas. Outros, claro está, não.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: A escola e o seu ambiente não me influenciam muito no optimismo, pois considero como ambiente actual todo o tipo de espaços físicos inerentes à escola, como sejam, edifícios, WC, jardins, parqueamento, bar, refeitório, reprografia, etc, e os seus funcionários (ambiente humano). Quanto aos espaços físicos, talvez só mesmo as casas-de-banho (algumas) e os jardins é que podem ter alguma influência optimista, pois já o parqueamento (ou inexistente ou em más condições), o bar (sem variedade de alimentos), o refeitório (sem variedade e quantidade de alimentos e simpatia) não têm qualquer tipo de peso no optimismo.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Os meus colegas influenciaram-me na minha atitude optimista uma vez que partilho com eles experiências, pontos de vista, ideias, sugestões, etc., onde conversamos abertamente sobre aquilo que pensamos, juntando assim mais algum enriquecimento optimista ao meu ser.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Como já disse anteriormente, aquela minha amiga teve uma enorme influência optimista sobre mim, mas sem sombra de dúvida o meu curso é uma peça fundamental. É um curso que além de nos abrir a mente, o coração, de nos ensinar a observar as coisas, as pessoas (adultos e crianças) com outros olhos, permite-nos dar sorrisos, momentos de descoberta, quer às crianças quer aos pais, permite-nos mostrar o nosso mundo com outros olhos, com outra esperança, começando naqueles seres mais puros, mais sinceros, tão novos e que nos ensinam tanto.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: Nesta escola valorizo mais algumas relações humanas que se criam entre professores e alunos.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: É difícil descrever um só momento em que me senti mais entusiasmada ou auto-realizada na vida pois existiram vários. Embora esses momentos tenham tido um aspecto em comum, a grandiosidade do interesse do professor em nos transmitir ou um programa interessante, enriquecedor para nós como profissionais e para nós como pessoas, ou mesmo sem ter o programa a ajudar, ter a sua própria capacidade em partilhar experiências, leituras de vida... para que olhemos para a vida com uns olhos mais brilhantes e transparentes.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: O meu compromisso e empenhamento com esta escola esteve no auge a partir do momento em que me matriculei para frequentar a licenciatura. A partir daqui o meu compromisso e empenhamento foi visível ao longo das aulas, dos trabalhos individuais e de grupo, nas relações humanas.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Aqui penso que evidenciarei os trabalhos de grupo nos Ateliers de Expressões, na partilha de trabalhos e ideias... nesta altura foi importante o nosso relacionamento para aprendermos mais, enriquecermos de actividades o nosso estágio, e porventura o nosso trabalho. Algumas disciplinas e alguns professores e o relacionamento entre nós (colegas) proporcionaram este tipo de experiências.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Não sei muito bem responder a esta questão, embora pense que tenha sido quando respondi a um questionário acerca das condições gerais da escola, pois aí a escola mostrou-se interessada em saber a opinião dos alunos, embora não tenham surgido quaisquer resultados visíveis.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Não aconteceram muitas coisas, talvez alguns seminários que surgiram à hora do almoço na Aula Magna, relacionados com o meu curso e que enriquecendo-o, enriqueceram-me também em experiências, dando-me vontade de experimentar, como por exemplo a linguagem gestual.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Como já estou no término da minha presença na escola, penso que se poderia reforçar o meu compromisso com a escola continuando a ser como sou, a elaborar trabalhos interessantes, que enriqueçam os que aí vêm. Relacionado mesmo com a escola (o seu ambiente), penso que talvez agora seja difícil, pois nõ haverá muito que eu possa fazer. Já houve e não surtiu efeito.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os edifícios e a sua dimensão, os jardins e as árvores, a pista de atletismo.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Mais e melhor abertura/comunicação entre alunos e escola, para melhorar e ir de encontro aos desejos e expectativas dos alunos, para que estes possam lucrar o mais possível das instalações e serviços, para que ambos ganhem (alunos e escola);
Mais relações humanas de qualidade, pois a escola não é só um local de aprendizagem de matérias, mas é também de relacionamentos entre pessoas (aluno-aluno e professor-aluno), sendo os alunos um pouco esquecidos por parte dos professores, pois estes além de serem alunos, são também pessoas, com sentimentos, com identidade, tal como os professores;
E por fim, maior e melhor qualidade de espaço e serviços escolares, como por exemplo melhor parqueamento, salas, higiene nas salas... quanto aos serviços, maior qualidade na alimentação no refeitório e bar, maior escolha, a reprografia não devia nunca parar por avarias, visto ser muito importante para nós este espaço e ainda podermos ganhar com isso em detrimento de outros profissionais exteriores à escola; já me esquecia também do preço das refeições que são bastante exagerados para uma cantina de um local de ensino.

EDUCADORES DE INFÂNCIA – PESSIMISTAS

1º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Caracterizava-me como uma pessoa extremamente amiga e de extremos, ou seja, ou adoro ou odeio as pessoas que conheço, ou sou bastante calma ou mando logo dois pares de estalos dependendo da situação. Sou inconstante e indecisa o que me leva muitas vezes a perder coisas que gosto. Gosto de desconfiar das pessoas e não meto as mãos no fogo por ninguém. Gosto de borgas e da companhia daqueles que eu gosto e que gostam de mim. Gosto muito do meu cantinho (o meu quarto) e é muitas vezes aí que me refugiu. Gosto de estar sossegada quando tenho de estar, mas também sei ser uma criancinha de 5 anos quando quero, portanto chego à conclusão que não sei definir ao certo o que sou, porque sou bastante inconstante.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Considero-me uma pessoa pessimista, porque em todas as situações que a vida me propõe penso sempre, em primeiro lugar, no mal que me vai acontecer mesmo que a situação só me traga coisas boas, penso sempre muitos "filmes" na minha cabeça.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Ninguém em particular, acho que foi a vida e os defeitos das pessoas que passaram por ela.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Nem por isso, pois acho que o pessimismo de uma pessoa não nasce com ela, mas cresce consoante se vai desenvolvendo a personalidade.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Nenhuma, porque nunca tive professores amigos dos alunos.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Bastante, pois em tantos anos de escola vão-nos passando diversas pessoas, de diferentes personalidades, e muitas delas foram uma autêntica desilusão, pois eu sou uma pessoa que gosta de pessoas verdadeiras o que hoje em dia é muito complicado de encontrar.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Tive alguns professores bastante optimistas em relação à vida. Tive uma professora de A. I. no 12.º ano e este ano a professora de Pedagogia, foram estas as que mais me marcaram até hoje.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Nenhuma.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Depende das situações, se no meu ambiente escolar acontecer algo que eu venha a achar injusto, falso, fico logo de pé atrás com a pessoa que o faz.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Hoje em dia não têm tanta como antigamente, pois a nossa maneira de ser está praticamente formada e hoje apenas deixo alguém aproximar-se de mim quando me transmite confiança.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Tirar este curso vai ser muito importante para mim, pois irá ser um sonho antigo que irei conseguir conquistar, isso vai-me ajudar bastante a alimentar o meu optimismo, porque vou conseguir provar a mim própria que sou capaz.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: Acho que esta escola muitas vezes desilude muito, mas como tudo na vida também possuí pontos positivos, tais como os espaços abertos e bonitos, quando não chove, alguns professores e o bom companheirismo entre os colegas.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Ainda não tive esse momento nesta escola. O momento em irei sentir-me mais auto-realizada será o momento em que acabarei o curso, mas neste 1.º ano posso realçar um momento muito bom, que foi quando conheci as minhas amigas.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: O meu compromisso e empenhamento com esta escola esteve no seu auge desde o primeiro dia pois nem todas as pessoas têm a oportunidade de tirar um curso superior numa escola particular.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Gostei muito da semana das praxes, pois acho que os alunos nos receberam de braços abertos e nos conseguiram integrar na escola. Deu para nos conhecermos muito bem e conseguimos ficar com bons amigos e companheiros para nos acompanharem durante os quatro anos de curso.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Foi quando me comecei a relacionar com três pessoas maravilhosas desde o primeiro dia de aulas, pois achei que foi "amizade à primeira vista", o que não se encontra muito nestes últimos tempos. Numa turma só de mulheres existe sempre muita competitividade e mesquinhice, e entre nós as quatro isso é nulo.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Ainda está para acontecer e acho que vai ser quando entrar em estágio, pois o 1.º ano é apenas teoria e isso muitas vezes desmotiva bastante.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Acho que cada pessoa que entra numa escola particular "assina" logo o seu compromisso com a escola, pois tem de se esforçar para tudo valer a pena, seja por custos, esforços e tempo. Portanto acho que desde o 1.º dia que "assinei" um compromisso com esta escola.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Tal como tudo onde existe o mau existe o bom. Poderia olhar e ver professores muito bons (alguns), uma escola bonita e grande, uma escola que poderia repensar uma nova forma de direcção e organização mais justa, tal como atribuir mais equilíbrio entre professor e aluno.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Menos competitividade entre as pessoas. Mais e melhor relação entre turmas e cursos. Tentar instalar água potável e sítios próprios de abrigo para os alunos em dias de chuva.

2º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Pessimista, muito, muito sonhadora, logo tenho constantemente, se não for sempre, a cabeça na lua. Amiga, carinhosa e desconfiada.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Pessimista, porque já me aconteceram coisas na vida que me fazem agora desconfiar de tudo e de todos, isto é , normalmente não gosto de pensar que as coisas vão correr bem, penso sempre no pior ou tento pensar sempre no pior, mas para contrastar com isto, sei que lá no fundo tenho sempre esperança e sonho até que as coisas vão acabar sempre da melhor forma. Por isso, não sei muito bem como me definir, mas quando me fazem perguntas destas (ou faço a mim própria), respondo pessimista, porque é assim que me sinto e como acho que encaro as coisas, e talvez seja uma armadura para me proteger das coisas más.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: A vida em si. Acho que não houve ninguém em especial, não directamente, tive quatro amigos que faleceram desde os meus 15 anos (aos 15 anos morreu a minha melhor amiga), e me fizeram estar com um pé atrás em relação às coisas, mas em regra geral penso que não há ninguém que me tenha influenciado neste sentido.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não, até acho que a minha família tentou e "trabalhou" para que eu fosse uma pessoa optimista. Sempre tive e tenho uns pais do melhor que há.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Acho que os professores têm muita influência. Lembro-me de uma professora de Português (do 10.º até ao 12.º ano), que me influenciou e muito para o meu gosto pela literatura e poesia portuguesa, mas também me lembro de uma professora de Francês do 9.º ano que fez com que eu não gostasse da disciplina. Acho que os professores ajudam-nos a moldar os nossos gostos e até mesmo a personalidade.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Acho que os amigos/colegas influenciaram-me bastante para o tipo de amiga que sou agora e consequentemente para o tipo de pessoa que sou. Acho que tudo nos influência, inclusive, o local/ambiente onde crescemos e com quem crescemos, mas não sei dizer especificamente no que me influenciaram, porquê e como.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: No aspecto positivo, em termos optimistas, houve uma professora que me marcou particularmente: uma professora de História do 9.º ano, uma pessoa que admiro muito, uma pessoa divertida, responsável, independente, simpática e amiga. No sentido pessimista continuo com uma professora do 9.º ano de Francês (Helena Jorge), é uma pessoa fria, antipática, de "nariz empinado", que pensa que "tem o rei na barriga". Acho que tenho uma justificação (se é assim que se pode dizer), para este meu sentimento com ela; quando era aluna dela, ela sempre me disse que como tenho o mesmo nome que ela (Helena), eu tinha que o respeitar e dignificar tirando boas notas, penso que me pressionou e me fez detestar a disciplina e até ela.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Acho sinceramente que hoje os professores não têm nenhuma influência em eu ser pessimista ou optimista, não que eu note ou até, talvez me esteja a contradizer. Nós estamos cá para aprender e eles para ensinar, mas até agora, na universidade, houve dois professores que se destacaram pela positiva, o professor de Antropossociologia do 1.º ano, Pedro Delgado; e a professora de Psicossociologia do 2.º ano, Sofia Faria, porque conseguem captar-nos a atenção. No aspecto negativo temos o professor de Português do 1.º ano, Jorge Maximino.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Resumidamente, em termos de atitude optimista são os espaços verdes e em termos pessimistas é a falta de convívio entre os alunos, porque nota-se um grande distanciamento entre a ESE e o ISEIT.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Acho que é uma turma demasiado grande e com demasiadas raparigas (mas sei que isso é perfeitamente normal, devido ao nosso curso), mas gostava que fossem menos pessoas, porque apercebo-me que alguns colegas meus se inibem, inclusive eu.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Acho que é uma profissão muito bonita e que me pode fazer tomar uma atitude optimista em relação à vida, mas sei que esta não foi a razão pela qual a escolhi. As crianças, acho que são razão suficiente para eu gostar do curso, mas não sei como explicar isto.

Entre.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno:v Os espaços verdes, acima de tudo.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Na festa de enterro do caloiro, quando vestimos pela primeira vez o traje universitário, nas festas da semana do caloiro (2003/2004) e quando soube que tinha estágio este ano.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: No estágio e nas aulas práticas.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Acho que não há uma altura específica, mas apercebi-me que nas festas os alunos relacionam-se muito mais e sem censuras em se ser da ESE ou do ISEIT.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Nas praxes do ano lectivo 03/04.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: As festas, as praxes.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Não sei.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os espaços verdes.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Baixar a mensalidade (acho um exagero). Melhorar o aquecimento nas salas e restante estabelecimento. Mais festas (convívio entre ESE e ISEIT, dentro do campus).

3º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Como uma pessoa tímida, pessimista, preocupada, paciente, organizada e compreensiva.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Pessimista, porque penso sempre que as coisas me irão correr pelo lado negativo e tenho muito receio que isso aconteça.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: As contrariedades que vão surgindo no decorrer da vida, do curso ou seja dos diferentes problemas que vão surgindo.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não, pois penso que a minha família é constituída por pessoas optimistas e pessimistas, não seguindo eu directamente nenhum modelo, podendo ser influenciada inconscientemente.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Penso que depende muito de que tipo de professores temos. Uns contribuíram muito para o meu desenvolvimento, para crescer interiormente e constituir a pessoa que sou hoje, tanto a nível intelectual como ao nível da formação pessoal, entre muitos outros factores. Em contrapartida, tive muitos outros professores com quem estar aquelas horas era um sacrifício e só contribuíram para que as minhas dificuldades aumentassem ou seja aumentasse o meu pessimismo, entre outros factores.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Penso que todos os meus colegas que tive até hoje contribuíram para a pessoa que sou hoje, uns pelo lado negativo outros pelo lado positivo. Uns contribuindo para o meu lado melhor e mesmo com os que tive uma experiência pior pude aprender (que era algo que não gostaria de fazer), a tornar-me um bocadinho mais egoísta entre outros factores.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Sim, encontrei uma professora aqui na Instituição que tinha uma posição bastante optimista da vida, da turma e de resolver os problemas.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Perante o que nos propõem penso que leva a que nós tomemos uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à disciplina e ao seu desenvolvimento.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Penso que nos leva a uma visão mais pessimistas do que optimista.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Penso que na generalidade a turma, ou seja os meus colegas, também são um pouco como eu, apesar de também existir, como em tudo, um grande número de colegas meus optimistas.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Penso que terá alguma influência, nomeadamente no que diz respeito a certas formas de dar as aulas, a certas matérias e algumas avaliações.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: Nesta escola o que valorizo mais são os meus colegas, o saber e a forma de dar aulas de alguns professores, os espaços verdes, entre outros.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Quando encontro relação entre a prática e a teoria. O estágio e momentos perante alguns professores, quando sinto que estou a aprender, para além dos momentos em que recebo boas notas.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Penso que dou sempre o meu melhor, apesar de neste ano e devido ao excesso de trabalho, provocado pelo projecto, não ter conseguido chegar sempre onde gostaria.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Não me recordo de nenhum momento desses.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Este ano. Talvez porque já estou verdadeiramente ambientada e por pensar que este será o 3.º e que para o ano já será o 4.º ano.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: As filmagens realizadas o ano passado a Teoria Curricular, a actividade desenvolvida numa Instituição e planificada por nós e as Estruturas lógico-matemáticas.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Penso que já tenho umas enorme compromisso com esta escola, nomeadamente no que se refere ao que pretendo aprender em contrapartida com o que esta Instituição, e mais precisamente os professores, têm para nos ensinar, a formação que têm para nos ceder. Para além do respeito mutuo existente entre membros da Instituição para comigo, no respeito que lhes devo e que tenho para com a Instituição.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os espaços verdes aqui existentes.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Mudança de alguns programas e forma de os leccionar por parte dos professores, o que já foi reformulado ou seja, novamente o estágio no 2.º ano (só é pena que nós tendo os mesmos direitos que os alunos que estão no 2.º ano, tenhamos sido alvos de experiências e não possamos usufruir das mesmas condições!). Melhor organização ao nível de horários, fotocópias entre outras burocracias que devem ser reformuladas e aperfeiçoadas.

4º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Penso que principalmente sou muito amiga daquelas pessoas que me querem bem. Sou alegre, sincera, sensível e muito insegura. Sei que sou capaz de fazer as coisas mas preciso sempre que me valorizem

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Considero-me uma pessoa pessimista porque não acredito que algo de bom me vá acontecer. Não consigo pensar de forma positiva. Acho que por ser insegura, sou pessimista.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Acho que ninguém. Foram as circunstâncias da vida que me levaram a ser pessimista.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: A minha mãe na minha opinião é mais pessimista que eu. Tem a ver com o que a vida lhe reservou. O facto de ser separada do meu pai há 24 anos e nunca mais ter voltado a casar, o facto de ter ficado a viver com a minha avó, de ter de sustentar os três filhos sózinha, contribuiu para que a sua vida fosse sempre a mesma, atraíndo desta forma o pessimismo.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Penso que não houve nenhuma influência por parte dos meus professores, pelo contrário, sempre tive bons professores que por me conhecerem bem diziam-me que eu não tinha razões para tomar esta atitude pessimista.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Em relação aos meus colegas sinto o mesmo que em relação aos professores. Nenhum me influenciou. Tem a ver comigo própria.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Neste último ano da faculdade tive uma professora de Filosofia que me tentou ensinar a ser optimista, mas resultava apenas nas aulas.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Temos bons professores, actualmente, mas que não reconhecem o nosso esforço.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: A escola oferece todas as condições para uma pessoa ser optimista no que diz respeito ao espaço físico. Mesmo assim, sinto-me pessimista porque o meu trabalho não é valorizado.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Os colegas da faculdade são os próprios a incentivarem-me e a dizerem-me que eu não tenho motivos para ser pessimista.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Penso que o curso de educação de infância vai conseguir mudar a minha atitude. Se eu conseguir ver um sorriso todos os dias nas caras das "minhas crianças" penso que vou conseguir ultrapassar esta barreira. É sinal que eles gostam de mim e que me aceitam. Acontece que eu não transmito este pessimismo às crianças, pelo contrário, incentivo-os para que sejam positivas pela vida fora.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: A preocupação de alguns professores pelos alunos.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Sinto-me entusiasmada e auto-realizada quando o meu trabalho e o meu esforço são reconhecidos.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Quando fui eleita 4 anos seguidos delegada de turma. Para além de ser responsável, penso que as pessoas da turma me aceitam e gostam de mim.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Também quando fui eleita delegada de turma. Faz com que me dê bem com a turma e daí o meu relacionamento com a turma ser muito bom.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Quanto através de apresentações de trabalhos e no estágio o meu esforço foi reconhecido.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Inspirador e convidativo à acção foi a presença do Luís Figo.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Mantendo a relação com os alunos e alguns professores.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os meus amigos. Aqueles que me marcaram durante o curso.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Maior empenhamento dos professores; Re-estruturar o currículo educativo; espaços de convívio.

ENSINO BÁSICO 1º CICLO – OPTIMISTAS

1º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: As minhas características são as seguintes: eu sou uma pessoa simples, simpática, divertida e que gosta bastante de se divertir.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Considero-me uma pessoa optimista, porque acho que é bastante importante pensar positivo, para obtermos coragem e força para podermos prosseguir o nosso caminho confiantes. Ter fé e esperança até ao fim.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Eu fui influenciada pelos meus familiares e também pelos meus amigos, mas julgo que é uma atitude principalmente pessoal.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Sim, já afirmei isso na resposta anterior, no sentido optimista fui bastante influenciada pelo meu pai.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os meus professores talvez me tenham influenciado positivamente para eu hoje ser o que sou, mas como já passou tanto tento eu já não me recordo muito bem.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os meus colegas de escola, de um modo geral, sempre foram muito simpáticos, divertidos e engraçados para comigo. Eu sempre gostei muito deles. Os meus colegas sempre me ajudaram e apoiaram e vice-versa.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Os meus professores sempre me avisaram que a vida não era fácil, que tínhamos que trabalhar bastante para obtermos boas notas e posteriormente arranjarmos um bom emprego.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Eu ainda não estou há muito tempo no Piaget para poder afirmar que os meus professores me tenham influenciado para ser uma pessoa optimista. A não ser a professora Drª Ana Feitosa.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Actualmente a minha escola tem um ambiente muito agradável e acolhedor. As pessoas que frequentam a escola são de uma maneira geral, persistentes e optimistas, o que reforça cada vez mais a minha atitude para manter-me com esperança.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Há colegas meus que também são optimistas e dizem-me que vamos conseguir. Se os outros conseguem, nós também somos capazes.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Tenho que ser optimista. Pensar que ao fim de tantos anos vou conseguir realizar o meu sonho e concretizar o meu curso. Também tenho que pensar que quando acabar o meu curso, vão precisar de professores de 1° ciclo e eu vou ser colocada.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: Eu gosto muito desta escola. Gosto muito do ambiente, dos meus professores e dos meus colegas. Acho que funciona muito bem na área educacional e por isso penso que vou sair muito bem preparada para exercer a minha profissão.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Foi quando acabei de apresentar com a minha colega, um trabalho oral na disciplina de História e Cultura dos Povos Europeus, com a professora Mestre Albertina Marçal, e ela nos deu os parabéns porque o trabalho estava bom e tinha sido muito bem apresentado. Senti-me muito feliz e realizada porque nunca tinha feito um apresentação oral e correu muito bem.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Desde o momento em que entrei para esta escola que tento sempre fazer o melhor possível, por isso empenho-me bastante para realizar os meus objectivos.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Há um bom entendimento entre os alunos e até esta altura tudo tem corrido da melhor forma.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Como eu já referi anteriormente, estou há pouco tempo no Piaget e tento sempre empenhar-me o mais possível e faze-lo da forma mais correcta.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Eu penso que as próprias disciplinas do curso são bastante convidativas à acção e temos que nos manter bastante inspirados para obter óptimos resultados.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Gostava imenso de acabar nesta escola o meu curso com uma óptima média. Fazer bastantes amigos e claro grandes amizades, para poder continuar a frequentar o Piaget sempre que me fosse possível.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Em primeiro lugar, acharia óptimo ter uma vista de helicóptero desta escola. Para mim um dos pontos mais salientes é estar bem situada, ter uma área verdejante bastante agradável e também ser bastante espaçosa.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Os meus três desejos para aumentar a vitalidade da escola são: que houvesse uma boa colaboração entre os funcionários da escola; um óptimo desempenho profissional ao nível dos professores, para deixar da melhor forma possível os seus alunos, para posteriormente estes exercerem uma boa actividade profissional; um bom relacionamento entre alunos e professores e vice-versa.

2º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Eu sou uma pessoa calma, brincalhona, sensível, sonhadora, reservada e por vezes tímida. No fundo, sou uma pessoa forte, que não desiste à primeira, amiga do seu amigo, meiga, confiante e sincera (por vezes até demais). Mas eu não sou só virtudes. Tenho os meus defeitos, que são o facto de ser muito teimosa e me certos casos um pouco rancorosa (embora tente mudar).

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Sim considero-me optimista. Penso que o optimismo nasce da maneira como a pessoa encara os obstáculos da vida. Eu encaro os obstáculos como algo que no fim nos dá força e confiança. Assim, penso que sou uma pessoa optimista porque encaro a vida como um dos meus bens mais preciosos, senão o mais valioso. Por isso vivo a vida, ou melhor, tento viver e aproveitar a vida a 100%.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Penso que foi a minha família e também alguns dos meus amigos, pela confiança, amor e apoio que sempre me deram, nos momentos bons e maus da vida.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Sim, principalmente os meus pais pelo apoio incondicional que sempre me dão.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Na minha opinião os professores são um dos tipos de pessoas que mais nos influencia, devido ao seu papel de ensinar. Para mim houve certos professores que muito me influenciaram devido ao optimismo, à confiança, á amizade e principalmente aos saberes e às maneiras de encarar a vida, que me transmitiram durante o meu processo de aprendizagem.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Penso que os amigos sempre têm influência no tipo de pessoa que somos. Penso que a minha personalidade foi ganhando características com as minhas vivências. O facto de os meus amigos me apoiarem, respeitarem e confiarem em mim, fez de mim uma pessoa confiante, forte, amiga e optimista.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Sim, sem dúvida. Um dos professores foi o meu professor primário. Esse professor mostrou-me que eu era capaz, ajudou-me a ter confiança em mim e a não subestimar-me. Também houve outros professores que me ensinaram que o melhor que temos é a nossa vida e que por isso é necessário vivê-la o melhor possível.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Muita. Porque penso que se um professor nos demonstrar que todos temos valor, cada um de nós vai encarar a vida como um desafio e com auto-confiança e consequentemente com optimismo.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Penso que a esse nível esta escola contribuiu para as duas atitudes, porque existem coisas que nos servem de estímulo e outras que, pela sua desmotivação, nos torna pessimistas.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: penso que têm grande influência já que a maioria do tempo escolar é passado com eles.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: O grau de influência é bastante grande já que estou no curso que sempre desejei e estou a aprender conhecimentos para melhor lidar com as crianças. Estou bastante optimista.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: As relações de amizade que estabelecemos ao longo da frequência deste curso. Para além disso, também valorizo os conhecimentos essenciais que aprendo para a minha futura prática docente.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Penso que essa altura é, sem margem de dúvida, a frequência do estágio.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Penso que foi quando entrei para o 1º ano.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Neste momento não me lembro de nenhuma situação.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Na altura das praxes académicas. Nessa altura, o envolvimento é significativo e forte.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Neste momento não me recordo de nenhuma situação significativa para contar.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Penso que gostaria de defender com convicção esta faculdade. Gostaria de ter orgulho de ter frequentado o Piaget. E sinceramente penso que vou ter esse orgulho.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: As grandes áreas verdes da escola ressaltavam à vista, com certeza. Também a acessibilidade aos transportes, tanto no sentido de Lisboa como no sentido da Caparica e Fogueteiro.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Aumentar a biblioteca, ao nível das obras literárias; melhorar a qualidade da comida no refeitório; mais actividades direccionadas para os alunos.

3º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Persistente, orgulhoso, teimoso, rabujento, solidário e humilde.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Optimista, porque na maior parte das situações tento ver as coisas pelo lado positivo e com a esperança de que tudo se resolverá pela melhor forma.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Julgo que não houve uma ou duas pessoas. Julgo que foram as vivências que me tornaram uma pessoa optimista.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não, as pessoas da minha família não me influenciaram nesse sentido.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Na minha opinião, todos os professores influenciaram o meu tipo de pessoa. Dos melhores retirei aquilo que achei mais interessante, dos menos bons retirei aquilo que não gostei para tentar não fazer igual.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Da mesma forma que respondi à pergunta anterior respondo a esta.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Sim, houve alguns, mas quero referir um que me marcou mais, foi um professor de História.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Julgo que existem uns que me ajudam a ser ainda mais optimista, outros nem por isso.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Penso que o ambiente da escola é um pequeno factor que pode elevar ou descer o espírito optimista/pessimista. No meu caso, a escola serve para me motivar para outras coisas, ou então, se as coisas correm mal, vou auxiliar-me de outras situações mais positivas para ajudar a superar as dificuldades.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Na minha opinião, os meus colegas deste ano não têm uma grande influência ao nível do optimismo, pois estamos todos envolvidos no estágio, nas aulas do instituto e quase que não temos tempo para confraternizar ou ajudarmo-nos uns aos outros. Mas, no 1º e 2º ano senti uma grande ajuda de alguns deles quando as coisas não corriam tão bem.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: O curso tem, e espero que continue a ter, muita influência no meu espírito optimista, pois eu escolhi este curso para poder ajudar as crianças a verem a escola com outros olhos e tentar fazer o melhor para elas.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O que eu valorizo mais nesta escola é a maneira com alguns professores nos transmitem os conteúdos. Os próprios conteúdos do currículo, que dão um ênfase especial ao cognitivismo, e os colegas da minha turma.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: No 2º ano, quando tivemos disciplinas muito interessantes e as notas também eram bastante razoáveis.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: No ano passado, devido ao que disse anteriormente; por ter participado no simpósio de futebol que houve na instituição (um dos meus hobbies favoritos), e este anos devido ao estágio (embora esteja um tanto ou quanto desanimado devido a estarem a existir demasiados testes e trabalhos ao mesmo tempo).

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Foram 3 momentos: o primeiro quando executei um trabalho de grupo (com 3 pessoas) na disciplina de História e Geografia de Portugal, pois o grupo realizou um trabalho muito bom e sempre com um ambiente fantástico; o segundo quando fizemos um trabalho de grupo para Métodos Sociográficos-Trabalho de Campo (com 10 pessoas) e fomos passar um fim-de-semana ao Algarve, onde dormimos em casa de uma colega nossa e visitámos um templo Budista; o terceiro foi um trabalho de grupo de Comunicação e Expressões Integradas (com 10 pessoas), em que fizemos um peça de teatro em que exprimia-mos os nossos sentimentos.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Quando participei numa manifestação onde o Drº Oliveira Cruz esteve em greve de fome e quando participei no simpósio de futebol.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Na minha opinião, julgo que não houve nenhum acontecimento inspirador e convidativo.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Do ponto de vista afectivo, esta escola (tal como as outras todas que eu frequentei) irá ficar na minha memória. Quando eu concluir o curso penso que irá ser difícil reforçar algum compromisso com a instituição, pois quando terminar o curso devo ir para os Açores que é a terra natal da minha esposa, porém se o instituto abrir um campus no Ilha Terceira terei muito gosto em reforçar o compromisso com esta instituição, ou por outro lado, se no futuro houver e eu estiver interessado em tirar um mestrado, quem sabe se não nos tornaremos a encontrar (aluno- escola).

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Não sei, não consigo visualizar essa imagem.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Haver um maior contacto entre os alunos; haver uma revisão do currículo (tendo em conta o curso que estou a tirar); haver um maior número de actividades para que a instituição estivesse mais envolvida entre si (julgo que existe uma enorme distância entre a ESE e o ISEIT).

4º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Eu sou uma pessoa que gosta da sua independência, mas que também necessita de alguma dependência. Penso que na nossa vida, todos nós precisamos de atravessar este binómio. Não obstante, também tenho outras características: sou simpática e admiro a boa educação, gosto de diplomacia, gosto de me mostrar receptiva às outras pessoas, sou muito autónoma, sou sensível, sou muito dedicada ao meu trabalho, especialmente quando o faço com gosto, sou muito amiga dos meus amigos, sou muito ligada à minha família, sou criativa e gosto de alguma originalidade, já que estas duas características são o bilhete de identidade do nosso desempenho e do nosso trabalho, ou seja, é isto que nos faculta a personalização de tudo o que fazemos, sou lutadora e muito persistente.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Eu considero-me uma pessoa optimista, já que quando tenho um problema, ou quando alguma coisa não me corre como eu desejaria, eu penso imediatamente, nos mecanismos/estratégias que eu vou ter que adoptar para conseguir o que eu quero. Posso até desanimar um pouco, mas seguidamente começo logo a tentar ser muito mais racional e a pensar como é que posso dar a volta à situação. Penso que talvez por eu ser uma pessoa optimista, sou uma pessoa lutadora e esta é a característica que justifica que disse acima.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Penso que sou e fui muito influenciada pela minha mãe.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Na minha família, uma das pessoas que sempre mostrou ser mais optimista e lutadora foi a minha mãe. Ela sempre foi e é um pessoa lutadora. Ela é uma pessoa como eu, que não desiste facilmente do que quer e sempre me motivou a trabalhar e lutar por aquilo que eu queria. Daí resultou a persistência e a força de vontade que me caracterizam.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Ao longo da minha vida de estudante eu tive influências tanto do foro optimista, como do foro pessimista. Na escola secundária onde eu andei, tive professores que achavam que eu acabaria o 12º ano e não estudaria mais, mas também tive professores que me valorizavam muito e que me estimulavam e encorajavam , e não me poderei esquecer das palavras de uma professora de História que eu tive "A Isabel tem um grande potencial e escreve muito bem. Você poderá seguir os estudos que quiser. Tem que ter mais confiança em si e acreditar mais em si". Estas foram, de facto, as palavras que me começaram a despertar o meu optimismo e que me deram força para continuar. Em suma os meus professores influenciaram o desenvolvimento do optimismo na minha pessoa.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os colegas da escola e da faculdade são o nosso grupo de pares. Nós juntamo-nos por semelhanças dos nosso gostos/interesses e por isso vamo-nos influenciando mutuamente. Esta influência passa pela nossa maneira de conviver e atinge a nossa maneira de trabalhar e aprender. É através do contacto com os nosso colegas que podemos encontrar/trocar ideias e enriquecer o nosso conhecimento pessoal e social.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Ao longo do meu percurso escolar houve vários professores de quem eu guardo boas recordações e com quem eu acho que aprendi muito.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Actualmente, a minha professora de estágio proporcionou-me conhecer a minha professora cooperante, que já me acompanha desde o ano passado. Ela é uma pessoa que me influenciou e influencia muito positivamente, pois sinto que aprendo muito com ela, já que se trata de uma pessoa admirável, com quem gosto de estar. Desde o início, ela estabeleceu um clima muito bom, repleto de empatia e de disponibilidade para apoiar em tudo o que se necessitar, respeitando uma postura de crítica construtiva (que para mim é aquela que aponta as nossas virtudes e as nossas lacunas, no sentido de as melhorar).
Actualmente, os professores que mais tentam compreender os alunos e que conseguem estabelecer, no decorrer do processo educativo, um clima de ajuda, disponibilidade para ensinar e motivar, e para reconhecerem o valor dos seus alunos, são os professores que melhor contribuem para a formação do optimismo, da auto-confiança e da segurança dos seus alunos. Estes professores não descuram os conselhos para a vida prática dos futuros profissionais que nós somos, e por isso, sente-se que eles nos querem ajudar. Com estas características houve uma série de professores desta escola, que me influenciaram bastante pela vertente positiva e optimista.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: O actual ambiente da minha escola favorece a minha posição optimista, já que existe um leque de profissionais disponíveis a aconselhar-nos e a orientar-nos sempre que solicitamos a sua ajuda. É de referir que a postura de alguns profissionais é muito positiva, no que respeita ao reforço do nosso conhecimento e em simultâneo, ao reforço da nossa confiança, já que se dispõem a dar o seu apoio, tirando-nos dúvidas e aconselhando-nos. Penso que os conselhos são sempre bem vindos e são muito importantes para a formação das nossas ideias. É bom termos conhecimento de vários pontos de vista acerca de um mesmo assunto pois assim podemos formar ideias mais ricas.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Os meus colegas, nomeadamente as pessoas mais chegadas, valorizam as minhas qualidade e o meu desempenho, muito embora também saibam apontar as coisas que correm menos bem. Nós apoiamo-nos muito, já que neste curso tem que haver muito trabalho de equipa (grupo) e para isso é fundamental que as pessoas saibam criticar costrutivamente, tanto dando elogios como apontando defeitos, mas também é importante que haja um sentimento de responsabilização.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Este foi o curso que eu sempre quis tirar. Só este factor já é bastante contributivo para a minha formação optimista. Por outro lado, a par deste gosto/motivação, sempre senti uma forte atracção pelas áreas ligadas à Psicologia. Penso que esta área do saber é muito contributiva para o desenvolvimento pessoal e social (senão integral) do indivíduo, já que explicam tudo aquilo que tentamos compreender e que o senso comum não nos pode explicar. Até para o nível de formação de professores de 1º ciclo do Ensino Básico, já que necessitamos de uma preparação neste domínio. Este curso dá bastante importância a esta área do saber, já que ela acompanha-nos desde o 1º ano até ao 4º ano e este factor também ajuda o desenvolvimento da minha motivação, indo ao encontro das minhas expectativas.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O que eu valorizo mais nesta escola é a postura empática, compreensiva e o profissionalismo de alguns docentes. Penso que este é um grande ponto de partida para que nos sintamos bem onde estamos, mas também motivados a seguir em frente.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: O que mais me entusiasma nesta escola é o estágio, pois ele reporta-se de modo prático à minha vida profissional futura. O estágio é de facto a área que me absorve quase completamente (já que não tenho tido problemas com ninguém e vou para lá e para as reuniões com muito gosto). Por outro lado, também gosto bastante de algumas cadeiras (nomeadamente as que estão mais ligadas à Pedagogia e à Psicologia), bem como de alguns trabalhos de grupo, que nos ajudam a investigar por nós próprios, e penso que deste modo conseguimos descobrir mais coisas, sendo este conhecimento mais permanente na nossa memória. Sinto-me bastante motivada quando sei que passo nas disciplinas, mas também quando tiro boas notas. E gostei de sentir que ia avançando de ano para ano.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: O meu compromisso/empenho com esta escola relativamente aos trabalhos, testes e resultados dos mesmos tem tido momentos de grande auge, quando eu estou motivada para isso, quando as coisas correm bem, quando os professores facultam todo o seu apoio para que não existam dúvidas, mas principalmente quando vejo o meu trabalho valorizado. No entanto, se alguma coisa não correr bem eu sei que se me esforçar na próxima oportunidade poderá correr melhor.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Embora eu tenha algumas boas notas, outras razoáveis e outras satisfatórias, de facto o auge do meu curo está no meu estágio, tanto do 3º ano como do actual. De facto, aí o meu empenho e aproveitamento são bons. Penso que este êxito deve-se à minha vocação, mas também ao apoio e valorização que os professores que me têm acompanhado me facultam. Este ano gosto bastante mais da minha supervisora e gosto bastante da minha cooperante, que me acompanha desde o ano passado. Tenho uma excelente relação com os meus alunos e sinto que eles gostam muito de mim. Também já estou com eles há 2 anos. Contudo, às vezes também tenho dificuldades, as quais procuro sistematicamente dissipar, mas penso que esta experiência é muito benéfica para a minha futura profissão, já que foi aqui que aprendi a lidar com a sua realidade.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: O meu envolvimento com esta escola será sempre significativo, já que é graças a este curso que em breve serei professora do 1º ciclo do Ensino Básico. Penso que só tive coisas a aprender e graças a este curso amadureci tanto o aspecto pessoal, como o aspecto cognitivo. Acho que um curso superior é uma grande escola de vida e de formação, embora ainda haja muito para aprender, como é natural. De facto, como já referi, o meu envolvimento com esta escola foi mais significativo com o estágio, embora as outras disciplinas também tenham bastante relevância neste envolvimento, já que a teoria está intimamente ligada à prática.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: O que mais me inspira e convida à acção são os trabalhos práticos, mais vocacionados para a minha vida futura, mas também as indagações que às vezes tenho que fazer, que só me enriquecem.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: O meu compromisso com esta escola poderia ser reforçado com o seguimento dos meus estudos, já que quando acabar o curso quero ingressar num mestrado, pois já há muito tempo que decidi que vou continuar a estudar até ver que atingi os meus limites, mas também tenho muito interesse em melhorar a minha formação e enriquecer o meu conhecimento, de modo a ser uma profissional cada vez mais competente, ou até de modo a alargar os meus horizontes no que diz respeito às minas possibilidades profissionais.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: O espaço exterior da escola é bastante apresentável e agradável. A maioria dos docentes são pessoa muito competentes e muito disponíveis a falar/compreender os alunos. A estrutura do curso já engloba o estágio desde o 2º ano, facto que acho que é de louvar. A organização da componente de estágio é muito boa.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Mais organização ao nível dos horários, já que se podem verificar dois inconvenientes decorrentes do actual sistema: há disciplinas que por serem muito práticas precisam de horas mais espaçadas, pelo que é difícil trabalhar nelas quando o horário as apresenta durante semanas consecutivas; poderiam surgir de 15 em 15 dias como às vezes acontece; é que muitas vezes é preciso comprar materiais (e procurá-los) e preparar os trabalhos; ainda esta semana ocorreu uma lacuna que penso ser incoerente, tivemos uma tarde com horário afixado para seminários de memória final, que duraria os dois módulos da tarde e subitamente, descobrimos que estávamos simultaneamente a ter reuniões de estágio; o estacionamento da escola precisava de ser melhorado.

ENSINO BÁSICO 1º CICLO – PESSIMISTAS

1º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Romântica, pessimista, insegura, medrosa, extrovertida com os outros e introvertida em relação aos meus problemas, envergonhada e sensível.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Pessimista. Porque as situações com as quais me deparei e o modo como saí delas não foram as melhores. Porque muita gente me magoou, espezinhou, humilhou. Por isso não tenho muitas razões para sorrir.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Acho que foi a vida, as situações que me aconteceram e claro o modo de agir das pessoas que nelas se encontravam.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não, na minha família são todos, de uma maneira geral, pessoas optimistas, ou que levam a vida. Se são pessimistas esforçam-se por não o demonstrar.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Há sempre aqueles professores que acham que somo burros, abéculas e que o dizem abertamente. Há também aqueles que nos detestam por alguma razão obscura. Esses sem dúvida que ajudam a nossa auto-estima a ir bem ao fundo.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Imensa. Foram eles que mais me magoaram, humilharam, usaram. Sem dúvida alguma que marcaram a viragem.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Talvez um professor de Educação Física que tive no 5º e 6º ano que me detestava e mostrava-o claramente, com palavras e até nas notas, pois nunca me deu uma positiva. Acho que isso desmotiva imenso.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Continua a haver aqueles professores que acham que nós não sabemos nada e que o expressam. Acho que isso magoa sempre.

Entre.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Acho que até agora nenhuma.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Há sempre aqueles colegas que gostam menos de nós e dizem coisas menos próprias que nos fazem ficar lá no fundo.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Gosto do meu curso, mas o mercado de trabalho poderá tornar-me um pouco pessimista. O facto de andar a estudar 4 anos e depois não servir para nada, porque não há emprego, é um pouco desmotivante.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O ambiente em geral, as pessoas são simpáticas, há uma boa integração para os alunos do 1º ano. Tem um bom ambiente.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Nas praxes senti-me entusiasmada, pois senti que estava a fazer parte de algo, a integrar-me em algo. Auto-realizada senti-me ao entrar , pois era uma coisa que eu queria muito.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Quando começaram as frequências. Vim para estudar, aprender, tirar o meu curso. Quando começaram as avaliações, além do nervosismo normal, senti que estava a começar a cumprir aquilo a que me propus.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Acho que se notou o quanto todos nos dávamos bem na altura das praxes. Nós caloiros estivemos muito unidos. As coisas proporcionaram-se dessa maneira pois estávamos todos no mesmo barco.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Muito sinceramente não sei.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Talvez as praxes.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Ajudando no que for preciso.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: O espaço e as infra-estruturas.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: O convívio com alunos de outras escolas; mais actividades que proporcionassem o convívio entre os nosso alunos.

2º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: As características que mais se enquadram comigo são: extrovertida, simpática, amiga dos amigos, responsável, cumpridora e brincalhona.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Pessimista, porque acho que nunca sou capaz de conseguir as coisas que quero, e nem os objectivos que pretendo, facilmente.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Acho que é mesmo do meu feitio, porque as pessoas que me rodeiam são bastante optimistas.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: A maioria da minha família é optimista.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Os professores tiveram uma grande influência, principalmente a minha professora do 4º ano de escolaridade e todas as minhas professoras (e professores) do ensino secundário, incluindo as irmãs do Colégio Nossa Senhora da Assunção onde vivi os melhores anos da minha vida e da minha adolescência. Devo-lhe a minha autonomia, responsabilidade, gosto pelo estudo e definição de vida. Até porque até entrar nesse colégio, com as regras que tem e com a convivência e o companheirismo de todas as pessoas que nele trabalham, eu não tinha a certeza do que queria fazer na vida e o que seria o meu futuro.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Sinceramente acho que não tiveram grande influência, pois a maior parte dos meus colegas não passam disso mesmo, de colegas, mas tenho 4 verdadeiras amigas a quem devo muito da pessoa que sou.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Todos os professores que tive no ensino secundário me marcaram de forma positiva e muito optimista. Eles tiveram sempre uma palavra de alento e de optimismo para me levantar nos momentos em que estava em baixo.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Salvo raras excepções, a maioria dos professores não é optimista o que faz com que nós tenhamos uma atitude pessimista, até porque não temos incentivo do contrário.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Nenhum.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Quase nenhuma influência, pois acho que já tenho essa atitude desde pequena e muito dificilmente me conseguirão fazer mudar de atitude.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: O meu curso acho que é das melhores coisas que consegui atingir até hoje. Acho que acabar este curo vai fazer com que torne a minha atitude mais benévola em relação ao pessimismo, mas como referi anteriormente, muito dificilmente conseguirá acabar com o meu pessimismo.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O que valorizo é o ensino e o que aprendo.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Acho que o momento mais entusiasta que vivi nesta escola foi a preparação do teatro para a cadeira de Comunicação e Expressões Integradas, e também a preparação do trabalho de grupo de Lógico-Matemáticas (preparação de um jogo).

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Eu acho que sempre dei o meu melhor, por isso acho que não existe um momento específico.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Acho que o que proporcionou um bom momento foi a recepção ao caloiro na Aula Magna, tanto da minha vez como na vez dos caloiros deste ano lectivo.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Sinceramente não sei bem.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Na minha opinião acho que muitas das coisas que foram feitas nesta instituição são convidativas à acção.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Não sei, mas talvez participando mais nos eventos.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: O ensino, os professores e mais nada que me recorde.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Melhores condições, tanto ao nível das salas de aula e WC até à cantina e bar; e também a instalação de uns aquecedores porque no Inverno mais rigoroso as salas são muito frias.

3º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Como principais características referia a simpatia, sou boa ouvinte e por fim sou uma pessoa um pouco introvertida.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Acho-me mais uma pessoa pessimista, porque penso sempre no que pode acontecer de negativo e por isso já posso ter uma ideia antecipada de como agir perante uma situação dessas. No entanto, não deixo de pensar sempre que as coisas até podem correr pela positiva. É o género de uma pequena esperança.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Não me recordo de ninguém em especial, mas acho que tem influência da educação que recebi.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: A minha mãe, principalmente, acho que me incutiu, transmitiu este modo de pensar, ou seja, não pensar que tudo pode correr bem, por vezes as coisas também têm o seu lado negativo.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Acho que alguns professores tiveram muito significado para a minha formação enquanto pessoa.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Tiveram influência, porque sempre fui bem acolhida entre os meus colegas, sem causar grandes distúrbios. Sempre fui uma pessoa que me relacionava bem com toda a turma.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Sim, tive um professor no 7º e 8º ano de Religião e Moral que com as actividades que fazíamos na aula (sem cadernos, sem livros, apenas diálogo) cheguei à conclusão que temos de ter confiança na vida. Pensar que tudo pode acontecer, basta que tenhamos confiança e que saibamos conquistar o que queremos.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Actualmente os professores não têm nenhuma influência na minha atitude.

Entre.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: O ambiente da escola parece-me ser um pouco optimista, mas isso acho que não tem muito influência em mim.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Os meus colegas transmitem-me uma reacção optimista porque os vejo a empenharem-se bastante nos trabalhos que temos de realizar. No entanto, tal como eu, muitos dos meus colegas também têm um pouco uma atitude pessimista.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Tem um grau médio, porque perante as dificuldades de emprego, penso muitas vezes se poderei exercer de imediato a minha profissão. No entanto, o curso que estou a tirar é aquele que eu sempre quis, e por isso seja o que Deus quiser.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O que mais valorizo é a facilidade que temos em comunicar, quer com os professores quer com a própria Direcção.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Talvez o meu 2º ano, porque foi a altura em que comecei a contactar mais com aquilo que vou exercer, tinha mais tempo para fazer as coisas e havia um óptimo ambiente entre a turma.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Acho que está ao longo dos 4 anos, porque é durante este tempo que dura o curso e é meu dever empenhar-me nesta instituição.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Não me recordo de nenhum.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Acho que não senti esse envolvimento.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Nada.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Não sei.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Veria o grande espaço que ocupamos. Não é igual a outras Universidades que se resumem só a um mero edifício.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Não sei.

4º ANO

Entrev.: Se tivesse que se descrever a si próprio que características referia?
Aluno: Esta é sempre uma pergunta difícil de responder, mas essencialmente acho que sou uma pessoa muito inconstante, pouco segura de mim própria, muito indecisa, demasiado ansiosa, porém cada vez mais lutadora.

Entrev.: Considera-se uma pessoa optimista ou pessimista. Porquê?
Aluno: Embora não tenha completa noção disso, ao que consta sou bastante pessimista, na medida em que prefiro sempre ver o lado negativo das coisas mentalizando-me sempre para o pior, para nunca me desiludir.

Entrev.: Quem acha que o/a influenciou nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Absolutamente ninguém.

Entrev.: Na sua família teve modelos que o/a influenciaram nesse sentido (optimista ou pessimista)?
Aluno: Apesar de existir um único membro da família demasiado pessimista (ao contrário dos outros), nunca me influenciou em nada, antes pelo contrário. Se tivesse que me guiar pelos conselhos familiares, hoje estaria a responder a uma entrevista referente aos top-optimistas.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus professores tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Acho que nenhuma. Não me consigo recordar de nenhum momento significativo que passei ao longo do meu percurso escolar que poderia ter influenciado a pessoa que sou hoje.

Entrev.: Que influência é que acha que os seus colega de escola tiveram no tipo de pessoa que é hoje?
Aluno: Remetendo e completanto a pergunta inicial da entrevista, considero-me uma pessoa cheia de sorte no que diz respeito a amizades. Fujo um pouco àquela máxima de "poucos mas bons", na medida em que todos os amigos que tenho são muitos e muito bons. Amigos esses, na sua maioria, colegas de escola desde sempre. Assim, acho que a influência que tivemos uns nos outros é significativa, uma vez que ao crescermos juntos aprendemos juntos, construímos a nossa personalidade juntos e mesmo que um pouco inconscientemente, delineamos o nosso carácter, utilizando o mesmo molde. Concluindo, acho que os meus colegas da escola tiveram muita influência no tipo de pessoa que sou hoje.

Entrev.: Ao longo do seu percurso escolar existiu algum professor que o/a marcou particularmente, no sentido de ter uma atitude mais optimista ou pessimista em relação à vida?
Aluno: Apesar de ter tido sempre uma boa relação com quase todos os meus professores, acho que nenhum me marcou nesse sentido.

Entrev.: Que influência é que têm os seus professores, actualmente, relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Actualmente encontrei uma professora que em muitas situações o deixa de ser, isto é, conseguimos ultrapassar a barreira professor/aluno dando lugar a uma relação de amizade, cumplicidade e inter-ajuda. O presente ano lectivo é bastante complicado, na medida em que por ser o último ano também é decisivo, assim a pressão aumenta e o stress também. Com eles vem de mãos dadas o meu pessimismo, que em todas as oportunidades me faz pensar que não sou capaz. A minha actual professora de estágio tem contribuído de forma positiva para que as dificuldades que vão surgindo pareçam cada vez mais fáceis de resolver.

Entrev.: Que influência é que tem o ambiente da sua actual Escola relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: De uma forma directa acho que nenhuma influência, porém a escola em si proporciona-me bons momentos, na medida em que convivo com pessoas amigas num local arejado, acolhedor e agradável.

Entrev.: Que influência é que têm os seus colegas relativamente à sua atitude optimista/pessimista?
Aluno: Igual à resposta que dei à questão 6.

Entrev.: Qual o grau de influência que o seu curso tem/terá relativamente à sua atitude optimista/pessimista? Como explica isso?
Aluno: Penso que durante estes 4 anos passados a influência que o curso teve na minha atitude foi variando. Actualmente considero que as dificuldades, as pressões, o stress e principalmente o aproximar do fim, me influenciam numa atitude pessimista. Dou por mim a pensar que não vou ser capaz de transmitir aos meus futuros alunos a mensagem que aprendi no decorrer destes anos. Penso também que possivelmente esta não é a minha real vocação, mas que agora não há nada a fazer.

Entrev.: O que valoriza mais nesta escola?
Aluno: O bom ambiente que se respira.

Entrev.: Descreva uma altura em que se sentiu mais entusiasmado/a ou mais auto-realizado nesta escola.
Aluno: Os primeiros momentos do curso entusiasmaram-me muito. Vivi-os ao máximo e fizeram-me achar que era mesmo isto que eu queria para a minha vida. Nestes últimos momentos que vivo actualmente, sinto-me realizada na medida em que depois de tanto pensar que não ia conseguir, ultrapassei todas as barreiras e dificuldades e de certa forma sinto que finalmente o esforço vai ser reconhecido.

Entrev.: Quando é que o seu compromisso e empenho com esta escola esteve no seu auge?
Aluno: Penso que é uma coisa progressiva, só vai estar realmente no auge no último momento que cá passar.

Entrev.: Descreva uma altura em que tenha experimentado um desempenho excepcional, ou uma óptima forma de relacionamento entre os alunos; O que e quem proporcionou que as coisas tivessem corrido bem?
Aluno: Sempre surgem alguns pequenos problemas entre professores/alunos e mesmo entre alunos/alunos, mas as situações são de imediato resolvidas devido ao companheirismo e bom ambiente que se faz sentir entre colegas. O ambiente de turma á muito bom.

Entrev.: Quando é que sentiu que o seu envolvimento com esta escola foi mais significativo?
Aluno: Quando tive de enfrentar uma turma de 25 crianças com uma média de idades de 6 anos, e provar que seria capaz de recorrer a tudo aquilo que aprendi e ouvi com os professores desta escola.

Entrev.: Que aconteceu aqui na sua escola que fosse particularmente inspirador e convidativo à acção?
Aluno: Algumas dicas que alguns professores me deram, algumas vivências que partilharam comigo e principalmente muitas ideias e sugestões de trabalho que forneceram.

Entrev.: De que formas gostaria de reforçar o seu compromisso com esta escola?
Aluno: Provando que posso ser boa professora, utilizando os ensinamentos que me foram proporcionados ao longo dos 4 anos, contrariando assim a reputação menos positiva que alguns podem ter da instituição.

Entrev.: Se pudesse ter uma vista de helicóptero desta escola, o que pensa que veria como pontos positivos mais salientes?
Aluno: Os inúmeros espaços verdes que fornecem à escola um ambiente arejado, saudável e agradável.

Entrev.: Quais os três desejos que formularia para aumentar a vitalidade desta escola?
Aluno: Reduzir os custos que nós alunos somos obrigados a ter; garantir a sanidade básica (água potável); expandir a instituição.

Anexo F:

Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas e dos sujeitos considerados mais pessimistas de cada ano, do curso de Educação de Infância, em relação às 5 questões consideradas (1ª e 2ª aplicação)

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou comunicativa"	6
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"	8
		Face a si próprio	Cognições	"sou romântica"; "sou sonhadora"	5
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera"	2
			Desvalorização das competências	"sou pouco firme"; "tenho dificuldade em aceitar críticas"	3
			Valorização das competências	"gosto de ter experiências novas"; "consigo resolver os meus problemas"	11
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"não pensar nas coisas más"	1
		Optimista	Cognições	"estar bem comigo"; "ter pensamento positivo"	6
			Valorização das competências	"ser segura das minhas capacidades"; "conseguir realizar o que quero"	5

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou comunicativa"	4
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"	11
		Face a si próprio	Cognições	"sou romântica"; "sou sonhadora"	12
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera"	8
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou lutadora"; "sou independente"	3
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"tento ver o lado positivo, assim como o lado negativo das coisas"	1
		Optimista	Cognições	"ter pensamento positivo"	5
			Valorização das competências	"aproveito bem a vida"; "faço com que o dia seguinte seja sempre melhor"	2

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou comunicativa"	4
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"	3
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou sentimental"	11
			Valores	"sou orgulhosa"; "sou fiel"	9
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou muito responsável"	2
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"é uma filosofia de vida"; "o amanhã será sempre melhor"	5
			Valorização das competências	"o conseguir resolver os meus problemas ajudou-me a ser mais forte"; "com o início do curso fiquei a ser mais optimista"	2

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou comunicativa"	4
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"	10
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou bem-disposta"	8
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera"	6
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou metódica"; "sou persistente"	5
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"sou sedutora"; "gosto muito de viver a vida"	6
			Valorização das competências	"encaro a vida de frente"; "tenho confiança em mim e nos outros	6

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo /pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais que eram muito optimistas"	4
		Amigos			---
		Outros			---
		Experiência de vida		"a vida me influenciou"	1
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência nenhuma" (4º ano)	---
		Pela positiva		"dar amor "; "ajudar o próximo"; "nunca desistir"	9
		Por oposição		"como a minha mãe sempre foi muito pessimista, quis ser diferente dela, para me poder defender e ser optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência no que sou hoje"	4
		Pela positiva	Cognições	"transmitir algo de positivo"	2
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"podemos seguir o mesmo sonho"; "podemos trocar e confrontar opiniões"	8
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não houve nenhum professor que me tenha marcado"	1
		Pela positiva	Cognições	"a professora dava aulas muito dinâmicas e com grande entusiasmo"	2
			Valorização das competências	"a professora tinha uma grande admiração por mim"	2
		Pela negativa		"sempre me desiludiram"	1

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo /pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais que eram muito optimistas"	4
		Amigos		"os meus amigos ajudaram-me muito"	2
		Outros			---
		Experiência de vida		"a vida me influenciou"	1
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"ajudar o próximo"; "nunca desistir"	7
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência no que sou hoje"	1
		Pela positiva	Cognições	"são amigos"	2
			Valorização das competências	"ajuda na formação da personalidade"; "acreditam em mim"	4
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"tornaram-se grande amigos"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ajudaram-me a construir uma personalidade mais forte"; "fiquei mais tolerante"; "mais compreensiva"	8
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não tive"	2
		Pela positiva	Cognições	"tive professores que me influenciaram pela positiva"	2
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"tive prof. que me influenciaram pela negativa e me chumbaram"	2

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo /pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais que eram muito optimistas"; "os meus pais eram pessimistas por isso fiquei optimista"	3
		Amigos		"o meu namorado é muito positivo"	1
		Outros			---
		Experiência de vida		"fui aprendendo a viver com o que me foi acontecendo na vida"	3
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"sempre tive o apoio dos meus pais"	4
		Por oposição		"como a minha mãe sempre foi muito pessimista, quis ser diferente dela, para me poder defender e ser optimista"	2
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"eram meigos e atenciosos"; "fazem parte da minha vida"	3
			Valorização das competências	"ajudaram a tornar-me uma pessoa melhor"	3
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fazem parte da minha vida"	1
			Relacionamento	"são um apoio"; "partilhamos os problemas"	4
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"só me fizeram sofrer"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"tive professores que me influenciaram pela positiva"	5
			Valorização das competências	"ajudaram a construir a minha personalidade"	2
		Pela negativa		"eram frios"	4

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo /pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais que eram muito optimistas"	3
		Amigos			---
		Outros		"Deus tem-me ajudado muito"; "ter pertencido ao coro e grupo folclórico ajudou-me"	4
		Experiência de vida		"aprendi através da vida e dos acontecimentos"	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência nenhuma"	1
		Pela positiva		"sempre tive o apoio dos meus pais"	4
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência no que sou hoje"	1
		Pela positiva	Cognições	"foram uma boa influência"	3
			Valorização das competências	"moldaram as minhas perspectivas profissionais"	3
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"gostam de mim"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ajudaram-me a crescer"; "ajudaram-me a resolver conflitos"	3
		Pela negativa		"pelas traições aprendi a conhecer melhor quem são os meus amigos"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não houve nenhum professor que me tenha marcado"	1
		Pela positiva	Cognições	"tive professores que me influenciaram pela positiva"	2
			Valorização das competências	"acreditar nas nossas capacidades"	1
		Pela negativa		"um prof. que me chumbou com 8"	1

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm nenhuma influência"	4
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
			Resultados		---
		Pela negativa		"o professores criam uma barreira difícil de ultrapassar"; "têm uma atitude pessimista"	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"o ambiente existente na escola não tem nada a ver com o facto de ser como sou"	3
		Pela positiva	Cognições	"apela ao optimismo"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"acreditam em nós"; "dizem que vamos ter um bom desempenho na profissão"	2
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"ainda não os conheço bem pois estou há pouco tempo na escola"; "os meus colegas não me influenciam em nada"	2
		Pela positiva	Cognições	"têm confiança e respeito por mim"	6
			Valorização das competências		---
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"faço o que gosto"; "é o meu sonho"	5
			Aquisição de competências profissionais	"conseguir trabalhar bem com as crianças"; "conseguir comunicar melhor"	4
		Pela negativa		"o curso até agora tem sido uma desilusão"	1

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do na optimismo/pessimismo Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fazem-nos sentir positivo"; "motivam"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"dão-nos confiança"; "ajudam-nos a crescer melhor"	3
			Resultados	"dão boas notas"	1
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência nenhuma"	1
		Pela positiva	Cognições	"é calmo"; "faz-me sentir bem"	6
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"os meus colegas não me influenciam em nada"	1
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir bem e pensar positivo"	6
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"existe muita competitividade"	1
	Influência do curso em geral	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"é o curso que sempre sonhei"	6
			Aquisição de competências profissionais	"tenho de me esforçar para fazer bem"; boa influência que podemos ter junto das crianças"	5
		Pela negativa			---

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do na optimismo/pessimismo Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"transmitem força e optimismo"	1
			Relacionamento	"dão apoio"; "são disponíveis"	3
			Valorização das competências		---
			Resultados		---
		Pela negativa		"são indiferentes aos alunos"; "só se preocupam com as notas" (3º ano)	2
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"é muito positivo"; "transmite energia positiva"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"não respeitam os prazos de lançamento de notas"; "a burocracia é péssima"	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir bem e pensar positivo"	3
			Valorização das competências	"valorizam-me"	1
		Pela negativa		"existe muita competitividade"	1
	Influência do curso em geral	Inexistente		"nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"transmite vontade de continuar"	2
			Aquisição de competências profissionais	"posso fazer a diferença"; "poder trabalhar com crianças"	2
		Pela negativa			---

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do na optimismo/pessimismo Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm nenhuma influência"	3
		Pela positiva	Cognições	"com a sua filosofia de vida"; "pelas pessoas que eram"; "na forma como dão as aulas"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
			Resultados		---
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência nenhuma"	1
		Pela positiva	Cognições	"espaços verdes"	3
			Relacionamento	"bom relacionamento entre as pessoas"	3
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"o bar e o refeitório não prestam"; "não há parque de estacionamento" (4º ano)	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"sentimentos de partilha"; "boa disposição"	6
			Valorização das competências		---
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Inexistente		"nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"é o curso que sempre sonhei";"estimula o pensamento positivo"	6
			Aquisição de competências profissionais	"posso fazer a diferença"; "poder trabalhar com crianças" (3-4º ano)	2
		Pela negativa			---

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo"	1
		Nível de recursos humanos		"existe uma grande união entre nós"; "conhecer pessoas novas"	2
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços verdes"	2
			Logística		---
		Nível de qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"o facto de ter conseguido entrar para o Piaget e para este curso"	5
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a semana do caloiro"	1
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para a escola e iniciei o curso"	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática		---
			Realização profissional		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"não me lembro de nenhuma especial"	3
		Nível pessoal	Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes"; "a semana do caloiro"; "as festas"	3
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	4
		Nível pessoal	Desempenho	"foi uma emoção muito forte quando consegui entrar na escola"	1
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"não me consigo lembrar de nada"	2
		Nível pessoal		"ver o entusiasmo dos colegas do 4º ano"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"criação de ateliers práticos"; "realização de colóquios"	2
			Sala de aula		---
		Nível de organização			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda estou cá há pouco tempo"; "estou desiludida pois não sinto incentivos por parte da escola que nos puxem para a acção"	3
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"devia existir uma maior interacção com os alunos"	1
			Continuidade		---
		Nível académico		"participar em actividades práticas, fazer mais projectos"	3
		Nível de recursos logísticos			---

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"proximidade prof./aluno"; "a boa relação com os funcionários"	6
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços verdes"; "ambiente que transmite calma"	2
			Logística		---
		Nível de qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando passei a todas as disciplinas"	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"entrada no estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter bons resultados"	2
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Prática	"estágio"	2
			Realização profissional		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"não me lembro de nenhuma especial"	1
		Nível pessoal	Relacionamento	"o grupo ficou mais unido"; "tivemos o apoio dos professores"	2
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhos de representação"	3
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não senti"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para o curso no 1º ano"	2
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"não me consigo lembrar de nada"	3
		Nível pessoal		"todos os dias que passam" (2º ano)	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "seminários"	2
			Sala de aula		---
		Nível de organização			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso" ; "que a escola seja bem reconhecida lá fora"	4
			Relacionamento	"melhor relacionamento com a direcção"	1
			Continuidade		---
		Nível académico			---
		Nível de recursos logísticos		"melhores instalações"	1

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"o lado humano dos professores é óptimo"	6
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"o espaço é excelente"	1
			Logística		---
		Nível de qualidade de ensino		"tem óptimos profissionais"; "a qualidade da formação"	3
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando recebo feed-back positivo do meu trabalho"	4
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"a realização de trabalhos de grupo"	1
			Prática	"quando aplico a teoria à prática no estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas" (3º ano)	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática	"estágio"	1
			Realização profissional		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento	"a doença de uma colega fez-nos unir"	1
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes"	3
			Sala de aula	"disciplinas mais práticas"; "trabalhos de grupo"	3
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"todos os dias"	1
			Valorização das competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a tuna"; "a associação de estudantes"	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"conferencias"; "participar no encontro sobre futebol"	3
			Sala de aula	"as expressões"	3
		Nível de organização			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"não sei"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"ser bom profissional"	---
			Relacionamento	"quanto mais gostarmos dos profs."	1
			Continuidade		---
		Nível académico		"pertencer ao projecto do cancioneiro"; "continuar a pertencer à A.E. e à tuna" (3º ano)	3
		Nível de recursos logísticos			---

Educadores de Infância: Optimismo- 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"o relacionamento entre prof./alunos"	4
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"o espaço é excelente"	1
			Logística	"devia ter melhores condições"	1
		Nível de qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"estar a terminar o curso"	3
			Relacionamento	"as relações humanas são excelentes"; "a boa relação prof./aluno"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"entrada no estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para a escola e iniciei o curso"	1
			Relacionamento	"as relações humanas são excelentes"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática	"entrada no estágio"	3
			Realização profissional	"com o estágio consegui arranjar emprego"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento	"os almoços"; "o relacionamento prof/alunos é muito bom"	3
			Valorização das competências	"conseguir resolver problemas através das minhas capacidades"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		
			Sala de aula	"disciplinas mais práticas"; "trabalhos de grupo"	2
			Prática	"a entrada em estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não senti"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Valorização das competências	"quando consegui integrar conhecimentos"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"preocupação da escola em saber coisas sobre nós	1
			Sala de aula	"projecto de recolha do lixo"	2
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"não me consigo lembrar de nada"	1
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "seminários"; "recepção do caloiro"	3
			Sala de aula		---
		Nível de organização		"a organização dos horários das disciplinas"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ser bom profissional" (3-4º ano)	2
			Relacionamento		---
			Continuidade	"manter o contacto com a escola"; "voltar à escola e falar sobre a minha experiência"	3
		Nível académico		"fazer projectos" (4º ano)	1
		Nível de recursos logísticos			---

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"a escola tem excelentes espaços verdes"; "o ambiente não tem poluição"	5
			Distribuição/Grandeza	"o espaço está bem organizado e é grande"	3
			Recursos desportivos	"o campo de futebol"	1
			Localização	"é fácil ter acesso à escola"; "temos o centro comercial"	2
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhorar a biblioteca"; "uma sala de convívio"; "devia haver mais limpeza na escola"	2
			Humanos	"os funcionários deviam ser mais simpáticos"; "dar mais atenção e saber ouvir os alunos"	2
		Nível académico	Formação		---
			Acontecimentos académicos		---
		Nível de organização	Avaliação		---
			Administração		---
			Horários	"existir uma maior organização"	1

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"a escola tem excelentes espaços verdes"	4
			Distribuição/Grandeza	"o espaço está bem organizado e é grande"	4
			Recursos desportivos		---
			Localização	"está perto do comboio"; "está perto da praia"	2
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhores casas de banho"; "um bar melhor"	4
			Humanos	"melhores professores"; "melhores funcionários"	3
		Nível académico	Formação	"melhor preparação"; "mais actividades práticas"	3
			Acontecimentos académicos		---
		Nível de organização	Avaliação	"cumprir o prazo de lançamento de notas"	1
			Administração		---
			Horários	"fazer melhores horários"	2

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"a escola tem excelentes espaços verdes"	6
			Distribuição/Grandeza		---
			Recursos desportivos		---
			Localização		---
			Dinamismo	"as pessoas em movimento"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhorar a biblioteca"	1
			Humanos	"mais amor"; "maior preocupação pelos alunos"	7
		Nível académico	Formação	"reformulação dos programas	1
			Acontecimentos académicos	"mais espectáculos"; "mais música"	2
		Nível de organização	Avaliação		---
			Administração	"menos burocracia"; "criação de bolsas de estudo para melhores alunos"	4
			Horários		---

Educadores de Infância: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins e as árvores"	4
			Distribuição/Grandeza	"o espaço está bem organizado e é grande"	4
			Recursos desportivos	"pista de atletismo"	1
			Localização		---
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"preço das refeições"; "mais higiene"; "sala mais modernas"; "espaços desportivos"	7
			Humanos	"melhorar as relações entre a escola e os alunos" (4º ano)	2
		Nível académico	Formação	"mais professores ligados à área"; "disciplinas mais práticas"; "mais visitas de estudo"	6
			Acontecimentos académicos		---
		Nível de organização	Avaliação		---
			Administração		---
			Horários		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	3
			Valores	"sou solidária"; "sou compreensiva"	8
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou feliz"	5
			Valores	"sou sincera"	7
			Valorização das competências	"sou justa"; "sou lutadora"	2
	Auto-avaliação	Optimista	Cognições	"adoro viver"; "vejo sempre o lado positivo"	4
			Valorização das competências	"descobrir coisas novas"; "nunca desisto"	3

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	10
			Valores	"sou solidária"; "sou preocupada"; "sou fiel"	3
		Face a si próprio	Cognições	"sou ciumenta"; "sou alegre"; "sou expontânea"	6
			Valores	"sou honesta"	8
			Valorização das competências	"sou muito trabalhadora"; "sou uma pessoa muito dinâmica"	2
	Auto-avaliação	Optimista	Cognições	"penso que vai correr tudo bem"; "acreditar que amanhã será sempre melhor"	2
			Valorização das competências	"tirar algo de positivo dos acontecimentos"	3

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou comunicativa"	1
			Valores	"sou solidária"	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou feliz"	11
			Valores	"sou fiel"	3
			Valorização das competências	"sou justa"; "sou lutadora"	4
	Auto-avaliação	Optimista	Cognições	"sinto-me feliz"; "espero o melhor da vida"	10
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou divertida"	3
			Valores	"sou solidária"; "sou confidente"	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou mal-humorada"	7
			Valores	"sou compreensiva"	7
			Valorização das competências	"sou uma pessoa que organiza bem as coisas"; "luto pelo que quero"	3
	Auto-avaliação	Optimista	Cognições	"tento ver o lado positivo das coisas"; "o dia seguinte é sempre melhor"	5
			Valorização das competências	"gosto de ajudar os outros"; "vivo a verdade"	3

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais ensinaram-me a ser optimista"	4
		Amigos			---
		Professores			---
		Escola			---
		Experiência de vida		"foi apenas com a vida que fiquei assim"	1
	Influência da família	Inexistente		"não me influenciou em nada"	1
		Pela positiva		"os meus pais sempre foram pessoas optimistas"	3
		Por oposição		"por os meus pais serem pessimistas, fiquei optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram"	3
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ensinaram-me o que estava certo e errado"	1
			Valorização das competências	"deram-me um maior saber para poder fazer as coisas"	1
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me influenciaram"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"dialogando"	6
			Valorização das competências	"ajudaram-me a ver certo e o errado"	1
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma figura marcante"	2
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"valorizavam as minhas capacidades"; "lutar para vencer"	5

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais ensinaram-me a ser optimista"	4
		Amigos		"os meus amigos são muito positivos"	5
		Professores		"os prof. fizeram-me ver as coisas pelo lado positivo"	1
		Escola			---
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"ajudaram-me a ver o lado positivo"	7
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajuda-nos a crescer"	9
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"serviram de exemplo a não seguir"	1
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"fiz grandes amigos"	4
			Valorização das competências	"acreditar que somos capazes"	6
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma figura marcante"	1
		Pela positiva	Cognições	"tornaram-me optimista"	1
			Relacionamento	"valorizavam a relação"	5
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já nasceu comigo"	2
		Familiar		"os meus pais ensinaram-me a ser optimista"	5
		Amigos		"os meus amigos são muito positivos"	3
		Professores		"os prof. deram-me uma perspectiva alegre e positiva"	1
		Escola			---
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"os meus pais sempre foram pessoas optimistas"	4
		Por oposição		"por os meus pais serem pessimistas, fiquei optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fazem parte da minha vida"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ajudaram a formar-me como pessoa"	5
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fazem parte da minha vida"	3
			Relacionamento	"sentimento de união"; "existe solidariedade"	3
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"fui gozada pelos colegas"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"transmitiram uma influência positiva"	2
			Relacionamento	"ajudaram-me muito"; "preocupavam-se conosco"	5
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já era assim"	3
		Familiar		"os meus pais ensinaram-me a ser optimista"	1
		Amigos		"foram os meus amigos que me influenciaram"	1
		Professores			---
		Escola		"a escola ajudou-me a ser mais positiva"	1
		Experiência de vida		"foi a vida que me influenciou"	1
	Influência da família	Inexistente		"não existe"	1
		Pela positiva		"ajudaram-me a ver o lado positivo"	4
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudaram-me muito"	4
			Valorização das competências	"ganhei crença nas minhas capacidades"	2
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"existe solidariedade"	7
			Valorização das competências	"fiquei mais meiga, mais forte"	2
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma figura marcante"; "foi a vida"	2
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"apoiaram-me"	2
			Valorização das competências	"aprendi a acreditar nas minhas capacidades"	2

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada"	1
		Pela positiva	Cognições	"ter um pensamento positivo"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"força para continuarmos e acreditarmos nisso"	2
		Pela negativa		"não existe diálogo entre prof./alunos"	1
	Influência do ambiente	Inexistente		"não existe influência"	2
		Pela positiva	Cognições	"é familiar"; "é acolhedor"	3
			Relacionamento		---
			Espaço exterior		---
			Actividades	"promove actividades em grupo"	1
			Organização		---
		Pela negativa		"foi uma desilusão, pois não acontece nada"	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não é nenhuma"	2
		Pela positiva	Cognições	"faz-me sentir útil"; "fazem-me ver o lado bom da vida"	3
			Relacionamento	"ajudam-me muito"; "conversamos muito"; "são conselheiros"	3
			Valorização das competências		---
	Influência do curso em geral	Inexistente		"não tem nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"estou no curso que sempre sonhei"; "sou mais positiva"	4
			Aquisição de competências profissionais	"temos de ser modelo"	2
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"amizade"	6
			Valorização das competências	"fizeram-me acreditar que o futuro está nas nossas mãos"	5
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"existe um bom relacionamento prof./alunos"	8
			Espaço exterior		---
			Actividades		---
			Organização		---
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"tornam-me mais optimista"	1
			Relacionamento	"existe um convívio saudável"	3
			Valorização das competências	"tornam-me mais segura"; "melhoram aspectos menos bons"	2
	Influência do curso em geral	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"gosto pelo curso"; "orgulho na escola	3
			Aquisição de competências profissionais	"gosto pela profissão"; "influência positiva nas crianças"	7
			Valorização das competências	"tornar o mundo melhor"	2

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"conseguem manter-me optimista"	2
			Relacionamento	"podemos falar com eles"	2
			Valorização das competências	"contribuem para que venha a ser uma boa profissional"	3
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"traz-me sensação de paz"	4
			Relacionamento	"existe um bom relacionamento prof./alunos"; "as pessoas são excelentes"	4
			Espaço exterior	"os espaços verdes são fundamentais"	1
			Actividades		---
			Organização		---
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não existe influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir bem"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"aprendo coisas novas com eles"	1
	Influência do curso em geral	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"incentiva uma atitude optimista"	9
			Aquisição de competências profissionais	"para trabalhar com as crianças é preciso ser optimista"	1
			Valorização das competências	"promove a auto-confiança"	1

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não existe"	1
		Pela positiva	Cognições	"sentimos força para continuar"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"tornam-nos mais responsáveis"	2
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não existe influência"	2
		Pela positiva	Cognições	"faz-me pensar num futuro melhor"	1
			Relacionamento	"permite-nos conviver"	1
			Espaço exterior		---
			Actividades		---
			Organização	"a organização da escola tem melhorado"	2
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não existe influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"ajuda-me a relativizar os problemas"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"fico com força para alcançar os meus objectivos"	1
	Influência do curso em geral	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"optimista quanto ao futuro"	4
			Aquisição de competências profissionais		1
			Valorização das competências	"melhorar as minhas capacidades"	5

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda é cedo"	1
		Nível do recursos humanos		"o convívio entre prof. e alunos é excelente"; "o convívio entre os colegas é muito bom"	5
		Nível do recursos ambientais		"os espaços verdes são excelentes"	2
		Nível da qualidade de ensino		"o empenho dos professores é muito grande"	2
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"quando posso e consigo ajudar os meus colegas"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"tuna"	1
			Sala de aula	"actividades de artes plásticas"	2
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para a escola", "os testes"	6
			Relacionamento	"ajudar os colegas"	1
			Competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"ateliers de artes"; "nos trabalhos de grupo"	3
			Prática		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal		"convívio com os colegas"	7
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a tuna"; "a semana do caloiro"; "seminários"	3
			Sala de aula	"trabalhos de grupo de artes plásticas"	1
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos em grupo"; "ateliers de artes plásticas"	3
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não senti"	1
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"congressos"; "actividades de desporto radical"	2
			Sala de aula	"ateliers práticos"	2
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"melhorar a imagem da escola"	4
			Continuidade		---
		Nível académico		"colaborar mais nas iniciativas que acontecem"	4

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível do recursos humanos		"o relacionamento é muito acolhedor"; "os funcionários são simpáticos"	7
		Nível do recursos ambientais		"os espaços verdes são excelentes"	3
		Nível da qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para o curso"; "quando consigo passar às disciplinas"	2
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo apresentados"	2
			Prática	"estágio"	1
	Laços com a Universidade	Nível pessoal	Desempenho	"passar de ano"	2
			Relacionamento		---
			Competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos"	1
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal		"convívio com os colegas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"uma homenagem a uma prof. quando uma disciplina acabou"; "praxes"	2
			Sala de aula	"a apresentação de trabalhos nesta disciplina"; "conversas nas aulas"	5
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"integração de novos colegas"; "quando somos ouvidos pela direcção"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágios"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal		"o convívio entre os amigos"; "o ambiente na escola"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"feiras"; "colóquios"	6
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"melhorar a imagem da escola"	3
			Continuidade		---
		Nível académico		"promover mais actividades de convívio"	2

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível do recursos humanos		"o convívio entre prof. e alunos é excelente"	4
		Nível do recursos ambientais		"os espaços verdes são excelentes"	1
		Nível da qualidade de ensino		"temos excelentes prof."	4
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"reconhecimento do meu desempenho"	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"tuna"	1
			Sala de aula	"em algumas disciplinas"	1
			Prática	"estágio"	2
	Laços com a Universidade	Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho"	4
			Relacionamento		---
			Competências		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"pertencer à associação estudantes"	2
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos de grupo"	6
			Prática	"coordenação dos estágios", "o estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"o 1º ano foi especial"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"tocar na tuna"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágios"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal		"conversas com os prof."	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"queima das fitas"; "seminários"	4
			Sala de aula	"algumas disciplinas"	1
			Prática	"os estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"mostrar o meu melhor"; "vir a ser uma boa educadora"	2
			Continuidade	"trabalhar nesta escola"	2
		Nível académico		"manter contacto com a Associação de Estudantes e com a tuna"	1

Educadores de Infância: Optimismo- 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível do recursos humanos		"o convívio entre prof. e alunos é excelente"; "os amigos são o melhor da escola"	4
		Nível do recursos ambientais		"o espaço exterior é fabuloso"	2
		Nível da qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei para o curso"; "quando terminar o curso"	5
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	2
	Laços com a Universidade	Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"; "mostrar que vou ser uma boa profissional"	4
			Relacionamento		---
			Competências	"quando me convidarem a trabalhar numa escola"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal		"convívio com os colegas"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"seminários"	1
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos de grupo"	1
			Prática	"coordenação dos estágios", "o estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando consegui entrar para o curso"; "quando consegui superar obstáculos"	3
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"feira de actividades"; "seminários"	4
			Sala de aula		---
			Prática	"estágios"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	3
			Sala de aula	"participação nas aulas"	1
			Prática	"os estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"trabalhar muito para ter sucesso"; "acabar o curso"; "valorização da escola pelo meu trabalho"	3
			Continuidade	"participar em acções de formação"; "vir falar sobre as minhas vivências como educador"	3
		Nível académico			---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Ambiente exterior	"os espaços verdes"; "as esplanadas"	5
			Distribuição/Grandeza	"a escola é muito grande e tem um grande espaço"	3
			Recursos desportivos	"o campo desportivo"	1
			Localização	"ter bons acessos"	1
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Infra-estruturas	"melhores salas de aula"; "mais higiene"; "melhor qualidade na comida"	2
			Humanos	"mais simpatia"; "mais interacção entre turmas"	2
		Nível académico	Formação		---
			Acontecimentos académicos	"melhor divulgação dos eventos"; "mais iniciativas para os alunos"	5
		Nível de organização	Administração		---
			Horários	"melhores horários" (1º ano)	1

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Ambiente exterior	"os espaços verdes"; "as esplanadas"; "ambiente limpo"	6
			Distribuição/Grandeza	"grandeza do espaço"	2
			Recursos desportivos		---
			Localização		---
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Infra-estruturas	"melhores salas de aula"; "mais higiene"; "melhor qualidade na comida"; "mais computadores"	5
			Humanos	"mais alegria"; "mais cooperativismo"	3
		Nível académico	Formação	"mais disciplinas práticas"; "melhorar a imagem da escola"	2
			Acontecimentos académicos		---
		Nível de organização	Administração	"eficácia na rapidez das respostas aos problemas"; "mais atenção da direcção aos problemas dos alunos"	5
			Horários		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Ambiente exterior	"os espaços verdes"; "as esplanadas"	9
			Distribuição/Grandeza	"os pavilhões estão em bom estado"	1
			Recursos desportivos		---
			Localização		---
			Dinamismo	"o movimento das pessoas"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Infra-estruturas	"melhorar a biblioteca e didateca"	2
			Humanos	"mais humanização"; "manter os bons professores"	2
		Nível académico	Formação	"mais disciplinas práticas"	4
			Acontecimentos académicos	"Associação de Estudantes mais dinâmica"	4
		Nível de organização	Administração	"bolsas de estudo para os melhores alunos"	1
			Horários		---

Educadores de Infância: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Ambiente exterior	"os jardins são excelentes"	4
			Distribuição/Grandeza	"os edifícios são grandes e estão bem distribuídos pelo espaço"	2
			Recursos desportivos		---
			Localização		---
			Dinamismo		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Infra-estruturas	"pavilhão desportivo"; "mais livros na biblioteca"; "água potável"	3
			Humanos	"mais respeito mútuo no geral"	2
		Nível académico	Formação	"mais disciplinas práticas", "mais visitas de estudo"; "mais orientação no estágio"; "aumentar a qualidade de ensino"	7
			Acontecimentos académicos		---
		Nível de organização	Administração		---
			Horários		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou tímida"; "sou uma pessoa simpática"; "sou divertida"	4
			Valores	"sou compreensiva"; "sou desconfiada"; "sou solidária"	5
		Face a si próprio	Cognições	"sou sossegada"	2
			Valores	"sou realista"	2
			Desvalorização das competências	"sou indecisa"; "tudo o que faço corre mal"; "sou difícil"	3
			Valorização das competências	"sou persistente"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Pessimismo	Cognições	"já sofri muitas desilusões na vida"; "tenho medo de ser magoada"; "penso sempre o pior"	5
			Desvalorização das competências	"tenho dificuldades em resolver os meus problemas"; "tenho falta de confiança"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"introvertida"; "sou uma pessoa divertida"	1
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"; "sou fiel"	7
		Face a si próprio	Cognições	"sou meiga"; "sou sonhadora"; "sou sensível"	7
			Valores	"sou desconfiada"; "sou frontal"; "sou sincera"	5
			Desvalorização das competências	"sou insegura"	1
			Valorização das competências	"sou ambiciosa"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"penso sempre o pior, mas no fundo sonho que as coisas podem correr bem"	2
		Pessimismo	Cognições	"já sofri muitas desilusões na vida"; "tenho medo de ser magoada"; "penso sempre o pior"; "a vida só me vai trazer coisas más"	3
			Desvalorização das competências	"acho que não consigo resolver os desafios"; "tenho uma baixa auto-estima"; "as coisas boas só acontecem aos outros"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem		---
			Valores	sou solidária"	5
		Face a si próprio	Cognições	"sou tímida"; "sou romântica"	12
			Valores	"sou humilde"; "sou orgulhosa"	6
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou uma pessoa que assume as suas responsabilidades e consegue geri-las"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"estou a sentir que estou a mudar para o lado positivo"	1
		Pessimismo	Cognições	"tudo me corre mal e não tenho sorte"	5
			Desvalorização das competências		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa divertida"	1
			Valores	"sou solidária"; "sou simpática"	4
		Face a si próprio	Cognições	"sou meiga"; "sou sonhadora"; "sou sensível"	1
			Valores	"sou realista"; "sou desconfiada"; "sou frontal"; "sou sincera"	4
			Desvalorização das competências	"sou insegura"	1
			Valorização das competências	"sou competente"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"estou a fazer um esforço para mudar"	2
		Pessimismo	Cognições	"penso sempre negativo"; "não acredito que seja capaz"	6
			Desvalorização das competências		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais"	2
		Amigos			---
		Escola		"tive professores que me influenciaram negativamente"	1
		Experiência de vida		"tudo o que me aconteceu na vida"	4
	Influência da família	Inexistente		"nasci assim" ; "ninguém me influenciou"	4
		Pela negativa		"os meus pais influenciaram-me por serem assim"	2
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram"	3
		Pela negativa	Cognições	"não eram amigos dos alunos"; "só despejavam matéria"	3
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências		---
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"a maior parte dos colegas criticavam-me negativamente"	6
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva		"tive muitos amigos que me tentaram ajudar"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"ninguém, me influenciou"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"a relação professor/aluno nunca foi boa"	1
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento	"tive uma prof. que dizia que a vida era bela"	1
			Valorização das competências	"tive uma prof. que acreditava em mim "	2
		Ambiguidade			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"nenhuma"	2
		Familiar		"os meus pais"	1
		Amigos			---
		Escola		"tive professores que me influenciaram negativamente"	1
		Experiência de vida		"já perdi 5 amigos, morreram"	3
	Influência da família	Inexistente		"ninguém me influenciou"	2
		Pela negativa		"os meus pais influenciaram-me por serem assim"	1
		Por oposição		"os meus pais estavam sempre a puxar-me para ser optimista"	2
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram"	1
		Pela negativa	Cognições	"não eram amigos dos alunos"; "só despejavam matéria"	1
			Desvalorização das competências	"não acreditavam nas minhas capacidades"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"ajudam a moldar as nossas capacidades"	1
		Ambiguidade		"alguns influenciam pela positiva, outros pela negativa"	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me influenciaram"	1
		Pela negativa	Cognições	"enganaram-me"	2
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"tornaram-me insegura"	3
		Pela positiva			---
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"a professora no secundário não gostava de mim"	3
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"nunca fazia nada bem para a prof. primária"	2
		Pela positiva	Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Ambiguidade		"alguns foram amigos e outros foram antipáticos, frios"	1

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já é da minha natureza"	1
		Familiar		"a minha família é pessimista"	2
		Amigos		"apanhei muitas decepções com os amigos"	1
		Escola			---
		Experiência de vida		"tudo o que me aconteceu na vida"	1
	Influência da família	Inexistente		"ninguém me influenciou"	3
		Pela negativa		"os meus pais têm uma atitude negativa"	2
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"as aulas eram sacrifício"	3
			Desvalorização das competências	"baixaram a minha auto-estima"	5
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"ajudaram-me a crescer como pessoa"	2
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"nunca me apoiaram"	4
			Desvalorização das competências	"criaram-me complexos"	3
		Pela positiva		"ajudaram-me a seguir em frente"	4
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"fez-me ter uma atitude negativa face à vida"	4
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento	"tentar ver a vida de uma forma mais alegre"	1
			Valorização das competências		---
		Ambiguidade			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já é da minha natureza"	2
		Familiar		"os meus pais"	2
		Amigos			---
		Escola		"foi a escola"	1
		Experiência de vida		"fui aprendendo com a vida"	1
	Influência da família	Inexistente		"nasci assim" (	2
		Pela negativa		"os meus pais influenciaram-me por serem assim"	2
		Por oposição		"os meus pais até são muito optimistas"	2
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"eram meus amigos"	2
			Valorização das competências	"dizem que nunca se deve desistir"	3
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me influenciaram"	1
		Pela negativa	Cognições	"enganaram-me"; "eram cínicos"	3
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva		"ajudaram-me a crescer"	5
	Professor como figura de referência	Inexistente		"ninguém, me influenciou"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento	"apoiava-me"	3
			Valorização das competências	"tentaram contrariar a minha atitude negativa"	2
		Ambiguidade			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"ainda estou há pouco tempo na escola"	3
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"a prof. de Pedagógicas é muito próxima dos alunos"	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência"	3
		Pela negativa	Cognições	"cria um clima de desconfiança"	1
			Relacionamento		---
			Logística		---
		Pela positiva	Cognições	"ajuda-nos a ser mais optimistas"	1
			Relacionamento		---
			Recursos ambientais		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"ainda não conheço bem"	2
		Pela negativa	Cognições	"provocam-me medo"	3
			Relacionamento		---
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"quando preciso eles ajudam-me"	2
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Qualidade de ensino	"é muito teórico"	2
			Expectativas		---
		Pela positiva	Cognições	"é um sonho"	1
			Valorização das competências	"vai-nos ensinar a trabalhar com as crianças"	7
			Qualidade de ensino		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm nenhuma influência"	1
		Pela negativa	Cognições	"fizeram-me sentir pessimista"	1
			Relacionamento	"muito distantes"	2
			Desvalorização das competências	""deitam os alunos abaixo"	1
		Pela positiva	Cognições	"têm uma influência e estimulam o pensamento positivo"	3
			Relacionamento	"apoiam"	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"o convívio entre os alunos é péssimo"	2
			Logística	"tiraram a impressora a cores"; "o bar está cada vez pior"	2
		Pela positiva	Cognições	"faz-me sentir positiva"	2
			Relacionamento		---
			Recursos ambientais	"tem óptimos espaços verdes"	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"não me influenciam"	2
		Pela negativa	Cognições	"sinto-me inibido pela presença de muitas raparigas"	1
			Relacionamento		---
			Organização	"turmas muito grandes"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"são bons amigos"	4
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Qualidade de ensino	"disciplinas pouco adequadas e repetidas"	2
			Expectativas	"as perspectivas profissionais são más"	2
		Pela positiva	Cognições	"faz-me gostar da profissão"	2
			Valorização das competências	"prova que as coisas boas também me podem acontecer"	3
			Qualidade de ensino		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"aumentam o nosso pessimismo"	2
			Relacionamento	"não se preocupam conosco"	1
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"têm uma influência e estimulam o pensamento positivo"	1
			Relacionamento	"apoiam"	5
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"passam um sentimento negativista"	4
			Relacionamento	"os prof. detêm todo o poder e exercem-no"	1
			Logística		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"os professores interessam-se pelos alunos"	1
			Recursos ambientais		---
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"têm uma atitude negativa"	4
			Relacionamento		---
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições	"ajudam a ter uma visão mais positiva"	1
			Relacionamento	"tentar transformar-me numa pessoa optimista"	3
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Qualidade de ensino	"forma de dar as aulas"	2
			Expectativas	"as perspectivas profissionais são más"	3
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências		---
			Qualidade de ensino		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"exigem muito e desmoralizam"	1
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"deixam-me mais insegura"; "não reconhecem o nosso esforço"	2
		Pela positiva	Cognições	"quando lemos o livro educar para o optimismo"	4
			Relacionamento	"tentam melhorar a minha atitude"	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência"	1
		Pela negativa	Cognições	"não somos solidários"	2
			Relacionamento	"o trabalho não é valorizado"	1
			Logística		---
		Pela positiva	Cognições	"dá-me vontade de mudar para melhor"	1
			Relacionamento		---
			Recursos ambientais	"tem óptimos espaços verdes"	1
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"não existe ajuda"; "existe muita competição"	4
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições	"são bons colegas"	3
			Relacionamento	"tentam contrariar a minha atitude negativa"	2
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Qualidade de ensino	"o estágio piorou a minha atitude"	2
			Expectativas		---
		Pela positiva	Cognições	"trabalhar com crianças faz-me ficar mais alegre"	5
			Valorização das competências		---
			Qualidade de ensino	"o estágio é bom"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo"	1
		Nível de recursos humanos		"o melhor são os meus colegas"; "disponibilidade dos professores";	5
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços são abertos e são muito bonitos"	2
			Logística	"a biblioteca é boa"; "existe uma sala de estudo e de informática	3
		Nível de qualidade de ensino	Formação		---
			Prática		---
		Desorganização			---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"quando fiz um trabalho, os meus colegas deram-me os parabéns	3
			Relacionamento	"quando conheci as minhas amigas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"as praxes"	1
			Sala de aula	"apresentação de um trabalho na aula"	1
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não aconteceram"	3
		Nível pessoal	Desempenho	"desde o momento em que consegui entrar"	2
			Cognições		---
		Nível académico			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive nenhuma"	2
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"os nossos colegas receberam-nos de braços abertos"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"durante as praxes, pois permitiu ver que existe uma boa organização"	2
			Sala de aula	"nos trabalhos de grupo que fizemos"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal	Desempenho	"quando entrei, pois sei que é importante ter um curso"	1
			Cognições		---
			Relacionamento	"quando conheci 3 amigas maravilhosas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais s convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Cognições		---
			Relacionamento	"o convívio com os meus colegas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o congresso Comunicar sem voz foi muito interessante"	1
			Prática	"quando começar o meu estágio"	1
		Nível de recursos logísticos			---
		Pela negativa			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"; "conseguir ser um bom profissional"	6
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda não sei responder"	1
		Nível de recursos humanos		"existe uma grande proximidade"; "os colegas são grandes amigos	2
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	1
			Logística		---
		Nível de qualidade de ensino	Formação		---
			Prática	"o início do meu estágio"	1
		Desorganização			---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"início do 1º ano"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"enterro do caloiro"	1
			Sala de aula	"este ano as cadeiras são mais viradas para o curso"	2
			Prática	"início do estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"bons resultados na avaliação"	2
			Cognições		---
		Nível académico		"entrada em estágio"	4
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"a vivência e o gosto do grupo pela entrada de novas disciplinas"	5
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"festas"	1
			Sala de aula		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"quando comecei a gostar de mais pessoas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "quando colaborei com a Associação de Estudantes"; "festas"	3
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos"	1
			Prática	"quando iniciei o estágio"	1
	Momentos mais s convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Cognições	"o estar a gostar muito do curso"	1
			Relacionamento	"o convívio com os meus colegas"	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"festas"; "praxes"	2
			Prática	"o início do estágio"	2
		Nível de recursos logísticos			---
		Pela negativa			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso com bons resultados"; "tirar uma pós-graduação"	2
			Cognições	"ter orgulho desta escola"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico		"ajudar a resolver os problemas desta escola"; "participar em reuniões"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"o melhor são os meus colegas"; "disponibilidade dos professores"	4
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"espaços verdes"	1
			Logística	"a biblioteca é boa"	2
		Nível de qualidade de ensino	Formação	"a competência dos prof."; "a boa formação"	2
			Prática		
		Desorganização			---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"o meu bom desempenho"	3
			Relacionamento	"disponibilidade dos prof."	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"início do estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho"	1
			Cognições	"quando entrei para o curso que sempre quis"	1
		Nível académico		"entrada em estágio"	3
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive nenhuma"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho"	2
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"as aulas da prof. S. Faria e P. Delgado"	2
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"perceber que este é o curso que sempre quis"	4
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"quando iniciei o estágio"	1
	Momentos mais s convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquios"; "projectos apresentados na Aula Margna"	3
			Prática	"o início do estágio"	1
		Nível de recursos logísticos		"a biblioteca"	3
		Pela negativa			---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho"	3
			Cognições		---
			Relacionamento	"mais professores que se interessem pelos alunos"	5
		Nível académico			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"a proximidade prof/aluno"	6
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Logística	"boas instalações"	1
		Nível de qualidade de ensino	Formação		---
			Prática		---
		Desorganização		"existe uma grande desorganização em termos gerais"	1
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"tirar boas notas"; "reconhecer o meu esforço"	5
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando aplico aquilo que aprendi"; "no momento das avaliações"	3
			Cognições	"quando sinto que gostam de mim e me escolhem para delegada"	2
		Nível académico		"entrada em estágio"	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"no 1º ano quando havia uma maior cumplicidade entre prof./aluno"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"nos trabalhos de grupo que fizemos"	4
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"nunca senti"	2
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"quando ajudo os outros"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos"	2
			Prática	"quando iniciei o estágio"	1
	Momentos mais s convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Cognições		---
			Relacionamento	"o convívio com os meus colegas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"presença do Figo na escola"	1
			Prática		---
		Nível de recursos logísticos			---
		Pela negativa		"quando nos retiraram o estágio do 2º ano"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"gostaria que a escola melhorasse"	1
			Relacionamento	"manter a boa relação com os professores"	5
		Nível académico			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "boa disposição dos edifícios"; "uma escola bonita" (	6
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística		---
			Localização		---
		Nível humano	Competência	"acho que ia ver bons professores"	1
			Cognições		---
			Relacionamento	"veria uma interacção muito boa entre prof./aluno"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"sítios abrigados da chuva"; "sala de convívio melhor"; "melhor equipamento informático"	5
			Humanos	"maior cooperação"; "melhor atendimento"	3
		Nível académico	Formação	"não haver orais"	1
			Qualidade de ensino	"ser reconhecida como uma das melhores escolas"	1
			Acontecimentos académicos	"criação de uma equipa de desporto"; "mais espírito académico"	1
		Nível de organização			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem excelentes jardins"; "os edifícios estão muito bem conservados"	6
			Dimensão/Grandeza	"é muito grande"	2
			Logística		---
			Localização	"tem uma excelente localização"	1
		Nível humano	Competência		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"Refeitórios"; "bar"; "biblioteca"	6
			Humanos	"melhores funcionários e mais simpáticos"; "actuação da direcção mais activa"	3
		Nível académico	Formação	"estágio no 1º ano"; "aulas mais práticas"	4
			Qualidade de ensino		---
			Acontecimentos académicos	"mais festas"	2
		Nível de organização		"mensalidade mais baixa"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "boa disposição dos edifícios"	5
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística	"biblioteca"	1
			Localização		---
		Nível humano	Competência		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"existe um bom ambiente"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"melhor reprografia"	2
			Humanos	"maior apoio aos alunos"; "maior abertura da Direcção"	3
		Nível académico	Formação	"estágio no 1º ano"; "aulas mais práticas"	5
			Qualidade de ensino	"melhores professores" (3º ano)	2
			Acontecimentos académicos	"maios colóquios"	1
		Nível de organização		"melhores horários"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins"	6
			Dimensão/Grandeza	"a grandeza do espaço" (4º ano)	3
			Logística		---
			Localização		---
		Nível humano	Competência		---
			Cognições	"as recordações que levarei desta escola"	1
			Relacionamento	"veria os meus amigos"	2
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"espaço de convívio"; "melhores instalações"	2
			Humanos	"melhor relação prof./aluno"; "melhor empenhamento dos professores"	3
		Nível académico	Formação	"o nosso plano curricular tem de ser mudado"	2
			Qualidade de ensino		---
			Acontecimentos académicos	"mais espírito académico"	2
		Nível de organização		"melhores horários"; "mais organização"	4

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	5
			Valores	"sou solidária"	2
		Face a si próprio	Cognições	"sou meiga"; "sou tímida"; "sou divertida"	3
			Valores	"sou desconfiada"; "sou crítica"; "sou pacífica"	3
			Desvalorização das competências	"sou insegura"	1
			Valorização das competências	"sou ambiciosa"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"às vezes consigo pensar positivo, mas outras vezes penso negativo"	1
			Viragem		---
		Pessimismo	Cognições	"espero sempre o pior das pessoas e das situações"	4
			Desvalorização das competências	"tenho medo de errar"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	4
			Valores	"sou solidária"; "sou fiel"; "sou preocupada"	5
		Face a si próprio	Cognições	"sou sensível"; "sou alegre"	5
			Valores	"sou sincera"; "sou humana"	3
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"espero sempre o pior mas lá no fundo tenho esperança que tudo aconteça pelo melhor"	1
			Viragem		---
		Pessimismo	Cognições	"as coisas boas só acontecem aos outros"	3
			Desvalorização das competências	"tenho uma baixa auto-estima"; "faço sempre tudo mal"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou sociável"	1
			Valores	"sou solidária"	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou delicada"; "sou complicada"	8
			Valores	"sou orgulhosa"; "sou fiel"	5
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou lutadora	3
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"se pensar o pior não tenho desilusões"	2
			Viragem	"agora aprendi a ser mais optimista, a ver o lado positivo"	1
		Pessimismo	Cognições	"vejo sempre as coisas pela negativa"	3
			Desvalorização das competências		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"introvertida"; "comunicativa"	6
			Valores	"sou solidária"	3
		Face a si próprio	Cognições	"sonhadora"; "agressiva"	5
			Valores	"compreensiva"	5
			Desvalorização das competências	"sou muito preguiçosa"	1
			Valorização das competências	"sou trabalhadora"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições		---
			Viragem	"estou numa fase de mudança para a positiva"	3
		Pessimismo	Cognições	"vejo sempre o lado mau das coisas"; "a vida correu-me sempre mal"	2
			Desvalorização das competências	"faço sempre tudo mal"	1

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais são pessimistas"	2
		Colegas		"os meus colegas da escola deitavam-me abaixo"	1
		Amigos			---
		Professores			---
		Experiência de vida		"foi através da vida que fiquei assim"	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência"	3
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Pela positiva			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	2
		Pela negativa	Cognições	"não mostravam interesse pelos alunos"	1
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento	"eram muito afectivos"	2
			Valorização das competências	"ensinaram-me a fazer escolhas"	2
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"falavam mal de mim"; "desiludiram-me muito"	4
			Relacionamento	"tinham um espírito competitivo"	4
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram-me muito"	3
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma"	3
		Pela negativa	Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"estimularam as minhas capacidades"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"eu já nasci assim"	1
		Familiar		"a minha família influenciou-me negativamente"	1
		Colegas			---
		Amigos			---
		Professores			---
		Experiência de vida		"é a sociedade em geral que nos faz assim"	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência"	4
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	1
		Pela positiva			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	2
		Pela negativa	Cognições	"deitavam-nos abaixo"	2
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"os métodos utilizados não eram os mais correctos"	1
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram-me"	2
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"não são amigos"; "não apoiam"	4
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela negativa	Relacionamento	"não eram amigos"; "não estabeleciam boa relação"	5
			Desvalorização das competências	"utilizavam o método da memorização"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais são pessimistas"	1
		Colegas			---
		Amigos		"os amigos têm-me desiludido"	1
		Professores		"os professores influenciaram-me a ser assim"	1
		Experiência de vida		"foi através da vida que fiquei assim"	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve influência"	2
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Pela positiva		"tentam que eu seja mais optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"influenciaram pela negativa"	4
			Relacionamento	"detinham todo o poder"	2
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"são falsos"	5
			Desvalorização das competências	"criaram-me complexos"	1
		Pela positiva	Relacionamento	"influenciaram positivamente"	4
			Valorização das competências	"valorizaram-me muito e fizeram-me acreditar em mim"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela negativa	Relacionamento	"influenciaram-me pela negativa"	4
			Desvalorização das competências	"desvalorizavam as minhas capacidades"	1
		Pela positiva	Cognições	"ver as coisas duma forma mais alegre"	1
			Relacionamento	"tratavam-nos como seres humanos"	4
			Valorização das competências		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"eu já nasci assim"	2
		Familiar		"os meus pais são pessimistas"	3
		Colegas			---
		Amigos		"os amigos têm-me desiludido"	1
		Professores			---
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente		"já nasci assim"	2
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	3
		Pela positiva			---
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"deitavam-nos abaixo"	2
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"tive maus professores"	1
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram-me"; "tentaram tornar-me mais optimista"	3
			Valorização das competências	"organizaram a minha personalidade"	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"são falsos"	1
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Relacionamento		---
			Valorização das competências	"moldaram a minha personalidade para melhor"	3
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não existiu nenhuma"	1
		Pela negativa	Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"tratavam-nos como seres humanos"	1
			Valorização das competências	"devemos lutar pelos nossos objectivos"	4

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não existe"	3
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento	"pouco disponíveis"	1
			Desvalorização das competências	"aulas pouco interessantes"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não existe"	3
		Pela negativa	Relacionamento	"aumenta o pessimismo"	2
			Infra-estruturas		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"a escola tem um ambiente positivo"	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"não existe"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir melhor comigo própria"	1
			Relacionamento	"ajudam-me quando preciso"	6
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Desempenho		---
			Qualidade de ensino	"é um curso muito teórico"	1
			Expectativas		---
		Pela positiva	Cognições	"ajuda-me a enfrentar os meus medos"	2
			Valorização das competências	"trabalhar com as crianças vai melhorar a minha atitude"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não existe"	1
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"são muito exigentes"	2
		Pela positiva	Cognições	"transmitem segurança"	1
			Relacionamento	"estabelecem uma relação de amizade"	1
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não influencia em nada"	1
		Pela negativa	Relacionamento	"tem poucos homens o que causa mau ambiente"	1
			Infra-estruturas	"o bar é mau"; "falta material nas aulas"	3
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"promovem o pessimismo"	2
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições	"sinto-me mais optimista"	2
			Relacionamento	"são bons amigos"; "apoiam e partilham"	4
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Desempenho	"ter de tirar boas notas"; "ter de fazer um bom estágio"	2
			Qualidade de ensino	"o curso decepcionou-me"	3
			Expectativas	"não existem perspectivas futuras"	2
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"trabalhar com crianças vai ser gratificante"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não existe"	2
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento	"deitam-nos abaixo"	2
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"estabelecem uma relação de amizade"	2
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa	Relacionamento	"aumenta o pessimismo"	3
			Infra-estruturas		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"a simpatia dos professores"	5
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"promovem o pessimismo"	3
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudam-me a ser mais positiva"	4
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Desempenho		---
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas		---
		Pela positiva	Cognições	"o curso faz com que sejamos optimistas"	4
			Valorização das competências	"trabalhar com crianças vai ser gratificante"	3

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Desempenho	"quando não reconhecem o nosso trabalho"	2
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"ter uma visão optimista"	3
			Relacionamento	"relação de cumplicidade"	2
			Valorização das competências	"enfrentar a realidade"	1
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa	Relacionamento	"não dá resposta aos nossos problemas"	1
			Infra-estruturas		---
		Pela positiva	Cognições	"tornou-me uma pessoa mais optimista"	6
			Relacionamento	"a escola tem um ambiente positivo"	1
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"tive muitas desilusões"	1
			Relacionamento	"são egoístas; "são competitivos"	3
		Pela positiva	Cognições	"dão-me força"	2
			Relacionamento	"todos nos ajudamos para acabar o curso"	1
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Desempenho	"o estágio correu-me mal"	1
			Qualidade de ensino	"o curso não é o que esperava"	1
			Expectativas		---
		Pela positiva	Cognições	"o curso faz com que sejamos optimistas"	3
			Valorização das competências	"aprendi muito com a prática"	5

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível de recursos humanos		"a proximidade entre prof./aluno"; "a turma"	5
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"os espaços verdes"	1
			Logística	"boa biblioteca"; "uma boa sala de estudo"	3
			Localização		---
		Nível de qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"elogios dos colegas"	3
			Cognições		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"visitas de estudo"; "apresentação de trabalhos"	3
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	4
		Nível pessoal	Desempenho	"quando me empenho nos trabalhos"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a exposição dos alunos finalistas"; "a semana do caloiro"	3
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas"	2
			relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"nas praxes"; "quando respondi a este estudo"	2
			Sala de aula	"nos trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Relacionamento	"quando arranjei 3 amigos"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquios"	5
			Sala de aulas		---
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"continuar a empenhar-me"	1
			Cognições		---
			Relacionamento		---
			Continuidade	"continuar o contacto com a escola"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Qualidade de ensino	"tornar o currículo do 1º ano mais atractivo"	1

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"os professores são bons"; "os amigos"; "o ambiente é bom"	4
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"o espaço exterior é excelente"	2
			Logística		---
			Localização	"tem bons acessos"	1
		Nível de qualidade de ensino		"o curso em si"; "o estágio"	2
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"a valorização dos alunos pelos professores"	1
			Cognições		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o início do ano"; "o enterro do caloiro"	3
			Sala de aula		---
			Prática	"o estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não senti"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"o enterro do caloiro"; "as praxes"; "festas"	4
			Prática	"o estágio"	3
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "jantar de natal"	6
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	3
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter passado de ano"; "ter feito estágio"	4
			relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"festas"	3
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Relacionamento	"boa relação entre a turma"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquios"; "praxes"; "enterro do caloiro"; "feira de actividades"	4
			Sala de aulas		---
			Prática	"estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"; "tirar uma pós-graduação"	4
			Cognições	"ter orgulho na escola"	1
			Relacionamento		---
			Continuidade		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais festas"; "mais convívio entre alunos"	2
			Qualidade de ensino		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"o convívio entre os colegas"	3
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Logística		---
			Localização		---
		Nível de qualidade de ensino		"as experiências que são proporcionadas"	3
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho um bom desempenho"	2
			Cognições	"entrar para o curso que sempre quis"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"o estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"tirar o curso que sempre sonhei"	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática	"o estágio"	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal		"solidariedade entre os colegas"	2---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"	1
			relacionamento	"convívio entre os colegas"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"aulas práticas"	1
			Prática	"estágio"	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"projectos apresentados pelos alunos à escola"	5
			Sala de aulas	"as aulas mais práticas"	1
			Prática	"estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"tirar uma pós-graduação"	1
			Cognições		---
			Relacionamento	"ouvir mais os alunos"	2
			Continuidade	"continuar o contacto com a escola"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"fazer uma creche dentro da escola"	1
			Qualidade de ensino	"melhorar o ensino"	1

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível de recursos humanos		"a proximidade entre prof./aluno"; "os meus colegas são o máximo"	8
		Nível de recursos ambientais	Espaço exterior	"tem um espaço grande"	1
			Logística		---
			Localização		---
		Nível de qualidade de ensino		"os conhecimentos que adquiri"	1
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"o reconhecimento dos nossos trabalhos"	2
			Cognições		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática	"o estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"o esforço desenvolvido no 3º ano"	1
			Relacionamento	"relação de compreensão e amizade prof./aluno"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Prática	"o estágio"	3
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"apresentação de um trabalho na aula Magna"; "o jantar de curso"	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática	"aplicação do projecto"; "relação com a criança"	2
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"sempre que o meu esforço é reconhecido"	1
			relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"benção das fitas" ; "quando lutamos pelos nossos direitos"	3
			Sala de aula	"ateliers práticos no 2º ano"	1
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"não existiu nenhum"	2
		Nível pessoal	Relacionamento	"as amizades efectuadas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a vinda de Luís Figo à escola"	2
			Sala de aulas	"a disciplina de Movimento e Drama"	1
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"	2
			Cognições	"ser lembrada como boa aluna"	1
			Relacionamento		---
			Continuidade		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"criar debates para trocas de experiências"	2
			Qualidade de ensino		---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"	4
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística		---
			Dinamismo	"escola mais apelativa e mais empreendedora"	1
		Nível humano		"boas relações prof./aluno"; "boas pessoas"; "convívio entre alunos"	4
		Nível de qualidade de ensino		"estágio"; "ateliers"	2
		Desorganização			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"melhores salas de estudo"; "melhor biblioteca"	7
			Humanos	"melhor relação prof./aluno"; "mais união entre alunos"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais actividades desportivas"	1
			Qualidade de ensino	"estágio logo no 1º ano"; "reformulação do 1º ano"	2
		Nível de organização			---

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são óptimos"	6
			Dimensão/Grandeza	"o espaço é muito grande"	2
			Logística		---
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível de qualidade de ensino			---
		Desorganização			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"sala de computadores"; "mais higiene nas casas de banho"	8
			Humanos	"mais simpatia por parte dos funcionários"; "maior valorização dos alunos por parte dos professores"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Qualidade de ensino	"aulas mais práticas"; "mais períodos de estágio"	2
		Nível de organização		"mais organização da escola por parte da direcção"	2

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "tem uma cor muito bonita"	7
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística	"a esplanada"; "a biblioteca"	2
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível de qualidade de ensino			---
		Desorganização			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"funcionamento da reprografia"	2
			Humanos	"mais consideração pelos alunos"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais seminários"	2
			Qualidade de ensino	"melhor qualidade de ensino"; "melhor escolha dos professores"; "alteração dos programas"	4
		Nível de organização		"melhor organização dos horários"	1

Educadores de Infância: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são óptimos"	2
			Dimensão/Grandeza	"o espaço é muito grande"	2
			Logística		---
			Dinamismo		---
		Nível humano		"os amigos", "os professores"	5
		Nível de qualidade de ensino		"tudo o que aprendi nesta escola"	1
		Desorganização		"a escola é uma desorganização total"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"mais higiene nas casas de banho"	2
			Humanos	"maior cooperativismo"; "mais contacto com a Direcção"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Qualidade de ensino	"alteração dos programas"	5
		Nível de organização		"maior organização da escola no geral"	2

Anexo G:

Frequências obtidas na análise de conteúdo das 5 entrevistas dos sujeitos considerados mais optimistas e dos sujeitos considerados mais pessimistas de cada ano, do curso de Ensino Básico 1º ciclo, em relação às 5 questões consideradas (1ª e 2ª aplicação)

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"; "sou uma pessoa comunicativa"	4
			Valores	"sou uma pessoa solidária"; "sou uma pessoa simpática"	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou divertida"	5
			Valores	"sou persistente"; "sou sincera"; "sou orgulhosa"; "sou impulsiva"	5
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"sou uma pessoa realista"	1
		Optimista	Cognições	"ter esperança"; "ter fé";"pensar sempre positivo"	8
			Valorização das competências	"conseguir ultrapassar obstáculos"; "aprender com a vida"	3
			Inato		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa extrovertida"	1
			Valores	"sou uma pessoa solidária"	1
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou sensível"	8
			Valores	"sou honesta"; "sou frontal"	9
			Valorização das competências	"sou responsável"; "sou forte"; "sou lutadora"	5
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"penso sempre que o dia seguinte ainda vai ser melhor"	10
			Valorização das competências	"consigo sempre dar a volta por cima"	1
			Inato		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou uma pessoa comunicativa"	1
			Valores	"sou uma pessoa solidária""sou uma pessoa simpática"	7
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou divertida"	10
			Valores	"sou honesta"; "sou frontal"	14
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"pensar sempre positivo"	6
			Valorização das competências		---
			Inato	"sou assim por natureza"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou autoritária"; "sou atenciosa"	5
			Valores	"sou uma pessoa solidária"; "sou uma pessoa simpática"	5
		Face a si próprio	Cognições	"sou sensível"	1
			Valores	"sou honesta"; "sou frontal"	9
			Valorização das competências	"sou lutadora"; "sou trabalhadora"; "sou ambiciosa"	11
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"pensar sempre positivo"	4
			Valorização das competências	"acredito que as coisas vão correr bem"	3
			Inato		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"penso que os meus pais me influenciaram muito"	4
		Amigos		"os amigos tiveram influência"	1
		Experiência de vida		"as nossas vivências ajudam-nos a ser como somos"	1
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"ter pensamento positivo"	4
			Valorização das competências	"aprender a ultrapassar os obstáculos"; "aprender a lutar"	2
		Por oposição		"a minha família é realista"	1
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"transmitiam um pensamento positivo"	2
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ensinaram-me a resolver os problemas"	3
		Pela negativa		"os professores criavam uma distância com os alunos"; "apenas transmitem conhecimentos"	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram qualquer influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"senti-me mais apoiado"	2
			Relacionamento	"ver outros pontos de vista"; "dividir experiências de vida"	7
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"relação mais próxima"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ser persistente"	3
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já é da minha natureza"	1
		Familiar		"dão-nos confiança e ajudam-nos em tudo"	2
		Amigos		"os amigos dão-nos muito apoio"	4
		Experiência de vida		"à medida que vamos vivendo vamos aprendendo e as coisas boas fazem-nos ficar optimistas"	1
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"os meus pais é que me ensinaram a ser assim"	4
		Por oposição		"como os meus pais eram muito pessimistas eu tornei-me optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"transmitiam um pensamento positivo"	2
			Relacionamento	"mostravam confiança", "eram amigos"	3
			Valorização das competências	"melhoraram a minha auto-estima"	5
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"pensamento positivo"	3
			Relacionamento	"apoio"; "carinho"; "respeito"	9
			Valorização das competências	"ajudar a construir uma personalidade positiva"	2
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"os professores valorizavam a vida"; "tinham pensamento positivo"	6
			Relacionamento	"boa relação com os professores"	2
			Valorização das competências	"valorizei-me e valorizei a vida"	6
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"a minha família é optimista"	2
		Amigos			---
		Experiência de vida		"a vida tem sido uma influência positiva" (3º ano)	3
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou em nada"	2
		Pela positiva	Cognições	"os meus pais também eram optimistas"	3
			Valorização das competências		---
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram influência"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"eram amigos"	5
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"apenas transmitem conhecimentos"	1
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"apoio"; "carinho"; "respeito"	6
			Valorização das competências	"colaboraram na minha boa formação"	2
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"os professores valorizavam a vida"; "tinham pensamento positivo"	2
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"influenciaram negativamente"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"penso que ninguém me influenciou"; "os meus pais serem muito pessimistas"	2
		Familiar		"a minha mãe influenciou-me muito"	3
		Amigos			---
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou em nada"	1
		Pela positiva	Cognições	"algumas pessoas da família"	4
			Valorização das competências		---
		Por oposição		"como os meus pais eram muito pessimistas eu tornei-me optimista"	1
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"transmitiam um pensamento positivo"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"arriscar e conseguir"	4
		Pela negativa		"tinham pouca fé nas minhas capacidades"	2
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"respeitaram-me"; "aceitaram-me como sou"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ser mais empenhada"; "lutar pelos meus objectivos"	6
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"os professores valorizavam a vida"; "tinham pensamento positivo"	4
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"acreditou nas minhas potencialidades"	3
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Pela positiva	Cognições	"transmitem uma atitude optimista" (prof .A. Feitosa)	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"despertam a nossa consciência" (prof. A. Feitosa)	1
		Pela negativa	Cognições	"transmitem pessimismo"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem qualquer influência"	1
		Pela Positiva	Cognições	"sossego"; "calma"; "acolhedor"; "positivo"	4
			Relacionamento	"as pessoas são muito agradáveis"; "gosto muito da minha turma"	2
			Valorização das competências		---
			Logística	"as infra-estruturas da escola são muito agradáveis"	1
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não influenciam em nada"	1
		Pela positiva	Cognições	"existe um bom ambiente"	2
			Relacionamento	"existe companheirismo"	2
			Valorização das competências	"ajudam-me a acreditar que somos capazes de fazer as coisas"	1
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Cognições	"possibilitar ter a profissão que sempre quis"; "é a realização de um sonho"	8
			Relacionamento		---
			Aquisição de competências profissionais		---
			Aspectos curriculares		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Pela positiva	Cognições	"transmitem pensamento positivo" (prof. S.Faria,A.Feitosa, P.Delgado)	2
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"valorizam-nos muito"; "dão-nos auto-confiança"	3
		Pela negativa	Cognições	"deixam-me triste"	1
			Relacionamento	"são distantes"	1
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela Positiva	Cognições	"positivo"	5
			Relacionamento	"existe uma proximidade na relação prof./aluno"	1
			Valorização das competências	"permite obter bons resultados"	1
			Logística		---
		Pela negativa		"existe uma má gestão e organização em toda a escola"	1
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fazem-nos pensar positivo"	4
			Relacionamento	"ajudam-nos nos trabalhos"	3
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"não tanto como era esperada"	1
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Cognições	"curso que sempre desejei"	4
			Relacionamento	"estimula a competição ao nível das notas"	3
			Aquisição de competências profissionais	"ser bons profissionais"	2
			Aspectos curriculares		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Pela positiva	Cognições	"têm uma postura optimista"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Pela negativa	Cognições	"transmitem pessimismo"	2
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem qualquer influência"	1
		Pela Positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"pessoas simpáticas"; "bom clima"	6
			Valorização das competências		---
			Logística		---
		Pela negativa			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não influenciam em nada"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"existe uma grande união entre nós"	5
			Valorização das competências	"valorizam a minha auto-estima"	2
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Cognições	"gostar muito do curso"	1
			Relacionamento		---
			Aquisição de competências profissionais	"acabar o curso para ensinar o que aprendi"	9
			Aspectos curriculares	"o grau de exigência é elevado o que é bom"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Pela positiva	Cognições	"têm uma postura optimista"	3
			Relacionamento	"respeito"; "ajudam os alunos"; "são disponíveis"	4
			Valorização das competências		---
		Pela negativa	Cognições	"transmitem pessimismo"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"não acreditam nas nossas potencialidades"	2
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela Positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"existe uma proximidade na relação prof./aluno"	6
			Valorização das competências	"têm crença nas nossas potencialidades"; "estimula a nossa auto-confiança"	4
			Logística		---
		Pela negativa		"talvez por ser o último ano, o ambiente não é o melhor, as pessoas estão no seu limite"	1
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"sentimento de cumplicidade"	5
			Relacionamento	"ajudam-nos nos trabalhos"; "existe uma grande união entre nós"	4
			Valorização das competências	"fazem-me acreditar que posso melhorar o mundo"	2
		Pela negativa		"existe uma grande falta de respeito pelos colegas"; "existe ganância"	2
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Cognições	"é a realização de um sonho"	4
			Relacionamento		---
			Aquisição de competências profissionais	"acreditar que é possível fazer coisas boas"	3
			Aspectos curriculares	"valoriza a área da Filosofia e da Picologia"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível de recursos humanos	Cognições	"os professores são óptimos"; "gosto muito dos meus colegas"	5
			Relacionamento		---
		Nível de recursos ambientais		"o ambiente é calmo"	2
		Nível de qualidade de ensino		"temos uma boa preparação pedagógica"	2
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tirei 15 numa oral"	1
			Cognições	"tudo na escola me motiva"	1
		Nível académico	Sala de aula	"na apresentação de um trabalho de grupo na disciplina de história"	2
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"sentir que cada vez sei mais"; "a realização de testes"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento	"fiz neste ano já grandes amigos"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"as praxes"; "o desfile do caloiro"	2
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos de grupo"	2
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda estou na escola há pouco tempo"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"o meu empenho é contínuo"; "entrar no curso para ser prof."	4
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Competência		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceram"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a tuna"; "os colóquios"	4
			Sala de aula	"a matéria que damos é excelente"	3
			Pratica		---
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso"; "tornar-me numa boa professora"	4
			Cognições		---
			Relacionamento	"arranjar grandes amigos"	1
			Continuidade		---
		Nível académico		"pertencer à associação de estudantes"	3
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível de recursos humanos	Cognições	"existe respeito e bons colegas"	4
			Relacionamento		---
		Nível de recursos ambientais		"ter um bom ambiente"	1
		Nível de qualidade de ensino		"são bons professores"; "são adquiridos bons conhecimentos"	5
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter boas notas"	1
			Cognições	"a professora num teste deu-me força"	1
		Nível académico	Sala de aula	"peça de teatro"	1
			Prática	"estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"início do 1º ano"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"peça de teatro"	1
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"as praxes"	2
			Sala de aula	"peça de teatro"; "trabalho de grupo em expressões"	3
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "associação de estudantes"	4
			Competência	"quando o professor tem gosto em dar boas aulas"	1
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceram"	4
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colaboração com a associação de estudantes"	1
			Sala de aula		---
			Pratica		---
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"tornar-me numa boa professora"; "formação mais útil para a profissão"	2
			Cognições	"falar bem da escola"; "ter orgulho da escola"	3
			Relacionamento	"melhorar o relacionamento entre todos"	1
			Continuidade		---
		Nível académico			---
		Nível dos recursos logísticos		"fotocópias mais baratas"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível de recursos humanos	Cognições		---
			Relacionamento	"a relação prof./aluno"; "os amigos"	5
		Nível de recursos ambientais			---
		Nível de qualidade de ensino		"a qualidade da formação dos prof." "ensinar-nos a trab. com as crianças"	3
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter boas notas"	1
			Cognições		---
		Nível académico	Sala de aula	"peça de teatro"; "disciplinas muito interessantes"	5
			Prática	"estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"simpósio de futebol"; "manifestação a favor do instituto"	2
			Sala de aula	"peça de teatro"	3
			Prática	"estágio"	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento	"a relação e o convívio entre colegas"; "a relação com a escola"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"apresentação de trabalhos de grupo"	2
			Prática	"entrada em estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas"	2
			Cognições		---
			Relacionamento	"por arranjar amigos"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"semana do caloiro"; "manifestação"	5
			Competência		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceram"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"valorização das minhas capacidades"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentosacadémicos	"praxes; "seminários"	3
			Sala de aula		---
			Pratica		---
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho	"mostrar bom desempenho"	2
			Cognições	"manter a lembrança da escola"	1
			Relacionamento	"mais diálogo entre prof./aluno"	1
			Continuidade	"fazer o mestrado"; "ser docente da escola"	4
		Nível académico		"mais selecção dos professores"	1
		Nível dos recursos logísticos		"melhorar o bar e a reprografia"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível de recursos humanos	Cognições		---
			Relacionamento	"os docentes têm uma relação muito próxima com os alunos"	6
		Nível de recursos ambientais		"são excelentes as instalações"	1
		Nível de qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter boas notas"	1
			Cognições		---
		Nível académico	Sala de aula	"as disciplinas de Psicologia e de Filosofia"	4
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"início do 1º ano"; "quando obtenho boas notas"; "quando faço testes"	5
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal	Relacionamento	"cumplicidade"; "inter-ajuda"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"enterro do caloiro"; "ida à manifestação"	2
			Sala de aula	"em Filosofia quando a prof. A.Feitosa pediu que nos abraçassemos"	2
			Prática	"entrada em estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"semana do caloiro"; "manifestação"	4
			Competência		---
			Sala de aula	"nas disciplinas de Psicologia e Filosofia"	1
			Prática	"entrada em estágio"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"diálogos com os professores"; "diálogos com colegas"	2
		Nível académico	Acontecimentosacadémicos	"os colóquios"	1
			Sala de aula	"algumas aulas eram excelentes"; "nos trabalhos práticos"	3
			Pratica	"entrada em estágio"	1
	Formas de maior comprometimento	Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"é para sempre"	1
			Relacionamento	"ajudar os outros a ser felizes"	3
			Continuidade	"fazer o mestrado"; "ser docente da escola"	2
		Nível académico		"colaborar em projectos com a escola"	3
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem muitos jardins"	5
			Distribuição/Grandeza	"via o bom estado da escola"; "via grandes edifícios"	3
			Logística		---
			Localização	"está bem situada"	1
			Dinamismo		---
		Nível humano		"transmite tranquilidade"; "equilíbrio"; "via pessoas"	4
		Nível de qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível do recursos	Logística	"melhores infra-estruturas"; "parque de estacionamento"	3
			Humanos	"continuar a ter bons professores"; "melhorar o convívio"; "ter mais alunos"; "prof. e alunos mais activos"	9
		Nível académico	Formação		---
			Acontecimentos académicos	"melhorar a rádio"	2
		Nível de organização	Avaliação		---
			Horários		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "esplanada"	4
			Distribuição/Grandeza		---
			Logística	"ter bons edifícios"	1
			Localização	"está bem situada"; "fica perto do comboio"	3
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível de qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível do recursos	Logística	"sítios abrigados da chuva"; "salas de convívio"; "fotocópias mais baratas"	12
			Humanos	"clima de menos rivalidade"	1
		Nível académico	Formação		---
			Acontecimentos académicos	"visitas de estudo", "actividades para os alunos"	2
		Nível de organização	Avaliação	"as notas serem lançadas dentro dos prazos"	1
			Horários	"melhor gestão e organização dos horários"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"conforto"	2
			Distribuição/Grandeza		---
			Logística	"pista de corridas"	6
			Localização	"tem um bom acesso"	1
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível de qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível do recursos	Logística	"melhorar o bar, salas de aula e parque de estacionamento"	5
			Humanos	"melhores professores"	2
		Nível académico	Formação	"disciplinas mais práticas"; "melhorar o currículo"	4
			Acontecimentos académicos	"mais actividades ao nível do instituto"	2
		Nível de organização	Avaliação		---
			Horários		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	5
			Distribuição/Grandeza		---
			Logística	"os edifícios tornam o espaço parecer a nossa casa"	1
			Localização		---
			Dinamismo	"uma escola em movimento"	1
		Nível humano		"professores solidários e competentes a acenar"; "bons funcionários apesar de poucos"	2
		Nível de qualidade de ensino		"bons estágios"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível do recursos	Logística	"melhores infra-estruturas"; "parque de estacionamento"; "melhorar a biblioteca"	4
			Humanos	"avaliar e formar os funcionários"; "professores mais dinâmicos"; "selecção dos alunos"	4
		Nível académico	Formação	"abertura de mestrado"; "seminários dados por alunos"	3
			Acontecimentos académicos	"organizar actividades que implicassem um trabalho de articulação entre turmas"; "promover momentos culturais"	4
		Nível de organização	Avaliação		---
			Horários	"melhor gestão e organização dos horários"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou brincalhona"	5
			Valores	"sou solidária"	1
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"	6
			Valores	"sou honesta"	3
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"tento ver o lado positivo"; "tento perspectivar o melhor"	4
			Valorização das competências	"tudo o que faço acaba bem"; "consigo concretizar os meus objectivos"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	2
			Valores	"sou solidária"	2
		Face a si próprio	Cognições	"sou sonhadora"; "sou apaixonada"	8
			Valores	"sou honesta"	7
			Valorização das competências	"sou perfeccionista"	1
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"a experiência da vida foi má, por isso tentei não me deixar ir abaixo sendo optimista"	1
		Optimista	Cognições	"acredito que tudo vai correr bem"; "depois de uma coisa má, vem sempre uma coisa boa"	4
			Valorização das competências	"encaro a vida de frente"; "aprendo sempre com tudo o que vivo"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou extrovertida"	3
			Valores	"sou tolerante"	6
		Face a si próprio	Cognições	"calma"; "racional"	6
			Valores	"sou honesta"	8
			Valorização das competências	"sou perfeccionista"	2
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"penso sempre que as coisas me correm bem"	6
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	2
			Valores	"sou solidária"; "sou tolerante"	6
		Face a si próprio	Cognições	"sou sensível"; "meiga"	8
			Valores	"sou honesta"	9
			Valorização das competências	"sou empenhada"; "lutadora"; "persistente"	8
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo			---
		Optimista	Cognições	"penso sempre positivo"; "a seguir vêm sempre coisas boas"	7
			Valorização das competências	"luto por aquilo que quero"; "acredito nos meus sonhos"	4

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais são optimistas"	4
		Amigos		"os meus amigos ajudaram-me a ver as coisas pelo lado positivo"	1
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"os meus pais sempre me influenciaram pela positiva"	7
	Influência dos professores	Inexistente		"não me influenciaram"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudaram-me a desenvolver"	6
			Valorização das competências	"acreditavam nas minhas capacidades"	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"não me consigo lembrar"	1
		Pela positiva	Relacionamento	"partilhamos experiências"; "ajudaram-me a construir-me como pessoa"	3
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"sempre tive colegas pessimistas"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não me lembro"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"tive uma professora que acreditava em nós"	4
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"a minha família é que me influenciou"	3
		Amigos		"os amigos foram muito importantes para mim"	3
		Experiência de vida			---
	Influência da família	Inexistente		"não me influenciou em nada"	1
		Pela positiva		"os meus pais sempre me influenciaram pela positiva"	5
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"influenciaram-me positivamente"	4
			Relacionamento	"são um modelo"; "não deixam ir abaixo"	8
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Relacionamento	"dão-nos apoio"; "dão-nos respeito"	8
			Valorização das competências	"aprendi a ajustar o meu comportamento"	4
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"fez-me acreditar no sonho"	1
			Valorização das competências	"incentivavam"	10
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"a minha família é optimista"	3
		Amigos		"os meus amigos ajudaram-me muito a ser assim"	1
		Experiência de vida		"foi a vida que me levou a ser positiva"	3
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela positiva		"deram-me uma visão optimista"	5
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"incentivaram e ajudaram"	1
			Valorização das competências	"tornaram-me mais forte e confiante"	4
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram"	1
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram-me em todas as situações"	4
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"tive muitos amigos interesseiros"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"tinham uma atitude positiva"	4
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"deitavam-nos abaixo"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Familiar		"os meus pais são optimistas"; "os meus pais eram pessimistas, por isso fiquei optimista"	4
		Amigos			---
		Experiência de vida		"foi o que tenho vivido que me fez ser assim"	1
	Influência da família	Inexistente		"nenhuma"	2
		Pela positiva		"os meus pais influenciaram-me ensinando-me a ser positivo"	6
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"marcaram a minha personalidade pela positiva"; "estimularam-me"	3
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"fizeram-me acreditar nas minhas capacidades"; "fiquei a saber fazer opções"	5
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Relacionamento	"partilha dos mesmos objectivos"; "espirito de união"	4
			Valorização das competências	"tornaram-me uma pessoa mais segura"	7
		Pela negativa			---
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"o ambiente era saudável"	5
			Valorização das competências	"acreditou nas minhas potencialidades"	3
		Pela negativa			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"ajudam a pensarmos pela positiva"; "as aulas de filosofia com a Prof. A. Feitosa são muito optimistas"	5
			Qualidade de ensino	"são bons a dar ateliers práticos"	3
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Pela positiva	Cognição		---
			Relacionamento	"bom clima entre professores e alunos"	3
			Actividades	"promoção para a ecologia"; "fala-se de reciclagem"	2
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento		---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Relacionamento	"existe partilha de sentimentos"; "ajudamo-nos uns aos outros"	9
			Valorização das competências		---
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Desempenho		---
			Cognições	"estou no curso que sempre sonhei"	5
			Valorização das competências		---
			Aquisição de competências profissionais	"preparação para trabalharmos com as crianças"	2
			Aspectos curriculares	"os ateliers práticos são excelentes"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"motivam os alunos"; "investem na relação humana"	3
			Qualidade de ensino	"dão excelentes aulas"; "preparam-nos bem"	3
		Pela negativa			---
	Influência do ambiente	Pela positiva	Cognição	"é agradável"; "promove o optimismo"	6
			Relacionamento		---
			Actividades		---
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento		---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Relacionamento	"temos uma boa relação"; "são bons colegas"	8
			Valorização das competências	"servem-me de modelo e estimulam as minhas capacidades"	3
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Desempenho		---
			Cognições	"estou no curso que sempre sonhei"	4
			Valorização das competências		---
			Aquisição de competências profissionais	"educar para o optimismo"	4
			Aspectos curriculares		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram influência"	1
		Pela positiva	Cognições	"postura positiva"	3
			Qualidade de ensino	"dão-nos conhecimentos que nos permitem encarar o futuro de uma forma positiva"	1
		Pela negativa		"influenciaram-me negativamente"	1
	Influência do ambiente	Pela positiva	Cognição		---
			Relacionamento	"a relação entre os alunos é de entre-ajuda"	2
			Actividades		---
		Pela negativa	Desempenho	"as notas são baixas"	1
			Relacionamento	"existe pouca interacção entre alunos"	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"não tiveram influência"	2
		Pela positiva	Relacionamento	"dão-me um grande apoio"	2
			Valorização das competências		---
		Pela negativa		"existe muita competitividade"	2
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Desempenho	"possibilita-me a transmissão de valores a novas gerações"	2
			Cognições	"possibilitar-me exercer o que gosto"	3
			Valorização das competências		---
			Aquisição de competências profissionais	"dá-me boas perspectivas futuras"	2
			Aspectos curriculares	"o estágio deu-me vontade de trabalhar"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela positiva	Cognições	"despertam a minha atitude positiva"	6
			Qualidade de ensino	"dão excelentes aulas"; "preparam-nos bem"	1
		Pela negativa		"não valorizam as nossas capacidades"; "não incentivam"	2
	Influência do ambiente	Pela positiva	Cognição		---
			Relacionamento	"os professores são dinâmicos"; "tornei-me uma pessoa mais activa"	5
			Actividades		---
		Pela negativa	Desempenho		---
			Relacionamento	"é muito competitivo"; "as pessoas estão no seu limite"	3
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela positiva	Relacionamento	"somos muito unidos"; "somos respeitados"	5
			Valorização das competências	"lutamos pelo que queremos"	8
		Pela negativa			---
	Influência do curso em geral	Pela positiva	Desempenho	"acredito que vou ser um bom profissional"	2
			Cognições	"estou no curso que sempre sonhei"	4
			Valorização das competências	"acredito nas minhas potencialidades"; "faz-me alcançar os meus objectivos"	5
			Aquisição de competências profissionais		---
			Aspectos curriculares		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"bom relacionamento prof./aluno e entre colegas"	2
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Logística	"a biblioteca"; "o espaço da escola"	2
		Nível da qualidade de ensino		"aquisição de novos conhecimentos"	1
		Nível dos acontecimentos académicos		"as festas"	1
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"o ter conseguido entrar";"obter bons resultados"	2
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	4
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir acabar o curso"	5
			Cognições	"desde que entrei para a escola"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Experiências positivas em grupo	Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"; "ateliers práticos"	6
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"desde que entrei no curso que queria"	3
			Relacionamento	"quando ajudo os colegas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"quando construímos jogos numa disciplina de história"	1
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"o contacto com os professores"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"pertencer à tuna"	2
			Sala de aula	"boa leccionação das disciplinas"; "construção de projectos"	3
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"reconhecimento do meu trabalho"	4
			Cognições		---
			Relacionamento		---
			Continuidade	"poder continuar a visitar a escola e os professores"	2
		Nível académico		"concretizar projectos"	3
		Recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"a atitude dos alunos é positiva"	11
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Logística		---
		Nível da qualidade de ensino		"as aulas práticas são fundamentais" (	1
		Nível dos acontecimentos académicos			---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"obter bons resultados"	1
			Cognições		---
			Relacionamento	"a união da turma é excelente"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"; "peça de teatro"	5
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"desde que entrei para a escola"	---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"peça de teatro"	1
			Prática	"estágio"	4
	Experiências positivas em grupo	Nível pessoal	Desempenho	"obter uma boa nota"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"; "teatro"	2
			Prática	"estágio"	3
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "utilizar a Associação de Estudantes"	3
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática	"estágio"	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	2
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"festas"; "participar nas tarefas académicas"	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática	"estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"falar bem da escola"; "ter orgulho na escola"	2
			Relacionamento	"maior convívio entre as turmas"	1
			Continuidade		---
		Nível académico		"acções de formação"; "aulas mais práticas"	3
		Recursos logísticos		"fotocópias mais baratas"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"abertura da direcção"	2
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior	"o jardim é excelente"	2
			Logística	"ter boas condições"	1
		Nível da qualidade de ensino		"a formação dada é excelente"	4
		Nível dos acontecimentos académicos			
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"ao longo do curso para atingir os meus objectivos"	1
			Cognições		---
			Relacionamento	"no 1º ano quando conheci novos amigos"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"simpósio de futebol"	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática	"o estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"desde que entrei para a escola"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"simpósio de futebol"; "exposições"	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Nível pessoal	Desempenho	"ser uma boa delegada de turma"	1
			Relacionamento	"ligação aos amigos"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática	"visitas de estudo"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho boas notas"	1
			Relacionamento	"quando os prof. me pedem ajuda para resolver problemas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a semana académica"; "a manifestação em Lisboa"	2
			Sala de aula	"os trabalhos e exposições na disciplina plástica"	1
			Prática	"estágio"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não tive"	1
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento	"a atitude das pessoas"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"recepção do caloiro"; "seminários"	3
			Sala de aula	"os ateliers práticos"	1
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições	"continuar a respeitar a instituição"	1
			Relacionamento		---
			Continuidade	"ser professor nesta escola"	2
		Nível académico		"concretizar projectos"; "mais tempo em estágio"	5
		Recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"bom relacionamento prof./aluno"	6
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Logística	"as instalações são óptimas"	1
		Nível da qualidade de ensino		"o estágio"	2
		Nível dos acontecimentos académicos			---
	Auto-realização	Nível pessoal	Desempenho	"obter bons resultados"	1
			Cognições	"é o curso que sempre sonhei"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"apresentação à escola de um trabalho na aula Magna"	1
			Sala de aula	"trabalho na disciplina de expressões"	1
			Prática	"o estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter bons resultados"	1
			Cognições	"desde que entrei para a escola"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"manifestação em Lisboa"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	1
	Experiências positivas em grupo	Nível pessoal	Desempenho	"valorização do trabalho pelos prof. e colegas"	2
			Relacionamento	"abraçar o colega do lado"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"manifestação em Lisboa"	2
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"desde que entrei no curso que queria"	3
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"a semana académica"; "a manifestação em Lisboa"	2
			Sala de aula	"em algumas disciplinas"	1
			Prática	"estágio"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando sinto que aprendi"	1
			Cognições	"quando me senti valorizada"	1
			Relacionamento	"troca de opiniões e pontos de vista nas aulas"	4
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"quando abriu o Centro de Apoio Ana Indução"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágios"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Cognições		---
			Relacionamento		---
			Continuidade	"ser professor nesta escola"	2
		Nível académico		"dinamizar um projecto para educar para o optimismo"	4
		Recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins"	5
			Distribuição/Grandeza	"a grandeza do espaço"	2
			Logística		---
			Localização		---
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"reprografia"; "melhor comida"; "mais higiene nas casas de banho"	10
			Humanos	"melhor convívio entre os alunos"; "maior simpatia por parte dos funcionários"	3
		Nível académico	Formação		---
			Acontecimentos académicos	"melhor organização dos eventos"; "maior participação dos professores nos eventos"	4
		Nível da organização	Turmas		---
			Horários		---
			Qualidade dos serviços		---
			Ambiente	"recipientes para reciclagem"; "música ambiente"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "esplanada"	5
			Distribuição/Grandeza		---
			Logística		---
			Localização		---
			Dinamismo		---
		Nível humano		"simpatia dos alunos, prof. e funcionários"	1
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"sítios cobertos"; "parque de estacionamento"; "melhor biblioteca"	10
			Humanos		---
		Nível académico	Formação	"mais aulas práticas" ;"abrir mais cursos	2
			Acontecimentos académicos	"mais iniciativa da Associação de Estudantes"; "mais actividades extra-curriculares"	2
		Nível da organização	Turmas		---
			Horários	"melhorar os horários"	1
			Qualidade dos serviços		---
			Ambiente		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"; "esplanada"	5
			Distribuição/Grandeza	"harmonia do espaço"	1
			Logística	"campos de jogos"	1
			Localização	"ter bons acessos"	2
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhor refeitório"; "mais material para os alunos"; "um ginásio"	10
			Humanos	"melhor convívio entre os alunos"; "melhor interacção com a direcção"	3
		Nível académico	Formação	"melhorar o ensino"	1
			Acontecimentos académicos	"maior divulgação dos eventos"	1
		Nível da organização	Turmas		---
			Horários	"melhorar os horários"	1
			Qualidade dos serviços		---
			Ambiente		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Optimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são lindos"; "o ambiente é agradável"	5
			Distribuição/Grandeza	"a disposição dos edifícios é acolhedora"	2
			Logística		---
			Localização		---
			Dinamismo	"veria uma escola em movimento"	2
		Nível humano		"simpatia dos alunos, prof. e funcionários"; "os professores a acenar"	2
		Nível da qualidade de ensino		"a qualidade dos professores"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logística	"melhor refeitório"; "mais material para os alunos"; "melhorar a rádio da escola"	3
			Humanos		---
		Nível académico	Formação	"seleccionar a entrada dos alunos nos cursos" "professores mais dinâmicos"; "abertura de mestrados"; "centro de formação contínua"	4
			Acontecimentos académicos	"mais espírito académico"; "mais seminários"	7
		Nível da organização	Turmas	"fazer turmas mais pequenas	1
			Horários		---
			Qualidade dos serviços	"avaliar o desempenho dos funcionários"	2
			Ambiente		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"; "sou divertida"	5
			Valores	"sou solidária"	1
		Face a si próprio	Cognições	"sonhadora", "romântica"; "sensível	5
			Valores	"honesta"	6
			Desvalorização das competências	"sou insegura"; "sou preguiçosa"	4
			Valorização das competências	"sou responsável"; "sou persistente"; "sou organizada"	3
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"penso sempre o pior, para estar preparada e não sofrer desilusões"	1
		Pessimismo	Cognições	"penso sempre que o pior vai acontecer"; "sinto-me enganada"	4
			Desvalorização das competências	"dificuldade em resolver problemas"; "sentimento de inferioridade"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou extrovertida"	2
			Valores	"sou solidária"	3
		Face a si próprio	Cognições	"sou tímida"; "sou negativa"	4
			Valores	"sou sincera"	6
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou responsável"	2
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"tento ver o lado positivo"	1
		Pessimismo	Cognições	"tudo de mau só me acontece a mim"	1
			Desvalorização das competências	"nunca sou capaz de conseguir as coisas que quero"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"introvertida"	1
			Valores	"sou solidária"	7
		Face a si próprio	Cognições	"divertida"	3
			Valores	"sou sincera"; "frontal"	10
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"mentalizo-me sempre que vou ter más notas para não me decepcionar"	2
		Pessimismo	Cognições	"penso sempre negativo"	2
			Desvalorização das competências	"desvalorizo-me muito"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou extrovertida"; "sou dedicada"	2
			Valores	"sou solidária"	2
		Face a si próprio	Cognições	"sou negativa"; "sou meiga"; "nervosa"; "ansiosa"; "introvertida"	12
			Valores	"generosa"; "orgulhosa"; "humilde"	11
			Desvalorização das competências	"sou insegura"	3
			Valorização das competências	"aventureira"; "lutadora"	4
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo		"penso sempre o pior, para estar preparada e não sofrer desilusões"; "penso sempre de forma negativa, mas estou a fazer um esforço para melhorar"	2
		Pessimismo	Cognições	"vejo sempre o lado negativo em primeiro lugar"	2
			Desvalorização das competências	"antes das coisas acontecerem, já sei que me vão correr mal, que não vou ser capaz de as fazer"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais influenciaram-me muito"	4
		Experiência de vida		"tudo o que eu já passei é que faz com que seja assim"	2
	Influência da família	Inexistente		"não teve nenhuma influência"	1
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	5
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições	"não gostavam dos alunos"	1
			Desvalorização das competências	"chamavam burros"; "baixaram a auto-estima"	3
		Pela positiva	Cognições	"pensava positivo"	3
			Valorização das competências	"transmitiam segurança"; "incentivavam"	2
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"foram maus colegas"	2
			Relacionamento	"eles humilhavam-me"; "magoavam-me"	5
		Pela positiva	Cognições	"foram bons colegas"	2
			Relacionamento	"apoiavam-me muito"	3
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não tive"	2
		Pela negativa	Cognições	"não gostavam de mim"	2
			Relacionamento	"descriminavam-me"; "davam-me más notas"	2
		Pela positiva	Cognições	"tentam mostrar o lado positivo da vida"	2
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já sou assim"	1
		Familiar		"os meus pais influenciaram-me muito"	1
		Experiência de vida		"tudo o que eu já passei é que faz com que seja assim"	3
	Influência da família	Inexistente		"não teve nenhuma influência"	2
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	3
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"gosto pelo meu estudo"; "gosto pela vida"	2
			Valorização das competências	"promoveram a minha auto-estima"; "fiquei mais autónoma"	5
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições	"encontrei bons amigos"	5
			Relacionamento	"ajudaram-me muito"; "eram muito companheiros"	6
	Professor como figura de referência	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições	"faziam-me pensar positivamente"	2
			Relacionamento	"ajudavam-me"	4
			Valorização das competências	"tornaram-me mais autónoma"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já nasci assim"	1
		Familiar		"a família é pessimista"	2
		Experiência de vida		"a vida tem sido muito difícil"	2
	Influência da família	Inexistente			---
		Pela negativa		"a minha mãe sempre foi muito pessimista"	5
		Por oposição			---
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências	"desvalorização das nossas capacidades"	4
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências	"ajudaram a formar-me"	3
		Ambiguidade			---
	Influência dos colegas	Inexistente		"não têm influência"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudam"	7
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"a influência foi negativa"	3
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"deram-me confiança"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"ninguém me influenciou"	1
		Familiar		"os meus pais influenciaram-me muito"	2
		Experiência de vida		"tudo o que eu já passei é que faz com que seja assim"	2
	Influência da família	Inexistente		"não teve nenhuma influência"	1
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Por oposição		"os meus pais eram muito optimistas"	2
	Influência dos professores	Inexistente		"não tiveram nenhuma"	4
		Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Valorização das competências		---
		Ambiguidade		"alguns negativamente, outros positivamente"	1
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"gozavam comigo"	2
			Relacionamento	"fazia coisas que não concordava só para agradar aos meus colegas"	1
		Pela positiva	Cognições	"aliviavam-me os pensamentos negativos"	1
			Relacionamento	"ajudaram-me muito"	1
	Professor como figura de referência	Inexistente		"não me lembro de nenhuma"	3
		Pela negativa	Cognições	"sempre senti pouca afinidade com os professores"	1
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"acreditavam em mim e nas minhas capacidades"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"não acreditam nas nossas competências"	1
		Pela positiva	Cognições	"gostam de nós"	1
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"valorizam as nossas capacidades"	4
	Influência do ambiente	Inexistente		"não teve qualquer influência"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições	"agradável"	4
			Relacionamento	"temos ajuda em todo o lado"	1
			Valorização das Competências		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições	"não gostam de mim"	1
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências	"baixam-me a auto-estima"	2
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudam-me quando preciso"	1
			Valorização das competências		---
		Defesa		"tento disfarçar que sou pessimista"	2
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas	"não sabemos se vamos arranjar emprego"	3
		Pela positiva	Desempenho		---
			Cognições	"foi o curso que sempre quis"	4
			Valorização das competências	"faz-me aumentar a confiança em mim"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"alguns deixaram-me bastante triste e em baixo"	1
			Relacionamento	"são distantes"	1
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"dão um pensamento positivo, os prof. A. Feitosa, S. Faria, P. Delgado"	2
			Relacionamento	"boa relação conosco nas disciplinas práticas"	1
			Valorização das competências	"valorizam as nossas capacidades"	2
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Organização	"existe uma má organização da escola"	1
		Pela positiva	Cognições	"é positivo"	4
			Relacionamento	"bom relacionamento prof./aluno"	2
			Valorização das Competências	"permite-nos obter melhores resultados"	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir mais optimista"	3
			Relacionamento	"apoiam-me"	1
			Valorização das competências		---
		Defesa			---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
			Qualidade de ensino	"as disciplinas não se aplicam à prática"	1
			Expectativas		---
		Pela positiva	Desempenho	"ficar com boa preparação profissional"	2
			Cognições	"foi o curso que sempre quis"	4
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"promovem os nossos sonhos"	4
			Relacionamento	"boa relação conosco nas disciplinas práticas"	3
			Valorização das competências		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não teve qualquer influência"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições	"agradável"	3
			Relacionamento	"bom relacionamento prof./aluno"	3
			Valorização das Competências		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir mais optimista"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
		Defesa			---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições		---
			Desvalorização das competências		---
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas	"não sabemos se vamos arranjar emprego"	3
		Pela positiva	Desempenho	"conseguir acabar o curso"	1
			Cognições	"foi o curso que sempre quis"	2
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não influenciaram em nada"	1
		Pela negativa	Cognições	"fiquei a pensar mais negativamente"	1
			Relacionamento	"cometem muitas injustiças"	1
			Desvalorização das competências		---
		Pela positiva	Cognições	"penso mais positivo"	2
			Relacionamento	"boa relação conosco nas disciplinas práticas"	1
			Valorização das competências	"aprendi a valorizar-me com a prof. A. Feitosa e S. Faria"	2
	Influência do ambiente	Inexistente		"não teve qualquer influência"	1
		Pela negativa	Cognições	"provoca-me medo"	1
			Relacionamento	"os prof. gostam de prejudicar os alunos"	4
			Organização		---
		Pela positiva	Cognições	"agradável"	1
			Relacionamento	"bom convívio no geral"	1
			Valorização das Competências		---
	Influências dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições	"sou insignificante"	3
			Relacionamento	"existe muita competição"	1
			Desvalorização das competências	"fazem ficar insegura"	1
		Pela positiva	Cognições	"fazem-me sentir mais optimista"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"ajudam-me a crescer e a ser uma pessoa mais capaz"	2
		Defesa			---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições	"o último ano influenciou-me pela negativa"	2
			Desvalorização das competências	"duvido se vou conseguir ser professor"	2
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas	"não sabemos se vamos arranjar emprego"	2
		Pela positiva	Desempenho	"invisto tudo durante o curso"	1
			Cognições	"foi o curso que sempre quis"	1
			Valorização das competências	"o poder trabalhar com crianças torna-me optimista"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente		"ainda não sei"	1
		Nível dos recursos humanos		"união entre os colegas"; "faz uma boa integração dos alunos"	8
		Nível dos recursos ambientais			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir entrar no curso que sonhava"	1
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhas manuais"	1
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	3
		Nível pessoal	Desempenho	"no momento das frequências, pois faz-me avançar"	2
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática		---
		Pela negativa			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceram"	2
		Nível pessoal		"bom relacionamento da turma"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"trabalhos de grupo"	2
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal	Cognições	"desde que estou a tirar aquilo que sempre quis"	1
			Relacionamento	"a integração que a escola faz aos alunos"	2
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu"	4
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"acabar o curso"; "ter boas notas"; "ser boa profissional"	4
			Relacionamento		---
			Continuidade		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"estabelecer projectos com a escola"	2
			Valorização		---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível dos recursos humanos			---
		Nível dos recursos ambientais		"os jardins"	1
		Nível da qualidade de ensino		"o que aprendo"; "o ensino que tenho"	4
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir entrar no curso que sonhava"	1
			Cognições		---
			Relacionamento		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"disciplinas interessantes"	2
			Prática	"estágio"	2
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"sempre dei o meu melhor"	1
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula	"nos trabalhos de grupo"	2
			Prática		---
		Pela negativa		"quando pago a mensalidade"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	5
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	5
		Nível pessoal	Cognições		--
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu"	2
		Nível pessoal		"no 1º dia de aulas quando fui bem recebida pela turma"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	2
			Sala de aula		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento		---
			Continuidade		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"participar mais nos eventos"; "eventos mais relacionados com o curso"	4
			Valorização	"reforçar positivamente a imagem da escola"	1
		Nível dos recursos logísticos		"fazer horários mais acessíveis"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível dos recursos humanos		"relações de proximidade"; "facilidade em falar com a Direcção"	6
		Nível dos recursos ambientais			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando faço bons trabalhos"	2
			Cognições	"a cada ano sinto-me mais realizada"	1
			Relacionamento	"o convívio com a turma"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"algumas aulas como as da Prof. S. Faria, P. Delgado e A. Feitosa"	1
			Prática	"estágio"	1
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não tenho"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tenho notas altas"	3
			Relacionamento	"no 1º ano quando o convívio era enorme"	1
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática		---
		Pela negativa			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceram"	1
		Nível pessoal		"as amizades que criei"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"as aulas de expressões"	3
			Prática	"a realização do estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal	Cognições		---
			Relacionamento	"o convívio com os amigos"	1
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"no estágio"	1
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu"	4
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"nas disciplinas sem teste"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não sei"	3
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"que ensinassem a sermos pessoas"	2
			Continuidade	"vir dar aulas na escola"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Valorização		---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Inexistente			---
		Nível dos recursos humanos		"relações de proximidade"; "entre-ajuda"	4
		Nível dos recursos ambientais		"o bom ambiente que se respira"	1
		Nível da qualidade de ensino		"os professores são muito competentes"	1
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"conseguir entrar no curso que sonhava"; "quando via o meu esforço ser reconhecido e que era capaz"	5
			Cognições		---
			Relacionamento	"contacto com os professores"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"representar uma peça de teatro"	1
			Prática	"estágio"	1
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando terminar o curso"	4
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"durante o estágio"	1
		Pela negativa			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"não tive"	1
		Nível pessoal		"partilha entre prof./aluno"; "a forma como a turma consegue resolver problemas"	5
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"peça de teatro"	2
			Prática	"a realização do estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Cognições	"sempre"	1
			Relacionamento	"conhecer e contactar colegas"	1
		Nível académico	Sala de aula	"trabalhos de grupo"	1
			Prática	"no estágio"	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"nenhum"	2
		Nível pessoal		"conselhos dos professores"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"os trabalhos de grupo"	1
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ser boa profissional"	3
			Relacionamento	"manter o contacto com os professores"	1
			Continuidade	"ser cá professora"	1
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Valorização		---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem um grande jardim"	3
			Dimensão/Grandeza	"o espaço está muito bem organizado"; "tem espaços grandes"	2
			Logística		---
			Dinamismo		---
		Nível humano	Cognições	"transmite calma"	3
			Relacionamento		---
		Nível da qualidade do ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"parque de estacionamento"	1
			Humanos	"relação mais próxima entre alunos"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"conviver com outras escolas"; "actividades de convívio entre alunos"	3
			Qualidade de ensino		---
			Valorização		---
			Expansão		--
		Nível da organização		"notas dadas por site na internet"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem um grande jardim"	3
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística	"os edifícios"; "o bar"	2
			Dinamismo		---
		Nível humano	Cognições		---
			Relacionamento	"os alunos"; "os professores"	2
		Nível da qualidade do ensino		"veria que tem um bom ensino"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"melhores refeições"; "biblioteca"; "bar" "melhores salas"; "material informático"	18
			Humanos		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Qualidade de ensino		---
			Valorização		---
			Expansão	"abertura de um curso de enfermagem"	1
		Nível da organização			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"espaços verdes"	4
			Dimensão/Grandeza	"espaço muito amplo"	2
			Logística		---
			Dinamismo	"uma escola em movimento"	1
		Nível humano	Cognições		---
			Relacionamento	"boa relação prof./aluno"	1
		Nível da qualidade do ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos		---
			Humanos	"mais valorização dos alunos"; "melhor acompanhamento dos alunos"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"Associação de Estudantes mais dinâmica"	1
			Qualidade de ensino	"aulas mais curtas"; "aulas mais práticas"; "aulas ao ar livre" (3º ano);	7
			Valorização	"melhorar a imagem do Instituto"	1
			Expansão		---
		Nível da organização			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 1ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"ambiente arranjado e saudável"	2
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística	"boas instalações"	1
			Dinamismo		---
		Nível humano	Cognições	"a sala de aula onde partilhei as aulas com a turma"	1
			Relacionamento	"boa relação prof./aluno" ; "bons amigos"	4
		Nível da qualidade do ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"mais aquecimento"; "mais higiene nas casas de banho"	12
			Humanos	"maior parceria"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Qualidade de ensino	"um ensino melhor"	2
			Valorização		---
			Expansão	"expandir e abrir a escola para o exterior"	1
		Nível da organização		"turmas mais pequenas"; "maior cumprimento dos prazos"; "os professores a módulos nunca cá estão"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou simpática"; "sou brincalhona"	5
			Valores	"sou solidária"	1
		Face a si próprio	Cognições	"sou alegre"; "sou curiosa"	5
			Valores	"sou teimosa"; "sou honesta"; "sou sincera"	5
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"para não me desiludir, penso sempre o pior"; "preparo-me sempre pela negativa, mas às vezes as coisas correm bem"	2
			Viragem		---
		Pessimismo	Cognições	"tenho sofrido desilusões" (	3
			Desvalorização das competências	"sofro muito para conseguir algo"	2

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"sou brincalhona"	2
			Valores	"sou solidária"	2
		Face a si próprio	Cognições	"sou tímida"	5
			Valores	"sou teimosa"; "impulsiva"	3
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências	"sou uma lutadora"; "sou muito persistente"	2
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições		---
			Viragem		---
		Pessimismo	Cognições	"vejo sempre o lado negativo"	1
			Desvalorização das competências	"nunca consigo ultrapassar os obstáculos"	4

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"introvertida"	1
			Valores		7
		Face a si próprio	Cognições	"sou ansiosa"; "sou sensível"	8
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera"	7
			Desvalorização das competências		---
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições	"penso no mal para me preparar para o bom"	3
			Viragem		---
		Pessimismo	Cognições	"penso sempre que as coisas me correm mal"	2
			Desvalorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Caracterização dos respondentes	Percepção de si mesmo	Face aos outros	Imagem	"introvertida"	4
			Valores	"sou solidária"	3
		Face a si próprio	Cognições	"medrosa"; "stressada"	7
			Valores	"sou honesta"; "sou sincera"	9
			Desvalorização das competências	"sou muito insegura"; "sou muito indecisa"	3
			Valorização das competências		---
	Auto-avaliação	Pessimismo defensivo	Cognições		---
			Viragem	"estou a caminhar para o optimismo"	1
		Pessimismo	Cognições	"vejo sempre o lado negativo"; "penso sempre que as coisas me correm mal"	3
			Desvalorização das competências	"tenho medo de arriscar"; "não tenho confiança em mim"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"eu já sou assim, é feitio"	2
		Familiar			--
		Professores		"sempre tiveram uma atitude de desprezo"	1
		Experiência de vida		"a vida foi-me transformando pela negativa"	2
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou"	4
		Pela negativa			---
		Pela positiva		"a minha família sempre foi optimista"	2
	Influência dos professores	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa		"puxavam-nos para baixo"	1
		Pela positiva	Cognições	"incentivavam"	5
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	2
		Pela negativa	Cognições	"desiludiram-me"	1
			Relacionamento	"rebaixaram-me"	1
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me ver o lado positivo"	2
			Relacionamento	"davam-me um bom exemplo"	1
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"nenhuma"	---
		Ambiguidade		"tive professores pessimistas, mas também tive professores optimistas"	1
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me acreditar na vida"	1
			Relacionamento	"ajudaram-me"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já nasci assim"	1
		Familiar		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Professores			---
		Experiência de vida		"a vida foi-me transformando pela negativa"	2
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou"	3
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Pela positiva			---
	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa		"marcaram-me pela negativa"	1
		Pela positiva	Cognições	"marcaram-me pela positiva"	4
			Valorização das competências		---
	Influência dos colegas	Inexistente			---
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me sentir uma pessoa menos pessimista"	3
			Relacionamento	"fizeram-me perceber melhor certas situações"	2
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente			---
		Ambiguidade			---
		Pela negativa		"fizeram-me ter uma visão mais pessimista"	1
		Pela positiva	Cognições	"fizeram-me ter uma visão mais optimista"	4
			Relacionamento		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente			---
		Familiar		"os meus pais eram pessimistas"	2
		Professores			---
		Experiência de vida		"a vida deu-me muitas desilusões"	3
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou"	2
		Pela negativa		"os meus pais eram pessimistas"	3
		Pela positiva			---
	Influência dos professores	Inexistente		"nenhuma"	2
		Pela negativa		"desmotivavam"	2
		Pela positiva	Cognições	"incentivavam"	1
			Valorização das competências	"melhoraram a forma de lidar com os outros"	1
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	2
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento	"não ajudaram em nada"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"deram-me todo o apoio"	2
			Valorização das competências		---
	Professor como figura de referência	Inexistente		"nenhuma"	1
		Ambiguidade			---
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições	"o prof. de religião ensinou-nos a acreditar na vida"	1
			Relacionamento	"a prof. primária ajudava-nos e apoiava-nos"	3

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo antes de entrar na Universidade	Tipo de influência	Inexistente		"já nasci assim"	3
		Familiar			---
		Professores			---
		Experiência de vida		"a vida foi-me transformando pela negativa"	2
	Influência da família	Inexistente		"não influenciou"	1
		Pela negativa		"os meus pais sempre me super-protegeram"	3
		Pela positiva		"os meus pais sempre foram optimistas e sensíveis, mas eu não saí a eles"	1
	Influência dos professores	Inexistente		"nenhuma"	1
		Pela negativa		"desmotivavam"	2
		Pela positiva	Cognições	"ser optimistas traz mais recompensas"	2
			Valorização das competências	"deram-me conhecimentos"; "fizeram-me crescer"	2
	Influência dos colegas	Inexistente		"nenhuma"	3
		Pela negativa	Cognições		---
			Relacionamento		---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"consigo resolver melhor os meus problemas"; "estimularam a minha atitude para o optimismo"	2
	Professor como figura de referência	Inexistente		"nenhuma"	2
		Ambiguidade			---
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"eram bons amigos"; "davam conselhos"	4

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm influência"	6
		Pela negativa		"puxam para baixo"	1
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ajudam os alunos"	6
			Valorização das competências		---
			Qualidade do ensino		---
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições	"existe um bom ambiente"	3
			Relacionamento	"o ambiente é propício a promover atitudes positivas"	3
			Espaço exterior		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	2
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Relacionamento	"atitude de ajuda"; "atitude de partilha	4
			Valorização das competências	"tentam mudar a minha atitude para melhor"; "contribuir para uma imagem de mim mais positiva"	2
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições		---
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas		---
		Pela positiva	Desempenho		---
			Cognições	"estou no curso que gosto"	3
			Expectativas	"dá-nos uma perspectiva profissional positiva"	2
			Valorização das competências	"ajuda-me a encarar os problemas de forma positiva"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm influência"	2
		Pela negativa			---
		Pela positiva			---
			Cognições		---
			Relacionamento	"bom relacionamento"	3
			Valorização das competências		---
			Qualidade do ensino		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência"	2
		Pela negativa			---
		Pela positiva			---
			Cognições	"ajuda a "tornar-me mais optimista"	3
			Relacionamento		---
			Espaço exterior		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	3
		Pela negativa			---
		Pela positiva			---
			Relacionamento	"têm uma influência positiva em mim"	2
			Valorização das competências		---
	Influência do curso em geral	Pela negativa			---
			Cognições		---
			Qualidade de ensino	"disciplinas sem ligação com a prática e com o curso"	2
			Expectativas		---
		Pela positiva			---
			Desempenho		---
			Cognições	"é o que sempre sonhei fazer"	1
			Expectativas		---
			Valorização das competências	"tornar-me boa profissional"; "tornar-me numa pessoa lutadora"	5

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente			---
		Pela negativa		"desvalorizam as nossas capacidades"	1
		Pela positiva	Cognições	"dão-me vontade de ser professor"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
			Qualidade do ensino	"dão aulas muito boas"	1
	Influência do ambiente	Inexistente			---
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições	"acolhedor"; "agradável"	6
			Relacionamento	"cria uma boa relação prof./aluno"	3
			Espaço exterior	"os espaços verdes são excelentes"	1
	Influências dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência"	3
		Pela negativa		"não ajudam, nem dão apoio"	2
		Pela positiva	Relacionamento		---
			Valorização das competências		---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições		---
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas	"receio em relação ao futuro"	2
		Pela positiva	Desempenho	"possibilita-me ter uma profissão	4
			Cognições	"estou no curso que gosto"	4
			Expectativas		---
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Processo de construção do optimismo/pessimismo na Universidade	Influência dos professores	Inexistente		"não têm influência"	2
		Pela negativa			---
		Pela positiva	Cognições	"senti-me mais optimista"; "transmitem energia positiva"	5
			Relacionamento		---
			Valorização das competências	"o nosso destino é ser felizes"; "não ter medo de arriscar"	2
			Qualidade do ensino		---
	Influência do ambiente	Inexistente		"não tem influência"	1
		Pela negativa		"é um ambiente competitivo"	3
		Pela positiva	Cognições		---
			Relacionamento	"ambiente saudável e acolhedor"; "estimula o optimismo"	3
			Espaço exterior		---
	Influências dos colegas	Inexistente		"não tiveram nenhuma influência	2
		Pela negativa		"não valorizam as relações de amizade"; "são competitivos"	4
		Pela positiva	Relacionamento	"ajudaram a tornar-me mais optimista"	1
			Valorização das competências		---
	Influência do curso em geral	Pela negativa	Cognições	"mantive o meus medos e receios"	1
			Qualidade de ensino		---
			Expectativas	"as perspectivas futuras são negativas"	3
		Pela positiva	Desempenho	"estar a acabar o curso valoriza a minha auto-estima"; "grande investimento da minha vida no curso"	2
			Cognições	"promoveu uma atitude positiva"	2
			Expectativas		---
			Valorização das competências		---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"a relação prof./aluno é muito boa" ; "o ambiente é muito positivo"	6
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	3
			Organização		---
		Nível académico			---
		Qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente		"ainda não senti"	2
		Nível pessoal	Desempenho	"depois de fazer os testes"	2
			Relacionamento	"quando me senti integrada na escola"	1
		Nível académico	Sala de aula	"quando faço trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal	Desempenho	"quando consigo acabar uma disciplina"	2
			Relacionamento		---
			Valorização		---
		Nível académico		"quando iniciar o estágio"	2
		Pela negativa			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal		"o convívio em geral"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"os seminários"	1
			Sala de aula	"os trabalhos apresentados"	1
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	2
		Nível pessoal		"todos os momentos"; "a integração progressiva"	2
		Nível académico	Sala de aula	"intervenção nas aulas"; "os trabalhos de grupo"	3
			Prática		---
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu"	4
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"os trabalho de grupo"	1
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal	Desempenho	"sendo uma boa aluna"	1
			Relacionamento	"participando mais"; "integrando-me mais"	2
			Continuidade		---
		Nível académico			---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos			---
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Organização	"a boa organização da escola"	2
		Nível académico		"seminários"; "acções de formação"	2
		Qualidade de ensino		"boas aulas", "boa formação dos professores"	3
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"quando entrei para a escola e conheci os meus colegas"	1
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"no estágio"	4
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho		---
			Relacionamento	"motivação dos professores"	1
			Valorização		---
		Nível académico		"estágio"	2
		Pela negativa		"pagamento da mensalidade"	2
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal		"o bom relacionamento entre prof./aluno"	2
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"	1
			Sala de aula	"realização de um teatro"; "nas aulas mais práticas"	2
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	3
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente		"ainda não aconteceu"	2
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"colóquio de futebol"; "vinda do Figo"	1
			Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	2
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ter um bom desempenho no estágio"	2
			Relacionamento		---
			Continuidade		---
		Nível académico		"participar em mais actividades" ;"fazer mais acções de formação"	2
		Nível dos recursos logísticos		"tendo melhores condições"	1

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"a relação prof./aluno é muito boa"	8
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior		---
			Organização		---
		Nível académico			---
		Qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"quando tive notas altas"	2
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula	"algumas aulas dadas pela prof. S. Faria e A. Feitosa"	1
			Prática	"no estágio"	3
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"tirar boas notas"	1
			Relacionamento		---
			Valorização	"promover uma boa imagem da escola"	1
		Nível académico		"estágio"	4
		Pela negativa			---
	Experiências positivas em grupo	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal		"as amizades conseguidas"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos		---
			Sala de aula	"nas aulas mais práticas"; "apresentação de trabalhos de grupo"	2
			Prática		---
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente		"ainda não aconteceu"	1
		Nível pessoal		"quando senti que era o curso que queria"; "quando arranjei amigos"	2
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	3
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"queima das fitas"; "exposições feitas pelos alunos"	2
			Sala de aula	"disciplinas sem testes"; "os ateliers de expressões"	2
			Prática	"estágio"	2
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ser uma boa professora"	4
			Relacionamento		---
			Continuidade	"ser docente da escola"	1
		Nível académico			---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Ligação à Universidade	Aspectos valorizados	Nível dos recursos humanos		"as amizades"; "a relação humana com os professores"; "a disponibilidade dos professores"	4
		Nível dos recursos ambientais	Espaço exterior	"os jardins"	2
			Organização		---
		Nível académico			---
		Qualidade de ensino			---
	Auto-realização	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"ver que o meu esforço foi recompensado"; "no final do curso pois estamos a terminar"	4
			Relacionamento		---
		Nível académico	Sala de aula	"quando faço trabalhos de grupo"	1
			Prática		---
	Laços com a Universidade	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"no final do curso"	5
			Relacionamento		---
			Valorização		---
		Nível académico			---
		Pela negativa		"pagamento da mensalidade"	1
	Experiências positivas em grupo	Inexistente			---
		Nível pessoal			---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"praxes"; "baile de finalistas"	2
			Sala de aula	"nas aulas mais práticas"; "apresentação de trabalhos de grupo"	3
			Prática	"no estágio"	1
	Momentos de forte envolvimento	Inexistente			---
		Nível pessoal		"desde que entrei no curso"; "agora que estou a acabar o curso"	3
		Nível académico	Sala de aula		---
			Prática	"estágio"	2
	Momentos mais convidativos à acção	Inexistente			---
		Nível pessoal		"as boas relações prof./aluno"; "as amizades com os professores"	6
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"organização de acções de formação"	1
			Sala de aula		---
			Prática		---
	Formas de maior comprometimento	Inexistente			---
		Nível pessoal	Desempenho	"sendo uma boa profissional"	2
			Relacionamento	"partilha de saberes com os professores"	2
			Continuidade	"ser docente da escola" (3-4º ano)	2
		Nível académico		"participar em mais actividades" ;"fazer mais acções de formação" (2º	---
		Nível dos recursos logísticos			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	1º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"tem muitos jardins" ; "tem cores bonitas e alegres"	6
			Dimensão/Grandeza	"boa gestão do espaço"; "existe uma área exterior muito boa"	5
			Logística		---
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"mais higiene nas casas de banho"; "água potável"; "ter música ambiente"	6
			Humanos	"professores mais dinâmicos"; "maior interacção entre alunos"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"mais festas"; "maior cuidado na preparação das praxes"	3
			Qualidade de ensino		---
			Expansão		---
		Nível da organização			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	2º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	5
			Dimensão/Grandeza	"o espaço exterior é enorme e muito agradável"	1
			Logística	"a esplanada"	1
			Dinamismo		---
		Nível humano			---
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"mais higiene nas casas de banho"	12
			Humanos		---
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"melhor divulgação dos eventos"	1
			Qualidade de ensino	"disciplinas mais práticas"	1
			Expansão	"abrir novos cursos"	1
		Nível da organização			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	3º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	5
			Dimensão/Grandeza	"a grande dimensão dos edifícios"	2
			Logística		---
			Dinamismo		---
		Nível humano		"pessoas simpáticas"	3
		Nível da qualidade de ensino			---
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos		---
			Humanos	"manter a boa relação prof./aluno"; "pontualidade dos professores"	3
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"Associação de Estudantes mais interventiva"; "melhor divulgação dos eventos"	5
			Qualidade de ensino	"disciplinas mais prática"; "estágio desde o 1º ano"; "mais acompanhamento"	5
			Expansão		---
		Nível da organização			---

Professores do Ensino Básico, 1º ciclo: Pessimismo – 2ª aplicação

Pergunta	Dimensão	Categorias	Sub-categorias	Exemplos	4º ano
Percepção da Universidade	Percepção global da Universidade	Nível ambiental	Espaço exterior	"os jardins são excelentes"	3
			Dimensão/Grandeza		---
			Logística	"a biblioteca"; "o bar"	2
			Dinamismo	"uma escola com vida"	1
		Nível humano		"pessoas simpáticas"; "um ambiente saudável e de prazer")	2
		Nível da qualidade de ensino		"vejo excelentes professores"	1
	Avaliação/expectativa sobre aspectos a melhorar	Nível dos recursos	Logísticos	"melhor equipamento"	1
			Humanos	"valorização dos alunos"; "mais parceria entre alunos"	6
		Nível académico	Acontecimentos académicos	"promover acções de formação"	1
			Qualidade de ensino	"melhorar a qualidade de ensino"; "reformular o currículo do curso	4
			Expansão	"abrir novos cursos"	1
		Nível da organização		"diminuição da mensalidade"; "cumprimento de regras por parte da escola"	2

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA